



KELLY RIMMER

Autora best-seller do *The New York Times*

A ESPOSA ALEMÃ

ATÉ ONDE VOCÊ IRIA PARA
PROTEGER SUA FAMÍLIA?

UNIVERSO DOS LIVROS

VISIT...

LANZAROTE
Caliente.COM

KELLY RIMMER

Autora best-seller do *The New York Times*

A ESPOSA ALEMÃ

**ATÉ ONDE VOCÊ IRIA PARA
PROTEGER SUA FAMÍLIA?**

São Paulo
2024

Grupo Editorial
UNIVERSO DOS LIVROS

The german wife

Copyright © 2022 by Lantana Management Pty Ltd

© 2024 by Universo dos Livros

Todos os direitos reservados e protegidos pela Lei 9.610 de 19/02/1998.

Nenhuma parte deste livro, sem autorização prévia por escrito da editora, poderá ser reproduzida ou transmitida sejam quais forem os meios empregados: eletrônicos, mecânicos, fotográficos, gravação ou quaisquer outros.

Diretor editorial

Luis Matos

Gerente editorial

Marcia Batista

Produção editorial

Letícia Nakamura e Raquel F.
Abranches

Tradução

Daniela Tolezano

Preparação

Monique D’Orazio

Revisão

Ricardo Franzin
Paula Craveiro

**Diagramação e
capa**

Renato Klisman

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Angélica Ilacqua CRB-8/7057

R438a

Rimmer, Kelly

A esposa alemã : até onde você iria para
proteger sua família? / Kelly Rimmer ;
tradução de Daniela Tolezano. -- São Paulo
: Universo dos Livros, 2024.

368 p.

e-ISBN 978-65-5609-598-1

Título original: *The german wife*

1. Ficção histórica 2. Ficção inglesa 3.
Guerra Mundial, 1939-1945 - Ficção 4.
Nazismo - Ficção

I. Título II. Tolezano, Daniela

23-4402

CDD 823

UNIVERSO DOS LIVROS EDITORA LTDA.

Avenida Ordem e Progresso, 157 — 8º andar — Conj. 803

CEP 01141-030 — Barra Funda — São Paulo/SP

Telefone: (11) 3392-3336

www.universodoslivros.com.br

e-mail: editor@universodoslivros.com.br

Para Amy Tannenbaum Gottlieb

1

SOFIE

Huntsville, Alabama 1950

— **A**CORDE, GISELA — MURMUREI, SACUDINDO GENTILMENTE MINHA FILHA para acordá-la. — É hora de ver o papai.

Depois de passar boa parte do dia em um ônibus quente e sufocante, estava tão cansada que meus olhos ardiam, minha pele áspera com suor seco da cabeça aos pés. Tinha uma criança dormindo no meu colo e a outra apoiando-se em mim enquanto se espalhava pelo assento. Após três longas semanas de barcos, trens e ônibus, minha longa jornada de Berlim até o Alabama estava chegando ao fim.

Minha filha mais nova sempre tinha sido menor que suas colegas, com seu corpo roliço e macio, cabeça coberta de cabelos castanho-avermelhados como os meus e olhos azuis brilhantes tais quais os do meu marido. Ao longo dos últimos meses, uma explosão de crescimento repentino a havia transformado. Ela era agora mais alta que eu. A suavidade da infância a tinha feito espichar, deixando-a magricela.

Gisela se mexeu e lentamente foi se ajeitando para se sentar. Seu olhar examinou todo o corredor do ônibus, como se ela estivesse se reorientando. Por fim, cautelosamente, virou-se para olhar pela janela.

— Mamãe. Realmente não se parece muito com...

Estávamos sendo conduzidas por uma larga via principal, ladeada de pequenas lojas e restaurantes. Até aquele

momento, Huntsville parecia exatamente o que eu esperava: organizada, limpa... segregada.

Salão da Minnie. Somente brancos.

Costureira para negros.

Café da Ada. As melhores panquecas da cidade. SOMENTE brancos!

Quando decidi fazer a jornada para me juntar ao meu marido nos Estados Unidos, a segregação era uma das milhões de preocupações que, de forma consciente, deixei para mais tarde. Agora, diante da gritante realidade, estava apreensiva com a conversa que teria com meus filhos após descansarmos o suficiente para uma discussão produtiva. Elas precisavam entender exatamente por que aquelas placas me davam calafrios.

— O papai avisou que essa era uma cidade pequena, lembra? — eu os lembrei de forma gentil. — Há apenas quinze mil habitantes em Huntsville e será bem diferente de Berlim, mas podemos construir uma boa vida aqui. E, o mais importante, estaremos juntos novamente.

— Nem todos nós — murmurou Gisela.

— Não, nem todos nós — admiti, baixinho. A perda era como uma sombra para mim. De vez em quando, eu me distraía e esquecia que ela estava lá. Então, virava-me e sentia o choque outra vez. Acontecia o mesmo com as crianças, especialmente com Gisela. Cada ano de sua vida tinha sido impactado pelos horrores da guerra ou pelo luto e as mudanças.

Eu não podia me afligir com isso, não agora. Estava prestes a ver meu marido pela primeira vez em quase cinco anos e me sentia tão ansiosa quanto empolgada. Tive milhões de dúvidas sobre juntar-me a ele nos Estados Unidos desde que havia conduzido as crianças para aquele primeiro ônibus em Berlim com destino ao porto em Hamburgo, onde embarcamos no navio transatlântico.

Olhei para meu filho. Felix acordou quando sacudi sua irmã, mas estava ainda sentado no meu colo, pálido e

silencioso. Sua cabeça recobria-se de cachos louro-escuros e ele tinha a mente curiosa do pai. Até agora, eles nunca haviam estado no mesmo continente.

A PRIMEIRA COISA QUE NOTEI FOI QUE JÜRGEN PARECIA DIFERENTE. ERA QUASE verão e estava quente lá fora, mas ele vestia um paletó azul-claro com uma camisa branca e uma gravata borboleta azul-escura. Em nossa antiga casa, ele nunca usara um paletó daquela cor e *nunca* teria optado por uma gravata borboleta. E, em vez de seus costumeiros óculos com armação prateada, ele usava um par com armação plástica grossa e preta. Era moderno e combinava com ele. Claro que ele tinha óculos novos: cinco anos haviam se passado. Por que eu estava tão incomodada com essa armação?

Eu não podia culpá-lo por ter se reinventado; mas e se essa versão de Jürgen não me amasse ou fosse alguém que eu não conseguisse continuar a amar?

Ele deu um passo à frente quando saímos do ônibus, mas nem conseguiu dar um segundo, porque Gisela correu em sua direção e o abraçou.

— Meu tesouro — disse ele, com a voz carregada de emoção. — Você cresceu tanto.

Havia um tom americano leve, mas perceptível, em suas palavras alemãs, tão irritante quanto os novos óculos.

O olhar de Jürgen fixou-se em Felix, que segurava minha mão com tanta força que meus dedos latejavam. Fiquei ansiosa pelas duas crianças, mas assustada por Felix. Havíamos viajado meio mundo para um país que eu temia, no melhor dos cenários, desconfiar de nós, talvez até nos tratar com hostilidade. Para mim e Gisela, um reencontro com Jürgen já era motivo suficiente para assumir esse risco. Mas Felix ficava nervoso perto de estranhos, e conhecia seu pai apenas por histórias e fotografias.

— Felix — disse Jürgen, ainda com um dos braços em volta de Gisela enquanto caminhava em nossa direção. Eu

podia ver que ele tentava manter o controle, mas seus olhos brilhavam. — Filho...

Felix choramingou, alarmado, e escondeu-se atrás das minhas pernas.

— Dê um tempo a ele — eu disse, baixinho, esticando a mão para trás para tocar o cabelo de Felix. — Ele está cansado e tem muito para assimilar.

— Ele se parece com... — a voz de Jürgen ficou embargada. Eu conhecia muito bem aquela dificuldade. Dar um nome para o nosso luto era uma dor, mas era importante fazê-lo mesmo assim. Nosso filho Georg teria vinte anos de idade, estaria vivendo os melhores dias de sua vida. Em vez disso, fora mais uma vítima de uma guerra que o mundo nunca decifraria. Mas acabei percebendo que Georg sempre seria parte de nossa família, e toda vez que eu encontrava forças para dizer seu nome, ele voltava à vida, pelo menos em minhas lembranças.

— Eu sei — afirmei. — Felix se parece com Georg. — Eu tinha feito uma escolha adequada ao escolher Georg como nome do meio para Felix, uma alusão ao irmão que ele nunca conheceria.

Jürgen ergueu o olhar para o meu e vi a profundidade de meu luto refletida nele. Ninguém nunca entenderia minha perda como ele.

Dei-me conta de que nossos anos separados significavam mudanças incomensuráveis no mundo e em cada um de nós, mas minha conexão com Jürgen nunca mudaria. Já sobrevivera ao impossível. Com esse pensamento, apressei-me para eliminar essa distância entre nós.

Gisela foi posta de lado com cuidado e os braços de Jürgen estavam, por fim, à minha volta novamente. Achei que manteria a compostura e a serenidade quando nos reencontrássemos, mas, assim que nos tocamos, meus olhos se encheram de lágrimas enquanto o alívio e a alegria me cobriam como uma onda.

Eu estava no lado errado do mundo em um país no qual não confiava, mas estava também de volta aos braços de Jürgen e, instantaneamente, em casa.

— Meu Deus — Jürgen sussurrou bruscamente, seu corpo tremendo contra o meu. — Estou tão feliz em vê-la, Sofie von Meyer Rhodes.

— Prometa que nunca me deixará para trás novamente.

Jürgen era um cientista, sempre racional, pelo menos sob circunstâncias normais. No passado, ele teria indicado todos os motivos pelos quais tal promessa não poderia ser feita de boa-fé. Mas agora seus braços se apertavam à minha volta e ele sussurrava encostado em meus cabelos:

— Isso me mataria, Sofie. Se tem uma coisa que quero, para o resto da vida, é passar cada dia dela com você.

— **MUITOS** DE NOSSOS VIZINHOS SÃO ALEMÃES. A MAIORIA CHEGOU A Huntsville nas últimas semanas ou meses, então vocês vão se adaptar juntos. Há uma festa para nós amanhã na base onde trabalho, então você conhecerá a maior parte deles lá — contou-me Jürgen enquanto nos levava pela cidade em seu elegante Ford 1949 preto. Ele observava as crianças pelo espelho retrovisor com uma expressão maravilhada, como se não acreditasse em seus olhos. — Vocês vão gostar daqui, prometo.

Moraríamos em um subúrbio arborizado e calmo chamado Maple Hill, em um pequeno quarteirão que os americanos haviam apelidado de “Sauerkraut Hill”, colina do chucrute, porque agora abrigava um grupo de alemães. Eu traduzia as placas das ruas para as crianças e elas davam risadas com o estilo desconhecido. Gisela divertiu-se especialmente com o nosso novo endereço, a avenida Beetle, ou besouro.

— Por acaso há alguma praga de insetos com que deveríamos nos preocupar? — ela riu.

— Eu realmente espero que sim — sussurrou Felix, com uma voz tão baixa que tive que me esticar para ouvi-lo. — Gosto de besouros.

Quando Jürgen parou o carro na calçada, não pude deixar de comparar aquela casa simples com os palacetes nos quais eu crescera. Essa era uma residência térrea, com uma pequena varanda que levava à porta da frente, e uma janela de cada lado. A casa era revestida por painéis horizontais e sua pintura branca estava descascando. Havia canteiros na frente, mas estavam cobertos de ervas daninhas. Não havia propriamente um gramado, apenas algumas porções de grama, e o caminho de cimento da rua até a varanda estava rachado e desnivelado.

Senti Jürgen me encarando enquanto eu olhava pelo parabrisa, tentando absorver tudo.

— Precisa de alguns cuidados — reconheceu, repentinamente desconcertado. — Tanta coisa aconteceu desde que me mudei para cá. Não tive tempo de deixá-la do jeito que você queria.

— É perfeita. — Eu conseguia facilmente imaginar a casa com uma nova camada de tinta, com os jardins cheios de vida, Gisela e Felix correndo por todos os cantos, felizes e seguros, fazendo amizade com as crianças da vizinhança.

Naquele exato momento, uma mulher surgiu da casa à esquerda da nossa, com um vestido parecido com o meu e os cabelos longos presos em uma trança grossa, assim como os meus.

— Bem-vindos, vizinhos! — ela gritou em alemão, com um sorriso enorme.

— Esta é Claudia Schmidt — Jürgen comentou calmamente ao abrir a porta do carro. — Ela é casada com Klaus, um engenheiro químico. Klaus ficou em Fort Bliss comigo por alguns anos, mas Claudia chegou de Frankfurt alguns dias atrás.

De repente, fui dominada por uma ansiedade nauseante.

— Você o conhecia...

— Não — Jürgen interrompeu-me, percebendo minha angústia. — Ele trabalhava em uma fábrica em Frankfurt e nossos caminhos nunca se cruzaram. Conversaremos mais

tarde, prometo — falou, baixando a voz e fazendo um sinal com a cabeça em direção às crianças. Assenti de forma relutante, com o coração disparado.

Havia tanto que eu e Jürgen precisávamos discutir, inclusive sobre como ele se tornara um homem livre nos Estados Unidos. As chamadas telefônicas da Europa para os Estados Unidos não eram acessíveis para o público em geral, então planejamos a mudança por meio de cartas, uma conversa lenta e cuidadosa que levou quase dois anos para ser concluída. Presumimos que tudo que escrevíamos era lido por um oficial do governo, então eu não pedira e ele não oferecera uma explicação sobre como esse arranjo improvável nos Estados Unidos tinha acontecido.

Eu ainda não poderia obter respostas, não com as crianças por perto, então teria que me contentar em ser tranquilizada sabendo que nossos vizinhos provavelmente não estavam a par dos piores aspectos do nosso passado.

Jürgen desceu do carro para cumprimentar Claudia e eu saí pelo meu lado. Ao dar a volta no automóvel para segui-lo, notei um homem caminhando do outro lado da rua, observando-nos. Ele era alto e corpulento, e usava um uniforme marrom-claro um ou dois tamanhos abaixo do que deveria. Acenei para ele, supondo ser um vizinho alemão, mas ele desdenhou, fez um não com a cabeça enojado e desviou o olhar.

Eu me preparara para certo nível de hostilidade, mas a reação do homem me atingiu com mais força do que o esperado. Respirei fundo para me acalmar. Um pedestre hostil não arruinaria meu primeiro dia em nosso novo lar, o primeiro em que me reunia a Jürgen, então forcei um grande sorriso e contornei o carro para conhecer Claudia.

— Sou Sofie.

Ela assentiu com a cabeça, animada.

— Seu marido só fala sobre você desde que chegamos na semana passada! Ele estava muito animado com a sua chegada.

— Com certeza — comentou Jürgen, sorrindo.

— Vocês e as crianças estarão na festa amanhã? — perguntou Claudia.

— Estaremos — respondi, e ela sorriu de novo. Gostei dela imediatamente. Era um alívio pensar que poderia ter uma amiga para ajudar naquela nova vida.

— Nós também. — Então seu semblante ficou mais sério e ela apertou a barriga. — Estou tão nervosa. Só sei duas palavras em inglês: *hello* e *soda*.

— É um começo — afirmei, com uma risada leve.

— Só conheci algumas das outras esposas, mas elas estão todas na mesma situação. Como será que essa festa vai funcionar? Teremos que ficar do lado dos nossos maridos para que eles possam traduzir tudo para nós?

— Falo inglês — afirmei. Eu era fluente desde a infância, tendo aprendido o idioma com babás inglesas, e depois aperfeiçoara minhas habilidades em viagens de negócios com meus pais. Quando adulta, meu inglês perdeu-se um pouco pela falta de conversação, mas a onda de soldados americanos em Berlim depois da guerra tinha me fornecido inúmeras oportunidades para praticar. A expressão de Claudia iluminou-se novamente e agora ela batia palmas.

— Você pode nos ajudar a aprender.

— Você tem filhos? Quero que Gisela e Felix aprendam o mais rápido possível. Talvez possamos praticar todos juntos.

— Três. Eles estão lá dentro assistindo televisão.

— Vocês têm uma *televisão*? — perguntei, erguendo as sobancelhas.

— Nós também temos uma televisão — Jürgen disse. — Comprei como um presente de boas-vindas para todos vocês.

Gisela arquejou e ele riu, estendendo a mão para ela. Não fiquei surpresa quando ela imediatamente o puxou em direção à porta da frente. Ela sonhava com uma televisão havia tempos, mas esse luxo estava fora de nosso alcance em Berlim.

Dei um aceno de despedida para Claudia e acompanhei minha família, mas estava distraída, pensando no olhar de nojo daquele homem que havia passado.

2

LIZZIE

Condado de Dallam, Texas 1930

PASSEI O DIA INTEIRO ARANDO A TERRA, E MESMO DEZ MINUTOS DEPOIS DE TER descido do trator, eu ainda sentia as vibrações nas mãos, como se eu ainda estivesse segurando o volante.

— Vai chover agora. Com certeza — papai assentiu. Ele e meu irmão, Henry, haviam arado outro campo com os cavalos mais cedo, mas os animais se cansavam mais rapidamente que os tratores, então os dois levaram os animais para descansar no celeiro e vieram inspecionar o meu trabalho. — Quando você cultiva o solo, a umidade na terra profunda é exposta ao céu. É o que atrai as nuvens. A chuva segue o arado com a mesma certeza com que o pôr do sol segue a alvorada. Lembrem-se disso, garotos. É uma ciência em que vocês podem confiar.

Não era a primeira vez que ele soltava aquela pérola de sabedoria, e eu e meu irmão trabalhávamos com o meu pai desde que aprendemos a andar, então conhecíamos a teoria tão bem quanto ele. Sempre arávamos duas vezes após a colheita, primeiro para revolver o solo arável, partindo a camada superior em pequenos torrões. Depois disso, passávamos pela terra com arados de disco, um processo que partia esses torrões totalmente, deixando o solo fino e fofo, o que, segundo meu pai, dava espaço para as sementes crescerem. Tínhamos comprado o trator novíssimo depois de uma colheita imensa em 1929, e isso facilitou muito todo o processo.

Porém, naquele dia, enquanto observava uma névoa de poeira baixar sobre o campo, senti uma pontada de ansiedade. Normalmente chovia no outono, logo depois de ararmos, como papai dizia. Mas deveria chover durante a primavera e o verão também, e naquele ano as nuvens pareciam ter se esquecido de trabalhar.

— Espero que você esteja certo sobre a chuva, papai — comentei com cautela. — Anda terrivelmente seco esses dias.

— A seca vai e volta — ele deu de ombros. — É como tudo na vida. Boa, ruim... empolgante, tediosa. A vida é a flutuação entre esses extremos e, às vezes, você tem que passar por isso com paciência.

Meu pai adorava falar sobre esse tipo de coisa. Por toda a sua vida, ele surfara nas ondas de seus humores. Mesmo quando a situação estava mais tranquila, antes daquele ano seco, ele tinha dias bons e dias ruins, e eu, Henry e nossa mãe segurávamos as pontas quando ele estava abatido. Eu adorava meu pai, mas ele era tão passivo às vezes que me levava à loucura. Bastava que eu trocasse olhares com Henry para saber que meu irmão estava pensando a mesma coisa.

— Vamos voltar para casa — chamou-nos papai. — Não temos muito tempo para passar pela lagoa antes do pôr do sol.

Dei um suspiro enquanto todos subíamos no trator. Dessa vez, meu pai foi dirigindo e Henry e eu nos sentamos na pequena plataforma traseira, viajando de costas.

— Haverá vacas na lama — comentei, aproximando-me para sussurrar no ouvido do meu irmão. Nossa principal atividade era o cultivo de grãos, mas também mantínhamos um pequeno rebanho de vacas para corte e, quando conseguíamos um touro para procriar com elas, bezerros para vender e leite para beber.

As vacas viviam em um estreito campo retangular adjacente ao nosso quintal, com uma grande lagoa na

ponta. A água tinha quase sumido após o ano seco, deixando uma larga faixa de lama estagnada nas bordas. Até ela vinha secando rapidamente, mas enquanto ainda estava úmida o suficiente para uma vaca afundar, era muito perigosa.

Em qualquer outro momento poderíamos ter transferido aquelas vacas para outro campo, mas precisávamos arar para nos preparar para a semeadura, o que significava revolver o que poderia ter sido pastagem. E não havia maneira fácil de mantê-las longe daquela lama. Todos os dias, por mais de uma semana, tínhamos que arrastar pelo menos uma vaca para fora.

— Tem água limpa lá — reclamou Henry. Havíamos montado um cocho novinho para elas na cerca, a alguns metros de distância. — Por que diabos essas vacas idiotas continuam a se atolar?

— Elas bebem água dessa lagoa desde que nasceram, esse é o motivo — falei. — Precisamos encarar a realidade e vendê-las. Em breve não haverá mais pasto nesse campo, de qualquer forma.

Não apenas uma, mas duas vacas estavam na lama agora; uma atolada até a metade das patas e a outra afundada até os ombros, enfraquecida após debater-se durante o dia todo.

Trabalhando em conjunto, eu, papai e Henry conseguimos empurrar a primeira vaca para fora da lama rasa com as mãos. A operação de resgate da outra foi mais complicada, porque ela estava cansada demais para colaborar. Papai amarrou uma corda em volta do pescoço dela e a prendeu no trator, que dirigi lentamente, afastando-me da beira da lagoa, puxando o animal, enquanto Henry e papai ficaram na lama para empurrá-la por trás.

Estávamos todos exaustos, imundos e desanimados quando terminamos, cobertos por uma espessa camada de lama que fedia tanto que o cheiro ficaria impregnado em nossa pele por dias.

— Temos que vender as vacas — sugeri.

Papai suspirou com impaciência.

— Vai chover a qualquer momento e logo aquela lagoa estará cheia de novo. E, de qualquer forma, as vacas logo vão perceber que há uma maneira mais fácil e menos arriscada de beberem água.

— Bem, do jeito que as coisas andam nesse condado, o preço por cabeça com certeza vai cair — comentei.

— Deixe as decisões de negócios comigo — meu pai retrucou. — Não vamos vender as malditas vacas.

Ele voltou a passos firmes para o trator, seguindo para o celeiro sem nós. Não era um problema para mim e Henry, pois a casa estava a apenas alguns metros de distância.

— Então, enquanto isso, vamos continuar tirando as vacas da lama todo santo dia? — reclamei.

— Elas terão que aprender a usar o cocho quando a lagoa secar — Henry deu de ombros. Em seguida, seu tom de voz suavizou. — Você precisa parar de achar que o pior acontecerá o tempo todo.

Soltei um gemido e comecei a caminhar em direção à casa.

— Você é tão teimosa quanto as vacas, Lizzie! — Henry gritou atrás de mim, rindo. Ignorei-o, pisando duro até chegar à casa. Lavei-me da melhor maneira que pude com a água fria da bomba manual. Quando terminei, minha mãe trouxe uma toalha.

— O que deixou seu pai tão mal-humorado? — ela sussurrou.

— As vacas na lama de novo — peguei a toalha e a agradei. — Eu disse a ele que deveríamos vendê-las.

— Ele está convencido de que a chuva vem aí — minha mãe deu de ombros, de uma maneira tão suave e paciente, característica dela. — Seu pai está fazendo o melhor que pode. Todos estamos.

Não consegui dormir naquela noite. Quase nada estava sob meu controle. Eu não podia fazer chover; não podia

fazer com que meu pai encarasse a realidade; não podia tirar as vacas da lama.

Minha família aceitara que aquele era um problema que não poderia ser solucionado. Porém, nas profundezas daquela noite, pensei na mesma situação e decidi que não deveria ser um problema.

Na manhã seguinte, coloquei um chapéu largo de couro sobre minha cabeleira ruiva e levantei a gola de uma das camisas velhas de Henry para proteger meu pescoço do Sol. Então, peguei uma pá e caminhei em direção à lagoa.

— Que diabos você está fazendo? — Henry se espantou. Era hora do almoço, mas eu ainda estava trabalhando, então mamãe o mandara trazer uma marmita e um pouco de água. Se eu estivera um pouco suja no dia anterior, agora eu estava completamente imunda de ter cavado aquela lama por horas.

— Exatamente o que você me disse para fazer. Deixei de supor que o pior acontecerá e passei a esperar pela chuva.

Enfiei a pá na lama mais firme para que ficasse de pé e, em seguida, sentei-me ao lado da lagoa. Henry observava, obviamente entretido, enquanto eu tentava limpar minhas mãos para comer os sanduíches. Depois de alguns minutos, percebi que era inútil e eu estava faminta, então peguei os sanduíches assim mesmo.

— Então, qual é o plano? — perguntou Henry, agachando-se ao meu lado.

— Vou escavar toda a terra úmida da lagoa para expandir sua capacidade.

Henry olhou para mim, depois para a lagoa, e de volta para mim, incrédulo.

— Isso vai levar dias.

— Sim — eu disse, com os olhos semicerrados. — A menos que alguém me ajude.

Ele riu, jogando a cabeça para trás.

— Você é louca, irmã.

Henry retornou ao arado com papai naquela tarde. Nossa mãe veio e me ajudou por um tempo, mas ela tinha suas próprias tarefas para fazer, então não ficou muito.

Então, por três longos dias, na maior parte por conta própria, revirei, cavei e ajeitei a lama por todo o campo ressecado em uma fina camada, para que não fosse mais um perigo para o gado. Sem alternativa, as vacas finalmente descobriram que precisavam usar o cocho.

De qualquer maneira, vendemos as vacas alguns meses depois, quando suas costelas começaram a ficar muito visíveis por baixo do couro. O preço da ração subira tão rapidamente que não tínhamos como justificar o custo de mantê-las. Àquela altura, o mercado estava saturado de vacas magricelas como elas, então as vendemos por uma miséria.

A lagoa logo se tornou uma enorme cratera seca no campo, com o dobro do tamanho de antes, pronta para armazenar muito mais água do que anteriormente.

Eu era uma realista que amava minha terra e minha vida o suficiente para que, quando fosse necessário, não pensasse duas vezes até que minhas mãos estivessem em carne viva, se isso significasse transformar um problema em oportunidade.

Esse era o tipo de garota que eu era, muito tempo atrás.

3

SOFIE

Huntsville, Alabama 1950

ATÉ A HORA EM QUE DESPENCARAM NA CAMA, APÓS O PÔR DO SOL, GISELA estava colada em Jürgen e Felix estava aterrorizado com ele. Levaria tempo para nos reconectarmos como uma família. Enquanto tomava um banho para me refrescar, lembrei-me de que, embora fosse surreal, estávamos nos Estados Unidos para ficar, e o que mais tínhamos em mãos era tempo.

Recém-saída do banho e com pijamas limpos, juntei-me a Jürgen à mesa na sala de jantar. A casa tinha apenas os móveis essenciais, além de um solitário buquê de flores que Jürgen tinha comprado para “deixar o lugar agradável” para mim.

Ele abriu uma garrafa de vinho e estava lendo alguns documentos enquanto esperava. Será que percebera meus fios de cabelo prateados, assim como eu havia notado que seu cabelo estava um pouco mais ralo no topo da cabeça? Jürgen fechou a pasta e afastou os documentos quando me sentei ao seu lado, e então serviu duas taças do vinho.

— Até chegar o dia de hoje, quando a vi no ônibus, estava apavorado com a possibilidade de que você tivesse mudado de ideia.

— Eu tive dúvidas. Constantemente — admiti, aceitando uma taça. — Berlim está uma bagunça, mas é nosso lar.

— Por que decidiu se juntar a mim?

— Por você, principalmente. — Jürgen colocou a taça de lado e pegou minha mão. Ele me tocara durante toda a tarde, mexendo no meu cabelo, acariciando meu rosto, me abraçando. Depois de cinco dos anos mais solitários da minha vida, eu estava me deleitando com a atenção. — A Alemanha ainda está em ruínas, e a destruição na psique nacional e na cultura é ainda pior. Mas eu teria ficado lá, lamentando tudo que aconteceu, sentindo-me destruída a respeito de tudo, provavelmente pelo resto da vida.

Uma vergonha repentina surgiu no olhar de Jürgen. Eu sabia que ele estava pensando nos milhões de almas feridas ou mortas em nosso nome... debaixo de nossos narizes. Eu fazia isso também, passando constantemente por memórias e fatos, como se *desta* vez, ao repeti-los em minha mente, pudesse alterar o resultado.

— Passei os primeiros anos depois da guerra concentrada em sobreviver e só isso já foi muito difícil de aguentar a cada dia. Era como se eu vivesse em um transe, e quando sua carta chegou e eu soube que você havia sobrevivido, de repente despertei. Apesar de tudo que aconteceu, a crise acabou e *tem que* haver um depois. Não sei como superamos a guerra, mas sei que Gisela, Felix e eu temos a melhor chance de encontrar a felicidade com você. É por isso que estou aqui: para estar com você, construir um futuro com você, para fazer o bem aqui com você.

— Mas... — perguntou Jürgen cuidadosamente. — Sem a Laura?

Eu já planejava escrever para nossa filha mais velha para contar sobre Huntsville e enviar uma fotografia nossa com Jürgen para ela, em uma tentativa de amolecer seu coração. De certa forma, eu sabia que esse esforço seria em vão, só não tinha ideia de como me desapegar dela.

— Alguns meses após o fim da guerra, tive um dia muito ruim. Estava difícil encontrar comida, ainda não tínhamos energia elétrica... e eu estava no estágio avançado da gravidez de Felix — admiti, com tristeza. — Eu me perguntei

em voz alta se algum dia saberíamos o que havia acontecido com você. Laura disse que se você escrevesse e ela encontrasse a carta, a queimaria. Eu sabia que falava sério. Ela pegava as cartas todos os dias e eu achava um bom sinal que ela estivesse tentando ajudar. Até hoje Laura é mais leal aos nazistas do que à família. Quando tentei convencê-la a vir conosco, ela fugiu... para ficar com *e/e*. Não a vi desde então.

— É muito difícil imaginar a Alemanha depois dos nazistas, que possa encontrar sua alma novamente e reconstruí-la de uma forma mais gentil e saudável — Jürgen comentou, meneando a cabeça. — Não fico surpreso em ouvir que jovens como nossa Laura estão com dificuldades de superar. Ela foi envenenada por aquele tipo de pensamento durante os anos mais impressionáveis de sua vida.

— Sei que houve um momento em que o resultado poderia ter sido diferente, mas não sei quando isso aconteceu.

— Também me faço a mesma pergunta constantemente — Jürgen olhava em meus olhos com firmeza.

— É seguro falar aqui? — questionei, imediatamente irritada com a ideia de que a conversa estivesse rumando para assuntos mais explosivos. Ele me olhou com compaixão.

— Sim, meu amor.

— Não há aparelhos de escuta nesta casa? Tem certeza?

— Tenho.

— É só que... achávamos isso naquela última vez. — Eu sabia como aqueles aparelhos podiam ser pequenos e como podiam ser escondidos de forma inteligente.

— Estamos seguros aqui. Lembro como foi difícil para mim me acostumar com isso, mas juro que é verdade. — Sua expressão suavizou repentinamente. — Você deve ter tantas perguntas. Vou tentar respondê-las antes mesmo que você tenha que perguntar.

Alguns dias depois de Berlim cair nas mãos dos soviéticos, Jürgen e eu estávamos deitados na cama, abraçados, enquanto planejávamos nos render. Bateram à porta um pouco depois do amanhecer e ele a abriu nervosamente, esperando encontrar soldados soviéticos para levá-lo. No entanto, eram americanos — quilômetros à frente do restante das forças dos Estados Unidos, em uma missão secreta para buscar meu marido. Ele foi de boa vontade. Observei-o saindo e, durante os três anos seguintes, não tive ideia de qual tinha sido seu destino. Dei à luz Felix e comemorei três aniversários da criança antes mesmo que pudesse contar a Jürgen que tínhamos um quarto filho.

A vida se tornara cada vez mais difícil em Berlim ao longo daqueles anos. Jürgen e eu morávamos em um casarão no subúrbio de Lichterfelde West e herdamos o edifício vizinho, incluindo o pequeno apartamento vazio que fora o lar da tia de Jürgen, Adele. Tínhamos inquilinos no edifício, mas todos estavam desempregados, e isso significava que ninguém pagava o aluguel. Eu não podia despejá-los; não só porque Adele voltaria para me assombrar se eu tentasse, mas porque novos inquilinos teriam o mesmo problema.

Desesperada para me sustentar e aos meus filhos, aluguei minha casa principal para o exército americano, e Laura, Gisela, Felix e eu nos esprememos no apartamento de um dormitório de Adele.

O fluxo constante de soldados americanos pelo bairro era desconfortável no início, mas fiz amizade com quantos pude. De tempos em tempos, um deles ficava com dó de mim e tentava descobrir o que acontecera com meu marido, mas sempre voltava com as mesmas notícias. O destino dele era altamente confidencial. Eles não podiam me dizer se ele estava vivo ou morto.

— Eles me mantiveram em Berlim por algumas semanas — contou Jürgen em um tom baixo. — Depois disso, fiquei preso em Fort Bliss, no Texas. O programa de foguetes dos Estados Unidos estava no começo, mas senti que tinha

sorte por ensiná-los. Em troca, eles me ensinaram inglês e, felizmente, aprendi rápido.

Antes, ele falava apenas o básico do idioma, mas não me surpreendi com o fato de que Jürgen falava com fluência agora. Ele sempre tinha sido bom em aprender idiomas.

— Mas você não tinha permissão para nos contatar?

— Eu era um prisioneiro, e o projeto inteiro era altamente confidencial. Eu sempre pedia permissão para escrever para vocês, mas eles sempre recusavam. Apesar disso, depois de um ano mais ou menos, procurei Christopher Newsome, um dos oficiais do Ministério do Exército. Eu sabia que ele estava envolvido no plano de nos trazer para cá, então perguntei quando seria enviado para casa para ser julgado. Ele me contou que não havia plano para me devolver à Alemanha e eu não enfrentaria um julgamento porque já haviam “cuidado” do meu registro.

Em suas primeiras cartas, Jürgen simplesmente me contara que estava trabalhando para o governo dos Estados Unidos. Mais tarde, ele contou que havia recebido aprovação para nos juntarmos a ele em Huntsville e que ele comprara uma casa para nós, então presumi que ele tinha algum nível de liberdade. Eu estava desesperadamente curiosa para saber como aquilo tinha acontecido, mas não havia me ocorrido que sua situação fosse tão delicada quanto parecia.

— Mas há outros alemães aqui. Alguns deles certamente devem saber a verdade.

— Sim. Mas esses que sabem têm seus próprios segredos. Compreendo sua preocupação, Sofie. Eu também estava nervoso com esse arranjo, então perguntei a Christopher o que aconteceria se meus esqueletos no armário fossem expostos.

— O que ele disse?

— Que os esqueletos não foram apenas enterrados, mas eliminados — afirmou Jürgen, a voz baixa. — Meus arquivos oficiais mostram um homem que sobreviveu ileso aos anos

do nazismo e sem nenhum comprometimento moral. Somente poucos oficiais sêniores sabem que essa não é a história toda.

— Ninguém sobreviveu ao período nazista sem comprometer sua moral — sussurrei.

— Talvez os oficiais americanos saibam disso também. Talvez seja por isso que tenham agido assim. Christopher disse que até Calvin Miller, meu chefe aqui no Redstone Arsenal, não tem ideia de que meu arquivo oficial é forjado. Falam até sobre concessão de cidadania em alguns anos.

— Cidadania... — repeti. — Como você se sente em relação a isso?

Jürgen hesitou.

— Sempre serei alemão. Só não sei mais o que isso significa. Os Estados Unidos se tornaram o meu lar e isso se intensificará ainda mais agora que você e as crianças estão aqui. Sou grato. Estou aliviado. Mas... — Ele fez um não com a cabeça, com o olhar sombrio. — Não mereço essa segunda chance, mas ela me foi oferecida. É uma dádiva impressionante, não é? De que outra forma eu poderia reagir a tudo isso se não trabalhando incansavelmente para construir uma vida aqui da qual eu possa me orgulhar? Isso não apagará o que aconteceu na nossa terra, é impossível. O máximo que posso esperar é que um dia consiga ter orgulho novamente do homem que olha para mim no espelho.

— Você só queria que seu trabalho beneficiasse a humanidade. Que expandisse nosso alcance e compreensão.

— Exato. — Ele sorriu, com tristeza. — Tenho uma chance de fazer isso agora, e pretendo agarrá-la com firmeza.

— Então, é o que farei também.

MAIS TARDE, NAQUELA NOITE, TIREI AS ÚLTIMAS ROUPAS DA MALA, COLOQUEI-AS na cômoda de nosso quarto, peguei um cobertor puído que havia trazido e o arrumei no pé da cama. Aquele

cobertor e a pequena coleção de fotos que trouxera da Alemanha eram minhas posses mais valiosas.

Uma delas era uma foto dos meus três primeiros filhos. Georg e Laura estavam sentados de pernas cruzadas no chão com um largo sorriso, com a recém-nascida Gisela deitada em um tapete à frente deles. Parecia um momento da vida de outra pessoa, mas eu a amava de qualquer maneira. Era assim que eu precisava me lembrar de Georg e Laura: inocentes, felizes, imaculados.

A foto seguinte era de mim e Jürgen em nosso casamento, jovens e felizes no amor e tão despreocupados, como se o mundo só tivesse paz e felicidade para nos oferecer. E havia uma foto de Adele, a tia-avó de Jürgen, sentada em seu pátio, sorrindo de forma serena ao mirar além da câmera em direção ao santuário que construía por conta própria ao longo de muitos anos.

Na última foto, estávamos eu e minha melhor amiga, Mayim, de braços dados no saguão da mansão da minha família em Potsdam, com malas aos nossos pés, sorrindo loucamente no limiar da vida adulta. A Estrela de Davi pendia em uma corrente em seu pescoço, notável sobre sua pele pálida. Minha última babá havia tirado essa foto horas antes de Mayim e eu embarcarmos para terminar o ano escolar em Lausanne.

Eu sabia que teria pesadelos naquela noite. Eu os tinha quase todas as noites desde a guerra, e acreditava que Jürgen também os tivesse. Dei um beijo suave em cada uma daquelas fotos e as coloquei na mesa de cabeceira para que observassem Jürgen e eu enquanto dormíamos. Talvez a presença delas nos trouxesse paz, porque, embora aquela pilha de fotos representasse tanta perda, também carregava muito amor. A soma daqueles momentos era a mulher que eu me tornara.

4

SOFIE

Berlim, Alemanha Outubro de 1930

EU SEMPRE AMEI O COMEÇO DO OUTONO. AS RUAS LADEADAS DE ÁRVORES EM torno da minha casa em Lichterfelde rapidamente mudavam sua cobertura de folhas de verão por um dossel de vermelhos, dourados e um marrom forte e acentuado. Ainda estava quente o suficiente em outubro para não precisarmos de nossos casacos, mas nem tanto para causar desconforto. Casei-me com Jürgen no começo do outono de 1929. Doze meses depois, no começo do outono de 1930, descobri que estava grávida de meu primeiro filho.

Contei a Jürgen e Mayim de imediato, mas, semanas depois, estava finalmente pronta para compartilhar a notícia com nosso círculo mais amplo de amigos, começando com Lydia zu Schiller.

Quando combinei o almoço com Lydia, planejava contar a novidade para ela assim que Mayim e eu nos sentássemos. No entanto, tudo mudou nesse meio-tempo. Agora parecia que toda a Alemanha estava tentando entender os resultados de nossa eleição mais recente.

— Ainda não consigo acreditar — comentou Mayim, olhando vagamente para o cardápio. Eu tinha a impressão de que ela estava em estado de choque, como se tivesse presenciado um acidente ou se ferido. — Mesmo nesses tempos loucos, eu não esperava isso.

— Cento e sete assentos! Eles são o segundo maior partido do Reichstag agora — Lydia lançou um olhar para

mim. Ela se referia ao *Nationalsozialistische Deutsche Arbeiterpartei*, o Partido Nacional-Socialista dos Trabalhadores Alemães, conhecido como Partido Nazista. — Sei que você não liga muito para política, Sofie, mas eles tinham apenas doze assentos no último mandato e, antes disso, eram um partido irrelevante. Ninguém os levava a sério.

Lydia tinha razão, eu não era uma especialista em política. Mesmo assim, fiquei indignada com seu tom condescendente. Eu não era fascinada por política como Jürgen, nem tão determinada a subir os degraus da vida social em Berlim que tivesse que ficar por dentro das personalidades e tendências populares como Lydia e seu marido, Karl. Mas isso não significava que eu era ignorante. Minha melhor amiga era judia — claro que notei quando um partido com uma plataforma antisemita obteve um crescimento repentino e chocante rumo à proeminência.

— É horrível — apertei a mão de Mayim. — Mas devemos manter o ânimo. Eles não representam quem somos como nação. As pessoas estão assustadas com a instabilidade política, e o aumento do desemprego não está ajudando. — Mayim ergueu o olhar em direção ao meu e apertei sua mão outra vez. — Até as famílias abastadas estão passando por dificuldades.

Não a minha, afortunadamente. O patrimônio da minha família estava prosperando; de fato, naquele momento, meu pai estava em Nova York valendo-se dos efeitos da quebra de Wall Street para expandir seus negócios. A família de Lydia também estava bem. Seu pai possuía uma fortuna extraordinária e Karl era descendente de reis prussianos e imperadores alemães. Por ser o filho mais velho, ele havia herdado uma fortuna inacreditável quando seus pais faleceram.

Mas o pai de Mayim, Levi, tinha feito muitos empréstimos para sustentar sua empresa durante a crise de hiperinflação depois da Primeira Guerra Mundial. Por anos, ele se acabou

de trabalhar para devolver o dinheiro e manter sua empresa viva. Depois, veio a quebra de Wall Street, em 1929. Os bancos começaram a ter dificuldades, por isso, passaram a cobrar o saldo dos empréstimos de Levi anos antes do programado.

Apenas um ano antes, a família de Mayim desfrutava um estilo de vida de conforto no mesmo nível das famílias mais ricas da Alemanha. Em apenas poucos meses, perderam tudo que tinham.

Lydia se mexeu sem jeito na cadeira e lançou um olhar hesitante para Mayim.

— Como *está* seu pai?

— Ele encontrou trabalho — Mayim forçou um sorriso. — Então, já é alguma coisa.

— Mas... e a empresa?

— Acabou. E a casa também se foi.

— Ele deve ter ficado com alguma coisa. Um pouco de dinheiro, obviamente? Alguma obra de arte, uma propriedade ou duas? — pressionou Lydia, como se a alternativa fosse impossível. Mayim deu de ombros de forma evasiva e caímos em um momento tenso de silêncio. O semblante de compreensão finalmente surgiu no rosto de Lydia e ela me lançou o olhar horrorizado e cheio de pânico de uma mulher rica que nunca considerara que alguém de *sua* classe social pudesse perder tudo que possuía.

— Tenho uma novidade, Lydia. — Ela ainda parecia exaurida, mas ergueu suas finas sobrancelhas com curiosidade e eu sorri. — Estou grávida. O médico disse que o bebê deve nascer em janeiro.

Felizmente, a conversa mudou com rapidez daquele momento de embaraço, com Lydia dando um gritinho previsível. Então, com cuidado, consegui amarrar dois fios de conversa: sobre o bebê e sobre formação de casais, discutindo os jovens “ricos, bonitos e preferencialmente judeus” que Lydia e eu poderíamos apresentar a Mayim. Sentia-me péssima por ela e desejava *poder* arranjar um

encontro com o jovem ideal. Ela queria desesperadamente ter sua própria família, mas os candidatos potenciais em nossos círculos sociais sumiram quando a fortuna da família dela também sumira.

Fazia meses que Lydia sabia que Mayim estava morando em um dos meus quartos de hóspedes. Agora que ela sabia da verdade sobre as circunstâncias de Levi, talvez deduzisse que Mayim não estava morando comigo para me fazer companhia enquanto Jürgen ia para a universidade diariamente para trabalhar em sua tese. Havia apenas dois dormitórios no novo apartamento da família dela. Jürgen e eu insistimos para que Mayim ficasse em um dos nossos quartos extras quando soubemos que ela estava dividindo um com seu irmão, Moshe. Tentamos convidar o resto de sua família também, mas todos recusaram.

Depois da refeição, Mayim pediu licença para usar o banheiro e Lydia se inclinou para a frente, sussurrando claramente chocada.

— É verdade? Eles não têm *nada*? Como isso é possível?

— Levi se sentiu tão culpado por seus funcionários perderem o emprego que fez questão de pagar o quanto pudesse de seus direitos. Ele vendeu tudo que tinha, até a prataria. Está trabalhando como atendente na prefeitura de Berlim e eles vivem em um *Mietskaserne* em Mitte. — Isto é, um conjunto habitacional, e, neste caso, um dos piores de Berlim. — A situação deles é muito ruim, Lydia. Tente ser delicada.

— Sim. Meu Deus, não posso nem imaginar como seria isso, ainda mais para eles. Como diabos estão suportando?

— Melhor do que eu ou você conseguiríamos, suspeito.

— Só quero dizer que deve ser especialmente difícil para eles. — Ela estava tentando insinuar alguma coisa e eu não entendia o quê.

— Não entendo aonde você quer chegar.

— Sofie, meu Deus. Você sabe como os judeus são. Eles *amam* dinheiro.

A garçonete chegou para tirar nossos pratos, então ficamos quietas. Quando ela terminou, Mayim retornou. Ela e Lydia retomaram com facilidade a conversa sobre minha gravidez, mas caí em um silêncio desconfortável.

Mais tarde, nós nos despedimos na calçada, em frente ao café. Lydia deu um beijo na minha bochecha, depois na de Mayim, e acenou para nós ao entrar no banco de trás do carro. Mayim e eu entramos no meu e o motorista deu a partida.

— Você está terrivelmente quieta — ela murmurou. — Não está se sentindo bem?

— Estou bem — forcei um sorriso. — Só estou cansada.

Por que eu estava tão incomodada com o comentário de Lydia? Aquilo era só um clichê, um estereótipo bobo e reducionista com o qual as pessoas faziam piada o tempo todo. Tentei me tranquilizar imaginando que Lydia não tinha dito nada de mais com aquilo. Ela não era antissemita. Como poderia ser? Ela era uma das melhores amigas de Mayim.

Além disso, Mayim nem tinha ouvido o que Lydia dissera, então nenhum estrago tinha sido feito. Realmente, nenhum.

5

LIZZIE

Huntsville, Alabama 1950

— JÁ ESTOU ATRASADA, HENRY — EU DISSE, COLOCANDO UM PÉ NA FRENTE do outro enquanto espiava por baixo do capô do carro. — Cal vai pensar que não vou. Você pode apenas...

— Lizzie, estou trabalhando o mais rápido que posso. Você pode apenas... — Meu irmão pressionou a base do polegar na testa e respirou fundo. — Você ralhar comigo não vai fazer com que eu consiga trabalhar mais rápido.

— Desculpe — falei fracamente. — Nós brigamos, só isso. Realmente não queria ir a esse negócio.

Henry franziu a boca enquanto apertava um parafuso no motor com uma chave inglesa.

— Ainda não acredito que ele faça parte disso — resmungou, fazendo um não com a cabeça.

Eu conhecia essa sensação muito bem. Estava atrasada para uma festa de boas-vindas a um grupo de famílias alemãs ao seu novo lar em Huntsville, celebrando sua chegada como se fossem dignatários especiais. Não saíra nem da minha casa e já estava arrepiada.

Ao longo de nosso casamento, meu marido e eu raramente discordávamos. Mas desde que Calvin havia sido transferido de El Paso para Huntsville, raramente passávamos um dia sem discutir sobre os homens aos quais ele agora se referia como “nossos alemães”. Ele dizia que todos na base os chamavam assim, mas sempre que eu ouvia essas palavras queria gritar.

Meu irmão saiu de baixo do carro e fechou o capô com uma batida. Parecia que não importava se ele encontrasse um emprego de processar pedidos de seguro em Chicago, trabalhasse na ferrovia no Tennessee ou vendesse ingressos em uma feira de Nashville: as coisas inevitavelmente azedariam e Henry acabaria comigo e Calvin. Nunca nos importávamos quando Henry voltava para nós, até montamos um pequeno apartamento sobre a garagem para que ele pudesse ter um lugar só dele. Quando Henry me contou que estava voltando dessa vez, fiz várias ligações até encontrar um trabalho para ele numa madeireira a poucos quilômetros de distância. Após algumas semanas, ele parecia estar se saindo bem.

Mesmo assim, se tivéssemos outros familiares em qualquer outro lugar além de Huntsville, eu teria sugerido que ele os procurasse. Henry passara menos de um ano na Europa nos últimos dias da guerra e nunca falou sobre seu tempo lá, mas retornara como um homem despedaçado. E meu irmão certamente não precisava morar em uma cidade repleta de alemães.

Henry mudara desde o Natal. Às vezes, ele assumia um olhar confuso e pasmado, como se estivesse embriagado. Mais desconcertante ainda era o fato de que ele ganhara vinte ou trinta quilos em apenas quatro meses, e seu corpo, que um dia fora musculoso, agora parecia inchado. Eu me preocupava que ele não estivesse bem, mas Henry dizia que vinha comendo muita fritura na feira itinerante. Eu não conseguia afastar a sensação de que aquilo não era totalmente verdade. Quanta fritura uma pessoa poderia comer?

Ele limpou as mãos nas coxas e lançou um olhar sombrio para mim.

— Pronto. Velas novas. Divirta-se com seus amigos nazistas. — Embora fosse brincadeira, seu tom era tão amargo que senti uma pontada de culpa. Ele hesitou de

repente e acrescentou de forma suave: — Lizzie, tenha cuidado, por favor.

— O Cal diz que eles não são uma ameaça... — comecei a falar, mas parei em seguida. Aquilo era o que *Calvin* dizia. O problema era que, no começo, Calvin lutara com todas as suas forças para impedir que aqueles homens entrassem na comunidade, e por uma boa razão, aliás.

— Homens como esses são uma ameaça enquanto estiverem respirando — insinuou Henry, abruptamente.

— Nem quero ir! — Participar do almoço parecia uma traição a meu irmão. Eu podia ficar em casa, mas essa opção parecia uma traição ao meu marido. — Calvin diz que é importante que eu mostre meu apoio.

Henry deu de ombros e voltou para a casa.

De vez em quando, eu me lembrava da alegria que tinha sentido no dia que ele voltou para casa depois da guerra. Houve momentos em que pensei que seria um milagre ele retornar ileso fisicamente. Mas, depois de cinco anos de altos e baixos, era claro que, apesar de seu corpo estar intacto, a mente não estava. Eu também sabia exatamente quem eram os culpados. E estava prestes a beber champanhe e comer sanduíches com um grupo deles, em um jardim das instalações do Redstone Arsenal.

6

LIZZIE

Condado de Dallam, Texas 1933

MEU PAI E EU ESTÁVAMOS LADO A LADO, ENCARANDO UM CAMPO AMPLO E plano. De vez em quando, ele espirrava ou tossia — uma tosse que parecia tão seca quanto o solo. Uma névoa de poeira pairava sobre o campo e à nossa volta, mas não havia nada sutil a seu respeito dessa vez: uma neblina marrom havia chegado. Levaria tempo para que aquela poeira baixasse, e ainda mais tempo para sair de nossos pulmões.

— Agora vai chover — papai acenou com a cabeça, satisfeito, em direção ao campo que acabáramos de arar. — Certamente. A chuva segue o arado com a mesma certeza que o pôr do sol segue a alvorada.

Papai estava em um bom dia, então não quis dizer que sua teoria já fora completamente desacreditada. Havíamos arado logo após as colheitas de 1930, 1931 e 1932, mas não chovia decentemente há anos. Assenti como se acreditasse nele, mas não sabia no que acreditar mais.

— Vocês dois vão ficar aí de pé o dia todo admirando seu trabalho ou vão levar o trator de volta para o celeiro para que eu possa dar uma olhada no disco com defeito? — gritou Henry.

Papai e eu nos voltamos para o som da voz do meu irmão e o vimos andando a passos firmes em nossa direção.

— Por que esse garoto sempre parece que está indo apagar um incêndio? — papai debochou. Assenti com a

cabeça, concordando de forma desnorteada.

Eu adorava meu irmão, mas raramente o compreendia. Henry havia nascido com uma excepcional disposição animada e um charme que significava que ele podia sair de qualquer enrascada só na conversa. E isso era bom, porque ele também entrava em mais enrascadas do que a maioria das pessoas.

— Vocês estão a cara de um, focinho do outro — Henry riu ao aproximar-se.

— Arar é um trabalho poeirento, Henry — lembrei-o. — Você nunca saberia disso porque nunca fez nada do tipo.

Ele jogou a cabeça para trás e riu. Em seguida, apontou para o meu corpo empoeirado.

— Não digo isso porque parece que vocês foram enterrados vivos, mas porque estão parados aí com as mãos na cintura. Estão até fazendo a mesma careta. — Encarei-o e Henry riu de novo. — Acabaram de usar o trator? Tenho um encontro com a Betsy esta noite, então, se quiserem arar de novo amanhã, preciso começar agora.

Eu gostava de Betsy e não tinha ciúmes de Henry por ele ter alguém especial. Apesar de nossa terrível situação financeira, ele ainda saía várias noites por semana para vê-la, mas eu não ficava ressentida por ele usar o combustível para dirigir o Ford Model T até Oakden. Eles estavam namorando havia mais de um ano e Henry já queria pedi-la em casamento praticamente desde então.

Eu tivera encontros suficientes nos últimos anos para decidir silenciosamente que relacionamentos não eram para mim. Eu gostava de coisas mais simples: a sensação da terra arenosa na minha pele depois de arar o campo, a alegria do nascimento de um novo potro, a visão dos primeiros brotos verdes emergindo do solo quando as sementes de trigo germinavam. Não havia nada que eu gostasse mais do que me sentar sob o céu de estrelas, tomando alguns goles do gim que Henry fermentava em segredo no celeiro, curtindo o silêncio das altas planícies

com meu irmão ao meu lado. Mas, admito, nas noites em que Henry saía com Betsy, eu me sentia terrivelmente solitária. Não tinha ideia do que faria quando ele, enfim, tivesse o dinheiro para se casar com ela.

— Você não pode usar o carro esta noite — meu pai disse de forma ríspida, virando-se em direção ao trator.

— Quê? — O sorriso, que era marca registrada de meu irmão, se transformou em uma carranca. — Mas, papai, eu e a Betsy...

— Precisamos economizar combustível.

Antes que Henry pudesse dizer mais uma palavra, papai subiu no trator e deu a partida. O motor rugiu ao ser ligado e, sem demora, ele passou por nós. Tossi quando o trator soltou uma nova onda de poeira sobre mim e foi a vez de Henry fazer cara feia.

— Não consigo nem ligar para ela para avisar que não poderei ir — esbravejou, meneando a cabeça. Segundo papai, não valia a pena pagar a taxa mensal para ter um telefone fixo em casa. — O que deu nele? Hoje não parecia um dia ruim.

— Talvez ele esteja apenas cansado de ficar no trator por cinco horas.

Começamos a andar de volta para casa em silêncio, até que Henry comentou:

— Pode ser o trigo, sabe. O juiz Nagle me disse que, na noite passada, até as melhores safras estavam recebendo apenas sessenta centavos por alqueire.

— Como ele saberia? Ele não entende nada de cultivo, até onde sei.

O juiz Nagle era o pai de Betsy e a pessoa mais rica que conhecíamos. Conforme a pequena cidade de Oakden, no noroeste do Texas, crescia nas últimas décadas, ele foi comprando e alugando a maioria das novas propriedades comerciais do lugar. A família Nagle frequentava a igreja metodista de Oakden, a mesma que nós frequentávamos, e eu o conhecia por tempo suficiente para notar que ele

pendia para a condescendência ao se referir a nós, que produzíamos a comida que ele consumia.

Henry franziu os lábios, mas não disse nada, então continuei:

— Papai disse que não importava se não colhêssemos nem mil alqueires, porque o preço seria mais alto.

— Eu me lembro disso. Não fazia nenhum sentido na época, mas confiei nele porque ele parecia certo daquilo. Os jornais dizem que as pessoas nas cidades não têm nenhum dinheiro por causa dessa Depressão. Não têm nem dinheiro para comprar comida. O preço do trigo muda de acordo com a demanda.

— O que vai acontecer se realmente só conseguirmos sessenta centavos por alqueire?

Henry deu de ombros e chutou uma pedra na terra macia abaixo de nossos pés enquanto caminhava.

— Não sei. Acho que podemos vender o trator.

Parei onde estava.

— Não — afirmei categoricamente. Henry lançou um olhar doloroso para mim.

— Lizzie, não temos muito mais para vender.

A família de Betsy morava em uma casa de dois andares atrás do tribunal em Oakden, e sua casa tinha vários cômodos e encanamento interno. Não tínhamos nem iluminação elétrica, e eu me considerava afortunada porque o banheiro externo era mais perto do meu quarto, então meu trajeto até ele era curto. Cada passo contava naquelas noites frias de inverno. Eu sabia que éramos humildes, mas nunca nos imaginei pobres.

— Não entre em pânico ainda — Henry tranquilizou-me. — Estou apenas supondo. Você disse que hoje foi um bom dia, certo?

— Você sabe tão bem quanto eu que bons dias não têm nada a ver com dinheiro, colheitas ou algo do tipo. — Os episódios de mau humor do meu pai não eram o tipo normal de mau humor. Eles não vinham apenas quando as coisas

estavam ruins, e nem sempre desapareciam quando as coisas ficavam mais fáceis.

Henry deu de ombros.

— Vamos perguntar para ele depois. Talvez no jantar.

— Mas e se ele sugerir que precisamos vender o trator?

— Então venderemos o trator e teremos que nos virar por um ano ou dois com os cavalos até que a safra seja melhor. Tem que chover em algum momento, e quando isso acontecer, a safra aumentará e o preço não importará tanto.

Assim como fizera minha vida toda, confortei-me com a confiança de meu irmão. Logo estaria ocupada demais alimentando os animais para me preocupar, de qualquer maneira. Henry consertou o disco defeituoso no arado e nossa mãe preparou sopa de feijão-branco para o jantar. Porém, enquanto ela tirava a mesa depois da refeição, Henry pigarreou.

— Quanto conseguimos pelo trigo, papai? O juiz disse que até os grãos de melhor qualidade têm obtido apenas sessenta centavos por alqueire.

Mamãe congelou, com a mão ainda estendida para retirar meu prato. Ela lançou um olhar apavorado para Henry e, em seguida, para papai. Depois, forçou um sorriso e disse:

— Não vamos falar sobre isso agora...

— Sim. É verdade — papai interrompeu. — Os melhores grãos estão valendo sessenta centavos. Conseguimos quarenta e dois.

As palavras caíram como uma bomba no meio da sala. Henry e eu prendemos a respiração e mamãe afundou no assento, colocando os pratos na mesa à frente dela.

— Teremos que vender o trator? — questionou Henry em um tom baixo.

— Não podemos — papai respondeu abruptamente.

Fiquei contente por saber que a venda do trator estava fora de questão, mas, ainda assim, procurei esclarecer:

— Não podemos? Não iremos, o senhor quer dizer.

— Não, Lizzie. Não podemos — disse mamãe, calmamente. — Quero dizer, poderíamos, mas não nos trará nada de bom. Devemos muito mais do que ele vale agora.

— Mas... nós o compramos em 1929. Já não deveria ter sido quitado? — indagou Henry.

Papai bufou, impaciente, e revirou os olhos para o teto.

— Senhor Jesus, me dê forças! Henry, como poderei algum dia deixá-lo por conta própria se você não tem nem o bom senso de saber que são necessários anos para se quitar o valor de um trator?

— E como eu poderia saber, pai, se o senhor não me conta essas coisas?

— Bem, já que estamos esclarecendo as coisas agora — começou mamãe gentilmente —, há mais que vocês devem saber. Estamos um pouco atrasados com a quitação do trator e mais ainda com os impostos imobiliários. — Dei um grito sufocado e ela sorriu tristemente para mim. — Vocês sabem que os últimos anos foram difíceis e muito estava em jogo com a colheita deste ano. Não queríamos que vocês se preocupassem com esses detalhes, mas vocês dois são adultos agora. Meu Deus, Lizzie, você tem dezessete anos. Seu pai e eu estávamos namorando quando tínhamos a sua idade. Temos que parar de ser tão protetores com vocês.

— Vocês não precisam se preocupar, porque amanhã vou conversar com o gerente do banco — retrucou papai, empurrando a cadeira para trás. — Ele vai resolver nossa situação com uma linha de crédito. Pagaremos o que devemos e nos seguramos até a colheita do ano que vem. E vai chover logo. Provavelmente, qualquer dia desses, agora que aramos. Vocês vão ver, as coisas voltarão ao normal no ano que vem.

AQUELE TINHA SIDO UM DIA ESCALDANTE. COM PAPAI NO BANCO EM TEXLINE, Henry e eu aramos o campo de trás enquanto mamãe fazia conservas. Agora o Sol estava baixo no oeste, e eu aproveitei o calor mais ameno do crepúsculo para apanhar

os ovos do galinheiro. Eu estava queimada pelo sol, como sempre acontecia durante a maior parte do verão e, às vezes, no inverno também. Minha mãe sempre dizia que meu “lindo cabelo ruivo” era uma bênção. Como meu lugar favorito no mundo estava sob aquele grande céu texano, eu era sempre lembrada de que minha pele pálida também podia ser uma maldição.

Quando eu era pequena, falava para minha mãe que queria ser fazendeira quando crescesse. Ela me olhava daquela forma suave que os pais normalmente olham quando os filhos pedem algo impossível: parte entretenimento, parte pena, parte ternura.

— Garotas não se tornam fazendeiras, querida. As garotas se tornam as *mulheres* dos fazendeiros. É isso que você se tornará.

Ainda uma garotinha, aquilo me soava absurdo. Minha mãe era tão fazendeira quanto meu pai. Se ele estava no campo trabalhando, ela geralmente estava ao seu lado ou em casa cuidando da horta, que era quase uma fazenda. Quando papai quis comprar o trator, minha mãe participou de cada ligação telefônica e de cada reunião, e a decisão entre os dois modelos foi tomada em conjunto. O temperamento da minha mãe era forte. Nada a assustava. Nada a inquietava. E *nada* era difícil demais para ela.

Garotas *podiam* ser fazendeiras. Eu vira isso com meus próprios olhos em minha mãe.

Ouvi o ruído de um motor quando terminava de colocar o último ovo do dia na cesta. Por estarmos tão longe da estrada principal, não tínhamos muito tráfego por ali, então eu sabia que era papai. E a aceleração violenta e freadas bruscas eram um sinal: a reunião não tinha ido bem.

Quando entrei, encontrei minha mãe sentada à mesa com uma tigela de ervilhas descascadas pela metade à sua frente. Ela forçava um sorriso, mas eu podia ver a tensão em torno de sua boca. Papai estava no quarto com a porta

fechada. Se a porta estava fechada durante o dia, significava que ele estava na cama e não sairia tão cedo.

— Eles não podem nos dar o empréstimo — mamãe comentou em voz baixa. — Devido à crise bancária, o gerente não pode emprestar dinheiro tão facilmente quanto antes. Não entendemos as novas regras.

Os bancos haviam permanecido fechados por algum tempo naquele ano. Com a piora da Depressão, muitas pessoas em pânico tentavam sacar o dinheiro, e isso acabou levando à quebra de vários bancos. O governo fechou todos eles, certificou-se de quais eram viáveis e reabriu a maioria com novas regras para manter o dinheiro das pessoas seguro.

— Seu pai achou que a fazenda seria uma boa garantia, mas o banco disse que o preço da terra está baixando tão depressa que não pode correr o risco. Não temos nada mais para oferecer como garantia, então...

A caminhonete foi ligada e corri para a porta, a tempo de ver Henry acelerar e sair.

— Esses nossos rapazes, Lizzie... — suspirou mamãe, meneando a cabeça, tristemente. — Nenhum dos dois tem o bom senso de dirigir de forma segura quando está triste.

— Aonde Henry vai?

— Espero que tenha saído para ver Betsy — comentou, enquanto pegava as ervilhas.

— O que vamos fazer?

Minha mãe pensou na resposta por um longo tempo; por tanto tempo que eu me sentei à sua frente e comecei a ajudá-la com as ervilhas antes que ela respondesse.

— Sabe, realmente não tenho nenhuma ideia do que vamos fazer, mas *tenho certeza* de que daremos um jeito — ela disse, por fim. — Essa não é a primeira crise que eu e seu pai enfrentamos juntos, meu amor. Quando nos casamos, seu pai queria expandir a fazenda para mil acres e costumava dizer que precisaríamos de um monte de filhos para nos ajudar a administrá-la. Mas naquele primeiro ano...

— Ela deu um suspiro e voltou para o fogão, onde as ervilhas agora estavam borbulhando ao lado de uma panela de batatas, chiando na gordura de bacon. — Você sabe que demorou um pouco para eu engravidar depois do casamento. Então, tivemos aquele pequeno bebê que nasceu cedo demais e eu fiquei muito doente depois do parto.

Mamãe nunca dizia o nome dela em voz alta, mas eu sabia sobre Elsie, a bebê que nem teve a chance de respirar. Aos domingos, minha mãe sempre se vestia para a igreja cedo. Uma hora, ou até mais, antes de sairmos para a cerimônia, ela caminhava cerca de trinta metros até a árvore solitária em nossa propriedade. No verão de 1909, quando ela e meu pai tomaram posse dos primeiros duzentos acres de terra naquele lugar, ela encomendou cinco pequenas mudas de carvalho com a intenção de enfileirá-las para criar uma sombra sob a qual os futuros filhos pudessem brincar. Uma após a outra, e apesar do grande esforço de mamãe, as primeiras quatro árvores morreram. Ela fora datilógrafa em Chicago antes de se casar com papai. Não sabia nada sobre o cultivo de plantas e aprendeu da maneira mais difícil, na prática.

Depois que a bebê morreu, meu pai construiu um pequeno banco ao lado da árvore sobrevivente e gravou o nome *Elsie* na parte de trás. Esse era o local de memória da minha mãe. Quando aprendi a ler, perguntei sobre aquele texto entalhado no banco. Em um tom assustador, mamãe me contou sobre a pequena bebê que não tinha sobrevivido.

— O médico veio me examinar alguns meses depois que ela nasceu. Perguntei sobre ter outro bebê. Ele me olhou com os olhos baixos e disse: “Sra. Davis, algumas pessoas não foram feitas para ter filhos” — mamãe repetiu suavemente as palavras do médico. — Mas sabia, no fundo do meu coração, que eu seria mãe.

Eu não sabia como lhe contar que eu também sabia algo no fundo do meu coração. Eu soubera por toda a minha vida

que *não fora* feita para ser mãe. Talvez eu tivesse ficado traumatizada pela forma como ela falava daquela pobre bebê perdida. Talvez eu tivesse tido muito medo daquele banco embaixo do carvalho quando era pequena, ou talvez tivesse alimentado demais minha fascinação pelo cultivo, como minha mãe às vezes dizia, quando me pedia para ser mais gentil com os garotos da igreja. Ela queria desesperadamente que eu encontrasse um garoto para namorar. Mas, mesmo com dezessete anos, eu estava certa.

O problema era que eu ainda não conseguira descobrir como evitar ser mãe. Henry herdaria a fazenda, então parecia que eu só teria a minha própria fazenda se me casasse. Casamento significava filhos, e filhos significariam menos tempo para o cultivo. Mais tempo para fraldas e amamentação, mais tempo para cuidar da casa. Menos tempo com o que eu sabia que amava.

— Dois anos mais tarde, Henry nasceu e, por fim, você se juntou a nós também — continuou mamãe, com um olhar mais suave. Ela fez um aceno vago com a mão ao acrescentar: — Durante aquele primeiro ano depois de perdermos a bebê, tudo parecia sem esperança. Estávamos sozinhos nesta pequena casa com aquela enorme tristeza. — Ela sorriu, então assentiu com a cabeça, como se houvesse se convencido também. — Este momento é parecido com aquele. Não sei *como* as coisas vão funcionar, mas, no fundo do meu coração, tenho certeza de que tudo ficará bem. Tudo que você e eu temos que fazer é ter fé e manter a cabeça erguida.

7

SOFIE

Huntsville, Alabama 1950

UMA MULTIDÃO SE REUNIA NA SOMBRA DE UM AGLOMERADO DE CARVALHOS naquele dia. Fiquei sensibilizada por ver que, em poucos minutos, as crianças americanas e alemãs estavam brincando livremente. O idioma não fazia muita diferença na hora de subir em árvores e brincar de pega-pega.

As formalidades começaram quando um homem bateu palmas e pediu nossa atenção. Em seguida, ele pegou um microfone e subiu em uma caixa. Ele se apresentou como Christopher Newsome, e um jovem rapaz ao lado dele traduziu suas palavras para um alemão perfeito. Newsome apontou para um cavalheiro alto e barbado, com óculos grossos que aumentavam seus olhos.

— Tenho certeza de que todos vocês conhecem Calvin Miller. Ele é o gerente geral deste programa. — Mais tradução, seguida de uma onda de aplausos. — Antes de tudo, aos nossos novos amigos alemães: bem-vindos aos Estados Unidos! — Tradução. Aplausos. — Agora, para todas vocês, mulheres americanas, quero que escutem com atenção. Essas senhoras vieram do outro lado do mundo para começar uma nova vida aqui e precisamos apoiá-las. Façam uma nova amiga hoje. Planejem um encontro para um café ou jantar, ou para reunir as crianças para brincar, certo? — Tradução. *Muito* menos aplausos. Estouro de garrafas de champanhe.

Os alemães haviam trabalhado com os cientistas americanos em Fort Bliss por algum tempo antes de todos serem transferidos para Huntsville, e sua afinidade era óbvia. Jürgen logo foi cercado por homens que ouviam com atenção cada palavra que ele dizia. Ao menos uma coisa não mudara em meu marido: aquele olhar obsessivamente concentrado quando falava sobre foguetes era tão familiar quanto a palma da minha mão.

Peguei uma taça de champanhe e caminhei devagar, observando a multidão. As mulheres logo formaram dois grupos distintos. As americanas eram o grupo que falava mais alto; suas vozes e risadas eram ouvidas por todo o gramado. No outro lado da mesa, as alemãs se amontoavam, como se estivessem tentando se esconder, falando em voz baixa e olhando para o chão. Servi-me de um prato de comida e aproximei-me do grupo alemão.

Os olhos de Claudia brilharam.

— Conheçam a minha nova vizinha, Sofie — ela me apresentou.

— Olá — acenei vagamente. Reconheci vários rostos de mulheres que encontrara uma ou duas vezes ao longo dos anos na Alemanha. — Ah, olá, Greta. Margarethe, como está? Há quanto tempo! Elsa, bom vê-la também. — Para as demais, acenei e sorri. — É um prazer conhecer todas vocês.

— Sofie é a esposa de Jürgen Rhodes — acrescentou Claudia, animada.

Eu estava apenas imaginando aquela tensão? Era como se o sorriso no rosto daquelas mulheres se intensificasse quando eu me aproximava, transformando-se de genuíno em forçado. Olhei de volta para Claudia, que parecia alheia a tudo.

Eu não estava alheia. Era exatamente por isso que eu esperara que nenhum dos ex-colegas de Jürgen tivesse vindo para os Estados Unidos.

— Realmente gostaria de um pouco mais desse frango — comentou Greta.

— Vou com você — acrescentou Margarethe.

— Ah, preciso achar um toalete — disse uma das outras mulheres.

— Sei onde é — interrompeu Elsa. — Vou mostrar para você.

O grupo se dispersou rapidamente.

— Isso foi estranho — reconheceu Claudia. — Deve ser porque algumas dessas mulheres estão nos Estados Unidos há alguns meses e já formaram uma turminha...

— *Gu-ten tag* — declarou uma voz americana. Nós nos viramos e vimos que uma loira baixinha se juntara a nós. Ela falou bem devagar, mas sua pronúncia era péssima.

— Olá, eu falo inglês — informei. Em seguida, apontei para Claudia. — Mas minha amiga aqui não fala.

— Ah! — surpreendeu-se a americana, visivelmente aliviada. — Estou tentando me enturmar, mas é muito difícil quando falamos línguas diferentes.

— Elas aprenderão com o tempo — garanti. — Meu nome é Sofie e esta é Claudia.

— Olá — respondeu Claudia, sem jeito. A mulher sorriu para nós.

— Sou Avril Walters.

Claudia pediu licença, dando apenas alguns passos para se juntar a um pequeno grupo de alemãs. Uma a uma, elas olharam na minha direção e rapidamente desviaram o olhar.

— Quem é o seu marido? — perguntou Avril. Apontei para Jürgen e ela arregalou os olhos. — Jürgen Rhodes é o seu marido? Que coisa. Meu marido diz que ele é um gênio.

— Qual é o seu?

Ela apontou para dois homens que estavam de pé perto da mesa. Um deles era Calvin Miller, então supus que o marido dela devia ser o homem ao lado dele.

Olhei de volta para as alemãs e vi que Claudia sussurrava com uma delas, franzindo o cenho. Ela negava com a

cabeça e olhava para mim, mas agora, quando nossos olhares se encontravam, ela olhava para o outro lado. Meu coração ficou apertado. Os homens alemães tinham sido trazidos para os Estados Unidos como prisioneiros, e mesmo aqueles que conheciam o histórico de Jürgen não tiveram escolha além de trabalhar com ele, especialmente no começo. Era diferente para as mulheres. Chegáramos como mulheres livres e podíamos socializar, ou *nos recusar* a socializar, se assim desejássemos.

— Estou muito animada por conhecê-la — soltou Avril, surpreendendo-me com o tom de sua voz e seu entusiasmo. — Nunca conheci ninguém da Alemanha antes. Como você aprendeu a falar inglês tão bem?

— Tive babás britânicas quando era pequena, e às vezes viajávamos com meus pais — comentei, distraída, observando Claudia, que evitava meu olhar.

— Quer saber, Sofie? — Avril exibia aquele sorriso amigável para mim. — Nós deveríamos tomar um café na semana que vem.

8

LIZZIE

Condado de Dallam, Texas 1933

MEU PAI NÃO SAIU DO QUARTO NAQUELA NOITE E MINHA MÃE PEDIU LICENÇA para se juntar a ele assim que terminou sua refeição.

Decidi que Henry não se importaria se eu roubasse um pouco de seu gim, então fui para o quarto dele e peguei a garrafa embaixo da cama. Quando ouvi o som do Ford T voltando, encontrei-o na varanda.

— Oi, irmã — cumprimentou-me. Ele tirou a garrafa de gim da minha mão, abriu-a e deu alguns goles generosos sem falar mais nada. Ele parecia nunca sentir a garganta queimar como eu sentia.

Quando terminou, foi em direção ao nosso lugar habitual. Gostávamos de nos sentar a uma pequena distância da casa; longe o suficiente do quarto de nossos pais para que pudéssemos beber gim e ficar até a hora que desejássemos. Antigamente, nosso lugar se recobria de grama.

Empoleiramo-nos nas cadeiras baixas que Henry fizera para nós em um inverno calmo. Apenas um pedacinho da lua se iluminava, o que significava que podíamos ver mais estrelas. Olhei esperançosa para o menor sinal de nuvem no horizonte e fiz uma pequena oração que talvez chegasse a algum lugar. Ao meu lado, Henry bebia muito mais do que o normal.

— Você foi se encontrar com a Betsy?

— Não — respondeu abruptamente. — Fui ver o juiz Nagle. Perguntei a ele se poderia nos emprestar um pouco de

dinheiro. — Senti uma pontada ao pensar em Henry implorando para o pai da namorada nos socorrer. — Que escolha temos? — argumentou. — Não conhecemos ninguém mais que seja rico o suficiente para nos ajudar, e temos que fazer alguma coisa. Além disso, ele comprou metade da Main Street nos últimos dez anos. O homem tem mais dinheiro que Deus. Poderia ao menos dividir um pouco.

— Como pagaríamos de volta? — perguntei, incerta.

— Da mesma forma que vamos pagar o banco: com uma safra — ele deu de ombros.

— O banco pode tomar a fazenda em caso de inadimplência, certo? — Meu irmão assentiu com a cabeça e eu continuei, impaciente: — Bem, o juiz Nagle faria ainda pior! Você realmente acha que ele deixaria você se encontrar com a Betsy se não honrasse o empréstimo? Ainda mais *se casar* com ela?

— Ele nunca permitiria que eu me casasse com a Betsy, Lizzie — declarou Henry calmamente, com o coração dolorido por trás das palavras. — Ele me disse isso esta noite. Disse que gosta de mim, e por isso me deixa andar com ela, mas realmente deveria ter dado um fim na situação um tempo atrás.

— Sinto muito — sussurrei, abalada.

— O juiz nunca permitiria que sua filha se casasse com um homem que não pode nem pagar por um telefone para falar com ela.

— Então, se você terminar com a Betsy ele nos dará o dinheiro? — indaguei hesitante. — Isso parece suborno ou chantagem.

— Não foi nada disso. Só tivemos uma conversa honesta, que francamente já deveria ter acontecido, e chegamos a um acordo. E ele não me *dará* o dinheiro, vai emprestá-lo. Pagaremos de volta no ano que vem, quando a colheita vier.

— Mas e se... — comecei a dizer.

Porém, ele me interrompeu, de forma urgente, animada e repentina:

— Nunca na história mundial houve uma seca sem fim. Fiz uma pesquisa na biblioteca em Oakden algumas semanas atrás. As secas vêm e vão, sim. Mas elas *sempre* acabam. Tivemos um pouco de chuva há algumas semanas, lembra?

— Menos de um centímetro!

— Mas é assim que começa! — Henry retrucou, inclinando-se para a frente para apoiar os cotovelos nos joelhos. — Você não vê, Lizzie? Os padrões climáticos mudam devagar, menos de um centímetro aqui, e logo se torna um centímetro, e mais, e então *o suficiente*. A quantidade normal de chuva estará aqui antes do fim do inverno.

— E se você estiver errado?

Henry deu outra golada na bebida e respirou devagar.

— É por isso que pedi dois anos para pagar de volta. Não há *nenhuma* chance de a seca durar mais do que um ano. Além disso, se eu estiver errado, perderemos a fazenda de qualquer maneira, então não faz diferença. — Quando suspirei, ele me lançou um olhar impaciente. — O que você acha que acontece quando as pessoas não pagam os impostos imobiliários, Lizzie?

Meu estômago revirou. Coloquei minha caneca na terra e respirei fundo algumas vezes até passar.

— Quanto você pegou emprestado?

— Sei quanto vale uma colheita em um bom ano. É o quanto peguei emprestado.

— Mas a fazenda tem que valer muito mais que isso.

— No momento, essa terra mal vale o papel da escritura. É por isso que o banco se recusa a nos ajudar. Mas... sim, no longo prazo, provavelmente valerá mais do que o empréstimo. — Ele se mexeu de forma desajeitada, baixou a voz e admitiu: — É que o juiz Nagle não estava disposto no começo. Ele gosta de mim, mas é perspicaz, sabe? Eu tinha que mostrar que estava falando sério. Mas ele não tomaria a fazenda; ele é um bom homem. Além disso, não é como

se ele tivesse pouco dinheiro. O que ele poderia querer com este lugar?

— Papai não ficará feliz com isso.

Henry deu de ombros, calmo e confiante novamente.

— Ele não tem muita escolha, na verdade. O juiz rascunhou um contrato e eu assinei na hora. A Betsy vai ao banco amanhã logo que abrir para depositar o cheque na conta do papai.

A porta do quarto dos meus pais estava fechada quando me levantei na manhã seguinte, e eu tinha a sensação de que meu pai não sairia da cama naquele dia. Saí para usar o banheiro, mas enquanto estava lá ouvi papai e Henry discutindo. Corri de volta para a casa no momento em que a porta do quarto foi batida novamente, e um Henry desafiante saiu pisando duro pelo corredor, encontrando mamãe na cozinha.

— O que você fez, Henry? — mamãe estava visivelmente desapontada. Ele ergueu a cabeça teimosamente.

— Vocês vão ver — ele disse para nós duas. — Tudo se acertará na próxima estação. Esse dinheiro vai nos salvar.

Talvez papai estivesse esgotado pela seca e pela desesperança, ou talvez ele soubesse que Henry tinha feito a coisa certa. Afinal, por mais que resmungasse, ele não tentou devolver o dinheiro ao juiz.

9

LIZZIE

Huntsville, Alabama 1950

AO CHEGAR À FESTA, MINHA INTENÇÃO ERA PROCURAR CALVIN E PEDIR desculpas. Eu tinha uma perfeita justificativa para meu atraso. Aquela não era a primeira vez que meu carro precisava de alguma persuasão para funcionar.

Mas, ao me aproximar de Cal, ouvi de relance a conversa à sua volta. Aqueles homens estavam falando em inglês, ainda que com um forte sotaque. A provocação de Henry sobre meus novos “amigos nazistas” ressoava em meu ouvido; senti um choque de raiva.

Não.

Não era certo que essas pessoas estivessem socializando conosco, sentindo o calor do sol no rosto, bebendo champanhe e rindo tão livremente.

Dei meia-volta e fui em direção a rostos mais conhecidos. Minhas amigas Becca, Juanita e Gail estavam lá com um grupo de outras mulheres. Avril Walters também estava lá, conversando calmamente com uma mulher que eu não conhecia — uma mulher de cabelo castanho-avermelhado e uma pele suave e clara que me causou inveja. Era a nova alemã? Dei uma olhada pelos grupos e concluí rapidamente que ela devia ser a esposa de um dos novos cientistas americanos. A equipe de Calvin se expandira com tanta rapidez que era difícil acompanhar.

— Você está com cara de quem precisa de uma bebida — sugeriu Becca, pegando uma taça de champanhe da mesa e

entregando-a para mim.

— Obrigada — murmurei. Virei a taça e olhei em direção às alemãs. Baixei a voz. — Só não consigo acreditar nisso. Esperam que socializemos com elas como se não soubéssemos de onde elas são?

— Não precisa sussurrar, querida. — Becca riu docemente. — Parece que nenhuma dessas mulheres fala uma única palavra de inglês. Mas o sr. Newsome ainda quer que nós as convidemos para um café e as ajudemos a se adaptar.

Olhei para ela, incrédula.

— Você vai fazer isso?

— Bem, é difícil, porque elas não falam nem a mesma língua. Mas, sim, eu estou disposta a tentar. Para o programa, sabe, mas... — ela estremeceu. — Não parece certo, não é mesmo?

— Essas pessoas tinham de estar em Nuremberg para serem julgadas, não em Huntsville bebericando champanhe. Elas contaminarão essa cidade como uma doença — peguei uma segunda taça de champanhe e olhei para os presentes. Elijah Klein estava com os homens, mas sua esposa, Leah, postara-se atrás de Becca, e lançava olhares decididamente desconfortáveis para as alemãs. — Já é ruim o suficiente que esses monstros não estejam na prisão. E agora vão trabalhar lado a lado com judeus americanos?

— Não é certo — comentou Leah, secamente. — Eu não queria ter vindo, mas Eli insistiu. *Odeio* que ele esteja trabalhando com esses homens.

— Como ele aguenta? — a voz de Becca saiu abafada. Leah suspirou sem paciência.

— Ele diz que os fins justificam os meios. Honestamente, que sentido há em colocarmos um foguete no espaço? Quem *se importa*?

— Kevin diz que, se não trabalharmos com esses homens, os soviéticos vão nos deixar para trás — Becca meneou a cabeça. Todas paramos de falar. Ninguém queria que os soviéticos nos deixassem para trás em nada.

— O problema não é trabalhar com eles — resmunguei. — O problema é que eles estão aqui como homens livres.

— Os alemães assassinaram milhões de pessoas! Milhões de judeus — esbravejou Leah, com a voz trêmula. — Não deveríamos aceitá-los neste país.

Uma pequena multidão assomou-se à nossa volta enquanto conversávamos, e as mulheres americanas encerravam suas conversas para escutar a minha.

— Vocês vão convidar essas mulheres para um café, ajudá-las a se adaptar e tudo mais? — uma delas perguntou. — Eu ia, mas não me pareceu certo...

— Não faça isso — eu protestei abruptamente. — Principalmente se lhe causar desconforto.

— Como alguém se sentiria confortável nessa situação? — observou outra mulher. — Estou tão contente por você falar sobre isso, Lizzie.

— Nós não *temos* que dar boas-vindas a elas — bradei, olhando nos olhos de cada mulher conforme minha confiança aumentava. — Podemos nos posicionar. Quero dizer, pelo amor de Deus, alguém tem que fazer isso!

— Com licença — disse uma voz. Olhei em sua direção e vi que a mulher que conversava com Avril se juntara a nós. — Sim, muitos alemães cometeram erros terríveis em um momento de imensa pressão, mas seria injusto da parte de vocês generalizar. Há muitos americanos ruins, assim como há alemães ruins. Vocês não deveriam presumir que somos nazistas e que cometemos algum crime. Alguns de nós nem sabiam o que estava acontecendo.

Ela falava um inglês claro e fluido, mas seu sotaque era inconfundível, assim como a expressão defensiva em seus olhos. Uma onda de adrenalina percorreu meu corpo.

— Você realmente espera que acreditemos que vocês, alemães, não tinham ideia do que estava acontecendo em seu próprio país? — questionei, incrédula. Em seguida, olhei para o grupo de mulheres que nos escutava. Algumas

assentiam com a cabeça para me encorajar. — Se o governo americano decidisse cometer um genocídio, eu *faria* algo.

— Então, diga-me, madame: o que você faz quando vai a um restaurante e há uma placa na janela que diz “Somente brancos”? — indagou a mulher, apontando o dedo com agressividade para mim. — Você “faz algo”? Talvez você devesse olhar para o seu próprio quintal antes de fazer julgamentos generalizados sobre o que não entende. — Seu tom era desdenhoso e arrogante, e todas as esposas do programa americano de foguetes nos encaravam. Minha vergonha e meu temperamento irromperam.

— Odeio o fato de haver segregação em Huntsville, mas você nunca me convencerá de que isso seja equivalente ao que vocês fizeram. Ouvi os noticiários e li os jornais. Sei o que os julgamentos de Nuremberg revelaram. — Ela apertou os lábios, mas a ausência de uma resposta imediata apenas me reconfortou por ter tomado uma posição. — Você consegue honestamente me dizer que não fazia ideia do que ocorria nos campos? Nenhuma ideia das coisas terríveis que eram feitas em nome do seu país, em *seu* nome?

Imaginei que ela fosse negar. Em vez disso, ela apertou os olhos e baixou o olhar, conforme o silêncio se prolongava. Quando vi seu rosto enrubescer, meu sentimento não foi de vitória, mas de horror e repulsa.

— Você sabia — bradei chocada. — Bem, vejam só. Senhora, se sabia e não faz nada, é tão culpada como os homens que empurravam aquelas pessoas inocentes para as câmaras de gás. Como você consegue se olhar no espelho?

— Chega! — Calvin estrilou. Tomei um susto. Olhei às costas dela e vi meu marido caminhando a passos largos em nossa direção, com os olhos arregalados de incredulidade e decepção.

Só então percebi que todos no encontro estavam em silêncio. Dezenas de pessoas olhavam fixamente para mim e para a alemã. Os únicos que não pararam para observar o

espetáculo foram as crianças, que ainda riam e brincavam juntas.

De vez em quando, eu tinha momentos em que sentia como se tivesse saído da minha vida e olhasse para ela de fora. Sempre que isso acontecia, eu me fazia uma pergunta atordoante que nunca sabia como responder: *Como cheguei aqui?*

Enquanto Calvin distribuía sorrisos reconfortantes para as mulheres e gentilmente me pegava pelo braço para irmos embora da festa, tive um momento desses, um instante duro e chocante em que tive a clara impressão de que, de alguma maneira, eu havia me tornado prisioneira da vida de outra pessoa.

10

SOFIE

Berlim, Alemanha 1933

NAQUELA NOITE, CHEGUEI EM CASA MAIS TARDE DO QUE PENSARA. AO ENTRAR, esperava que Jürgen estivesse dormindo na cama. Não estava pronta para explicar por que meu jantar com Lydia havia durado seis horas.

Eu sabia que Mayim estaria acordada, ouvindo as crianças da sala de estar. Georg tinha quase três anos e Laura, oito meses. Os dois dormiam mal, mas Mayim sempre lia até altas horas da madrugada e ajudava com as crianças durante a noite. Esse era um dos aspectos mágicos de ter minha melhor amiga sob nosso teto. Para meus filhos, Mayim era mais do que apenas uma hóspede em nossa casa, mais até do que uma quase tia. Ela era como uma mãe adicional para eles, uma parte vital e muito querida da nossa estrutura familiar.

Encontrei-a aconchegada em uma das poltronas na sala de estar, lendo sob a luz de um abajur. O cobertor em seu colo era criação dela, uma mistura de cores tricotada a partir de novelos que haviam sobrado de seus muitos outros projetos. Como de costume, a lareira estava acesa. Tirei os sapatos ao entrar na sala e respirei aliviada quando meus pés cansados tocaram as tábuas frias do chão. A sola do meu sapato esquerdo estava muito desgastada e uma bolha havia se formado.

Mal podia acreditar que não conseguia arrumar nem um sapato. Minha vida inteira havia mudado em uma única

tarde três anos atrás, poucos meses depois de meu pai falecer, vítima de um derrame durante uma viagem de negócios a Nova York. Meu irmão Heinrich era vinte e seis anos mais velho e basicamente um estranho. Por ser o primogênito, havia herdado o patrimônio dos Von Meyer, e ficou com a responsabilidade de dar a notícia de que minha generosa remuneração mensal chegaria ao fim. Papai hipotecara todas as propriedades da família, inclusive a mansão da cidade, que havia nos dado de presente quando Jürgen e eu nos casamos. Heinrich concordou quando pedimos para manter a casa, mas apenas com a condição de assumirmos sua hipoteca também.

Nunca desejei coisas materiais e supus que sempre seria assim. Aconteceu de nosso pai ser muito melhor em exibir uma fachada de extrema fortuna do que em gerenciar a riqueza modesta que um dia havia obtido.

— Como foi? — perguntou Mayim, fechando o livro e olhando para mim. Afundei na poltrona à sua frente e lutei para formular as frases certas.

Berlim passara por meses chocantes. Primeiro veio a destruição do prédio do parlamento, o Reichstag; depois, uma série de ataques comunistas por toda a nação fora evitada por pouco. Soube pelos jornais dos detalhes da planejada campanha de terror: bombas escondidas sob pontes e em estações ferroviárias, mulheres e crianças usadas como escudos humanos, a execução de hordas de funcionários públicos, veneno no abastecimento de água de Berlim.

Mesmo em meio a tudo aquilo, nunca tinha me sentido tão assustada quanto na manifestação da qual acabara de participar com Lydia.

— Houve muitas análises apaixonadas sobre os problemas que enfrentamos como nação, muitas pistas sobre quem realmente culpar.

— Quem seria? — questionou Mayim com leveza, embora fosse possível notar a dureza em suas palavras.

— Eles conseguiram demonstrar ódio contra os judeus por horas a fio sem dizer a palavra *judeu* uma única vez.

— Eles ajustam a retórica de acordo com o local onde a manifestação é feita. No interior, eles podem dizer o que realmente querem. Mas estamos em uma cidade cosmopolita, então suponho que eles precisem ocultar seu ódio sob um verniz de respeitabilidade.

No final da manifestação, eu estava me sentindo fisicamente doente, e aquela sensação irrompeu de novo quando me sentei em minha sala de estar, pensando sobre o que ouvira.

— Uma *Volksgemeinschaft* é possível! — berrou um dos oradores, enquanto pintava a imagem de uma *comunidade do povo* alemão que soava quase utópica, até ele passar a fazer referências à pureza racial que seria sua base. Outro olhou para o passado e encontrou um vilão que não precisava nomear. — O Tratado de Versalhes foi criado apenas para nos prejudicar! Fomos todos apunhalados pelas costas por aqueles que concordaram com ele. — Todos sabíamos que era uma clara referência à teoria da conspiração de longa data de que a Alemanha não perdera realmente a Primeira Guerra Mundial, mas que nossos corajosos soldados tinham sido traídos por aqueles em casa, em sua maioria judeus, que fomentaram a agitação e enfraqueceram os esforços de guerra.

Outro homem falou sobre generalidades, recitando de uma só vez uma lista dos desafios que enfrentávamos como nação, desde problemas econômicos até a instabilidade política cada vez maior; em seguida, apenas deu de ombros e concluiu:

— A Alemanha deve ser para os alemães. Não devemos mais ser obrigados a suportar o nosso infortúnio nacional.

Aquele uso da palavra *infortúnio* me atingiu de uma forma desconfortável. Via-se a mesma palavra em cartazes nazistas pela cidade, geralmente abaixo de uma caricatura ofensiva e grosseira de um judeu.

— As pessoas pareciam deslumbradas, Mayim. Como se estivessem enfeitiçadas — falei, nervosamente. — Foi um evento grandioso, quase como um concerto, e havia uma orquestra, um coral, um entusiasmo e uma paixão sem limites. Só não consigo entender como um pouco de música e alguns discursos teatrais podem transformar uma multidão como aquela em uma reunião de antissemitas raivosos.

Uma centelha de incerteza cruzou o rosto de Mayim. Éramos melhores amigas antes mesmo de entrarmos na escola primária, nossas famílias chegaram a morar em mansões vizinhas em Potsdam. Eu a conhecia o suficiente para saber que tinha algo a dizer.

— Diga o que está pensando — pedi.

Mayim suspirou, impaciente.

— Você não tem ideia de como este país realmente é antissemita, Sofie. Você jamais será capaz de entender da mesma maneira que minha família entende.

— Sua família é a minha família — afirmei. Fui uma surpresa tardia para minha mãe, que me trouxe ao mundo aos quarenta e oito anos de idade. Anna von Meyer não tinha nenhuma intenção de fazer tudo de novo nove anos depois de seu quinto filho, por isso, normalmente me deixava sob os cuidados de minhas babás. Minha família era fria e formal, então eu preferia passar meu tempo na casa de Mayim, com sua mãe amável e carinhosa e seu pai jovial e gentil. Até o irmãozinho de Mayim, Moshe, sempre me irritara e me divertira.

— Você é a minha melhor amiga no mundo todo, uma irmã não de sangue, mas por escolha. Mesmo assim, você não tem como saber como é viver toda a sua vida sob a sombra do ódio. Acordar toda manhã sabendo que há uma grande parte de nossos próprios compatriotas que gostaria de nos fazer desaparecer. Você pode ver os momentos agressivos, mas não nota a maneira como as pessoas olham para mim quando estou no bonde. Você pode ver a placa de

“Proibido judeus” em algumas lojas, mas não detecta a insinuação no tom do vendedor enquanto ele verifica meu troco, ou as piadas casuais que as pessoas fazem sobre mim e sobre a minha família, às vezes bem na nossa frente. Você disse que era como se a multidão desta noite tivesse se transformado em um monte de antissemitas raivosos, certo? — Assenti lentamente com a cabeça e ela deu de ombros. — Mas Hitler e sua laia estão apenas recorrendo a algo que sempre esteve lá.

Eu sabia que em outros países, como a Polônia, onde a mãe de Mayim nascera, muitos judeus viviam em bairros ou distritos judeus. Era diferente na Alemanha. No meu país, especialmente em Berlim, os judeus viviam, estudavam e trabalhavam junto a todas as outras pessoas, tanto que muitas vezes eu nem tinha ideia se uma pessoa era ou não judia, a menos que seu sobrenome a denunciasse. Pela primeira vez me ocorria que talvez nossa sociedade supostamente integrada também abrigasse incidentes de intolerância. Até Lydia ocasionalmente fazia comentários bobos e casuais sobre os judeus.

— E pessoas como Lydia e Karl? — sugeri, hesitante. — Você e Lydia são amigas.

— Lydia e eu éramos amigas — declarou Mayim calmamente. — Mal a vejo hoje em dia. Duvido muito de que ela ou Karl tenham passado muito tempo socializando com qualquer pessoa com um sobrenome como *Nussbaum* desde que se filiaram ao partido.

Aquele foi o outro grande choque, que ainda não fazia sentido para mim: Lydia e Karl haviam se filiado ao Partido Nazista.

— Mas por quê? — fiquei espantada quando eles me contaram, surpresa demais para conter minha reação.

— Talvez haja alguns aspectos não muito agradáveis nas posições que eles defendem — admitiu Lydia. — Mas os outros partidos apenas oferecem a mesma velha retórica, sem um plano para estabilizar a nação. Decidimos investir

nosso tempo e dinheiro em um partido que estamos certos de que vai vencer.

— Quando os nazistas subirem ao poder, acabarão com toda a loucura e as coisas voltarão ao normal — acrescentou Karl, cordialmente.

— Mas a que custo? — questionou Jürgen. Ele parecia tão atordoado quanto eu.

— O partido sabe que precisa se livrar desses elementos indesejáveis para ganhar a eleição, isso eu posso garantir — assegurou Karl antes de fazer o primeiro dos inúmeros convites. — Por que você não vai a um comício conosco um dia?

Era verdade que a frieza de Lydia com Mayim tornara-se mais evidente naquele ano, mas também era verdade que a distância entre elas já vinha crescendo muito antes disso. Mexi-me de forma desconfortável e Mayim suspirou.

— Você acha que é por causa das circunstâncias financeiras da minha família, não porque somos judeus. Talvez esse seja um fator.

— Eu *sei* que é um fator! — exclamei, levantando as mãos em sinal de frustração. — Se alguma vez tive dúvidas sobre como nossos círculos sociais são rasos, a verdade a respeito disso foi bem martelada sobre mim nos últimos anos.

Não só Lydia havia se afastado de Mayim. Um a um, a maioria de seus amigos sumira. Jürgen e eu não havíamos escondido propositalmente de nossos amigos as nossas próprias circunstâncias. Porém, tendo visto o crescente isolamento de Mayim, tampouco fizemos questão de alardear nossa situação.

— Seria diferente se eles soubessem da *sua* situação — pontuou Mayim, lendo corretamente meus pensamentos.

— Não, não seria — ri com tristeza.

— É exatamente isso que estou tentando dizer, minha amiga — disse Mayim gentilmente. — Você nem vê. As pessoas que não me convidam mais para suas festas sempre têm uma desculpa para me excluir. Nunca foi

socialmente aceitável admitir que você não quer convidar a garota judia para a festa, mas tudo bem deixar a pobre de fora.

Senti uma pontada no peito. Encarei-a por um momento, pensando sobre a injustiça de tudo aquilo.

— Você está magoada por eu ter ido esta noite? — perguntei, de modo repentino. Seu olhar suavizou.

— Sei exatamente por que você foi. Karl disse mais alguma coisa sobre o trabalho?

Como a maioria dos empregadores da Alemanha, a universidade de Jürgen estava passando dificuldades com um orçamento cada vez mais apertado e reduzira a menos da metade os salários dos funcionários. Seus rendimentos não cobriam mais as nossas despesas, mesmo depois de termos demitido todos os nossos empregados e vendido nossos carros. Agora estávamos vendendo as relíquias da família, mas era uma solução de curto prazo. Alguns cômodos já não tinham mais nada além da mobília essencial.

Por isso pareceu um milagre quando Karl ligou para perguntar a Jürgen se ele estava interessado em um novo emprego. Karl não havia fornecido muitos detalhes, apenas dissera que era uma nova oportunidade empolgante e lucrativa, e entraria em contato em breve. Mas dias viraram semanas, e toda vez que eu tentava organizar um encontro casual com os Zu Schiller, eles estavam ocupados fazendo campanha para os nazistas. Falei com Lydia por telefone algumas vezes, mas ela não podia nem queria me contar nada.

— Karl contará mais quando se encontrar com vocês dois — ela repetia.

Toda vez que um evento nazista relevante ocorria em Berlim, Lydia obrigava seus empregados a distribuir entradas gratuitas para o comício. Eu normalmente as jogava no lixo, mas da última vez a impaciência me vencera e eu tinha decidido ir.

Mas o plano improvisado não saiu como eu esperava. Karl já estava no comício quando o carro de Lydia chegou para me pegar, e, embora ele tenha se sentado conosco durante o evento, manteve-se ocupado antes e depois, e não tive muita chance de falar com ele.

— Algo tem de acontecer — sussurrei para Mayim com um nó na garganta. — Não conseguimos mais sustentar este lugar, mas, mesmo se o vendermos, não conseguiríamos pagar a hipoteca. Para onde iríamos?

Mayim se levantou e se aproximou para se sentar ao meu lado, apoiando a mão sobre a minha no braço da poltrona.

— Vá para a cama, Sofie — ela sugeriu com delicadeza. — As coisas vão parecer melhores de manhã.

Ela tinha esse jeito de me acalmar sem dizer muita coisa.

— O que eu faria sem você?

Mayim deu um sorriso suave e disse:

— Realmente não tenho ideia. Mas você tem sorte, porque eu não vou a lugar algum.

Arrastei-me para a cama logo em seguida, tão esgotada que mal podia manter os olhos abertos. Porém, assim que deitei minha cabeça no travesseiro, a ansiedade ressurgiu. Nem a ameaça real de perder meu lar parecia importante em comparação ao medo de que os homens que eu ouvira discursar no comício chegassem ao poder. Pensei em Mayim e estremeci de pavor.

— Você não estava no jantar com Lydia esta noite, estava? — questionou Jürgen, alarmando-me. Virei-me em sua direção, com um sentimento de culpa. Ele estava deitado de barriga para cima, acordado e olhando para o teto.

— Jantei com ela... — admiti. — E então fui com ela para o comício.

— Sofie, que diabos você estava pensando?

Ele estava irritado, mas quando meus olhos se encheram de lágrimas, ele suspirou fundo e se aproximou. Relaxei imediatamente, afundando no conforto de seus braços.

— Achei que você pensasse a mesma coisa que eu sobre os nazistas — comentou.

— Eu penso. Só achava que, se conseguisse ver Karl, ele me contaria mais sobre o emprego.

— E então? Ele contou?

— Nem tive uma chance de falar com ele.

— Tentei ligar para ele algumas vezes.

— Você tentou?

Ele não mencionara isso, mas eu sabia que Jürgen se sentia culpado por não conseguir nos sustentar, então eu odiava forçá-lo a falar sobre o assunto.

— Os jovens estão buscando trabalho para tentar sustentar suas famílias. Ninguém consegue estudar nos dias de hoje. O que vai acontecer se não houver trabalho para mim no próximo ano letivo?

— Não posso nem pensar nisso — sussurrei.

Jürgen estava fazendo doutorado quando meu irmão nos contou que precisaríamos ter nossa própria renda. Embora forçado a abandonar os estudos, ele tinha sido rapidamente contratado como professor. Alguns anos mais tarde, porém, as coisas mudaram. Seis milhões de alemães ficaram desempregados e a economia passava por grave depressão. Se Jürgen perdesse aquele emprego, dificilmente encontraria outro.

— Karl anda tão ocupado que não consegui falar com ele por telefone. Além disso, ele não tem mais tempo para nossas reuniões — admitiu.

Karl e Jürgen eram membros fundadores da *Verein für Raumschiffahrt*, a Sociedade de Viagens Espaciais, e passavam suas manhãs de sábado mexendo com foguetes caseiros em um depósito de lixo abandonado nos arredores de Berlim. O sonho deles era projetar um foguete que levaria o homem à lua, uma ideia tão absurda que eu não conseguia entender por que Jürgen perdia tempo com ela.

— É isso que me preocupa, Sofie. Karl está consumido por seu trabalho com o partido atualmente. Não posso nem

imaginar que emprego é esse que ele teria para me oferecer.

— Você acha que o emprego é com os nazistas? — meu coração doía só de pensar.

— Temo que sim.

— O fervor de hoje me chocou. Não sei o que acontecerá neste país se aqueles homens chegarem ao poder.

— Há quem acredite que foram os nazistas que incendiaram o Reichstag, sabia?

— Não foi o holandês?

— Um holandês mentalmente perturbado, ligado vagamente a uma agremiação comunista dissidente no seu país de origem, seria capaz de destruir sozinho o edifício do parlamento da Alemanha? — indagou Jürgen de forma irônica.

— E pensar que foram as SA que protegeram a cidade daqueles terríveis ataques terroristas que vinham sendo planejados.

As *Sturmabteilung* eram uma das alas paramilitares do Partido Nazista. Seus integrantes eram conhecidos como camisas-marrons, por causa do uniforme, e foram fundamentais na descoberta de ameaças terroristas em massa na semana anterior. Eu ficava apavorada de pensar que tínhamos estado a dias de uma catástrofe e a única coisa que nos salvara tinha sido uma organização paramilitar nazista.

— Os nazistas ainda não mostraram nenhuma evidência sobre aqueles ataques terroristas, embora tenham prometido fazer isso imediatamente. Acho que devemos considerar, no mínimo, a possibilidade de a trama não ter sido real.

— Mas os jornais dizem...

— Esse é o meu ponto, meu amor — Jürgen me interrompeu. — Os jornais dizem o que os nazistas querem que eles digam, agora que o decreto do incêndio do Reichstag permite que eles controlem o que é publicado.

Você não acha estranho um homem de mente instável supostamente cometer um ato de terrorismo e, no dia seguinte, o governo descobrir uma trama mirabolante que subverteria a vida como a conhecemos, prender a maioria dos oponentes e aprovar um decreto passando por cima das nossas proteções constitucionais? Se eles têm realmente essa abundância de evidências, por que precisariam do direito de prender seus opositores indefinidamente, sem lhes conceder ao menos um julgamento? E por que precisariam acabar com a imprensa livre ou com nosso direito à privacidade pessoal? Levando em consideração algumas das coisas que esses homens disseram no passado, essa tomada de poder pelos nazistas me deixa nervoso.

— Mas nem mesmo os nazistas mentiriam sobre acontecimentos tão graves, que poderiam mudar o mundo — comentei sem muita certeza. — Se esses relatos fossem fictícios, como seria possível confiar em qualquer coisa que os políticos dissessem novamente? Não poderíamos.

— Não sei o que dizer, Sofie. O que mais me preocupa é que, em momentos de fragilidade econômica, com gente morrendo de fome nas ruas, as pessoas votam impulsivamente, com desespero em vez de razão e compaixão. Os nazistas sabem disso e investem de propósito em uma imagem de força. É por isso que eles adoram fazer paradas militares. Temo que as alegadas tramas terroristas tenham sido criadas exatamente para isso: gerar mais incerteza e pintar os nazistas como a única solução.

Eu já me sentia ansiosa pelo futuro há muito tempo, mas aquela fora a primeira noite em que minhas preocupações me mantiveram desperta até o amanhecer. E eu tinha razão de estar preocupada. Algumas semanas depois, quando os resultados das eleições foram anunciados, soubemos que quarenta e quatro por cento dos alemães votaram no Partido Nazista. Juntando forças com o Partido Alemão dos

Trabalhadores, eles reuniram facilmente uma maioria no parlamento.

Os nazistas não eram mais um partido inexpressivo, não estavam mais à margem do sistema político alemão. Agora, estavam exatamente em seu centro e, de lá, poderiam moldá-lo como bem quisessem.

11

LIZZIE

Condado de Dallam, Texas 1935

— **A** MAMÃE ESTÁ PRONTA? — GRITOU HENRY. — VAMOS!

Agora, ele só via a Betsy na igreja e não queria perder um minuto de sua única chance de estar com ela.

— Ela está lá na árvore — murmurei, enquanto dava uma olhada no espelho do corredor, virando-me de um lado para o outro para me ver de todos os ângulos.

Eu perdera alguns quilos naquele ano e meus vestidos ficavam largos demais em mim, então mamãe me emprestou um de seus velhos vestidos para que eu pudesse usar como roupa de domingo. Tinha um estilo antiquado, de algodão rígido com pequenos botões pretos na parte da frente do corpete, que desciam até uma saia larga e pesada.

— Vá buscá-la, irmãzinha — implorou Henry. — Você sabe que eu odeio ir até lá.

— Eu também — enfatizei. Havia algo inquietante na maneira como minha mãe se demorava nas manhãs de domingo quando visitava aquele banco. Ela geralmente se afundava em melancolia, como se seu luto ainda fosse recente, mas tivesse que ser condensado em uma única hora a cada semana. Elsie falecera há mais de vinte e cinco anos. O fato de minha mãe ainda sentir tanta tristeza depois de todo aquele tempo era um enigma para mim e para Henry.

Ele olhou para o relógio, suspirou impaciente e saiu da casa. Ouvi uma movimentação no quarto dos meus pais, então caminhei rapidamente pelo corredor, bati à porta e a abri, segurando o fôlego para ver como meu pai estava naquele dia. Desde que Henry contraíra o empréstimo, o padrão de dias bons e ruins havia se invertido. Era como se meu pai tivesse sofrido um acidente terrível que o deixara com uma deficiência permanente, só que o ferimento não era no seu corpo, mas no seu orgulho.

Papai não estava vestido para a igreja, mas havia alguns sinais positivos. Ele abrira as cortinas e estava sentado na cama, lendo o jornal que trouxéramos de Oakden no domingo anterior. Nos dias muito ruins, papai mal parecia perceber que eu estava lá. Mamãe dizia que não era culpa dele.

— É cansativo tentar entender coisas que não fazem sentido nenhum — ela comentara. — Seu pai é um agricultor. Quando a agricultura não acontece como deveria, ele se torna nada mais do que uma carcaça de seu verdadeiro eu.

A seca tinha acarretado muitas mudanças, e nada daquilo fazia sentido para mim também. Eu ainda me levantava da cama e fazia minha parte. Mamãe, Henry e eu não tínhamos escolha: tínhamos que nos acostumar com uma nova forma de operar, porque administrar a fazenda era uma operação para quatro pessoas. O preço do trigo na colheita de 1934 havia subido, e isso poderia ter sido um alívio se não tivesse sido nossa pior temporada de todos os tempos, tanto em termos da qualidade do cereal como de safra. Vendemos apenas seiscentos *bushel*, cada um rendendo uma miséria de trinta e três centavos.

Não acertamos a dívida com o juiz Nagle naquele ano. Não conseguimos nem fazer amortizações regulares. Henry me disse para “não esmorecer”, mas eu sabia que já era tarde demais. Mesmo se tivéssemos chuvas torrenciais, não

haveria mais safra naquele ano. Eu não tinha ideia do que faríamos além de pedir mais tempo para o juiz Nagle.

— Você está tão bonita quanto uma pintura — afirmou papai. E como o choque em seu rosto indicava, ele havia ficado tão surpreso com o comentário quanto eu. Fiz uma reverência de brincadeira e disse algo sobre o velho vestido da minha mãe. — Ah, eu me lembro bem. Ela costumava usá-lo quando estávamos namorando. Fica tão bem em você quanto ficava nela. — Ele colocou o jornal no colo e franziu o rosto para mim. — Lizzie, você tem quase dezenove anos. Quando vai arranjar um namorado?

— Não quero arranjar um namorado — falei, erguendo o queixo.

— Sua mãe e eu estávamos casados quando ela tinha sua idade.

— Papai...

— O quê? Você sabe que é verdade.

— Talvez eu não seja feita pra isso — murmurei, envergonhada.

— Bobagem. Você não quer sua própria fazenda? Filhos?

— Eu... — não queria desperdiçar um raro bom dia dizendo a ele que não. — Claro — menti, convencendo a mim mesma de que não tinha problema mentir no domingo se fosse apenas meia mentira. Afinal, eu *queria* minha própria fazenda. O fato de provavelmente precisar de um marido para isso era uma realidade inconveniente com a qual eu ainda estava tentando me acostumar.

— Então, tente olhar nos olhos de alguns dos rapazes na igreja — ele sugeriu, pegando o jornal novamente. — Seria um bom começo.

Parei no armário de roupas de cama a caminho do Ford T para pegar uma pequena toalha para proteger o vestido. Em seguida, parei outra vez para afagar a égua e checar seu arreio. Jesse e Joker eram os únicos animais que haviam sobrado além das galinhas e, embora estas nos dessem

muita coisa, os cavalos eram os ativos mais valiosos que possuíamos naquele momento.

Um homem do banco chegou sem aviso certo dia para colocar o trator na caçamba de um caminhão. O único sinal de que ele um dia fora nosso era a montanha de dívidas que tinha deixado para trás. Na mesma época, não podíamos mais justificar o custo de manter o Ford T. Tentamos vendê-lo, mas, com tantos carros à venda, ninguém queria pagar um preço justo. Henry e eu removemos o motor e cada pedaço de vidro e metal supérfluo do chassi, deixando-o o mais leve possível. Quando terminamos, improvisamos um mecanismo para amarrar os cavalos a ele, transformando o carro em uma carroça elaborada. Muitas outras pessoas tiveram a mesma ideia. Chamávamos essas carroças de Hoover, em homenagem ao presidente que amávamos culpar por nossas infelizes circunstâncias.

— Vamos, Lizzie — chamou Henry, impaciente, enquanto eu acariciava o nariz de Jesse. Ela nos levaria à igreja naquele dia e Henry já estava no “banco do motorista” segurando as rédeas.

Do banco do passageiro da frente, mamãe sorriu para mim, satisfeita com o entusiasmo dele, e soltei um suspiro ao me acomodar no banco de trás. Os ovos da semana estavam todos embalados com cuidado no assento ao meu lado, prontos para os deixarmos na mercearia no caminho da igreja. Limpei o meu lado do assento com a toalha antes de me sentar. Enquanto Henry conduzia a carroça pela via, uma nuvem de poeira subia à nossa volta. Olhei para o meu vestido branco e senti uma pontada de desespero.

— Está poeirento hoje — comentou mamãe. Porém, a poeira que a carroça levantava era a menor de nossas preocupações. A poeira e as tempestades de poeira eram tão frequentes que tínhamos toda uma rotina quando avistávamos uma no horizonte. Henry trancava os cavalos no celeiro, mamãe se apressava para tirar as roupas do varal e eu corria de cômodo em cômodo para verificar se as

janelas estavam fechadas. O trabalho de papai era preparar seu quarto para que nos abrigássemos lá. Assim que corríamos para dentro, ele fechava a porta e colocava uma toalha úmida no vão entre ela e o chão. Guardávamos comida e água no guarda-roupa, enfiadas embaixo de um cobertor para protegê-las da poeira. Papai pendurava um lençol úmido na janela para segurar a terra que ameaçava entrar pelas frestas. Sobre a cama, ele acomodava um balde com panos de prato úmidos para colocarmos sobre a boca e um pequeno tubo de vaselina para passarmos nas narinas. A sujeira no ar durante uma certa tempestade de verão irritara nossos narizes de tal maneira que eles sangraram por dias.

Fazíamos tudo isso e não era o suficiente. Terra, areia ou poeira entravam de forma sorrateira pelos vãos das tábuas do chão ou pelas paredes, e quando as tempestades ruins passavam, aqueles panos de prato úmidos já estavam pretos, vermelhos ou amarelos, a depender do tipo de pó que tinham impedido de entrar nos nossos pulmões, e havia montes de terra nos rodapés. Cada tempestade era diferente, caso a poeira viesse de Oklahoma, Ohio ou Kansas, ou talvez da fazenda vizinha. No começo, ficávamos discutindo sua possível origem, analisando a cor, a textura e a direção do vento. Quando as tempestades passaram a ocorrer quase toda semana, nosso jogo de detetive de poeira não era mais uma novidade interessante. Uma tempestade durou um dia inteiro. Naquela época, já estávamos tão acostumados a elas que nem entramos em pânico. Apenas nos sentávamos no quarto dos meus pais e escutávamos o vento uivar por horas a fio.

— Por quanto tempo vamos ficar presos aqui? — resmunguei em um certo ponto.

— Essa é a forma errada de olhar para a situação, Lizzie — mamãe me repreendeu gentilmente. — Temos um teto. Um lugar para nos abrigarmos. Temos uns aos outros.

— Não estamos *presos* aqui — acrescentou Henry. — Estamos seguros aqui.

Porém, com o tempo, até minha mãe se cansou das tempestades implacáveis, e a poeira agora parecia permear cada fresta de nossas vidas. Atualmente, quando uma tempestade chegava, apenas nos sentávamos em um silêncio triste e pesado, escutando o vento enquanto ele cobria de poeira nossa casa, nossos campos, nossa horta e nosso celeiro.

Até mesmo em uma linda manhã de domingo a caminho da igreja mal víamos o sol ou o céu azul-claro. Tudo o que víamos era poeira.

— **BOM DIA, SRA. DAVIS** — CUMPRIMENTOU-NOS O JUIZ NAGLE, FAZENDO educadamente um sinal com a cabeça enquanto socializávamos no vestíbulo da igreja antes da cerimônia. — Bom dia para você também, srta. Lizzie. — Seu olhar se fixou no meu irmão e ele acrescentou discretamente. — Henry.

— Bom dia, senhor. Sra. Nagle, a senhora está encantadora hoje — elogiou Henry, mas suas palavras foram apressadas. Era óbvio que ele só tinha olhos para Betsy, que estava de pé ao lado dos pais. Ela estava linda como sempre. Naquele dia, usava um vestido amarelo que afinava suas panturrilhas. É provável que ela mesma o tivesse bordado, porque Betsy costurava por prazer, embora pudesse comprar roupas prontas.

— Amei seu vestido, Lizzie — ela comentou com sinceridade. — Esses botõezinhos fofos! Cai muito bem em você.

Ruborizei, com vergonha da atenção, mas me lembrei a tempo das regras de etiqueta e agradeci antes de afastar-me para ocupar meu lugar. Qualquer outra garota talvez estivesse debochando de mim ao elogiar um vestido tão velho, mas Betsy era uma boa pessoa. O juiz e a sra. Nagle também, claro, apesar de eu me sentir cada vez mais nervosa com a postura dele.

Henry dizia que eu estava imaginando coisas, mas a cada domingo o juiz Nagle parecia mais frio conosco, especialmente com Henry. Aquilo fazia total sentido para mim. Meu irmão tomara emprestado todo aquele dinheiro dois anos antes e prometido devolver na colheita seguinte. O juiz sabia muito bem que não tínhamos quase chance nenhuma de honrar a promessa.

Engoli em seco quando a cerimônia começou. O pastor Williams estava em boa forma e trouxe mais uma variação do tema do momento. *Mantenha a fé. Deus está no controle.* Todo domingo o tema era o mesmo, porque o que mais havia a se dizer para pessoas que estavam sofrendo de forma tão intensa? Havia escassez de produtos em toda a economia, e depois de tantas safras fracassadas, os agricultores não tinham mais dinheiro e estavam no limite de sua fé. A principal rua de Oakden era uma longa fileira de fachadas cobertas por tábuas, uma vez que todas as lojas, com exceção das mais essenciais, haviam falido. Eu via como o prato de doações da igreja ficava cada vez mais vazio a cada semana, mas, mesmo assim, todo domingo o pastor Williams subia ao púlpito para vociferar sobre resiliência, esperança e fé.

— Façam uma reverência e rezem comigo — ele pediu ao final do sermão.

Porém, quando me curvei, olhei pelo corredor e senti um frio na espinha. Todos estavam rezando, mas o juiz Nagle olhava fixamente para Henry.

O juiz não estava zangado. Estava magoado. E, de alguma forma, isso era pior.

TENTEI FALAR COM HENRY ENQUANTO SAÍAMOS PARA ALMOÇAR, MAS ELE ESTAVA ocupado conversando com as mulheres mais velhas na igreja. Quando peguei em seu braço, ele me afastou, impaciente. Era o rapaz mais bonito e popular da cidade, e era na igreja que Henry conseguia uma folguinha do estresse e do isolamento. Normalmente, eu me contentava

em esperar quieta em um canto até que ele terminasse de jogar seu charme nas conversas.

— Srta. Davis. Está encantadora hoje — disse uma voz profunda. Olhei impaciente na direção da voz e encontrei Chad Glass, um rapaz alguns anos mais velho que eu. Ele era razoavelmente bonito, razoavelmente educado, mas também era um mecânico. A última pessoa na face da Terra com quem eu gostaria de namorar era alguém que não tinha nem uma fazenda para me oferecer.

— Obrigada, Chad. Com licença — respondi, desviando-me dele para ir atrás de Henry.

Mas meus passos ficaram mais lentos quando vi que ele estava com o juiz Nagle. Os dois trocaram algumas palavras em voz baixa no vestíbulo. Então, Henry respirou fundo e seguiu o juiz Nagle porta afora. Andei a passos rápidos atrás deles, alcançando a porta a tempo de vê-los atravessando a rua e desaparecendo dentro do fórum, do outro lado.

Hesitei por um breve instante antes de sair da igreja, correndo e cambaleando nos velhos sapatos de mamãe, até parar embaixo da janela do escritório do juiz Nagle. No início, não consegui ouvir nada, mas um som deslizante veio corrigir isso: o juiz reclamava do calor e abriu a janela. Aquilo possibilitou que eu ouvisse as suas vozes.

— ... filho, eu entendo. Mas sei que viu a rua principal. Mais da metade das empresas que foram à falência ocupava edifícios que eu hipotequei. Ainda tenho que pagar o banco, mas ninguém me paga o aluguel. Não consigo nem vender essas lojas porque a cidade está morrendo. Preciso que você me pague aquele dinheiro. Tudo. Uma parte. O que você conseguir.

— Realmente sinto muito, senhor — desculpou-se Henry. Eu podia imaginar meu irmão olhando o juiz nos olhos, parecendo tranquilo e seguro, enquanto entrava em pânico por dentro. Parte do charme mágico de Henry era sua habilidade de parecer neutro mesmo quando sentia toda a culpa do mundo. — Tenho certeza de que o senhor sabe que

a colheita não parece promissora para nós também este ano.

— Decerto vocês possuem algum ativo que possam vender.

— Senhor, não temos nem o trator mais. E tentamos vender o carro, mas ninguém quis comprá-lo.

— Então temos um impasse — pontuou o juiz com gravidade. Houve uma pausa e, então, sua voz soou um pouco mais alta que um sussurro. — Henry, eu não acho que você compreenda como estou desesperado. Já se passaram quase dois anos, filho. Durante todo esse tempo, você me pagou apenas alguns poucos centavos. Você me deve centenas de dólares.

— Eu sei — assentiu Henry. — Vou pensar em algo. Prometo que vou.

Houve uma breve pausa. Pressionei minha mão sobre a boca.

— Você sabe o que vai acontecer se eu processá-lo, Henry?

— Não, senhor.

— O caso iria para o tribunal em Dalhart. E você sabe quem é o juiz lá? — Não, senhor.

— O juiz Nolan Wickingham. Não estou dizendo que ele decidiria a meu favor, Henry, mas estudamos juntos na faculdade e eu fui seu padrinho de casamento.

— Senhor, eu prometo. Farei tudo que puder para devolver o dinheiro, mas não tenho nada que o senhor possa levar mesmo se decidir me processar.

— Você tem terras.

— Meu *pai* tem terras... — Henry o corrigiu.

Pude identificar o pânico em sua voz e o senti em meu peito.

— Não tenho tanta certeza de que o juiz Wickingham veria dessa forma, Henry. Aquele ativo será seu logo. Talvez o tribunal considere adequado passar a terra para o meu

nome com um pouco de antecedência para que eu possa recuperar meu prejuízo.

— Senhor — murmurou Henry. — Sem querer desrespeitá-lo, mas quem está comprando fazendas neste momento?

— Ninguém está comprando lojas em uma cidade moribunda no meio do nada, mas sei que conseguiria encontrar alguém para tirar uma fazenda de quinhentos acres das minhas mãos pelo preço certo.

— Senhor... *por favor*.

— Não quero fazer isso, Henry. Você me ouviu? Mas preciso que você consiga o dinheiro de alguma forma ou não terei escolha.

Ouvi um movimento repentino do lado de dentro e, com receio de que o juiz aparecesse na janela, assustei-me e corri de volta para a igreja. Entrei no momento em que minha mãe colocava a mão na porta, aparentemente para nos procurar. Ela tinha um prato de comida na outra mão.

— Onde raios você estava? — ela questionou, olhando confusa para mim. — Está perdendo o almoço. Corra antes que toda a comida acabe. — Quando permaneci no lugar, congelada, recuperando meu fôlego, ela baixou a voz e acrescentou: — Você sabe tão bem quanto eu que esta é a melhor refeição que teremos a semana toda. Não é hora de sumir!

Vi Henry e o juiz entrarem no vestíbulo um pouco depois. Henry era como minha mãe, com cabelos castanhos e uma pele que bronzeava em vez de queimar. Porém, naquele dia, ele estava pálido como eu nunca tinha visto antes. Acenei para ele e apontei para a cadeira ao meu lado, onde o prato de comida que fiz para ele o esperava. Gotas de suor cobriam sua testa quando ele moveu o prato para se sentar.

— Está tudo bem?

— Sim, tudo bem — ele mentiu, forçando um sorriso não convincente enquanto começava a mexer na comida.

NO DIA SEGUINTE, HENRY E EU FOMOS VERIFICAR A PLANTAÇÃO EM UM DOS campos mais distantes da casa. Cavalgamos lado a lado, os cascos dos cavalos afundando na poeira fina a cada passo. Minhas bochechas estavam queimadas pelo vento e nada parecia ajudar. Tentei passar vaselina para protegê-las, mas só de caminhar da casa para o celeiro a vaselina já estava coberta de poeira. O melhor que pude fazer foi usar um lenço para cobrir a parte inferior do meu rosto por quanto tempo aguentasse. O vento tornara-se implacável, soprando por semanas; a única diferença é que um dia eram rajadas e, no outro, uma brisa. Aquele dia parecia trazer um meio-termo.

Eu queria ter falado com Henry na noite anterior, mas não importava minha determinação: ele parecia igualmente determinado a me evitar. Tinha ido para a cama na mesma hora que meus pais. Agora era minha chance.

— Segui você e o juiz até o fórum ontem e escutei a conversa pela janela — contei, decidindo que era melhor dizer logo de uma vez. O único sinal que ele deu de ter ouvido o que eu disse foi um apertar de lábios. — Você acha que ele está certo? Ele pode mesmo tomar a fazenda?

— Esse jogo é deles, e eu não conheço nem as regras. Talvez o juiz Nagle tenha dito que tomaria a fazenda para me assustar. Ele parece tão desesperado quanto nós, então acho que seja possível. Só não sei com quem falar. Não podemos pagar um advogado. Não tenho nem uma cópia do contrato.

— Então, o que faremos? — senti-me enjoada. Henry fez seu cavalo parar e desmontou. Pegou uma pequena pá do conjunto de ferramentas que estava em sua sela e, em silêncio, começou a cavar, fazendo poeira voar sobre as plantas murchas do campo. Menos da metade das sementes germinara naquele ano e a maioria das plantas morreu antes mesmo da inflorescência. Nossos campos continham fileira atrás de fileira de hastes marrons irregulares e deformadas. Até as ervas daninhas estavam incomumente

esparças naquele ano — tudo o que o solo parecia capaz de produzir era uma área ocasional de cardo-russo ou de urtiga. Os cardos mortos rolavam pelos campos nas tempestades de poeira, prendendo-se no arame e fornecendo uma estrutura para a poeira assentar, até cada cerca desaparecer sob um monte de terra.

— O que você está fazendo? — perguntei, mas ele continuou cavando. Ele cavou até sua testa ficar coberta de terra e suor, até seu rosto ficar vermelho de esforço. Eu sabia que o solo não oferecia resistência. E isso não mudou nem quando Henry cavou trinta centímetros... sessenta centímetros... e continuou a cavar mais fundo, até ficar de pé em um buraco.

Depois de um tempo, desmontei e me aproximei, tocando gentilmente seu ombro para chamar sua atenção. Henry olhou para mim com os olhos loucos de pânico. Tingidos de vermelho devido à irritação causada pelo suor e pela poeira, talvez vertessem lágrimas. Esse não era o meu irmão, sempre tranquilo, mesmo quando tinha feito alguma besteira.

— Olha para isso — falou, com a voz embargada. — Olha para isso, Lizzie. Dizem que havia terra úmida no subsolo de todas essas planícies, a uma profundidade de noventa centímetros. Não importava a seca: a umidade estava sempre lá. Mas olha para isso. *Olha para isso.*

Olhei para o buraco empoeirado onde ele estava.

— Não é à toa que as plantas não estão crescendo — ele sussurrou com uma profunda tristeza. — Estamos semeando em um maldito deserto.

Com Henry naquele buraco, pela primeira vez em nossas vidas eu estava mais alta que ele. Dei um tapinha em seus ombros e o sacudi com delicadeza.

— Desculpa — ele pigarreou e ergueu a cabeça. — Sinto muito, Lizzie. Não se aflija, prometo que tudo ficará bem. Vou dar um jeito. Talvez eu possa conseguir trabalho em um campo de petróleo. E li no jornal que há empregos em El

Paso, em um daqueles projetos do New Deal, de Roosevelt. Vou me mudar... conseguir um salário. Aí poderemos manter a fazenda e pagar o empréstimo.

— Henry.

Meus pais consideraram seriamente deixá-lo sair em busca de trabalho depois da colheita ruim de 1931. Papai o fizera desistir porque esperava que as coisas voltassem ao normal logo e, em um bom ano, ou até mesmo em um ano razoável, teria sido difícil administrar a fazenda sem meu irmão. Mas era tarde demais para aquilo. Os jornais estavam cheios de histórias de pessoas do campo, como nós, que tinham deixado suas fazendas na esperança de encontrar melhores condições nas cidades e acabaram encontrando um tipo diferente de situação terrível.

— O que vamos fazer? — sussurrei.

Henry saiu do buraco. Tirou a poeira do corpo e subiu novamente no cavalo.

— O melhor que podemos fazer é ir até o campo mais distante e ver se há alguma boa notícia lá. Então, voltamos para casa e recolhemos os ovos, damos comida e água para os cavalos. — Ele assentiu com a cabeça, como se estivesse falando mais consigo mesmo do que comigo. — Sim, é isso. Um passo de cada vez. Vamos pensar somente no próximo passo, seja qual for, e faremos isso pelo tempo que for necessário até que as coisas melhorem.

DEPOIS DAQUELE DIA NO CAMPO, HENRY PAROU DE FALAR. ELE AINDA TRABALHAVA tão duro como sempre, consertando ou construindo algo, aproveitando o máximo de cada minuto de luz solar. Mas, assim que o sol se punha, ele ia para a cama. Além disso, na maioria das manhãs, eu tinha que acordá-lo, porque, pela primeira vez na vida, ele estava dormindo até tarde. Ele não queria nem ir para a igreja.

Em uma noite de domingo, com Henry já cedo na cama novamente, sentei-me sob o céu de estrelas sozinha, olhando para as estrelas através da nuvem de poeira.

Tentava descobrir o que fazer. Eu não queria alertar meus pais sobre a situação com o juiz porque não queria trair a confiança de Henry, mas não conseguia afastar a sensação de que meu irmão precisava de ajuda.

Quando ouvi a porta se abrindo, supus que Henry tinha decidido sair da cama, mas foi minha mãe que afundou na cadeira à minha frente. Tomei um susto e quase derrubei minha caneca de gim caseiro na pressa de escondê-la.

— Me dê um pouco disso — ela pediu.

— É... hã... mãe...

— Sei sobre o álcool de cereais que Henry prepara, Lizzie — ela fez um movimento de segurar em direção à caneca.

Chocada, ofereci a caneca para ela e fiquei mais chocada ainda quando ela virou tudo de uma vez. Minha mãe estremeceu, respirou e apoiou a cabeça no encosto da cadeira.

— Você acha que é como seu pai, não? — questionou, com os olhos ainda fechados.

— Sou como papai — afirmei. Todo mundo dizia isso. Papai e eu éramos notavelmente rápidos em fazer uma cara feia ou apontar o lado negativo de uma situação, diferentemente de mamãe e Henry, que eram a positividade contra nossa negatividade.

— Querida, você é igualzinha a mim. Você tem o cabelo e a natureza pragmática do seu pai, mas é só isso. Você é forte como um touro, de corpo e alma. Os nossos rapazes não são como nós.

— Não sei o que você quer dizer.

— Eu e você somos sobreviventes, Lizzie. Sempre seguimos em frente. Encontramos um caminho, e se não há um caminho a ser encontrado, criamos um. A inclinação desses rapazes a sucumbir é muito maior do que a nossa até de considerar desistir.

— Henry não é assim — argumentei. — Ele é como *você*.

— Não se engane, querida. Não sei o que está se passando com Henry no momento, mas ele está tão

atormetado quanto seu pai nos piores dias dele.

— O juiz Nagle quer que paguemos o empréstimo — soltei. Mãe deu um longo suspiro. — Ele está pressionando Henry. O juiz está enfrentando seus próprios problemas porque muitos dos inquilinos dele estão quebrados. Ele disse que pode processar Henry e tomar a fazenda, mesmo que os papéis estejam no nome do papai. Isso não pode ser verdade, pode?

— Querida — disse mãe, carinhosamente. — Se o seu pai tivesse conseguido aquele empréstimo do banco dois anos atrás, já teríamos perdido a fazenda.

Fiquei espantada ao perceber que ela estava certa. Não importava se o dinheiro vinha do juiz Nagle ou do banco, ainda teríamos que devolvê-lo. Olhei para os campos iluminados pela lua e senti uma pontada de pesar pela perda que eu ainda não havia nem percebido ser inevitável.

— Mãe, eu amo esse lugar.

— Eu sei, Lizzie. Eu também. Mas você sabe o que amo mais? — Olhei para ela e, na escuridão, vi o sorriso carinhoso que ela oferecia a mim. Ela esticou o braço e apertou minha mão. — Esta *família*, querida. A família é tudo. Pensei que já tivesse lhe ensinado isso.

— Você ensinou — concordei. Não éramos o tipo de família que dizia *Eu te amo* ou expressava seus sentimentos em voz alta, mas ela me ensinara de outras formas. Até aquelas horas que ela passava no banco perto do carvalho confirmavam para mim que o que importava na vida era amar tão profundamente que, às vezes, a gente chegava a ficar realmente atormetada por isso.

— O clima falhou conosco, não o juiz. Pelo menos ele nos deu uma chance e tivemos mais dois anos aqui. Deveríamos agradecê-lo, não ficar com medo ou raiva dele. Conhecendo o juiz como eu conheço, sei que ele não exigiria o dinheiro de nós se não estivesse realmente precisando. Aposto que está tão angustiado com isso quanto nós.

Havia tanta força e dignidade naquela declaração que fiquei impressionada. Encarei minha mãe sob a luz da lua, calma e compassiva, mesmo ao acabar de saber que estava a ponto de perder tudo.

— Como você é tão forte? — indaguei.

— É isso que estou tentando dizer, Lizzie. Você é exatamente como eu. Sei que dizem que as mulheres são o sexo frágil, mas não há nada frágil nas mulheres desta família. A força de gerações percorre nossas veias. Não importa o que a vida nos traga, encontraremos um jeito de continuar. E me parece que nós que somos fortes temos a obrigação de cuidar dos outros que não o são. — De repente, mamãe ficou de pé. — Você não vai resolver a situação sentada aqui sozinha esta noite. Vamos deixar a igreja de lado amanhã. Podemos arrastar o seu pai e Henry para uma volta de carro se o tempo estiver bom. Talvez eles possam ter uma perspectiva se os tirarmos da fazenda.

12

LIZZIE

Huntsville, Alabama 1950

EU OUVIRA CALVIN USAR AQUELE TOM INCISIVO POUCAS VEZES AO LONGO DE todos esses anos de casamento, mas nunca direcionado a mim. Eu não sabia muito bem como lidar com aquilo.

— O que diabos você estava pensando?

— Eu estava pensando que *isso* é uma insanidade! — gritei, apontando para a janela do seu escritório e a festa civilizada do outro lado, ainda acontecendo no gramado, a apenas alguns metros de distância. — Eles trazem um monte de famílias nazistas para cá, deixam-nas livres e acham que tudo ficará bem?

— Nem todo alemão é nazista, Lizzie — suspirou.

— Mas alguns daqueles homens *foram* — eu rebati calmamente. Cal respirou fundo. — Estou disposta a jogar esse jogo em público, mas, quando estamos sozinhos, eu não deveria ter que fingir que não sei.

— Você chama *aquilo* de jogar o jogo? — questionou Cal, acenando para a janela que dava para a festa. — Esse novo programa é uma oportunidade de ouro para Huntsville, é uma oportunidade de ouro para mim. Preciso do seu apoio. — Escarneci impacientemente e Calvin jogou a cabeça para trás, frustrado. — Você, ao menos, sabe com quem estava gritando lá?

— E isso importa?

— Era com Sofie Rhodes, Lizzie. A esposa de Jürgen Rhodes. — *Ah, merda.* De todos os cientistas alemães, havia

apenas alguns que Calvin realmente admirava, e Jürgen Rhodes estava no topo daquela lista. — Ele esperou cinco anos para recebê-la neste país, e antes mesmo que eu tivesse a chance de me apresentar, você começou uma briga com ela.

— Ela que começou a briga *comigo* — retruquei.

— Não importa! — ele gritou e me assustei, surpresa. Calvin fechou os olhos e respirou fundo. — Lizzie, você é a minha esposa. Mesmo se não puder me apoiar, preciso que finja o tempo todo que está fazendo isso.

— Eu o apoio — falei rispidamente. — Mas você ficava revoltado com tudo isso até pouco tempo atrás. Esses homens não mudaram; você mudou.

Dei meia-volta e saí do escritório, batendo a porta. Eu ainda estava irritada quando saí do prédio, atravessei o gramado e voltei para a festa. Ao chegar, fiquei feliz de ver a família Rhodes cruzando o gramado em direção aos carros. Parecia um pouco como se Sofie Rhodes estivesse fugindo de nossa briga, e isso era infinitamente satisfatório.

Mas Brianna estava sentada chorando, desconfortável, no colo de Becca e com o rosto pressionado no pescoço da mãe. Meu coração ficou apertado ao vê-la. Ao longo dos anos, eu havia desenvolvido um carinho grande por Brianna e sua irmã Ava.

— O que aconteceu? — perguntei, sentando-me ao lado de Becca. Brianna apontou para um arranhão feio no joelho.

— Aquela menina alemã me empurrou.

Minha raiva mal começara a diminuir e voltou com tudo. Becca estava fazendo “não” com a cabeça, enojada.

— Não vi acontecer, mas Avril viu. Ela disse que uma criança “chucrute” veio voando de trás da árvore e empurrou a Bri. Ela nem se desculpou.

— Típico — desdenhei, meneando a cabeça. Tirei uma mecha do cabelo de Brianna de seu rosto e disse em voz baixa: — Não se preocupe com isso, querida. Só fique longe dessas crianças, tá? Elas estarão na sua escola, mas você

não tem que brincar com elas. Não é certo elas estarem aqui. Você é uma boa garota, então sei que deseja que as pessoas gostem de você, mas você não tem que participar de algo quando sabe que não é o certo.

O sol já se punha quando estacionei na entrada, mas as luzes estavam apagadas no apartamento de Henry, que ficava acima da garagem. Calvin logo me seguiria com o carro dele depois de ter se despedido dos convidados. Ele ainda estava bravo comigo e eu odiava aquilo, mas não tinha certeza do que fazer.

Encontrei Henry na cozinha. Uma panela de batatas fervia furiosamente na boca de trás do fogão e ele fritava frango na da frente.

— Hmm — suspirei, surpresa. — Está com um cheiro bom.

— Eu estava entediado, então pensei em cozinhar o jantar para nós — ele respondeu, olhando para a panela. — Como foi com os nazistas?

— Horrível — gemi, jogando minhas chaves e a bolsa na mesa. — Uma das crianças empurrou a pequena Brianna do nada e se recusou a pedir desculpas. E uma das mulheres começou uma briga comigo.

Henry me encarou alarmado.

— Quem brigou com você?

— Sabe aquele Jürgen Rhodes, de quem Cal vive falando? O homem que projetou os foguetes V-2 que causaram tantos danos em Londres? — Henry assentiu com a cabeça. — Bem, eu estava conversando com Becca, e aí a mulher dele começou a gritar comigo sobre... — Minha voz falhou. Tudo estava um pouco confuso, minha memória enevoadada pelo champanhe e pela raiva que eu sentira. — Algo sobre segregação ser o mesmo que os campos de extermínio. — Parei de falar por um instante. Não era bem aquilo, mas quase.

Henry olhou fixamente para mim, boquiaberto, mas com os olhos um pouco perdidos, como se não conseguisse acompanhar direito a conversa.

— A segregação é terrível — ressaltou.

— Eu sei. — Tendo vivido em El Paso por anos, conhecia bem o preconceito. Metade da população daquela cidade era formada por mexicanos e seus descendentes, e as pessoas brancas normalmente agiam como se isso fosse uma coisa ruim. Huntsville se parecia com duas cidades separadas que, por acaso, tinham sido combinadas, e ter empregados negros maltratados em casa era simplesmente normal para algumas famílias. Eu odiava essa situação. Não que eu fosse admitir para Sofie Rhodes.

— Minha divisão libertou um campo na Alemanha — recordou Henry, repentinamente, voltando a atenção para o frango.

Era minha vez de me sentir atordoada. Henry falava tão pouco sobre sua experiência na guerra que eu desistira de perguntar sobre o assunto muito tempo atrás.

— É mesmo? — indaguei, espantada.

— Era abril, como agora — murmurou, quase para si mesmo. — Havia flores silvestres na lateral da estrada que percorríamos, e naquela manhã eu estava pensando em Betsy. Uns anos depois de eu me alistar, escrevi para ela e perguntei como estava. Ela respondeu dizendo que havia se casado e estava grávida. Aposto que o bebê é muito bonitinho, mas eu fiquei aliviado por ela não ter me enviado uma foto.

— Você nunca me contou nada disso.

— Queria que ela soubesse que acabei dando um jeito na minha vida, sabe? Que eu me lembrava dela com carinho e sempre lembraria. E, desde aquela primeira carta, ela escreve para mim a cada poucos meses. Se eu tivesse encontrado uma forma de me casar com ela, teria colhido aquelas flores silvestres na Alemanha e as preservado para trazer para ela.

— E... o campo? — interpelei com cautela. Ele pegou a pinça e tirou um pedaço de frango da panela para descansar em um prato. — Henry?

A porta da frente se abriu com força e Henry se assustou. Ele derrubou a pinça e acidentalmente tocou o prato quente quando tentou pegá-la. Ele gritava de dor e pânico quando olhou para a porta da cozinha e viu um inocente Calvin aparecer.

Desde que os problemas de Henry tinham começado, eu suspeitava de que ele tinha o que chamavam de “neurose de guerra”, embora nunca o tivesse convencido a se consultar com um médico. Um dia, fui à biblioteca de El Paso atrás de mais informações. Um dos livros que a bibliotecária me indicou dizia que, quando um homem tinha neurose de guerra, o trauma da experiência não voltava a ele como memórias, mas como reações. Em momentos como aquele no fogão, realmente parecia que o cérebro de Henry se desligava e cada movimento que ele fazia era puro instinto.

— Henry? — chamei meu irmão em tom suave, mas ele ainda estava olhando para a sala como se não tivesse certeza de onde estava. Falei mais alto, aproximando-me dele novamente, tentando despertar sua atenção. — Henry! Você está bem? Querido, estou aqui com você.

— O que está acontecendo? — perguntou Calvin, preocupado. Henry passou por mim e Cal, pisando duro pelo corredor e saindo em direção ao seu apartamento, batendo a porta telada. Calvin olhou para mim, procurando ferimentos. — Ele te machucou?

— É claro que não! — explodi.

Cinco longos anos haviam se passado desde o fim da guerra. Na maior parte do tempo, eu pensava que tinha aceitado que Henry nunca voltaria a ser como era antes, mas de vez em quando descobria que tinha que sofrer com tudo aquilo de novo. Apontei na direção de meu irmão ao encarar Calvin e disse: — Foi isso que aqueles desgraçados fizeram com ele. E Christopher realmente acha que eu vou convidá-los para um café na minha casa?

— Você sabe que não me importo de ajudarmos Henry, sempre e como pudermos. Mas se a presença dos alemães na cidade for demais para ele, temos de encontrar algum outro lugar para ele ficar, porque essas pessoas não vão sair daqui.

Olhamos fixamente um para o outro. O espaço entre nós era pura tensão. Calvin suspirou com tristeza e saiu da cozinha, como se não conseguisse suportar brigar comigo. Eu entendia. Odiava brigar com ele também.

Eu já me sentia culpada o suficiente pela natureza incomum de nosso casamento. Odiava aumentar essa culpa encontrando-me do outro lado de um desentendimento sem solução fácil.

Mas aquilo era importante. A injustiça da situação era grande demais para que eu pudesse ignorá-la, até mesmo para agradar meu marido.

QUANDO FUI VER HENRY EM SEU QUARTO, UMA HORA MAIS TARDE, ELE ESTAVA deitado na cama, olhando para a parede.

— Você está bem? — perguntei.

— Estou — sua voz ainda rouca. — Sinto muito por tudo aquilo.

— Você parecia muito melhor ultimamente — comentei suavemente. Henry passou o Natal quieto e irritável, mas desde que retornara, algumas semanas atrás, até Cal havia notado como ele parecia estar muito mais calmo. Meu irmão suspirou, dando de ombros de forma evasiva. — Está tudo bem com a sua mão?

Ele rolou em minha direção e levantou o punho. A pele nos nós dos dedos estava machucada e havia um hematoma roxo em formação. Fiquei confusa no início. Perguntara sobre a queimadura do fogão, mas isso era outra coisa.

— Como você fez isso?

— Desculpe — ele apontou para a parede ao lado da porta. Virei-me e vi os quatro buracos que ele tinha feito

com murros na parede de gesso. Engoli em seco. — Vou consertar quando receber meu próximo salário.

— Não se preocupe com isso — falei, mas minha voz estava tensa. De todos os problemas de Henry, esse tipo de violência destrutiva era novo e eu não sabia o que fazer a respeito.

Dei um tapinha carinhoso no ombro dele e me levantei para sair do quarto, mas, quando comecei a andar, ele falou:

— Lizzie?

— Sim?

— Isso não é certo — Henry afirmou. — Essas pessoas virem para cá depois do que fizeram. Às vezes, eu passo pelo Sauerkraut Hill e vejo umas casas muito bacanas lá. Realmente me preocupa saber que as famílias naqueles quarteirões possam não saber quem realmente são seus novos vizinhos. E, além disso, por que esses homens receberam empregos tão bons para trabalhar com o mesmo exército que perdeu tantos homens para derrotá-los?

— Eu sei, Henry. — Dei um suspiro.

— Por que eles vieram pra cá, aliás?

— Os homens não tiveram escolha no começo — lembrei-o. — Eles foram trazidos para os Estados Unidos como prisioneiros. Mas agora eles têm tudo do melhor aqui. Por que sairiam?

Ele suspirou também e se afastou de mim, olhando para a parede novamente.

— Só não é o certo — ele murmurou. — Não é o certo.

Concordei, mas, ao sair do seu apartamento, estava apenas grata por Henry não saber nem metade da história.

13

SOFIE

Berlim, Alemanha 1933

ALGUNS DIAS DEPOIS DE ANUNCIAREM OS RESULTADOS DA ELEIÇÃO, LEVEI AS crianças para visitar a tia-avó de Jürgen, Adele. Abri o portão que separava nossos pátios com Laura no meu colo, que ia mordendo a própria mão e babando no meu ombro. Georg saiu correndo, parando apenas para inspecionar camomilas que desabrochavam pela borda de um canteiro. Ele se agachou para pegar um punhado delas e, em seguida, segurando as hastes com força, deu seus passinhos à minha frente, indo com tudo até a entrada do apartamento de Adele. Quando a encontramos preparando o chá matutino na mesa de jantar da cozinha, Georg correu em sua direção para lhe mostrar as flores.

— *Oma!* — cumprimentou-a. Georg vira Adele praticamente em todos os dias de sua vida, mas toda vez que entrávamos na casa dela ele parecia surpreso em encontrá-la ali. — Flor. Flor azul.

— Essas são flores *brancas*, Georg — ela explicou. Adele fez um grande espetáculo ao pegar o ramalhete improvisado e cheirar as flores como se fossem rosas. Em seguida, colocou o buquê na mesa, pegou minha filha do meu colo e rapidamente enfiou um biscoito duro de gengibre na mão dela. — Mastigue isso. Vai ajudar com as gengivas doloridas.

Eu não tinha ideia da idade de Adele. Ela dizia que era falta de educação perguntar e, se alguém tentasse, ela se

recusava a responder. Ela era a irmã mais velha da falecida avó de Jürgen e ele imaginava que ela devesse ter em torno de oitenta anos. Adele zelosamente usava um chapéu quando saía de casa, até mesmo no inverno, e a pele de seu rosto era surpreendentemente macia. Seu longo cabelo branco estava quase sempre preso em um coque ou, em ocasiões especiais, tranças complexas.

Como Mayim, ela era parte do círculo de nossa pequena família. Adele adorava Mayim e Jürgen e venerava meus filhos. Seus sentimentos por mim eram obviamente mais complicados.

— Por que Sofie? — entreouvi-a perguntando a Jürgen quando eu e ele começamos a namorar. — Ela é mimada. Superficial.

— Ela é maravilhosa — afirmou Jürgen simplesmente. E, embora aquilo me reconfortasse, o fato de eu saber que Adele não aprovava nosso relacionamento pairou sobre nós nos primeiros anos.

Jürgen tinha sete anos quando a casa de sua família em Friburgo foi bombardeada, nos últimos dias da Primeira Guerra Mundial. Seus pais e sua irmã, Ilsa, que ainda era um bebê, faleceram. Adele estava em Berlim, do outro lado da Alemanha, enlutada pela perda de sua própria família, seus filhos e seu amado marido, Alfred, todos mortos na frente de batalha.

— Três míseros telegramas em três terríveis meses, e então fiquei sozinha — ela me contou.

Mas um quarto telegrama chegou. Era de um amigo dos pais de Jürgen, informando Adele de que Jürgen ficara órfão e ela era a única parente que eles puderam encontrar para cuidar dele. A irmã de Adele, avó de Jürgen, falecera anos antes e, até a chegada daquele telegrama, Adele não sabia que seu sobrinho se casara e formara uma família.

Ainda assim, ela mandou seu motorista buscar Jürgen no dia seguinte. Foram dez longas horas de carro, atravessando o país. Desde então, ela cuidara dele. E,

agora, embora ele fosse um adulto com sua própria família, ela, às vezes, ainda o tratava como um bebê.

Ao longo dos anos, acabei me conformando com a relutância de Adele em me aceitar. Também aceitei a realidade de que tinha a obrigação de cuidar dela. Ela fora uma bênção para o meu marido, e isso significava que eu faria o meu melhor para ser uma bênção para ela, quer ela gostasse ou não.

— Como você está? — Ela virou os olhos, como se a pergunta fosse absurda.

— Bem — respondeu, rapidamente mudando sua atenção para Laura. Ela fez cócegas na bochecha da bebê e minha filha soltou um sorriso, abrindo tanto a boca que as pontas inflamadas de seus dentinhos ficaram visíveis na gengiva inferior. — Onde está nossa Mayim hoje?

— Ela parecia ansiosa. Sugeri que fosse visitar os pais.

— Ah, isso é bom — disse Adele, assentindo com a cabeça, satisfeita, mas também surpresa, como se fosse um milagre eu ter feito algo que a agradasse. — Ela precisa deles e eles precisam dela enquanto esperamos para ver o que o grande palhaço fará com este país.

Dei a volta na mesa para encher a chaleira com água. Quando a coloquei no fogão, virei-me para tranquilizar Adele com palavras em que eu mesma não acreditava muito.

— Provavelmente estaremos de volta às urnas antes de nos darmos conta, e o bom senso vai prevalecer. Temos apenas que manter a calma e a paciência.

— Não se atreva a vir à minha casa e falar comigo como se eu fosse uma velha senil idiota, Sofie von Meyer Rhodes. — Adele cuidadosamente colocou Laura em um tapete no chão ao lado de Georg e afundou-se em uma cadeira à mesa da cozinha, lançando um olhar afiado para mim. — Mesmo se houvesse outra eleição amanhã, esses nazistas não honrariam o resultado. Eles surgiram como arruaceiros em 1920 e não fizeram nada além de instigar a

instabilidade desde então. Tenho idade suficiente para saber que a história não é um arquivo: é uma bola de cristal. As pessoas não mudam, e os partidos políticos mudam menos ainda. Desde o nascimento do partido, sua intenção é clara. Eles planejam segregar os judeus da sociedade ariana e remover todos os direitos deles.

— Temos que manter a calma e a cabeça fria — repeti. Eu tinha muita prática em ignorar as reclamações de Adele e sua tendência a fazer julgamentos precipitados. — De qualquer maneira, não há nada que possamos fazer sobre isso agora.

Adele deu um suspiro exausto e voltou sua atenção para as crianças, que estavam sentadas no tapete ao seu lado.

— Só me preocupo com o bem de vocês, jovens. Espero que Deus me leve logo e eu possa estar com o Alfred e nossos meninos, mas você e os seus bebês têm muita vida pela frente, assim como Mayim e sua família. Só não consigo ver como um homem como Hitler possa trazer qualquer coisa que não seja o caos, principalmente para os judeus.

— Poderíamos falar sobre isso o dia todo e mesmo assim não resolveríamos a situação. Vamos falar sobre algo mais agradável.

— Na verdade, há outros assuntos desagradáveis que eu e você devemos discutir — afirmou Adele. Ela inclinou a cabeça para mim. — Venho esperando uma oportunidade para conversarmos a sós. Não pense que não notei que suas obras de arte e seus móveis sumiram nos últimos seis meses. Sei que as coisas estão difíceis para você e Jürgen. Ele me contou que você está determinada a ficar na casa da sua família, e entendo isso, mais do que a maioria das pessoas.

Como eu, Adele crescera em uma família de riqueza considerável, e Alfred havia proporcionado uma vida confortável para os dois. Mas, de repente, Adele se viu com

uma criança pequena para cuidar, logo no início da crise da hiperinflação.

Ela dispensou seus funcionários pessoais e, quando isso não foi suficiente para estabilizar a situação financeira, fez uma reforma, convertendo a enorme casa ancestral de sua família em um conjunto de apartamentos. Ela ficara com o menor deles para ela e Jürgen, passando a alugar o resto. Seu apartamento agora consistia apenas na parte dos fundos do térreo de seu edifício. A sala de estar era um apartamento ocupado por um casal de idosos da Baviera, e a entrada e as escadas eram espaços comuns para todos os inquilinos.

Adele ficou com sua cozinha original, um banheiro e seu quarto, além do mais importante: acesso privado ao seu pátio. Ela havia convertido aquele espaço em uma espécie de fazenda em miniatura, e lá criava galinhas e coelhos, além de manter um pequeno pomar de árvores frutíferas, frutas vermelhas e vegetais, que cresciam em caixas e vasos. Adele tinha uma rede de amigas viúvas por toda a cidade e, nos piores momentos, um fluxo aparentemente interminável de mulheres de cabelos grisalhos a visitava todos os dias, sempre saindo com uma cesta de frutas e verduras. Certa vez, vi a melhor amiga de Adele, Martha Breuer, segurando uma caixa enquanto esperava o bonde. Quando me aproximei dela, uma orelha cinzenta apareceu na parte de cima da caixa.

— Isso é um coelho? — perguntei.

— Dois — ela riu.

— Para onde diabos você os está levando?

— Há uma família pobre no meu quarteirão com um bebê a caminho. Adele insistiu que eu levasse esse casal para eles, para que os animais possam procriar. A família terá carne para o bebê no próximo verão.

Adele era experiente, trabalhadora, teimosa e compassiva. Às vezes, doía saber que ela podia nutrir um

amor sem limites por estranhos, mas ainda parecesse ter pouca afeição por mim.

— Sofie, você e eu também sabemos que meu sobrinho é um homem muito inteligente, mas não sem suas limitações... — Adele deu um suspiro pesado. — Nós duas sabemos que ele provavelmente não encontrará trabalho fora do meio acadêmico e, mesmo quando a economia estabilizar, a renda da sua família será modesta. Qual é o seu plano para o futuro?

— Estamos nos virando — afirmei com dureza.

Mas ela não estava errada sobre as possibilidades de emprego de Jürgen. Na graduação, ele focara em engenharia e física, mas na pós-graduação concentrara-se em foguetes, uma tecnologia ainda incipiente. Na última vez que eu tinha ido a um lançamento da sociedade espacial, observara o pequeno protótipo subir a uma altura de doze a quinze metros, balançar de forma alarmante e despencar diretamente em direção ao grupo de homens que o projetaram, deixando todos eles em pânico. Ninguém estaria disposto a pagar para ele brincar com brinquedos perigosos.

— Por que não pega o dinheiro que sobrou e faz uma reforma, como eu fiz? Você pode transformar os andares de cima em apartamentos e vendê-los ou alugá-los.

— Ninguém está comprando apartamentos agora, tia Adele — observei.

— Uma casa sempre vale alguma coisa, Sofie, mesmo em um mercado ruim — ela respondeu de forma condescendente. — Agora, se você fosse *realmente* esperta, poderia vender tudo e se mudar para cá.

— Alguns dos seus inquilinos estão saindo?

— Ninguém está saindo — ela foi brusca em sua resposta.

— Quis dizer que vocês poderiam se mudar para este apartamento e morar comigo. Ficaria um pouco apertado...

— Um pouco apertado? — repeti, incrédula. Quando Jürgen era pequena, ela o acomodou no único quarto e

passou a dormir no sofá, na cozinha. Ela achava que eu poderia colocar meus filhos na banheira para dormir toda noite? — Tia Adele, essa é uma oferta muito generosa, mas não é prática. Não caberíamos aqui. E para onde iria Mayim?

— Ela teria que ir para a casa dela, claro, mas vocês poderiam morar aqui de graça. O lucro da venda da casa seria suficiente para vocês viverem por um longo tempo, se forem cuidadosos com o dinheiro, independentemente do que aconteça com o emprego de Jürgen...

— Meu pai fez um empréstimo usando a mansão como garantia quando o mercado estava aquecido — eu a interrompi, ruborizada. — Se a vendêssemos agora, perderíamos a casa da minha família e ainda ficaríamos com a dívida. Tudo o que podemos fazer é aguentar e esperar que as coisas melhorem.

— Pensar positivo não é um plano...

— Mas é tudo o que temos — desapareí.

Voltei para a chaleira e a tirei do fogo rápido demais, derramando gotas de água fervente na pele. Xinguei e coloquei a chaleira na pia. Em seguida, deixei escorrer água fria na mão. Manchas pequenas e avermelhadas apareceram na minha pele, mas não me queimei gravemente; meu orgulho estava mais ferido do que a minha mão. Adele levantou-se, aproximou-se de mim lentamente e olhou por cima do meu ombro para minha mão.

— Você sabe que nasci nesta casa e é aqui que pretendo morrer. Mas, Sofie, o apego às casas de nossas famílias não significa que não possamos nos adaptar. Você simplesmente tem que encontrar um caminho para seguir em frente.

Não fiquei para o chá. Peguei as crianças e saí para tratar do meu punho dolorido e meu orgulho ferido em casa.

QUANDO KARL NOS CONVIDOU PARA UM PIQUENIQUE COM ELE E LYDIA NO sábado de manhã, Jürgen e eu ficamos divididos quanto a

aceitar o convite.

— Ele pode ter notícias sobre aquele trabalho, e seria bom saber de uma forma ou de outra — comentou Jürgen, pesadamente. — Além disso, quero perguntar a eles o que pensam sobre essas novas leis.

O governo nazista se aproveitara da Lei de Concessão de Plenos Poderes e tinha aprovado a Lei para Sanar a Angústia do Povo e do Reich. Essa lei permitia que o chanceler e seu gabinete criassem legislação e a consagrassem sem o apoio do parlamento. Hitler argumentou que isso era necessário para trazer estabilidade, mas, para mim, parecia cada vez mais evidente que qualquer instabilidade que sofríamos era resultado de seu projeto e vontade.

— E se não gostarmos das respostas? — indaguei, hesitante.

— Então, pelo menos saberemos que a amizade chegou ao fim — suspirou Jürgen.

Assim, pouco tempo depois, estávamos deitados em um tapete sob um velho carvalho vermelho no parque entre nossas casas, comendo pão de centeio com manteiga fermentada e salame com queijo. Karl e Lydia deixaram seus gêmeos, Horst e Ernst, em casa com a babá, mas Georg e o filho deles de quatro anos, Hans, estavam correndo em círculos ao redor do tapete. Convidei Mayim, mas ela preferiu ficar em casa com Laura.

Passamos alguns minutos contando as novidades, discutindo as palhaçadas das crianças e trocando amenidades. Lydia e Karl se desculpavam repetidamente pela indisponibilidade nos últimos meses.

— Este país está à deriva há muito tempo. Sabíamos que precisávamos fazer nossa parte para garantir o futuro nacional — explicou Lydia.

— O que vocês pensam sobre... — comecei a falar. Então, parei. Parecia tão estranho levantar o assunto da tolerância do novo governo com a violência contra os judeus, e eu não sabia ao certo o motivo, já que sempre pensara em Karl e

Lydia como pessoas razoáveis. Ainda tinha esperança de que estivessem silenciosamente horrorizados com tudo, como Jürgen e eu. Fiz uma nova tentativa. — Eu estava me perguntando o que vocês pensam...

— Vocês estão preocupados com as novas leis, especialmente no contexto das políticas raciais nazistas, não é? — interrompeu Karl, abrindo um sorriso gentil. Assenti com a cabeça e ele acrescentou: — Alinhar-se a um partido político sempre requer certo grau de concessão.

— Você não está preocupado com o fato de Hitler ter transformado o governo em uma ditadura? — questionou Jürgen, cético. Karl negou com a cabeça.

— O parlamento é muito hostil a esse novo governo. De que outra maneira o partido poderia obter estabilidade senão passando por cima dele? — Ele prometeu restaurar a lei e a ordem — Lydia lembrou. — Isso é algo difícil de alcançar sem algumas decisões difíceis pelo caminho.

— E os relatos de que a SA vem fechando empresas de judeus? De que há abuso contra judeus nas ruas? Queimas de livros? — Jürgen fez uma cara feia. — O que vocês pensam dessas coisas?

— Alguns incidentes ocorreram, mas, quanto ao resto, são apenas rumores. — Karl deu de ombros. — Você sabe como eles se espalham, especialmente em certas comunidades.

— De que comunidades você está falando, Karl? — questionou, fazendo uma careta.

— Olhem para aquilo — disse Lydia de repente, e todos seguimos seu olhar para Hans e Georg, sentados lado a lado no chão, com uma pequena coleção de pedras entre eles. — Sofie, devemos reunir mais Hans e Georg. Eles vão se tornar amigos queridos, assim como nós quatro. — Karl se virou para olhá-los também e sorriu suavemente com a visão. Mas Jürgen e eu trocamos um olhar. A conversa obviamente terminara, mas eu não me senti nada tranquila.

— **S**OBRE O QUE VOCÊ E KARL ESTAVAM FALANDO HOJE QUANDO SE AFASTARAM de nós? Ele mencionou o emprego? — indaguei Jürgen mais tarde naquela noite, quando já estávamos na cama. Ele tinha permanecido incomumente quieto durante o jantar. Quando Georg fazia caretas engraçadas, e Mayim e eu dávamos as risadas que ele claramente esperava, Jürgen mal esboçara um sorriso.

Mas estávamos casados há tempo suficiente para eu saber que Jürgen precisava da proteção da noite para se abrir sobre suas preocupações. Então, no minuto em que coloquei a cabeça no travesseiro, minha curiosidade foi satisfeita.

— Você se lembra de algumas semanas antes da eleição, quando a sociedade espacial fez seu último lançamento? — perguntou Jürgen.

— Sim, lembro.

— Karl levou algumas pessoas sem nos avisar. Acontece que eram oficiais seniores do Partido Nazista.

Aquilo me chocou. Sentei-me e acendi o abajur do meu lado. Em seguida, virei-me franzindo o rosto para ele. Jürgen também se sentou e pegou os óculos na mesinha ao lado da cama. Olhamos fixamente um para o outro.

— Você sabia quem eles eram naquele dia?

— Não, não sabia. Mas me senti humilhado e, francamente, irritado com Karl por ter levado aquelas pessoas, fossem quem fossem. Porém, fora isso, não pareceu importar muito naquele dia. — Jürgen respirou fundo. — Só que os nazistas querem criar seu próprio programa de foguetes. Karl me contou hoje que o emprego que ele tem para me oferecer seria com uma nova divisão dentro do exército.

— Um emprego? Com *foguetes*? — Eu estava tão espantada com isso que não consegui conter meu choque.

— Você nunca levou meu trabalho a sério — Jürgen disse abruptamente. Ele estava certo, eu nunca o havia feito. Mas por um bom motivo.

— Seus foguetes explodem em pelo menos metade dos testes! Inclusive, aconteceu nesse mesmo lançamento que estamos discutindo, se me lembro bem. Não foi isso? — ele não tentou responder, então pressionei. — Ele flutuou...

— Ele *voou*, Sofie. Foguetes não *flutuam*. Eles são impulsionados pela força...

— ... por quinze segundos. Então, explodiu. Você não disse que uma parte dos destroços atingiu um dos membros da sociedade espacial e fez um buraco no casaco dele? — Ao ouvir isso, Jürgen ficou em silêncio. Suspirei sem paciência. — Tenho o direito de ser um pouco cética. Você fala sobre ir à Lua com algo que não se ergue a mais de uns poucos metros do chão.

— Você realmente acha que eu investiria todos esses anos no estudo dos foguetes se não fossem uma tecnologia viável? No momento, nossos protótipos não são confiáveis, mas, inevitavelmente, eles serão aperfeiçoados. Cada lançamento fracassado é um experimento com o qual podemos aprender.

— Eles ofereceram empregos a todos do grupo de foguetes?

— Karl e eu para começar, embora eu suspeite que os outros serão chamados em breve. Apesar de seu interesse pelos foguetes, Karl não é um cientista. Ele será responsável pelos aspectos empresariais do programa, e eles querem que eu lidere o lado técnico.

— E o objetivo é enviar um homem para o espaço? — indaguei, porque ainda parecia tão improvável que eu mal podia acreditar nos meus ouvidos. Os foguetes do grupo de Jürgen não eram apenas defeituosos, eles tinham o tamanho de um brinquedo.

— É possível que tenham um motivo oculto.

— E que motivo poderia ser?

— Sofie. Pense nos testes que você acompanhou. Na metade das vezes, os foguetes explodem, não? — Fiquei olhando para ele sem expressão, e ele continuou: — Eles

explodem... como bombas. Esse é um efeito colateral lamentável da volatilidade do combustível. Agora, imagine o que eles poderiam fazer se os usássemos intencionalmente como dispositivos explosivos.

Para mim, eles sempre pareceram brinquedos perigosos, brinquedos tolos. Mas em um instante entendi que, nas mãos erradas, esses “brinquedos” poderiam ter um propósito distintamente sombrio. Os amigos de Jürgen sempre haviam sido muito cuidadosos ao manusear os foguetes, mas, mesmo assim, de vez em quando alguém se machucava. No melhor teste que conseguiram fazer, o foguete ficara no ar por cinco minutos antes de explodir, mas explodiu mesmo assim.

— Você acha que eles querem... *transformá-los em armas?*

— Tentar chegar ao espaço faz sentido em termos de reconstruir nossa reputação internacional. Simplesmente levar um dispositivo ao limite da atmosfera atrairia elogios do mundo todo.

— Seria incrível — murmurei. — Mas é possível?

— Com a equipe e o orçamento certos, tenho certeza de que seria possível produzir foguetes capazes de viajar por muitos quilômetros.

— Quantos quilômetros?

Eu quase podia ver as engrenagens girando em sua mente enquanto ele pensava na minha pergunta. Depois de um momento, ele disse:

— A Lua está a trezentos e vinte mil quilômetros de distância e, embora eu ainda acredite que isso possa ser feito, não estou convencido de que o testemunharei em minha vida. O limiar do espaço está a cerca de noventa e seis quilômetros... Com dinheiro suficiente e algumas décadas de desenvolvimento, provavelmente é possível. O problema é que, mesmo se projetássemos um foguete que possa viajar por essa distância na vertical, teríamos projetado inadvertidamente um dispositivo explosivo capaz

de ser lançado para longe de seu ponto de decolagem. — Diante do meu olhar vazio, ele explicou com paciência: — A gravidade é uma força imensamente poderosa. Eles só precisariam desenvolver maneiras de gerenciar o ângulo da queda para atingir o ponto de impacto. É um pensamento hediondo, mas um foguete bem projetado poderia bombardear países a alguma distância, sem a necessidade de ser transportado por um piloto de avião.

— Mas o rearmamento está proibido, segundo os termos do Tratado de Versalhes. E foguetes explosivos... *bombas*...

— Ah, pois é... aí está o truque, não é? O tratado não menciona foguetes — suspirou Jürgen. — Apenas algumas pessoas no mundo tinham ouvido falar do conceito em 1919, quando o tratado foi escrito.

— Ah.

— Se um representante de qualquer outro chanceler tivesse oferecido esse emprego para mim, eu acreditaria que o objetivo era uma missão espacial, sem pensar duas vezes.

— Desde que nos conhecemos, você sempre imaginou que um dia alguém te pagaria para trabalhar nesses protótipos.

— Minha renda da universidade agora é, no melhor dos casos, imprevisível. Não sou um ótimo professor, mas poderia ser ótimo nisso. E estamos correndo o sério risco de perder esta casa. Mas apesar disso tudo...

— É arriscado demais — completei, baixinho. — Se você aceitar o trabalho e os nazistas o obrigarem a transformar os foguetes em bombas, será tarde demais para protestar. — Jürgen assentiu com a cabeça. Ele parecia aliviado por eu também ter chegado a essa conclusão rapidamente. A porta se fechou no minuto em que se abriu, mas eu estava aparentemente disposta a me torturar, porque perguntei: — Karl mencionou o salário?

— O orçamento é praticamente ilimitado. O salário é compatível com a importância do meu conjunto único de

interesses e habilidades. Eles estão se instalando em Kummersdorf, mas me dariam um carro para fazer o trajeto. Eles até pagariam para eu concluir minha tese de doutorado enquanto trabalho. Mas se essa tecnologia funcionar da maneira que imagino, pode ser cooptada para se tornar a arma mais destrutiva que o homem já viu. Eu estaria colocando esse poder nas mãos de um regime que já me aterroriza.

Caímos em silêncio. Depois de um tempo, Jürgen me pediu para apagar a luz. Nós nos mudamos de posição, lado a lado, com as mãos entrelaçadas. Fiquei olhando para o teto por um longo tempo. Quando o despertador ao lado da nossa cama marcou uma da manhã, Jürgen pigarreou.

— Sinto muito. Quero dar tudo a vocês, proporcionar o tipo de vida que você, Georg e Laura merecem — sussurrou. — Mas os riscos são grandes demais. — Depois de um momento, sua mão apertou a minha. — Você entende, não entende?

— Claro que sim — concordei tristemente.

— Os nazistas são perigosos, meu amor.

— Eu lhe disse logo de cara. Sei que você não pode aceitar o trabalho... — Ele meneou a cabeça e eu fiquei quieta, franzindo o cenho. — Bem, o que você quer dizer?

— Só quero ter certeza de que estamos na mesma página a esse respeito, caso eles façam alguma pressão para nos obrigar a aceitar — ele pontuou, em um tom gentil.

— Por que acha que eles fariam isso? — eu estava alarmada.

— Há poucas pessoas na Alemanha *capazes* de fazer esse trabalho. É mais um motivo para eu recusar, mas precisamos entender que eles podem não gostar.

— O que quer que aconteça — prometi —, apoio sua decisão.

Era uma promessa fácil de se fazer na calada da noite, sem saber que a decisão já fora tomada por nós.

14

LIZZIE

Huntsville, Alabama 1950

DURANTE A GUERRA, CAL FORA UM ENGENHEIRO AERONÁUTICO NÃO MILITAR na divisão de aviação experimental de Fort Bliss. Terminado o conflito, ele foi discretamente promovido para um projeto tão confidencial que, no início, não me contou nada a respeito.

Eu não tinha muita coragem de pressioná-lo para ter mais detalhes, distraída como estava pelo comportamento de Henry depois da guerra. O resto do mundo estava comemorando, mas meu irmão dormia a qualquer hora do dia e da noite, e irritava-se sempre que eu tentava incentivá-lo a sair de casa. Então, veio a bebida e, depois disso, ele começou a desaparecer por dias, voltando sem dinheiro ou machucado, às vezes apenas desanimado.

Depois de um ano, Henry me disse que precisava se reerguer sozinho e anunciou que estava deixando El Paso. Tentei convencê-lo a ficar, assim como Cal, mas Henry estava convencido de que sabia o que era melhor para si. Estávamos preocupados, mas ele era um adulto. Tivemos que deixá-lo ir.

Calvin me contou a verdade sobre seu novo emprego só depois que Henry foi embora. Ele supervisionava um grupo de cientistas altamente treinados e especializados, que haviam sido capturados na Alemanha após o fim da guerra e trazidos para os Estados Unidos como parte da Operação Paperclip.

Soube de imediato que havia algo de podre naquele acordo. Mesmo se meu bom senso não me dissesse que trazer um bando de cientistas alemães para os Estados Unidos fosse uma má ideia, o tom tenso e inquieto de Calvin o faria.

— Há dossiês sobre cada um deles — ele comentou de forma séria. — Li todos. A impressão que passam é de que esses homens eram gênios que passaram a guerra fazendo descobertas científicas. Aparentemente, têm as mãos limpas.

— Mas você não acredita que isso seja verdade.

Cal tirou os óculos e esfregou os olhos.

— Ninguém pode saber o que vou lhe contar, Lizzie. Isso tem que ficar entre nós dois.

— Claro.

— É tudo conveniente demais. Perguntei a Newsome quando ele esteve na cidade na semana passada. No início, ele insistiu que os dossiês eram totalmente verídicos. Só quando realmente o pressionei ele admitiu a verdade. Parece que... talvez *a maioria*... dos cientistas alemães com quem estou trabalhando *participou* ativamente das atividades do Partido Nazista. Ele até encontrou evidências de que alguns dos cientistas seniores eram oficiais da SS.

Minha boca ficou seca. Eu acompanhava as notícias sobre os julgamentos de Nuremberg tão de perto que beirava a insalubridade. Sabia muito bem por quais atrocidades a SS tinha sido responsável.

— Esses alemães devem ter mentido para os nossos oficiais! Nosso governo nunca permitiria conscientemente que gente assim viesse para cá — retruquei, enojada.

— Truman só autorizou a Operação Paperclip com a condição de que nenhum membro do Partido Nazista fosse incluído. Mas as habilidades que esses homens têm para nos oferecer são valiosas demais. Até os alemães juniores com quem estou trabalhando têm habilidades muito superiores às de qualquer americano na minha equipe. Um

cientista alemão sênior foi considerado tão importante que uma tropa de soldados dos Estados Unidos foi enviada a Berlim para capturá-lo antes que a confusão advinda da rendição alemã diminuísse. Vidas americanas foram colocadas em risco para assegurar a integridade do conhecimento daquele homem. Posso facilmente imaginar os oficiais do Ministério do Exército olhando para alguém como ele e decidindo ocultar sua história.

— Christopher Newsome não pode estar confortável com essa situação — ponderei nervosamente.

— Ele disse que acabou cedendo à lógica da situação. Além disso, acredita que aqueles que se envolveram com o partido foram provavelmente forçados a se filiar.

— Forçados... — zombei. — Nenhuma circunstância na Terra nos convenceria a nos filiar ao Partido Nazista.

Calvin me lançou um olhar desamparado.

— Foi exatamente o que eu disse.

— Você não tem o direito de saber com quem está trabalhando? Esses homens podem ser assassinos, Calvin — pressionei.

— Estou frustrado e preocupado, é claro. Mas acho que tenho que me lembrar de que esses alemães estão presos em uma base e não são uma ameaça a ninguém em Fort Bliss. Podemos aprender com eles agora e depois mandá-los de volta para enfrentar um julgamento, se for necessário.

Porém, com o passar dos anos, cada vez mais cientistas alemães foram trazidos do outro lado do Atlântico. E, à medida que a equipe se expandia, o mesmo ocorria com seus privilégios, até chegar ao ponto em que os alemães viviam e trabalhavam na base, mas tinham liberdade de fazer o que quisessem. Calvin protestou ferozmente contra isso, mas em vão.

— Então... esses homens ainda vão enfrentar um julgamento quando terminarem de dividir o conhecimento deles com vocês? — questionei Calvin certo dia.

— Eu achava que esse era o plano, mas pelo jeito eles receberão ofertas de trabalho permanente. Talvez até cidadania.

— Mas você disse... você disse que alguns eram membros do partido. Que alguns até podem ter sido oficiais da SS! — exclamei, furiosa. — Não podemos deixar que se tornem americanos. Como fica a justiça para as vítimas que eles fizeram?

— Não estou contente com isso também, Lizzie. Mas esses homens podem realmente mudar o mundo. Suas habilidades e seu conhecimento podem ser a base de um programa espacial. Para o espaço! Um cientista sênior está convencido de que podemos enviar um homem à Lua. E quer saber? Estou começando a acreditar nele.

— Para a Lua? — repeti, encarando-o sem acreditar.

— Se trabalharmos com esses homens? Sim. Essa é uma oportunidade única — Jürgen comentou de forma apaixonada. — Nunca fiz nada de notável na minha vida, Lizzie. Nós nem temos filhos. Mas se eu fizer a concessão moral de trabalhar com esses alemães, poderei entrar para a história como o homem que levou este país ao espaço. Esse pode ser meu legado. Espero que você entenda.

Nosso relacionamento era complicado, mas eu amava meu marido e queria agradá-lo. Eu podia ver que ele desejava minha aprovação, mas eu não podia fazer isso. E, no fim das contas, ele não precisava dela, na verdade.

Implorei-lhe para que buscasse outro emprego, mas ele permaneceu no programa assim mesmo. E, pela primeira vez em mais de onze anos de casamento, estávamos em lados opostos de uma divisão moral, sem um ponto comum.

15

SOFIE

Berlim, Alemanha 1933

ESTÁVAMOS JANTANDO QUANDO BATERAM À PORTA DA FRENTE. AS CRIANÇAS estavam agitadas e Mayim e Jürgen se revezavam para cuidar delas, mas eu acabara minha refeição, então apontei para meu prato enquanto me levantava.

— Eu atendo.

— Estamos esperando alguém? — perguntou Jürgen.

Neguei com a cabeça e abri a porta. Fiquei chocada ao encontrar Karl na soleira, carregando um pequeno modelo de foguete montado em um suporte. Alguns dias haviam se passado desde que Jürgen dissera a Karl que não aceitaria o emprego. Ficamos ambos surpresos com a tranquilidade com que Karl recebera a recusa, mas, naquele momento, meu coração ficou apertado ao perceber que ele não a aceitara realmente. Karl exibiu um sorriso charmoso para mim.

— Sra. Von Meyer Rhodes — disse alegremente. — Como está nesta noite?

Vinha sendo razoavelmente fácil manter Lydia e Karl fora de nossa casa desde que havíamos demitido os funcionários. O parque entre nossas residências era geralmente uma opção melhor para nos encontrarmos, já que a nossa casa tinha apenas um pequeno pátio e Hans e Georg amavam correr. Quando essa opção falhava, eu sempre sugeria a casa deles. Era duas vezes maior do que a

nossa, com amplos jardins, e Lydia sempre ficava feliz em receber convidados.

Eu sabia que Karl e Lydia ficariam sabendo de nossos problemas financeiros mais cedo ou mais tarde, mas estava decidida a adiar isso o quanto fosse possível. Com a chegada inesperada de Karl pela primeira vez, temia que o momento finalmente houvesse chegado.

— Karl, não estávamos esperando você — disparei.

Seu sorriso charmoso não se alterou.

— Eu sei. E me desculpe por aparecer sem avisar. Espero que você e Jürgen possam me conceder alguns minutos do seu tempo.

— A casa está um pouco bagunçada, Karl...

Aquela parte, pelo menos, era verdade.

— Sofie, por favor, estou aqui como amigo, embora também a negócios. Não pude oferecer o emprego a Jürgen até que ele tivesse sido investigado em detalhes. Fiquei surpreso como todos ao saber de seus problemas financeiros. — Ao perceber meu espanto, ele ergueu a mão para me tranquilizar e seu olhar suavizou. — Estou aqui para ajudar, minha amiga. Ambos sabemos que vocês não podem se dar ao luxo de Jürgen recusar o emprego.

— Por que você não espera no escritório de Jürgen? — falei em tom sério, apontando para a porta no corredor.

— Olá, Karl — disse Jürgen, aparecendo atrás de mim.

— Vou fazer um chá... — comecei a falar, mas fui interrompida por Karl.

— Na verdade, Sofie, gostaria que você nos acompanhasse.

Franzi o cenho, olhando para ele e para Jürgen, que encolheu os ombros, confuso.

— Deixe-me pedir para a Mayim ficar de olho nas crianças.

Quando retornei para o escritório, Karl e Jürgen estavam sentados um de frente para o outro perto da janela. O

pequeno modelo de foguete estava sobre a estante de livros de Jürgen. Olhei para aquilo e fechei a porta.

Karl acompanhou meu olhar.

— Esse foi um dos nossos primeiros protótipos na sociedade espacial — ele comentou. — Falhou, lembra?

Jürgen assentiu lentamente com a cabeça.

— Eu o guardei, pensando que, quando aperfeiçoássemos a tecnologia, você e eu poderíamos olhar para esse modelo e nos maravilhar com quão longe tínhamos chegado. Quando você ligou pra mim alguns dias atrás, me ocorreu que poderia ser um bom presente, então aqui está. — Seu olhar se virou para Jürgen. — Queria lembrá-lo do sonho que compartilhamos por todos esses anos.

Forcei um sorriso, mas Jürgen ainda parecia acabrunhado. Sentei-me ao seu lado e ele imediatamente pegou minha mão.

— Já lhe disse pelo telefone — começou Jürgen, calmamente. — Esse trabalho não é para mim. Estou feliz na universidade. Estamos nos virando...

— Isso simplesmente não é verdade e todos sabemos, então vamos deixar de fingimento? — interrompeu Karl, impaciente. — Vamos nos concentrar em algo mais importante, maior que as suas finanças. Você consegue imaginar como o mundo reagiria se estivéssemos a ponto de fazer o primeiro voo espacial? Se você não quer aceitar o trabalho para resolver os problemas financeiros da sua família, então pelo menos o aceite por seu país. Jürgen, você pode ser fundamental para a restauração da nossa reputação no cenário internacional.

— Você pode me garantir que qualquer foguete potencial desse programa nunca será transformado em arma? — questionou Jürgen de forma franca.

Prendi a respiração e olhei para Karl, que respondeu calmamente:

— O Tratado de Versalhes proíbe que nos rearmemos.

— Não sou idiota, Karl.

Meu comportado marido raramente levantava a voz, e isso me causou um sobressalto. Karl o encarou de maneira impassiva.

— Estou sendo tão direto quanto possível. O objetivo é o *espaço* — ele foi categórico. — Não se trata de desenvolver foguetes para os nazistas, e certamente não se trata de desenvolver armas para Hitler. É como aceitar um emprego de planejador urbano na prefeitura de Berlim, ou de secretário no Departamento de Saúde: você trabalhará para o povo da Alemanha, seja qual for o governo corrente.

Eu podia ver que Jürgen não estava convencido. Ele ainda apertava os lábios e seus ombros estavam rígidos. Permanecemos sentados em silêncio por um longo e tenso momento, então o tom de Karl repentinamente suavizou ao apelar para nós.

— Jürgen... Sofie. Apenas me prometam que vão pensar sobre o assunto, ok? Essa é uma chance única na vida. Como amigo de vocês, não suportaria vê-los deixar essa chance passar, especialmente agora que sei o quanto precisam do dinheiro.

Jürgen olhou para mim e sutilmente fez um não com a cabeça. O fato de Karl nos pressionar tanto apenas reforçava minha sensação de que esse emprego não traria nada de positivo para Jürgen. Vi o alívio nos olhos do meu marido.

— Sinto muito, Karl — disse ele. — O trabalho não é para mim.

Karl pareceu frustrado. Ele se levantou, e Jürgen e eu o acompanhamos até a porta da frente. Ali, ele fez uma pausa.

— Sou amigo de vocês e compreendo sua decisão. Só espero que saibam que pode haver outros que não demonstrem a mesma compreensão.

MENOS DE UMA HORA DEPOIS DE TER SAÍDO PARA O TRABALHO NO DIA seguinte, Jürgen retornou para casa e me chamou ao entrar.

Encontrei-o em seu escritório, de pé ao lado da mesa, encarando uma grande caixa com uma expressão distante no rosto.

— Que diabos você está fazendo em casa tão cedo?

— O professor Koch disse que a decisão veio de cima. De gente acima até do reitor. Ele me disse que não tiveram escolha além de me demitir.

— Quem não lhes deixou escolha? — quis saber, em um tom firme. Jürgen abriu a caixa e retirou uma pasta, colocando-a dentro da gaveta. — Jürgen, *quem?* Karl?

Ele ficou quieto, abriu a caixa novamente, retirou um livro e permaneceu em silêncio enquanto atravessava o cômodo para colocá-lo em uma prateleira. Quando se virou para mim, fiquei espantada com sua palidez.

— Não importa quem foi, porque sabemos por que o fizeram.

NAQUELA NOITE, JÜRGEN E EU NOS SENTAMOS À MESA DA SALA DE JANTAR COM Adele e Mayim, tentando encontrar uma alternativa para o trabalho no exército.

— Minimizem as perdas. Vendam a casa — vaticinou Adele. — Venham morar comigo.

— Vou voltar para a minha casa — disse Mayim. — Não será tão ruim.

— Tia Adele, simplesmente não há espaço suficiente, a menos que se despeje um inquilino, e todos sabemos que a senhora jamais seria capaz de fazer isso — afirmou Jürgen, gentilmente. — Além disso, mesmo se aceitássemos, a senhora não teria como nos sustentar para sempre. Eu ainda teria de encontrar um emprego.

— Talvez eu pudesse procurar um emprego — falei. Todos ficaram olhando para mim. Fiz uma cara feia. — Quê?

— Você tem tanta qualificação quanto eu para conseguir um emprego — apontou Mayim. — E eu nunca nem cheguei perto de conseguir trabalho.

— Mesmo se eu encontrar outro emprego, quem garante que isso não aconteceria novamente? — Jürgen pareceu frustrado. — Quem quer que tenha exigido minha demissão detém um imenso poder, e deve querer desesperadamente que eu entre naquele programa.

— Ainda estamos discutindo como se você tivesse alguma escolha — suspirou Adele. — Os homens que causaram sua demissão provavelmente são os mesmos que comandam o país. Hoje eles estão brincando com a sua carreira. O que eles tentarão a seguir se isso falhar?

Depois de uma noite sem dormir, levantamos e encontramos uma carta do banco no piso do saguão de entrada, inserida pelo vão para correspondências enquanto estávamos na cama. Observei ansiosamente Jürgen rasgar o envelope para abri-la.

— O que ela diz? — indaguei, embora já tivesse uma ideia.

Ele ergueu os olhos para minha direção, cheio de frustração e vergonha.

— Eles foram avisados de uma mudança nas minhas circunstâncias de emprego, e se eu não puder provar que temos uma fonte de renda para cobrir a hipoteca, o empréstimo será suspenso.

— Encontraremos uma solução, meu amor. — Ele lançou um olhar frustrado para mim e foi para o escritório, fechando a porta com firmeza.

Mayim e eu levamos as crianças para visitar Adele depois daquilo. Eu tentava com muito esforço permanecer calma, mas quando me sentei com minha xícara de chá fumegante, só podia pensar em Jürgen sozinho em seu escritório.

— Eles dizem que esse programa tem a ver somente com o espaço — revelei. Mayim e Adele olharam para mim. — Sempre foi o sonho de Jürgen trabalhar com foguetes. Se ele tiver que aceitar esse emprego, pode não ser tão terrível para ele.

Adele deu um suspiro e negou com a cabeça, olhando frustrada para mim.

— Lembre-se do que vou lhe dizer, menina. Se Hitler deseja desenvolver um programa de foguetes, pode apostar o último Reichsmark da sua bolsa que, em algum momento no futuro, eles serão usados para machucar alguém.

Mas, em apenas dois dias, os nazistas levaram nossa única fonte de renda e ameaçaram nosso lar. Sabíamos que a pressão só aumentaria se continuássemos a resistir, e tínhamos tão pouco sobrando... apenas as coisas mais importantes em nosso mundo: nossa família e nossas vidas. Quando chegamos a essa conclusão, recusar não era mais uma opção. Ao final da semana seguinte, Jürgen assumiria seu novo cargo civil muito bem remunerado nas instalações do exército em Kummersdorf.

16

SOFIE

Huntsville, Alabama 1950

JÜRGEN E EU CONCORDAMOS QUE DEVERÍAMOS TENTAR SEGUIR UMA ROTINA O mais rápido possível. Um grupo inteiro de crianças alemãs começaria o ano letivo na escola na segunda-feira depois da festa, e Gisela estaria entre elas.

Ajudei-a a colocar seu vestido favorito e fiz duas longas tranças em seu cabelo. Em seguida, mostrei o almoço que preparara: pão de centeio escuro com salsicha de fígado, além de biscoitos *Elisenlebkuchen* com castanhas para o lanche. Ela mal conseguiu esboçar um sorriso.

— Você está pronta para ir? — perguntou Jürgen quando nos encontrou na cozinha, vestido para o trabalho. Ele comprara um segundo carro para mim, mas só chegaria no fim da semana, e eu precisava de tempo para me familiarizar com as leis de trânsito de qualquer forma. Então, nesse meio-tempo, ele deixaria Gisela na escola, e Felix e eu a buscaríamos a pé depois.

— Mamãe — sussurrou Gisela. — Estou tão nervosa.

— É só ficar com as outras crianças alemãs. Vocês estão no mesmo barco, mas a melhor maneira de aprender uma nova língua é pela imersão. Não é verdade, papai?

— Com certeza — assentiu Jürgen, em inglês. Gisela lançou mais um olhar aterrorizado para mim e o seguiu pela porta. Assim que eles saíram, agachei-me para ficar no nível do olhar de Felix. Ele se escondera debaixo da mesa de jantar.

— Você já está pronto para sair, rapazinho?

— Ele já foi? — perguntou Felix, olhando por todos os lados do cômodo ansiosamente.

— Ele é o seu papai — repreendi-o com delicadeza. — Você vai ter que se acostumar com ele mais cedo ou mais tarde.

— Mais tarde — decidiu Felix. Ele saiu e prendeu o braço em volta da minha coxa, apoiando a cabeça em mim. Toquei seus cachos macios. — Café da manhã, mamãe?

QUANDO FELIX TERMINOU DE COMER E SE VESTIR PARA O DIA, EMBRULHEI uma das porções extras de Elisenlebkuchen com papel pardo e caminhamos de mãos dadas em direção à casa de Claudia. Bati à porta e, quando ela abriu, ofereci o embrulho.

— Trouxe um presentinho para você — sorri. — Pensei que talvez pudéssemos tomar um chá ou café? Para nos conhecermos melhor?

Ela tentou alcançar o pacote, mas não se moveu para fora da soleira. Em vez disso, inclinou a cabeça para mim.

— Não esqueci como era horrível naquela época — ela disse, baixando a voz ao olhar para Felix. — Às vezes, você tinha que pagar um preço só para manter sua família viva. Entendo isso. Mas é verdade?

— Não sei o que você quer dizer — respondi.

Ela franziu as sobrancelhas.

— Acho que sabe, sim. Você pode honestamente me dizer que Jürgen não estava envolvido com o que acontecia em Mittelwerk?

Como uma única palavra podia ter tanta força? Assim que Claudia disse *Mittelwerk*, meu estômago revirou, e uma onda de vergonha e culpa me atingiu, tão poderosa que balancei com sua força. Felix obviamente não sabia de nada daquilo. Ele puxou minha mão, impaciente por querer entrar para brincar com o filho de Claudia, Luis. Eu planejava contar tudo para meus filhos em algum momento, mas ele

não tinha nem cinco anos de idade. Ainda não era hora de ele entre ouvir uma conversa como a que Claudia estava tentando iniciar.

Minha voz saiu pesarosa quando respondi:

— Como você disse, Claudia, as coisas foram muito difíceis durante a guerra.

— Alguns dos meus amigos se filiaram ao partido ou passaram a ignorar os ataques abusivos aos judeus nas ruas — ela disse, duramente. — Essas coisas eu posso perdoar. Mas eu certamente imponho um limite ao se tratar da administração de um... — Seu olhar foi de mim para Felix quando ela disse de forma dramática: — *Campo de trabalho forçado*.

— Ele não administrou campo nenhum — retruquei furiosamente. Mas então suspirei, sabendo que já perdera essa batalha. — Que tal nos sentarmos? Posso contar a história toda enquanto as crianças brincam. Não tivemos escolha sobre o que aconteceu.

Eu tinha certeza de que, se Claudia me escutasse, ela entenderia a posição impossível em que Jürgen e eu nos encontramos. Mas ela já tinha uma opinião formada. Entrou na casa novamente e lançou um olhar nefasto para mim.

— Sempre há uma escolha, Sofie. *Sempre*.

Ela fez menção de fechar a porta, mas eu não podia deixar a conversa acabar daquela maneira, então a impedi, mantendo a porta aberta com um pé. — Pelo que entendo, você e Klaus moraram bem longe de Berlim durante a guerra — falei com firmeza. — E vocês são mais jovens do que nós. Suponho que Klaus ocupasse um cargo de pouca importância no trabalho naquela época. Você não sabe o que *vocês* teriam feito se estivessem em nossa posição.

Claudia ergueu o queixo.

— Na verdade, nós nos recusamos a nos filiar ao partido, e isso fez com que Klaus não fosse agraciado com promoções nem tivesse aumento de salário. Algumas vezes,

aquelas pessoas tornaram nossa vida muito desconfortável. Mas, mais importante, mantivemos nosso amor-próprio. — Ela deu uma olhada para Felix e acrescentou: — Entendo que Klaus e Jürgen trabalhem juntos, isso é inevitável. Mas lutei muito para distanciar meus filhos da influência da ideologia nazista. Tenho certeza de que você entende por que eu não quero que eles se misturem com a família de um homem que a promoveu.

— Mas...

— Com licença. Preciso arrumar a casa.

Ela empurrou a porta e eu não tive escolha além de tirar o pé. Assim que a fechadura foi trancada, olhei para Felix, que me encarava com grandes olhos tristes.

— Vou brincar com o Luis hoje, mamãe?

— Hoje, não — respondi seriamente, virando-me para voltar para casa.

Uma angústia quis me dominar, mas busquei afastá-la. Eu tinha que manter a perspectiva. As coisas nos Estados Unidos eram mais complicadas do que eu esperava, mas ainda não tão ruins quanto tudo que já havíamos suportado.

SOFIE

Berlim, Alemanha 1935

CERTA VEZ, QUANDO EU ERA MAIS NOVA, PASSEI FÉRIAS COM MEUS PAIS EM UM resort em Étretat, na França. Eu era fascinada por L'Aiguille, a famosa formação rochosa em forma de agulha, bem como pelos arcos de rocha que davam voltas sobre o oceano. Mas minha atração favorita era uma pequena caverna, escondida na outra ponta da praia, do lado oposto ao do resort. Eu explorara seus cantos e fendas durante toda a semana. Na última manhã, sentei-me com a minha babá na entrada da caverna, observando as ondas chegarem até nossos tornozelos.

— Como isso aconteceu? — perguntei a ela. Olhei para o teto rochoso e senti um arrepio de adrenalina ao pensar no peso do famoso alabastro calcário da costa acima de nós.

— Uma caverna como esta se forma ao longo de muito tempo — a babá respondeu. — Milhões de anos. Cada onda desgasta só um tiquinho de rocha. A caverna está se expandindo, mesmo nesta semana. Mas acontece de forma muito lenta para que possamos ver.

Pensei muito sobre isso depois que os nazistas chegaram ao poder e as políticas antissemitas se iniciaram. As novas leis eram tão específicas no começo que atraíram poucos protestos. Primeiro, veio a Lei para a Restauração do Serviço Público Profissional, que obrigava os servidores públicos a comprovar ascendência ariana. A maior parte conseguiu fazer isso com facilidade. Os funcionários com ascendência

judia, como o pai de Mayim, Levi, foram discretamente demitidos.

Depois veio a limitação do número de estudantes judeus em certas escolas e faculdades. Poucos além daqueles diretamente afetados compreenderam o impacto disso. Quando as restrições vieram para os médicos judeus, suas licenças não foram revogadas, pelo menos não de início. Eles ainda podiam atender, só não podiam reivindicar reembolso de fundos públicos de seguro-saúde. Quem protestaria contra uma pequena mudança administrativa? Não os médicos arianos, isso era certo, já que se beneficiariam quando seus concorrentes judeus fossem à falência. A essa altura, o resto de nós estava inundado da propaganda que pintava os judeus como gananciosos e obcecados por dinheiro. Poucos prestaram atenção quando os médicos judeus tentaram protestar.

Centenas de decretos desse tipo foram aprovados, um por um. É assim que uma sociedade educada dá lugar ao caos. O colapso que vem no final do processo é uma consequência da erosão ao longo do tempo.

A mudança estava acontecendo com Lydia e Karl também, muito antes de eu reconhecê-la. Aquela distância educada entre os Zu Schiller e Mayim já era fácil de explicar. Mas, lentamente, o padrão de eles convidarem a mim e Jürgen para este ou aquele passeio, deixando Mayim completamente fora da equação, tornou-se enraizado.

— Talvez Mayim possa vir junto? — sugeri um dia, quando Lydia nos convidou para a ópera.

— Ah, tenho apenas quatro convites — respondeu. E, então, algumas semanas depois, quando eu queria levar Mayim para um jantar: — Karl e Jürgen precisam conversar sobre o assunto dos foguetes, e você sabe como tudo isso é confidencial.

Depois, Lydia ligou para planejar uma visita ao zoológico de Berlim no aniversário de Horst e Ernst. Enrolei o fio do telefone em minha mão, nervosa ao sugerir:

— Mayim poderia se juntar a nós. Ela ama o zoológico e será de grande ajuda com as crianças.

— Ah, sem babás desta vez. Melhor se formos apenas nós, eu acho — sugeriu Lydia despreocupadamente.

— Você sabe muito bem que Mayim *não* é a nossa babá, Lydia — explodi. — Você tem algum problema com ela?

— É claro que não — Lydia riu de forma fácil, como se eu fosse boba de perguntar. — Prefiro que seja um grupo pequeno, só isso.

Karl e Jürgen agora trabalhavam muito próximos e parecia não haver uma forma fácil de me retirar da amizade com Lydia, mesmo depois que um jantar eliminou qualquer dúvida.

Aquele jantar me deixou nervosa por semanas. Lydia dissera que precisávamos de novos vestidos para a ocasião, e, embora eu estivesse grata por poder visitar a costureira sem me preocupar com o custo, sua insistência me alertava do caráter especial do evento. O programa de foguetes tinha quase dois anos e a pequena equipe que antes compreendia apenas Jürgen e Karl cresceu para dezenas de homens. Aquela seria a primeira reunião social dos mais seniores da equipe acompanhados de suas esposas e, mais importante, com o chefe de Jürgen e Karl, Otto Werner.

— Olhe só, você está linda — admitiu Jürgen quando o encontrei no saguão.

Ele recebera um bônus enorme no verão anterior, quando o programa de foguetes fez o lançamento bem-sucedido de um pequeno protótipo, e ele deixara cada centavo comigo. Guardei um pouco no cofre do escritório dele e dei o restante para Mayim, que convenceu seus pais a aceitar a oferta. Após Levi ter perdido o emprego no serviço público, encontrara trabalho em uma pedreira, mas em poucos meses acabou com uma grave lesão nas costas. Agora ele não podia trabalhar. Havia dias em que ficava de cama. A família sobrevivia com o escasso salário de Moshe, que tinha um emprego de meio período em uma padaria antes

do horário da escola, além da ajuda da Reichsvertretung, a organização de caridade judaica. Jürgen e eu concordamos em dar a eles cada Reichsmark que sobrasse das nossas despesas.

Admirei o caimento do paletó trespessado cinza-prateado de Jürgen e o nó bem-feito de sua gravata de bolinhas azuis e brancas. Ele pegou um chapéu cinza do cabideiro e estendeu o braço para mim.

— Vamos?

Mas então as crianças apareceram na escada, prontas para se despedir. Georg tinha cinco anos e estava ansioso para entrar no programa Grundschule da escola primária no verão. Laura, aos três anos, era uma combinação impressionante do meu cabelo castanho-avermelhado com os fios grossos do de Jürgen, seus olhos azuis brilhantes e meu nariz pequeno.

— Mamãe, você está tão bonita — espantou-se Georg, de olhos arregalados. Naquela manhã, eu tinha ido ao salão, feito um penteado e comprado um novo batom. Fiquei emocionada ao ver que meu garotinho notara meu esforço extra.

— Obrigada, meu tesouro.

— Posso passar um pouco de batom também? — arriscou Laura, esperançosa. Mayim, que nos encontrou no saguão, escondeu um sorriso ao estender a mão. Laura desceu as escadas correndo, meio desequilibrada, para pegá-la.

— Talvez você possa passar um pouco do meu depois do jantar — Mayim lhe disse. Laura deu um gritinho sufocado de alegria enquanto se despedia de nós.

Eu estava nervosa por encontrar Otto. Ele não era apenas o chefe de Jürgen e Karl e gerente do programa, mas também um membro sênior do Partido Nazista. Sua esposa, Helene, também estaria lá, bem como outros membros seniores do programa de Kummersdorf... e nossos vizinhos Dietger e Anne Schneider, que moravam do outro lado da rua.

Dietger fora recentemente nomeado o oficial nazista *Blockleiter*, o guarda do nosso quarteirão. Era a escolha perfeita. Ele sempre fora o fofoqueiro da vizinhança, e a posição de autoridade só amplificou suas habilidades de observação. Eu não tinha ideia de como ele se mantinha a par dos assuntos de todo o bairro, mas, se uma janela fosse quebrada, ele sabia como aquilo acontecera, aparentemente antes do proprietário. Se um casal discutia, ele sabia qual cônjuge era o culpado e quem tinha sido injustiçado. Foi por causa de Dietger que Jürgen, Mayim e eu percebemos que não tínhamos escolha a não ser adotar a saudação padrão: a saudação a Hitler. Outro vizinho da esquina, Leopold Braunbeck, recusou-se a saudar Dietger com o gesto. Na manhã seguinte, Leopold foi preso em um dos horríveis campos de concentração que os nazistas haviam criado para punir seus inimigos políticos. Meses se passaram antes de Leopold ser libertado e, quando voltou para casa, era apenas uma sombra quieta e complacente de seu antigo eu.

Outrora, dizíamos alguma variação de *olá* ou *bom dia* diversas vezes ao dia, mas agora éramos como papagaios, cumprimentando cada pessoa que encontrávamos com um *Heil Hitler*.

A notável capacidade de Dietger de acompanhar os assuntos do bairro era profundamente irritante. No começo, eu me atrevi a mencionar isso para alguns dos vizinhos, e todos concordamos que estávamos nos sentindo mais do que um pouco paranoicos. Mas, com o tempo, como nenhum de nós conseguia descobrir como ele sabia tanto sobre nossas vidas privadas, percebemos que não era seguro especular. Uma ligação de um *Blockleiter* para a Gestapo era problema certo, e geralmente começava com uma batida à porta da frente no meio da noite.

Nossa janela do segundo andar abria para a rua e eu ouvira algumas dessas visitas durante a noite. Primeiro vinha o rugido de um motor, depois o som de coturnos na

calçada e homens correndo como ratos. Mesmo se não pudesse ouvir as batidas na porta e os gritos de protesto enquanto as pessoas eram arrastadas de suas casas, muitas vezes eu ouvia o carro acelerando para longe. Dietger estava sempre lá, aparentemente encantado com as consequências de seus telefonemas.

— O que devo esperar esta noite? — questionei Jürgen, enquanto ele nos levava para a festa em seu novo Daimler 15. Pressionei minhas mãos sobre meu estômago, tentando diminuir o nervosismo. A vida inteira de Jürgen mudara com aquele novo emprego: ele agora trabalhava do nascer ao pôr do sol, seis ou até sete dias por semana, em Kummersdorf, a quarenta minutos de carro de Berlim. Embora eu fosse uma testemunha em primeira mão das mudanças na sociedade berlinense, sentia-me muito removida da vida profissional de Jürgen.

— Os funcionários são todos cientistas. Basta perguntar a eles sobre o trabalho e deixar sua mente viajar enquanto eles divagam. Você ficou boa nisso depois de todos esses anos comigo.

— Muito engraçado. — Engoli em seco e perguntei, hesitante: — E Otto e Helene?

— Não conheço Helene. Quanto a Otto, leva algum tempo para se acostumar com ele.

— De que maneira?

— Ele me lembra o seu irmão, na verdade. — Jürgen pausou e, em seguida, esclareceu: — Qual é o pastor? Alwin?

— Alwin se casou com aquela camponesa — corriji-o. Não o culpava por confundir meus irmãos. Eram muito parecidos e ele só os encontrara em três ocasiões: no nosso casamento e nos funerais de cada um dos meus pais. — Edwald é o pastor. Então, Otto é muito religioso?

— Ele é um fanático, mas não pela fé cristã — comentou Jürgen gravemente. — Ele é um homem do partido, fanático por toda a sua ideologia. É difícil, Sofie, não vou mentir.

Você vai ouvir coisas de que não vai gostar. Mas, pelo amor de Deus, não discuta com ele, não me ajudaria em nada em Kummersdorf. E, de tempos em tempos, tenho a impressão de que ele apenas me tolera porque precisa de mim.

— Eu esperava que o programa se concentrasse tanto nos foguetes que você não tivesse que lidar com nada *disso*.

Jürgen estacionou o carro e desligou o motor. Ele ficou sentado por um momento, ponderando. Em seguida, virou-se para mim.

— Meu trabalho, o trabalho da minha equipe, são os foguetes. Isso é verdade. Mas não há como escapar “disso”, nem mesmo em Kummersdorf. Mantenho minha boca fechada todos os dias. Todas as horas, nos piores dias.

— Você nunca falou sobre esse lado.

— É claro que não — retrucou ele. — Sou o seu marido. É minha responsabilidade protegê-la, não atormentá-la.

— Mas... quero ajudar, oferecer meu apoio.

Sua expressão suavizou e ele pegou minha mão.

— Meu amor — ele disse calmamente —, como você verá esta noite, não há nada que possa fazer para ajudar com isso. Temos apenas que manter a cabeça baixa e não chamar a atenção.

Assenti silenciosamente, mas havia um vazio no fundo do meu estômago. Sempre que eu perguntava a Jürgen sobre seu trabalho, ele falava apenas sobre aspectos científicos, e nunca de forma detalhada, porque o programa estava se tornando cada vez mais secreto.

ENCONTRAMOS OS DEMAIS CONVIDADOS NA SALA DE ESTAR DE LYDIA, UM ESPAÇO tão amplo que poderia muito bem ter sido um salão de banquetes. Cada novo cientista que eu conhecia dizia alguma variação da mesma coisa. *Jürgen é um gênio. Jürgen é meu herói. Jürgen é um visionário.* Como costumava fazer nas festas, Jürgen me seguia como um cachorrinho perdido. Ele dispensava esses elogios e ocasionalmente enrubescia de uma maneira que eu achava muito cativante.

No entanto, embora os cientistas fossem exatamente como eu esperava que fossem, Lydia me surpreendeu. Nós tínhamos nos esforçado tanto para planejar nossas novas roupas que eu esperava que ela surgisse deslumbrante em seu novo vestido cor de ameixa, inspirado no auge da moda da temporada. Em vez disso, ela estava vestida com um *Trachtenkleidung*, um traje folclórico tradicional. Consistia em uma saia longa marrom com uma faixa preta grossa circundando a bainha, combinada com uma blusa branca com mangas franzidas e gola de crochê; por cima, um corpete preto.

Eu conhecia Lydia desde o meu primeiro dia na escola de etiqueta e boas maneiras, e nunca a tinha visto trajada de uma maneira tão antiquada. Tentei questioná-la sobre isso, mas quando ela não estava ocupada com convidados, estava ocupada com sua equipe. Depois de um tempo, decidi que falaria com ela quando as coisas estivessem um pouco mais calmas. Enquanto eu esperava, Jürgen e eu participamos do obrigatório bate-papo com Dietger e Anne.

— E como estão as coisas na casa da família Rhodes? — perguntou Dietger. Sorri educadamente e apoiei a cabeça no braço de Jürgen, tentando disfarçar minha irritação. Ele sabia como as coisas estavam na nossa casa. Ele passava uma boa parte de seu tempo olhando pela janela, nos observando.

— Ouvi dizer que está fazendo um ótimo trabalho para o Reich esses dias, Jürgen — observou Anne calmamente.

— Tenho a sorte de poder trabalhar com uma tecnologia tão empolgante — respondeu Jürgen, cauteloso. Nesse momento, Otto e Helene apareceram, cumprimentando os Schneiders de forma calorosa e familiar.

— E você deve ser Sofie — disse Otto, por fim olhando para minha direção. — É um prazer conhecê-la. — Seu tom transmitia um sentimento diferente. De testa franzida, seu olhar examinou meu rosto e, em seguida, rapidamente o meu corpo, antes de apertar os lábios. Fiquei ruborizada de

constrangimento, então olhei para Helene. Otto era mais velho do que eu imaginava. Estava pelo menos na casa dos cinquenta anos, talvez mais. Era um homem corpulento, com um cabelo grisalho que já estava ficando ralo. Helene era décadas mais jovem que Otto e estava grávida, já com uma pequena barriga protuberante.

Como Lydia, Helene vestia um *Trachtenkleidung*. Diferentemente de Lydia, Helene não usava nada de maquiagem, e seu cabelo claro estava trançado desajeitadamente. Será que o motivo do desagrado de Otto comigo era meu estilo moderno?

— Vocês têm filhos? — ela me indagou serenamente.

— Dois — respondi sorrindo. — Georg acabou de completar cinco anos e Laura tem três.

— Seu marido é um homem talentoso, Sofie — disse Otto. — Espero que saiba como tem sorte de gerar os filhos dele para o Führer. O Reich precisa de famílias arianas produtivas.

Levei a taça de vinho à boca para tomar um gole, mas engasguei. Jürgen deu alguns tapas de leve nas minhas costas, um gesto ao mesmo tempo de conforto e de alerta. Esperávamos ter mais filhos, mas também não nos preocupava o fato de eu não ter engravidado novamente. Afinal, tinha apenas vinte e quatro anos. Havia muito tempo ainda para expandirmos nossa família.

Naquele momento, Lydia passou por mim a caminho da cozinha. Pedi licença, insistindo que ela precisava da minha ajuda. Encontrei-a na cozinha, onde ela repreendia duramente os funcionários pelo atraso com as entradas. Quando terminou, virou-se para mim. Baixei meu olhar automaticamente para suas roupas e ela fez uma careta.

— Sim, eu sei, parece que vim de alguma fazenda esquecida por Deus — sussurrou. — Mas é o novo estilo, aparentemente. Peguei a roupa hoje no Deutsches Modeamt.

O Deutsches Modeamt era um departamento de moda apoiado pelo governo nazista, que promovia estilistas e tecidos alemães. Eu ouvira dizer que eles faziam roupas lindas, mas, olhando a vestimenta de Lydia, lutei para esconder minha confusão.

— Acho que esse era o estilo de algum tempo atrás. Não avançamos para roupas mais modernas?

— E você notou que Helene não está usando maquiagem?

— murmurou Lydia quando voltávamos para a festa. — Comprei uma roupa tradicional porque Karl pediu, mas se ele me disser para eu parar de usar meu delineador, vou me jogar de um precipício.

— Duvido que Karl saiba o que é um delineador.

Ela riu.

— Otto diz que *não é feminino* mulheres usarem roupas modernas ou maquiagem. Mas o pior... — Ela resmungou e tocou cuidadosamente seu cabelo loiro. — Ele diz que as alemãs nunca devem tingir o cabelo. Não posso voltar para o castanho-claro, Sofie. Não posso. — Lydia visitava o salão com tanta frequência que eu nunca notara um sinal da raiz do seu cabelo.

— Você realmente não precisa se preocupar com o que Otto pensa — comentei calmamente. — Ele não é o seu marido.

— Sofie! — ela me deu uma bronca. — Você não percebe a importância do Otto? Nossos maridos são ouvidos pelo homem que é ouvido pelo Führer.

Rapidamente ficou claro que o que Otto pensasse sobre qualquer assunto em particular era de grande relevância para o resto das pessoas no jantar, e ele monopolizou as conversas naquela noite. Não importava quem estivesse falando ou sobre o que era a discussão, Otto encontrava uma maneira de intervir, muitas vezes para discordar.

Sempre adorei os jantares de Lydia e Karl naquele belo refeitório, com seu teto alto e candelabros sofisticados. Aquela noite tinha todos os ingredientes para um jantar

divertido: vestir-se bem, socializar com pessoas inteligentes e importantes, belos cenários, excelente comida. Jürgen estava sentado à minha direita, ao lado de Otto, e à minha esquerda estava Aldo Radtke, recém-formado na universidade e o cientista mais jovem presente. Quando o cheiro de Joelho de Porco Assado veio da cozinha, bebi meu vinho e me virei para Aldo, tentando desesperadamente ignorar a voz retumbante de Otto.

— Faz apenas uns seis meses que estou trabalhando em Kummersdorf, sra. von Meyer Rhodes...

— Por favor, me chame de Sofie.

— Sofie — retornou o jovem cientista, com as bochechas coradas. — Sou engenheiro elétrico. Sabe, há muitas formas de controlar...

Entretanto, mais uma vez Otto estava dando um sermão. Meus ouvidos se aguçaram e eu me virei ligeiramente em sua direção.

— ... quando um homem está doente, você não pode só tratar os sintomas. Você tem que livrá-lo da causa da doença: os germes. É assim com os judeus, percebem? Enquanto o Reich estiver repleto de judeus, a sociedade não poderá funcionar como deveria. É por isso que a maior prioridade do partido é lidar com essa escória.

Virei-me totalmente para Otto, mas olhei além dele para verificar as reações dos que estavam à mesa. Sempre que me via diante de falas tão odiosas, notava um silêncio de uma fração de segundo após as palavras, como se as pessoas prendessem a respiração para ver como as outras responderiam. Mesmo que ninguém dissesse nada, aquele silêncio lembrava a todos que uma linha havia sido cruzada.

Mas não houve silêncio após a fala de Otto. Todos os convidados pareciam encantados. Um calafrio percorreu minha espinha quando meu olhar pousou em Lydia. Ela estava sentada ao lado de Karl. Suas bochechas estavam rosadas, do fogo, do vinho ou da excitação da noite, e seus olhos brilhavam. Eu queria tanto que ela olhasse para mim,

mesmo que por um segundo. O que eu veria em seus olhos? Tivéramos uma boa amizade um dia, uma amizade sólida, mas meu respeito por Lydia estava desaparecendo a cada minuto.

— Eles parecem humanos, eu sei — continuou Otto, mais alto agora, satisfeito por ter a atenção de todo o grupo. — Pode ser confuso para aqueles que ainda não entendem, mas a ciência é clara: os judeus são criaturas verdadeiramente sub-humanas. Faltam-lhes o intelecto e a pureza moral que os arianos possuem. É um problema tão grande que eles acabaram assumindo posições secretas de autoridade, dando as cartas em muitas nações inferiores. Até mesmo em nossa nação no passado.

— Como fica, então? — sussurrei para Jürgen. — Os judeus são intelectualmente inferiores ou são suficientemente inteligentes para administrar o mundo em segredo? As duas coisas não podem ser verdade ao mesmo tempo.

— Sofie? — Karl me chamou repentinamente. — Você tem algo a acrescentar?

Todos os olhos se voltaram para mim. Imaginei dois caminhos a seguir: o primeiro, em que repetiria minha pergunta, mais alto. Aquela era certamente a escolha moral a fazer. Como eu poderia ficar de braços cruzados?

Mas como a sala reagiria? Otto ficaria envergonhado e furioso. Mesmo que ele não me denunciasse à Gestapo por deslealdade, Dietger certamente o faria.

Quem me apoiaria se isso acontecesse? Karl era o homem que me colocara em evidência. Lydia parecia confusa, olhando para mim e para Otto. Jürgen se virou para me encarar também. Identifiquei uma mistura de pânico e súplica em seus olhos azuis.

Meu rosto ardeu quando percebi que não tinha escolha a não ser optar pelo outro caminho, o inferior. Os nazistas não apenas haviam tornado comentários como os de Otto aceitáveis: eles os haviam tornado lugares-comuns. Por isso não houve silêncio, tampouco o reconhecimento comum de

que uma linha fora cruzada. A linha tinha sido removida. Como diabos os nazistas haviam mudado as coisas tão rapidamente?

— Tenho vergonha de admitir — forcei uma risada fraca. — Só estava imaginando onde estava o joelho de porco. O cheiro não está delicioso?

O som de risadas frágeis ecoou pela mesa. Jürgen quase se afundou de alívio. Ele alcançou minha mão por debaixo da mesa e a apertou. Com força.

Mas os olhos de Otto permaneceram em mim tempo demais, assim como os de Dietger. Antes de o prato principal ser servido, eu já contava os segundos para irmos embora.

OS CONVIDADOS COMEÇARAM A SE RETIRAR ÀS ONZE HORAS. DIETGER E ANNE foram os primeiros a sair, esfregando suas barrigas cheias e agradecendo Lydia e Karl. Quando Aldo se levantou para sair, desequilibrou-se ao tentar empurrar sua cadeira para trás. O vinho e a cerveja tinham corrido soltos durante toda a noite, e muitos dos homens pareciam embriagados.

Houve uma onda de comentários sobre como cada uma das pessoas iria para casa. Jürgen se ofereceu para levar Aldo. Teríamos que desviar bastante do nosso caminho, mas eu não me importava. O rapaz não tinha condição nenhuma de dirigir. Outros decidiram dirigir apesar da noite de excessos. Para minha surpresa, Otto pediu ajuda.

— Você acha que poderia solicitar ao seu motorista que nos levasse para casa? — ele solicitou a Karl. Ele bebera muito, mas ao longo de várias horas, então parecia relativamente sóbrio em comparação aos outros.

— Vou buscar o Gerhard — disse Lydia, oferecendo um sorriso reconfortante a Otto antes de se dirigir aos aposentos dos empregados.

Jürgen entabulou uma conversa com outro colega, então a alcancei, fazendo uma careta.

— Gerhard?

Dei-me conta, então, de que fazia tempo que eu não via o motorista de Karl, Fischel. Isso não era estranho, já que os funcionários dos Zu Schiller geralmente permaneciam invisíveis, a menos que fossem necessários.

— Sim — ela respondeu, em tom leve. — Nosso querido novo motorista.

— O que aconteceu com o Fischel?

— Já era hora, Sofie — ela baixou a voz.

— Vocês o *demitiram*? — fiquei enojada. Fischel trabalhava para Karl havia anos, desde antes de seu casamento com Lydia. Achava que os dois eram amigos.

— Ele seguiu a vida — ela comentou. — E graças a Deus por isso, porque tenho certeza de que Otto só está pedindo para usar nosso motorista para confirmar que demitimos aquele judeu. Foi realmente o melhor a fazer.

Se eu fosse uma mulher mais corajosa, teria perguntado: *Melhor para quem?*

Mas aquele momento solitário à mesa estava tão fresco em minha mente que eu não tive nem a chance de organizar meus pensamentos sobre o assunto.

Fiquei para trás quando Lydia acelerou em direção às dependências dos funcionários, mas uma onda repentina de tristeza me atingiu e, em vez de esperar por ela, dei meia-volta e retornei para Jürgen e Aldo.

— **V**OCÊ NÃO PODE SIMPLEMENTE FAZER ESSAS COISAS — COMEÇOU JÜRGEN. Ainda estávamos no meio-fio em frente à casa dos pais de Aldo,

observando o rapaz cambalear pelo caminho até a porta de entrada. Jürgen apertou o nariz, deixando os óculos tortos.

— Avisei no carro a caminho da festa: você tem que ignorar os comentários de que não gosta. É o único jeito.

— Você sabia que Karl e Lydia demitiram Fischel?

Jürgen deu um suspiro e jogou a cabeça para trás, como se olhasse para os céus pedindo ajuda.

— Sabia? — insisti na pergunta, sem paciência.

— É *claro* que eles demitiram Fischel.

— Mas...

— Diferentemente de mim e da maioria dos homens que você conheceu esta noite, Karl é substituível. Ele não tem a formação necessária para o programa, então, em vez disso, brinca de política para avançar na carreira — explicou Jürgen. — Está funcionando até agora. Otto gosta dele.

— Mas Fischel trabalhava para Karl desde que o conhecemos. Não posso acreditar que Karl o demitiria só para subir na vida.

— Talvez a decisão de Karl seja como a nossa quando percebemos que simplesmente teríamos que fazer a saudação.

— Então... você não acha que Lydia e Karl realmente acreditam em toda essa bobagem sobre os judeus, acha? — perguntei, incerta.

— Se eles estão fingindo, têm sido bem convincentes.

— Podemos perguntar a eles.

Ele saiu com o carro, suspirando pesadamente.

— Minha intenção é fazer tudo o que posso para me concentrar no trabalho. Se formos um confronto com os Zu Schiller, há uma boa chance de nos desapontarmos. Além disso, se os questionarmos, revelaremos nosso desconforto. É como ouvir Otto quando ele resmunga sobre judeus, deficientes ou homossexuais. Eu poderia refutar. Quero dizer, pelo amor de Deus, que “ciência” é essa? Mas isso realmente ajudaria? Mudaria a mente dele? Não. Apenas o forçaria a confrontar a realidade de que ele e eu discordamos. É melhor me manter concentrado no que ainda temos em comum. Quando se trata de mim, Karl e Otto, o que temos em comum é o programa de foguetes. Para você e para Lydia, são nossos filhos e nossa amizade.

Naqueles primeiros anos de domínio nazista, cada dia parecia mais com o anterior: jantares calorosos em família, almoços no parque com Lydia enquanto nossos filhos

corriam à nossa volta, momentos frustrantes e maravilhosos com meus filhos, Mayim e eu rindo de alguma piada, troca de olhares com Adele todas as manhãs quando eu, mais uma vez, conseguia ofender a tia de Jürgen com uma única palavra ou frase.

Mas quando era forçada a encarar como nossa vida mudara em um período tão curto de tempo, mal podia acreditar que estávamos na mesma cidade. Fora de nossa família e de nosso lar, a nação havia se transformado, e cada interação agora era frágil.

Quando Jürgen estacionou o carro na nossa rua, olhei para o outro lado, para a casa dos Schneider, a tempo de ver uma cortina do andar de cima sendo fechada.

— Dietger está nos observando? — questionou Jürgen. Quando dei um suspiro confirmando, Jürgen ergueu as sobancelhas para mim como se fosse me beijar. — Devemos fazer um show para ele?

Ri e o afastei brincando, mas ele pegou minhas mãos e sua expressão ficou séria de repente.

— Sou importante para o programa de uma maneira que Karl não é. Não tenho intenção alguma de me filiar ao Partido Nazista, menos ainda de galgar posições dentro dele. Espero que fiquemos bem, mas você precisa entender que... — Ele pigarreou e fez um aceno com a cabeça para a nossa casa. — Espero por Deus que não aconteça, mas pode chegar o dia em que será um problema para um homem como eu ter amizade com um judeu, especialmente um judeu que more na casa dele. — Abri a boca para protestar, mas ele disse serenamente: — Você viu como as coisas mudaram rápido. Você sabe, no fundo do seu coração, que o que estou dizendo é verdade.

Fiquei desolada. Olhei para nossa casa com o coração apertado e sussurrei:

— E se esse dia chegar?

— Vamos falar sobre isso quando acontecer — ele pontuou. Virei-me para ele com a cara fechada, mas Jürgen

suavizou o olhar. — Só quero me certificar de que você pense nisso, porque pode chegar o dia em que nossa relação com Mayim se torne um problema.

LOGO NO COMEÇO DO NOVO ANO LETIVO, MOSHE, O IRMÃO DE MAYIM, SOUBE que a cota de alunos judeus da sua escola fora reduzida. Ele tinha dezesseis anos e já decidira que seria padeiro, então abandonou a escola para liberar o lugar para outro aluno.

Levi e Sidonie decidiram enviar Moshe para morar com o avô em Cracóvia, porque “era apenas uma questão de tempo para que se tornasse ilegal que um judeu assasse pães neste país”. Assim como Sidonie e Mayim, Moshe era cidadão polonês. Aquilo não era incomum. Havia dezenas de milhares de pessoas nascidas na Alemanha de pais poloneses que recebiam automaticamente a cidadania polonesa.

Um rapaz como Moshe tornara-se um alvo ambulante nas ruas de Berlim naquela época. Ele fora agredido por valentões da juventude hitlerista várias vezes, e tivera a sorte de escapar apenas com poucos ferimentos e arranhões.

Mayim pediu que eu fosse com ela à despedida de Moshe, então deixamos as crianças com Adele e pegamos o bonde até Mitte. Quando chegamos ao prédio, ela chorava. Paramos aos pés da escada para que ela pudesse se recompor.

— Não quero chatear meus pais ainda mais — afirmou, enquanto secava os olhos com um lenço.

— Moshe é um rapaz forte. E habilidoso. Lembra daquele verão em Potsdam quando ele ficou doente e a sua mãe não o deixava brincar conosco no riacho? E aí ele pôs fogo naquele pano de prato na pia da cozinha para distraí-la e poder fugir para nos encontrar?

Ela riu entre as lágrimas, mas o pesar e o medo retornaram ao seu olhar quase de imediato.

— Ele tem só dezesseis anos. Ele não deveria ser mandado embora dessa maneira. Mal conhecemos nosso avô.

— Seu avô também criou sua mãe e ela é uma das melhores pessoas que eu conheço.

Eu me senti uma intrusa enquanto eles se preparavam para a despedida, um sentimento reforçado pelo fato de que não havia espaço suficiente na cozinha para uma quinta cadeira. Sidonie insistiu que eu pegasse a dela, mas isso simplesmente fez com que ela ficasse perambulando ao meu redor, agitando as mãos e chorando. Levi estava ao meu lado, com o rosto pálido de dor, esparramado na cadeira dura de madeira. Ele havia decidido que a família deveria se despedir de Moshe reunida, e o plano original foi de nos encontrarmos na estação de trem. Mas suas costas estavam tão doloridas naquele dia que a cozinha era o local mais distante ao qual ele poderia ir.

— Não podemos demorar muito ou Moshe vai perder o trem — seu tom de voz era duro. Depois, Moshe saiu para buscar a mala no quarto. Quando ele voltou, Mayim o abraçou, chorando em seu peito.

— Eu te amo. Vou sentir sua falta — ela soluçava.

Eu não conseguia me lembrar de quando ele tinha ficado mais alto do que nós, mas, aos dezesseis anos, Moshe parecia uma torre perto de nós duas. Também parecia muito maduro para sua idade, pois estava calmo e paciente. Quando chegou a hora de Moshe me abraçar para se despedir, falou em um tom baixo no meu ouvido:

— Cuide dela, tá?

Eu não queria chorar para oferecer apoio moral a Mayim, mas a preocupação na voz dele fez meus olhos se encherem de lágrimas. Pigarreei quando nos separamos e tentei manter um tom leve.

— Não é com você que devemos nos preocupar, se aventurando sozinho por esse mundo enorme?

Moshe negou com a cabeça.

— Só estarei em Cracóvia — respondeu em um tom sereno. Ele olhou para a família, baixou a voz e acrescentou: — Queria que todos pudessem vir comigo. — O restante da família tinha cidadania polonesa, mas Levi, não, e a Polônia emitia poucos vistos de entrada para os judeus alemães. — Papai diz que a Alemanha é a nossa casa, mas um lugar é realmente uma “casa” se você não é mais bem-vindo? Estarei seguro na Polônia. Gostaria de dizer o mesmo sobre aqueles que estou deixando para trás.

Condado de Dallam, Texas 1935

MAMÃE ESTAVA ASSANDO PÃO. SENTI O AROMA NO AR ANTES DE ABRIR OS olhos ao amanhecer, aquele cheiro delicioso sobre o odor de poeira do ambiente.

Aquele seria um bom dia. Tínhamos pão fresco, minha mãe sabia sobre o juiz Nagle e achava que eu era forte como ela.

— Falei com seu pai ontem à noite — ela sussurrou quando entrei na cozinha. Fiquei de queixo caído e ela sorriu tristemente. — Não guardamos segredos um do outro e ele precisava saber.

— Ele ficou...

— Ele recebeu a notícia do jeito que se poderia esperar. Isso faz com que seja mais importante ainda passarmos um tempo juntos hoje. É por isso que estou preparando um piquenique para nós — ela disse com firmeza.

— Esse cheiro é de pão? — perguntou papai, roucamente, do quarto.

— Sim, Hank. Levante-se e vista-se. Vamos sair.

— Eu não me sinto...

— Hank.

Eu não conseguia ver o rosto de papai, mas podia sentir a mudança no seu humor. Houve um momento de silêncio e, em seguida, um longo suspiro antes de ouvi-lo andar pelo quarto. Troquei um sorriso com a minha mãe.

— Um já foi — ela comentou em voz baixa. — Falta o outro.

Era impossível resistir quando minha mãe estava com aquele humor. Henry nem tentaria. Joguei meus braços em volta dela, sentindo uma onda de afeto.

— Te amo, mãe! — As palavras saíram duras e esquisitas, e por um brevíssimo momento eu não sabia como ela reagiria. Ela me amava, claro que ela me amava, mas ela queria me ouvir dizer isso? Seus braços me envolveram e ela me abraçou com força.

— Eu te amo também, querida. Agora, cozinhe alguns ovos para mim. Faremos sanduíches de ovos.

ERA O DIA PERFEITO PARA UM PIQUENIQUE. DEPOIS DE SEMANAS COM AQUELE vento constante que nos exauria, o clima estava completamente calmo. A névoa de poeira se dispersara e o calor parecia acolhedor, não ameaçador, como nos dias de primavera de antigamente.

Uma cesta com sanduíches de ovos e alguns pickles não era capaz de corrigir nada, mas nos dava uma desculpa para sair com a carroça Hoover até Dalhart, onde nos sentamos em um parque sob algumas árvores. Alguns meses já haviam se passado desde a última tentativa de papai de sair da fazenda, e eu não conseguia realmente me lembrar da última vez que nos divertíamos juntos. Sentei-me em um tapete e mamãe serviu chá de uma garrafa térmica em pequenas canecas de metal.

— Sem tristeza hoje — anunciou. — Não quero ninguém falando sobre a seca, ou sobre o trigo, ou sobre a fazenda ou sobre o que vai acontecer. Hoje estamos apenas juntos. — Ela fez contato visual com cada um de nós e acrescentou de forma incisiva: — Entenderam?

Todos assentimos com a cabeça e, pelas horas seguintes, era como se não tivéssemos nenhuma preocupação no mundo.

MAIS TARDE, MEUS PAIS DEIXARAM HENRY E EU COM AS TAREFAS DE CASA DO domingo e foram para Oakden entregar ovos na mercearia. Conforme a carroça passava pelo portão, olhei para eles e vi papai com os braços em volta de mamãe, que apoiava a cabeça em seu ombro enquanto ele conduzia.

O piquenique ajudou muito a aliviar a dor na minha alma, e algo naquela breve visão de carinho entre meus pais completou essa sensação.

— O que você vai fazer para o jantar? — perguntou Henry.

— Quem disse que eu vou cozinhar? Mamãe acabou de dizer que *nós* temos que fazer o jantar.

— Lizzie, por favor. Você sabe que eu não sei cozinhar. — Ele levantou as mãos, sempre manchadas de terra e ásperas por causa do trabalho, com as unhas pretas e lascadas. — Essas mãos foram feitas para trabalho de homem.

Levantei as mãos também. Eram exatamente como as de Henry, mas menores. Ele fez uma careta e disse com sarcasmo:

— Nossa, não é surpresa nenhuma que você não consiga arranjar um namorado.

— Cala a boca, Henry — exclamei, mas rindo ao dizer isso, porque ele parecia muito melhor naquela tarde. O dia de folga da fazenda parecia tê-lo deixado com um humor melhor. — Acho que vou fazer broa de milho frita e aquecer carne de coelho enlatada para acompanhar.

Henry tinha uma relação de amor e ódio com aquela carne de coelho enlatada. As lebres procriavam como nunca durante a seca e a população estava agora perigosamente fora de controle, então a comunidade tinha que reduzir o seu número. Ficávamos em fila em um quadrado gigante, por acres de terra, espaçados no início, mas gradualmente nos aproximando, encurralando os animais em uma área cercada no meio. Lá, os animais eram mortos a pauladas, e as carcaças distribuídas como alimento. Essa atividade era desagradável, brutal até, mas necessária. Henry sabia que

esses animais destruíam nossas plantações e procriavam até dominar cada metro quadrado de nossa terra, mas ele não suportava vê-los sofrer. E não importava o tamanho de sua fome, ele tinha dificuldade para comê-los.

— Tem alguma coisa além disso? — ele quis saber.

— Nada que eu saiba cozinhar — dei de ombros. Ele suspirou e assentiu com a cabeça, resignado. — Temos que lavar algumas roupas também. — Eu temia mais essa tarefa do que cozinhar. Estávamos lavando as roupas com sabão artesanal, feito de sebo e soda cáustica. Era um inferno para minhas mãos.

— Bem, já que você vai lavar as roupas e cozinhar, o mínimo que posso fazer é buscar a água — anunciou Henry.

— Quanto cavalheirismo de sua parte — resmunguei. — E depois, o que você vai fazer?

— Acho que vou tirar uma soneca. — Fiquei boquiaberta e ele jogou a cabeça para trás, rindo. — É brincadeira! A mamãe me pediu para tirar um pouco da terra do celeiro, para o caso de haver outra tempestade. — A terra chegava até a metade da altura do celeiro agora. Havíamos tirado com uma pá apenas o que estava em torno da porta, o mínimo para que os animais entrassem e saíssem.

— Henry, nós somos dois idiotas — eu disse de repente. — Deveríamos ter nos oferecido para levar os ovos no lugar deles.

Henry e eu nos entreolhamos e caímos na risada.

EU ESTAVA SECANDO AS MÃOS NO AVENTAL E CAMINHAVA ATÉ A VARANDA, POUCO depois das cinco horas da tarde. As mechas finas de cabelo que pendiam do meu coque ficaram de pé repentinamente e os pelos do braço e da nuca se arrepiaram. Aquilo me deu calafrios, pois sabia exatamente o que significava.

Uma tempestade de poeira se aproximava. E, dada a força da eletricidade estática, ela seria enorme. Dei mais dois passos, olhando para o horizonte, mas parei.

Não houve vento para nos avisar do que estava por vir naquele dia, apenas uma silenciosa parede preta, tão gigantesca que me perguntei se estaria vendo coisas. Aquilo não podia ser uma tempestade de poeira — não com bordas tão definidas. As tempestades de poeira não eram compactadas ao ponto de você conseguir ver o céu azul brilhante acima delas. Vinham devagar, sempre precedidas por um vento forte e barulhento. Aquela não estava seguindo as regras.

— Acabei de tomar um choque naquele metal perto do celeiro. Foi tão forte que me derrubou. O arame da cerca está com um brilho azul também. Parece que uma grande tempestade está vin... — começou a dizer Henry atrás de mim. — O que é aquilo, por tudo que é mais sagrado?

Ficamos lá parados olhando por mais tempo do que deveríamos porque, independentemente de conseguirmos compreender ou não, aquela monstruosa muralha preta vinha em nossa direção, engolindo os campos de trigo moribundo.

— Vá para dentro, Lizzie — ordenou Henry. Eu o ignorei e corri em direção ao portão para ver se meus pais estavam de volta, por algum milagre. Tudo o que vi foram as galinhas correndo para se abrigar e a longa entrada da fazenda vazia ao lado delas. — Lizzie! — gritou Henry. — Vá para dentro e pegue alguns panos!

O pânico em sua voz me assustou. Voltei para dentro de casa, tremendo enquanto corria para o armário de roupas de cama. Peguei uma pilha inteira de qualquer tecido que consegui encontrar, joguei alguns lençóis em cima e corri para o balde ao lado do fogão. Eu tinha lavado a massa de pão de milho das minhas mãos naquela água dois minutos antes, mas não havia tempo para pegar um balde novo.

Joguei os tecidos no balde e levei para o quarto dos meus pais. Fechei a janela, pendurei um lençol molhado na esquadria e coloquei a toalha ensopada perto da porta, pronta para bloquear o vão. Revirei a cômoda da minha mãe

para buscar a vaselina para o nariz e corri pela casa. Todas as janelas estavam abertas, então as tranquei antes de voltar para a varanda.

O vento estava acelerando. Uma brisa suave agora bagunçava meu cabelo devastado pela estática. A tempestade estava se movendo tão rápido... já estava nos limites da nossa fazenda. Ela engoliria nossa casa em minutos.

— Henry! — gritei. — Henry, depressa!

Ele subiu as escadas da varanda correndo, agarrando meu cotovelo para me empurrar para dentro. Parei para fechar a porta e rasguei as cortinas de uma janela próxima para enfiá-las por debaixo da porta; outro vão selado, embora eu soubesse que faria pouca diferença.

Henry teve a presença de espírito de pegar o pote de massa que eu fiz e jogá-lo no fogo, instantaneamente sufocando as chamas com um chiado e uma explosão de fumaça estranhamente deliciosa e com cheiro de milho. Em seguida, pegou um lampião da mesa da cozinha e eu o segui de volta ao quarto dos meus pais. Enquanto eu empurrava a toalha molhada por baixo da porta, ele acendeu o lampião.

— Podemos sentar na cama hoje — Henry me lembrou quando, por força do hábito, sentei-me no chão. Senti uma pontada de angústia.

— Eles estão lá fora, no meio disso — sussurrei.

— Eu sei.

— Não tem nem vidros naquele veículo.

— Eu sei, Lizzie. Eles vão parar na casa de alguém. Vão encontrar abrigo. Eles sabem o que fazer.

Nós podíamos ver a estrada quando tiramos o lençol da janela do quarto dos meus pais. Naquela direção, poderia ter sido uma tarde comum. O vento estava acelerando, agitando a poeira em volta da casa, mas o sol ainda brilhava.

Enquanto passava vaselina sob meu nariz, olhei fixamente para a estrada, esperando ver a carroça Hoover.

A luz dourada da tarde estava manchada de marrom e cinza, deixando o mundo todo com um brilho marrom-avermelhado, como se a janela tivesse sido tingida. Então, com uma velocidade tal que eu mal pude crer, a luz desapareceu e eu não conseguia mais ver a entrada da fazenda, a menos de um metro da janela do quarto. Fomos engolidos para dentro da barriga da besta.

— Henry — murmurei, quando a tempestade de poeira começou a entrar sorrateiramente pelas frestas do telhado, das paredes, do chão, soprada por um ar espantosamente gelado. Henry já cobria a boca e o nariz com o pano úmido e acenou para que eu fizesse o mesmo. O dia todo fora calmo, mas agora o vento tinha começado a bater na casa, até que toda a estrutura começou a estremecer, assim como Henry e eu. Sentamo-nos lado a lado, em um silêncio horrível e horrorizado, ouvindo, impotentes, o galinheiro colapsar e a janela de outro cômodo estourar.

— Você acha que esse é o fim do mundo? — perguntei a Henry depois de um tempo, com a voz baixa.

— Não seja boba, irmã! É só mais uma tempestade. Está bem forte, mas só uma tempestade.

A essa altura, havia tanta poeira no ar do quarto dos meus pais que meus olhos estavam lacrimejando. Fechei-os porque não fazia sentido mantê-los abertos; eu só conseguia distinguir a chama no lampião a meio metro de distância de mim. Em meio às rajadas do vento lá fora, imaginei ouvir sons de sofrimento: um cavalo relinchando, galinhas cacarejando de aflição, tosse, choro e alguém gritando por socorro.

— Você ouviu isso? — indagou Henry subitamente.

O som veio novamente.

Socorro. Alguém me ajude. Por favor. Ah, meu Deus. Por favor.

Pulamos da cama, mas Henry se aproximou para me deter.

— Você fica...

— *Nem* pensar.

Por apenas meio segundo, ele hesitou. Então, tateou procurando minha mão e a apertou com firmeza.

— Não saia de perto de mim — ele ralhou. — Se nos perdermos um do outro, é o fim. Você entendeu?

— Pare de me tratar como uma criança e vamos logo!

Segui Henry pelo tato, não pela visão. Ele segurava o lampião, mas pude ver pelos cautelosos passos que ele dava que o objeto não estava ajudando muito.

Henry tropeçou perto da porta e eu ouvi o barulho de ferro corrugado sob nossos pés; um pedaço do telhado do celeiro entrara pela janela. Com dificuldade, ele conseguiu abrir a porta, apenas para descobrir que andar lá fora naquele vento denso de terra era como nadar no cimento. Progredíamos tão lentamente que eu comecei a achar que estaríamos mortos por asfixia antes mesmo de descobrir quem estava chamando por nós.

— Socorro... — a voz surgiu novamente e, desta vez, sabia que era meu pai. Henry avançou um pouco, tropeçando e caindo na escada da varanda. Eu o perdi por um instante, então me joguei para a frente e senti um alívio quando minha mão encostou em seu ombro.

— Chame de novo, papai! — Henry gritou.

— Henry. Estou aqui! — respondeu papai.

— Continue chamando para que a gente possa seguir sua voz!

Avançamos lentamente em direção ao som da voz de papai, mas só quando chutei a roda do veículo por engano percebemos que passáramos do ponto.

Dei um puxão no ombro de Henry para irmos na direção certa e seguimos, tateando o veículo. Por fim, minha mão encostou em um cabelo, coberto por uma camada de terra macia.

— Mamãe! — gritei. Abri a porta do veículo e me agachei para me proteger atrás dela. Minha mãe estava encolhida como uma bola entre os bancos da frente e de trás.

— Ah, querida — ela ofegou, e então teve um acesso de tosse. — Garota esperta. Você... nos encontrou.

Ela estava rouca e parecia fraca e derrotada. Tirei o pano úmido da minha boca e o pressionei sobre a boca da minha mãe, ignorando os gestos que fazia em protesto. Tentei evitar o impulso imediato de tossir, mas cada vez que inspirava o ar enchia meus pulmões de terra não filtrada. Não demorou muito para eu começar a tossir e espirrar como minha mãe.

— Qual é a distância até a casa? — gritou papai.

— Estamos perto — gritou Henry em resposta. — Talvez quatro metros?

— Tentei achar o caminho, mas estava com muito medo de me perder e não consegui voltar para sua mãe no veículo.

Traçamos o plano rapidamente. Eu seguiria meu pai, segurando sua camisa. Ele carregaria mamãe nos ombros, deixando uma mão livre para segurar a mão de Henry, que nos conduziria.

Henry disse que eram apenas quatro metros do veículo até a casa, mas cada passo naquela poeira preta rodopiante parecia uma maratona. Eu estava tonta por falta de ar, como se cada respiração ofegante que eu desse só me aproximasse mais do sufocamento. Quando chegamos ao quarto e Henry fechou a porta e colocou a toalha no vão, não consegui dar mais nenhum passo. Deitei-me no chão, perto da porta. Os panos molhados que leváramos para fora agora estavam pingando lama, um tipo totalmente diferente de asfixia. Não havia maneira de filtrar o ar a não ser puxar nossas camisas secas para cima da boca, uma medida tão ineficaz que não teríamos nos incomodado se não fizéssemos, mas estávamos desesperados por qualquer nível de alívio.

Ficamos sentados esperando por cerca de uma hora. Por fim, o vento começou a diminuir de velocidade e o céu se abriu. Depois de tudo aquilo, aquela camada espessa de poeira no ar começou a se dissipar.

Eu estava exausta demais para ficar aliviada. Colapsada ao lado da porta, aos poucos me dei conta de que estava ferida. O vento arenoso lá de fora queimara minha pele exposta, especialmente minhas bochechas.

Henry foi o primeiro a se levantar. Ele veio para meu lado e tirou com cuidado a poeira da minha cabeça e da pele intacta do meu rosto com as pontas dos dedos.

— Você está sangrando aqui — ele informou em um tom gentil, apontando para o meu rosto.

— Percebi — sussurrei em resposta. Nossas vozes estavam ásperas e grossas. Ele me ajudou a levantar e a poeira caiu de minhas roupas, fluindo do meu corpo como uma cachoeira depois da chuva. Pisquei os olhos várias vezes para tentar limpar minha visão desfocada, mas percebi que meus olhos estavam tão queimados quanto a pele. Eu não conseguiria enxergar direito até que estivessem curados.

— Mamãe? Papai? — chamei, tateando em direção à cama. Eu podia ouvir lá da porta o ruído da respiração da minha mãe, por cima do barulho do vento que enfraquecia. Mas só quando me aproximei percebi como ela estava mal. Papai a segurava nos braços e tocava carinhosamente a pele do seu rosto, sussurrando em seu ouvido. Ele tinha um sorriso estranho e apavorado, como se tentasse manter a calma. Havia um ferimento em um lado do seu rosto e a pele em volta do seu olho estava preta, roxa e inchada.

Sentei-me com cuidado ao lado de mamãe e peguei sua mão. Estava gelada, então a esfreguei entre meus dedos para aquecê-la.

— O que aconteceu? — questionou Henry, vindo para meu lado na cama.

— Tentamos fugir da tempestade de poeira, mas ela veio muito rápido — explicou papai com a voz rouca. — Nunca vi nada assim. Perdi completamente o rumo quando escureceu. Saía e entrava no veículo tentando descobrir onde estávamos. Não conseguia ver nenhum ponto de referência que pudesse reconhecer, e o celeiro não estava onde eu achava que estaria, então pensei que tínhamos entrado pelo portão errado. Jesse estava agitada e chutava a carroça quando empinava, então saí para soltá-la do arreio, mas ela me derrubou no chão. Essa é a última coisa de que me lembro.

— Por que a mamãe está tão mal? — me dirigi ao meu pai, que parecia arrasado.

— Ela deve ter soltado a Jesse e me puxado de alguma maneira de volta para a carroça, porque quando recobrei os sentidos estava no banco de trás e ela, encolhida sobre meu rosto, tentando me proteger da poeira. Não sei por quanto tempo ela ficou exposta daquele jeito. Por tempo demais. A poeira continuou subindo à nossa volta no veículo. Pensei que nos sufocaria.

Naquele momento, todos olhamos para minha mãe. Seus lábios estavam azulados e a pele de seu rosto tinha um tom acinzentado.

— Precisamos de um médico — disse Henry.

— Como? — perguntou papai com a voz entrecortada, olhando pela janela. Estava claro novamente do lado de fora, mas o sol se poria logo, e tudo que conseguíamos ver era poeira. O celeiro estava completamente soterrado: eu podia ver pela altura do monte que ele colapsara sob o peso da poeira. O pobre Joker teria morrido, e fosse por ela ter corrido para o meio da tempestade ou sufocado, provavelmente havíamos perdido Jesse também.

Nossos vizinhos mais próximos estavam a cinco quilômetros de distância e, assim como nós, a família Hutchinson não tinha telefone nem carro. Havia ainda a chance de, se tentássemos caminhar até lá, mesmo no

escuro e após a tempestade, descobrirmos que eles não tinham condições de nos ajudar. E então teríamos uma caminhada de cinco quilômetros de volta para casa no escuro.

— Eu vou — prontificou-se Henry.

— Não vai, não — declarou papai com firmeza, negando com a cabeça. Henry abriu a boca para protestar e papai exclamou: — Meu Deus, Henry! Você pode parar para raciocinar pelo menos uma vez na sua maldita vida? E se a tempestade apertar de novo? Sua mãe e eu só não sufocamos porque tínhamos a carroça para nos abrigar. Não vale o risco.

— Mas... ela parece... — Henry começou a falar, mas parou.

— Papai — sussurrei, com um tipo diferente de lágrima enchendo meus olhos agora. — Não sei se a mamãe consegue esperar até amanhã.

— Bom, ela tem que esperar! — explodiu papai. Mas, em seguida, sua expressão desabou e ele se voltou para mim e Henry com remorso no olhar. — Ela me mataria se eu permitisse que vocês voltassem lá para fora. Temos que esperar. — Ele voltou sua atenção para minha mãe, deu um beijo em sua testa e sussurrou carinhosamente: — Você tem que aguentar, Ida, me ouviu? Só até o sol nascer. Aí vamos buscar ajuda.

Henry saiu para buscar água fresca e avaliar os danos, mas se recusou a nos dar detalhes do que tinha visto. Papai ficou no quarto com mamãe, mas peguei uma vassoura e comecei a varrer. Varri tanta sujeira daquela casa que formei montes de sessenta centímetros a um metro de altura ao longo da beirada da varanda.

Depois de uma hora escureceu novamente, desta vez como deveria, porque o sol finalmente havia se posto.

Não sei quando percebi que mamãe não aguentaria. Talvez eu devesse saber desde que vi como ela estava mal, ou talvez fosse melhor não ter percebido, já que não havia

nada que eu pudesse fazer de qualquer maneira. Lentamente, porém, durante as horas daquela longa noite, comecei a me perguntar, e então a suspeitar. Por fim, um pavor enorme se apoderou de mim.

Papai chorava sem parar. Às vezes, lágrimas silenciosas rolavam de seus olhos, talvez causadas pela poeira também. Outras vezes, seu corpo inteiro tremia com os soluços. Henry ficou sentado no chão no canto, abraçando a si mesmo enquanto olhava para o nada. Peguei um pano úmido limpo e limpei a poeira do rosto e das mãos de mamãe. Molhei seus lábios e tentei pingar água em sua boca. Sua respiração tornou-se mais fraca à medida que a noite avançava, e a pitada de cinza e azul em sua pele tornou-se mais óbvia, mesmo à luz fraca do lampião de querosene.

— Vou de qualquer forma. Caminho até Oakden se tiver que... — soltou Henry, mas papai o impediu.

— Ainda está ventando lá fora e não temos ideia se a tempestade passou. Não vou perder dois de uma vez em uma única noite!

Henry desabou novamente, e quando tentei mais uma vez fazer minha mãe beber um pouco de água, o líquido fluíu direto dos seus lábios para o travesseiro. Ela estava fraca e pesava no lençol.

— Por favor, mamãe, acorde — implorei, engasgando. Ainda havia areia em meus olhos e em meu cabelo e até mesmo entre meus malditos dentes. Ainda estávamos cobertos pela mesma coisa que a estava tirando de nós, e não havia como consertar aquilo. Nós apenas podíamos esperar. — Mãe, eu te amo. Por favor, acorde.

Não muito tempo depois disso, ela inspirou suavemente uma última vez e parou de respirar. A essa altura, estávamos todos exaustos demais para chorar. Sentamos ao redor de seu corpo na cama, eu e papai segurando sua mão, Henry caído perto de suas coxas. Os acontecimentos horríveis daquelas últimas doze horas pareciam distorcidos,

como se eu estivesse presa em um pesadelo surreal. Henry finalmente subiu na cama e ficou ao lado do corpo de nossa mãe, como se estivesse cansado demais para se segurar. Eu me estiquei também, ainda segurando a mão dela.

Eu não queria cochilar, mas os altos e baixos daquele dia drenaram todas as forças do meu corpo e o sono simplesmente me venceu. Algum tempo depois, acordei assustada com um som alto. Sentei-me, confusa e com os olhos turvos, e lancei meu olhar ao redor do quarto.

O corpo de mamãe estava na cama ao meu lado. Henry levantou-se em um susto também, com os olhos tão vermelhos quanto a pele de seu rosto.

Mas papai desaparecera. Fiz um movimento de sair da cama para procurar por ele e descobrir de onde vinha aquele som, mas Henry me deteve com a mão.

— Não — ele sussurrou. — Não.

— Mas onde...

— Fique *aqui* — ele ordenou, e algo em seu tom de voz me aterrorizou tanto que fiquei. Observei-o sair correndo do quarto, meu coração acelerado por uma nova onda de temor. Então, finalmente olhei para minha mãe.

O sol nascia lá fora e a banhava com a delicada luz de um novo dia, lançando um brilho rosado sobre sua pele. Toquei sua bochecha, dizendo a mim mesma que havíamos entendido errado e ela ainda estava viva, mas sua pele estava fria e ela realmente havia partido. Como diabos nós viveríamos sem ela?

Nenhum de nós conseguiria.

Alguns nem tentariam.

E aí descobri o que tinha sido aquele som. Saí da cama e fui atrás de Henry, correndo pela casa em direção à varanda poeirenta e tropeçando nos montes de terra macia que haviam sido jogados por toda a nossa casa e nosso quintal.

Parei aos gritos quando me aproximei do banco e daquele carvalho. O sol nascia por trás da árvore, lançando tons vibrantes de rosa, vermelho e dourado sobre a nova manhã.

Em uma silhueta, vi o contorno daquela árvore combalida e o banco abaixo dela. Então, vi meu irmão de joelhos na terra, embalando o corpo de meu pai em seus braços.

19

SOFIE

Huntsville, Alabama 1950

— **C**OMO FOI O DIA DELA? — PERGUNTOU JÜRGEN AO ENTRAR EM CASA naquela tarde. Eu estava sentada no sofá, com Felix de um lado assistindo à televisão e Gisela no outro, chorando copiosamente em meu ombro. Lancei um olhar incisivo para ele e sua expressão mudou. — O que aconteceu?

— As crianças aqui não comem pão de verdade! — ela chorava.

— Hã... — Jürgen olhou para mim, confuso. — Os americanos comem muito pão, Gisela. Talvez você esteja confusa...

— O pão *deles* não é escuro. É branco. É diferente, e todos estavam rindo de mim porque eu tinha o pão errado. Não entendi nenhuma das palavras que minha professora falou e os filhos da sra. Schmidt disseram que eles não podiam brincar comigo. E nenhuma das outras crianças alemãs queria brincar comigo também e as crianças americanas já me odeiam, então *me senti sozinha* e eu odeio esse lugar!

Mais tarde, depois de ela se acalmar um pouco, fomos para o quarto e fechamos a porta.

— Falei com a Claudia hoje — contei a ele. — Ela me disse que não quer que os filhos dela se misturem com os nossos. Ela disse que uma coisa é Klaus trabalhar com você, mas que ela percorreu um longo caminho para proteger os filhos da ideologia nazista, então não permitirá que eles “se misturem” com nosso tipo de gente.

Jürgen esfregou o rosto de cansaço.

— Devemos falar com ela? Ou com Klaus?

Pensei sobre a raiva nos olhos de Claudia e neguei com a cabeça.

— Não. Ainda não. Mas se nem as crianças alemãs nem as americanas brincarem com Gisela, ela ficará desconsolada.

— Vamos ajeitando as coisas aos poucos. Podemos começar pelo almoço dela. Se comer nossa comida é algo tão problemático, vamos até a mercearia agora para comprar comida americana.

— Nem sei o que as crianças americanas comem — falei, contraindo-me.

— Então, talvez precisamos de uma amiga americana para você — ele respondeu enfaticamente.

E, do nada, lembrei-me de Avril Walters.

— **MAMÃE!** — OUVI GISELA GRITAR DO JARDIM DA FRENTE NA MANHÃ seguinte.

— Sofie, você pode vir até aqui, por favor? — chamou Jürgen. Eu estava no banheiro me penteando e dei um suspiro, frustrada com a interrupção. Como era possível que já estivessem de volta? Eles tinham saído pela porta da frente há apenas alguns minutos. Avril Walters chegaria em uma hora e eu precisava lavar a louça antes.

— O que é? — gritei, andando até a porta da frente. Olhei para Felix, sentado a apenas meio metro da televisão, com os olhos arregalados vidrados na tela. Ele parecia determinado a ficar ali todos os minutos do seu dia. Eu não estava feliz com isso, mas pelo menos ele estava ouvindo *um pouco* de inglês.

Encontrei Gisela sentada na soleira da porta, com a cabeça nas mãos. Ela me olhou com tristeza.

— O que foi?

— Olha — murmurou. — Não são só as crianças da escola que nos odeiam. É *todo mundo*.

Jürgen estava na calçada, ao lado de Claudia e Klaus. Vários dos outros vizinhos também saíram de suas casas para ver do que se tratava aquela comoção. Estava um dia lindo, com céu azul e o sol brilhante.

Mas ninguém olhava para o céu. Todos olhavam para a rua. Deixei Gisela na porta e fui ver o que estava acontecendo, mas meu coração desabou quando me aproximei.

Em letras vermelhas e grosseiras, quase tão grandes quanto a rua estreita, alguém pintara a palavra NAZISTAS. A pichação tinha sido posicionada bem na entrada da rua, em frente à nossa casa.

— **EU** RESOLVO ISSO... VÁ TRANQUILO PARA O SEU WORKSHOP DE PROTOCOLOS de segurança — Jürgen dizia a Karl quando me aproximei. — Mas, Claudia, como Sofie ainda não está familiarizada com as regras de trânsito americanas, você se importaria de levar Gisela para a escola com a Mila?

Jürgen lançou um olhar esperançoso para ela. Claudia murmurou algo baixinho sobre ser a primeira e última vez, mas, logo em seguida, ela dava ré da garagem com Gisela no banco de trás.

Liguei para Avril para adiar nosso café para a manhã seguinte. Ela ficou horrorizada com a pichação, e sua reação me tranquilizou. *Alguns* americanos eram bondosos, até solidários. Depois que desliguei, Jürgen ligou para a polícia. Sentei-me na sala de estar com Felix e ouvi seu lado da conversa.

— ... bem na frente da minha casa, na avenida Beetle, 1401, senhor... Sim, diz “nazista”... Não entendi o que o senhor quer dizer... Bem, não, senhor... Na verdade, sim, achei que vocês viriam para... Compreendo. Vandalizar o patrimônio público não é um crime neste país? Não, não. Entendo. Sim, tudo bem. Obrigado. Está certo.

Ele veio até a porta da sala com uma expressão sombria.

— O que eles vão fazer?

— O policial Johnson disse que, se estava me incomodando, eu poderia cobrir com tinta — ele respondeu, meneando a cabeça sem acreditar.

— Eles não vêm investigar?

Jürgen desfez a gravata borboleta fazendo que não com a cabeça.

— Mas... por que não? Isso é assédio!

— O policial disse que é de se esperar, dadas as circunstâncias — Jürgen murmurou amargamente. — Ele sugeriu comprarmos a tinta no atacado para termos de reserva da próxima vez.

20

LIZZIE

El Paso, Texas 1935

HENRY E EU VENDEMOS TUDO QUE PUDEMOS EM UMA VENDA DE GARAGEM E compramos passagens de ônibus para El Paso. Chegamos em um dia tempestuoso de primavera em 1935, apenas uma semana depois de termos enterrado nossos pais. Fizemos *check-in* em uma pensão, com tudo que tínhamos no mundo empacotado ordenadamente em duas malas.

Eu nunca estivera em uma cidade grande antes. Já tinha visto fotos no jornal, então pensei que sabia como seria, mas não estava preparada para a sobrecarga sensorial. Carros e caminhões passavam rugindo por nós, pessoas caminhavam apressadas, e as fachadas das lojas, as placas de trânsito e as roupas eram todas tão *brilhantes*. Até o ar tinha um cheiro diferente, como se o motor de um trator tivesse acabado de explodir bem perto de mim.

Não tivéramos tempo de dizer adeus à terra que amávamos ou de guardar luto por nossos pais, mas, ao me encontrar completamente fora da minha zona, a imensidão da perda e a brusquidão da mudança me atingiram de uma só vez. Eu não tinha chorado muito depois do dia em que mamãe e papai nos deixaram. Não chorei nem quando o pastor Williams nos buscou na fazenda para nos levar ao ponto de ônibus. Mas não foi o escapamento dos carros que fez meus olhos arderem quando eu olhei ao redor do quarto minúsculo que Henry e eu dividiríamos. Ele pôs a mala dele na cama e eu pus a minha no pequeno sofá, olhando

fixamente para ela para que Henry não visse as lágrimas nos meus olhos.

— Lizzie — ele me chamou gentilmente. Quando eu me recompos e me virei para encará-lo, ele sorriu e apontou para um fio pendurado no teto. Em nossa antiga cidade, a luz elétrica era apenas para os ricos, mas era óbvio que a pensão não era um lugar para pessoas ricas. Achei a contradição desconcertante. Atravessei rapidamente a sala para puxar o fio. A luz acendeu, então puxei-o novamente para desligá-la, e repeti o processo, por um momento distraída com a novidade.

— E água encanada também — acrescentou Henry enquanto se esticava na cama e cruzava os braços atrás da cabeça. — Viu? Está tudo bem. E quando eu começar a trabalhar no CCC, esse quarto todo ficará para você.

Henry estava convencido de que encontraria trabalho na cidade, tudo por causa de um artigo que lera no jornal sobre o CCC de Roosevelt.¹ Faltavam poucos meses para Henry completar vinte e cinco anos, e até onde eu sabia o programa aceitava apenas homens jovens de até vinte e cinco anos. Mas Henry “estava otimista” de que o aceitariam de qualquer maneira.

— Que tipo de trabalho você acha que eu posso conseguir, Henry? — Ajeitei a pilha de roupas de cama ao lado do sofá e me sentei. O estofamento estava desgastado e irregular, e ele cheirava suspeitamente ao suor de alguém.

— Bem, irmã, você tem que se perguntar o que quer fazer. Gosto de trabalhos manuais, consertar coisas, construir coisas. Do que você gosta?

— De trabalho agrícola — afirmei categoricamente.

Henry se encolheu.

— Estamos na cidade agora.

— Esse é o meu ponto, Henry. Tudo o que sei fazer é dirigir tratores. Recolher ovos. Ajudar uma égua a parir.

Posso costurar um botão, mas não sei costurar um vestido. Não tenho nenhuma habilidade.

— Amanhã você vai sair de casa e falar com algumas empresas.

— E se você for contratado pelo ccc, terá de morar fora? — perguntei. Minha voz tremia, mas ergui a cabeça. Disse a mim mesma que as coisas haviam mudado e eu só precisava de tempo para me acostumar, mas estava aterrorizada com a ideia de me separar de Henry. Só o que me fez suportar o que passamos naquela semana horrível foi a esperança de que ele se certificaria de que ficássemos bem.

— Você não está com medo, está? Você nunca teve medo de nada.

Se ao menos ele soubesse... Não havia muita coisa na vida que me amedrontasse, mas a ideia de estar totalmente sozinha naquela cidade era o suficiente para fazer meu estômago revirar.

— Não seja ridículo — retruquei abruptamente, e comecei a arrumar o sofá. — Só estou pensando em quando vou ficar com a cama boa.

NO ENTANTO, APENAS DUAS SEMANAS DEPOIS, HENRY E EU NOS ENCONTRAMOS na rua com nossas malas aos pés. A pensão era barata, mas mesmo assim as diárias engoliram o dinheiro que tínhamos, e o ccc não ofereceu um emprego a Henry. Mesmo se o tivessem contratado, seu emprego só teria durado até seu aniversário de vinte e cinco anos. Nem mesmo o charme de Henry poderia contornar os critérios de elegibilidade de um programa governamental disputado. Soubemos que, quando o ccc anunciara vagas no passado, a fila de candidatos tinha se estendido por vários quarteirões da cidade. Para cada trabalho potencial em El Paso, havia mais de cem candidatos desesperados.

— Ficaré tudo bem — garantiu Henry com firmeza. — Talvez a gente tenha que dormir na rua hoje, mas algo de

bom aparecerá amanhã.

Eu já estava ficando um pouco cansada da insistência de Henry de que tudo seria solucionado, mas não ajudaria nada desencorajá-lo. Peguei minha mala e apontei para o oeste.

— Vi um acampamento de moradores de rua praquela lado — falei, abatida. — Vamos ver se encontramos algum lugar para dormir lá.

OS DIAS SE TORNARAM SEMANAS, MAS EU ESTAVA CANSADA DEMAIS PARA CONTAR por quanto tempo estávamos na cidade. Encontramos um pedaço quadrado de lona e Henry transformou-o numa espécie de tenda ao pendurá-lo com uma corda entre uma árvore e o lado de uma ponte, num acampamento cheio de outras tendas improvisadas. Dormimos em pilhas de jornais velhos que recolhi de latas de lixo enquanto Henry ficava na fila de uma igreja, à espera de receber cobertores velhos de alguém.

Henry e eu cruzamos a cidade, batendo de porta em porta para pedir trabalho, até conhecermos todas as suas ruas sem saída da mesma forma que conhecêramos cada campo da fazenda. No final do dia, nos encontrávamos em uma cozinha solidária para jantar.

À noite, deitada com a cabeça virada para os pés de Henry, pensava em mamãe. Eu sabia o que ela diria se ainda estivesse conosco. Ela me lembraria de que eu era forte. Uma sobrevivente. Ela me falaria para ter fé. Para seguir em frente, mesmo quando não tivesse mais esperança.

Mas, enquanto eu esperava, rezava e tentava ser paciente ao perseverar, tive uma sensação que nunca tivera antes: comecei a me sentir perdida.

Eu já conhecia El Paso de cabo a rabo depois de alguns poucos meses, mas ainda não conseguia saber quem eu era naquele lugar, ou quem eu deveria ser.

CERTO DIA, DEPOIS DE BATER EM PORTAS NO DISTRITO INDUSTRIAL, ME ADIANTEI um pouco para encontrar Henry na cozinha solidária para o jantar. Eu não queria ficar na fila sozinha, então fui dar uma volta. Quando dei por mim, estava em frente ao novo hotel Hilton, o prédio mais alto do centro de El Paso. Examinei a entrada opulenta da frente e lancei meu olhar para cima, passando pelos vinte e um andares até as varandas do terraço.

Nesse momento, uma mulher surgiu de uma viela ao lado do edifício. Reconheci a exaustão em seu rosto, pois já a vira no espelho centenas de vezes. Aquela era a expressão de alguém que tivera um dia de trabalho honesto, que chegara ao final do dia cansada, mas com a dignidade intacta.

Eu *conhecia* aquela sensação. Eu queria tanto me sentir cansada assim novamente.

Aquela camareira exausta que saía do hotel representava o primeiro sinal de familiaridade que senti em meses. Ela poderia ter rido se soubesse como me senti inspirada pelas suas olheiras, seus ombros caídos e seus pés que se arrastavam devido à exaustão total.

Mas, quando a vi, também vi um caminho a seguir. Passara meses tentando encontrar trabalho, vendo cada porta em que batia continuar fechada. Algo tinha que mudar.

Eu estava disposta a dominar a vida na cidade, assim como dominava cada habilidade necessária na fazenda. Eu ainda não sabia como, mas acabara de descobrir onde faria isso.

Civilian Conservation Corps [Forças Civas de Conservação] foi um programa governamental de auxílio ao trabalho que esteve em vigor nos Estados Unidos de 1933 a 1942, voltado para homens solteiros desempregados com idades entre 18 e 25 anos. (N. T.)

21

LIZZIE

Huntsville, Alabama 1950

AO ABRIR A PORTA DO RESTAURANTE, EVITEI OLHAR PARA A PLACA DE “SOMENTE brancos” na janela. Desde que Sofie Rhodes mencionara essas placas, eu passei a tomar consciência delas em qualquer lugar que fosse.

Eu estava atrasada de novo naquele dia. Reparei que uma das camisas de Henry no varal tinha manchas, por isso, levei-a para dentro para tratar com terebintina. Henry lavava a própria roupa, um hábito abençoado que aprendera no exército, mas manchas mais difíceis como tinta estavam além de suas capacidades. Ele não gostava que eu o mimasse, por isso, mesmo depois de tirar a tinta, tive de eliminar rapidamente o cheiro da terebintina da camisa e pendurá-la no varal para que ele não notasse a minha interferência.

Tinha sido difícil achar motivação para tomar banho, arrumar o cabelo e aplicar maquiagem depois daquilo. Alguma parte de mim sempre queria evitar aqueles almoços, mas me forçar a ir se tornou um hábito arraigado. Agora, os saltos dos meus sapatos ecoavam no piso do restaurante enquanto eu me dirigia rapidamente até a mesa onde as mulheres de Fort Bliss estavam sentadas.

— Quase começamos sem você! — exclamou Becca com leveza. Acariciei meu cabelo e forcei um sorriso.

— Sinto muito — eu disse. — Um dia cheio.

Parei para abraçar Becca e Juanita, depois Gail e até Avril. Em relação a Avril, eu era educada o tempo todo e calorosa quando era necessário, mas nunca confiava nela. Aprendera outrora essa lição da maneira mais difícil.

Nós cinco trocamos informações sobre a mudança: quem ainda estava desfazendo as malas, quais filhos estavam gostando da nova escola, quem tinha os piores vizinhos. Então, Becca suspirou alegremente.

— Estou muito feliz por estarmos aqui juntas — ela murmurou. — Parece que nos mudamos de uma cidade emergente para uma cidadezinha moribunda.

— Meus novos vizinhos estão tão empolgados por estarmos aqui — comentou Gail, sorrindo para si mesma. — Um deles diz que Huntsville um dia será conhecida como a “cidade dos foguetes”. Talvez tenhamos chegado bem no começo de algo incrível.

— E o que seus novos vizinhos pensam sobre aqueles nazistas? — perguntou Becca de forma incisiva.

Gail deu de ombros.

— Não parecem muito preocupados com o fato de serem alemães. Além disso, Trevor disse que eles não são realmente *nazistas*. São pessoas que apenas tinham empregos normais no governo da Alemanha. Não era culpa deles que esse governo fosse liderado pelo próprio demônio.

— Só acho muito difícil acreditar nisso — comentou Becca, impotente. Ela olhou para mim. — Desde o começo você disse que havia algo de podre nesse negócio todo, não disse, Lizzie? — Eu nunca escondera minha preocupação e meu desgosto pelo programa em que Calvin estava trabalhando, mas, como ele pedira, eu nunca tinha dito a ninguém por quê. Tentei dar de ombros de forma evasiva.

— Vocês sabem o que Bob me contou uma vez? — indagou Juanita, de repente. Todas se viraram para olhar para ela, que se inclinou para a frente e sussurrou: — Ele disse que ouviu rumores em Fort Bliss de que alguns dos

cientistas estavam realmente no Partido Nazista. Ele até ouviu que alguns faziam parte da SS.

— Não haveria a menor possibilidade de serem trazidos para este país se isso fosse verdade — rebateu Gail, abruptamente.

— Não inventei isso, Gail — falou Juanita em tom defensivo. — Um dos tradutores contou para um engenheiro, que por sua vez contou ao Bob. Ele disse que alguém no nosso governo falsificou alguns dos registros dos alemães para que mais homens pudessem vir para cá.

— Você não deveria dizer coisas assim! — explodiu Gail. — Não é justo. Se esses homens tivessem qualquer coisa a ver com o que aconteceu, estariam presos ou teriam sido executados em Nuremberg. Não estariam andando livres pelas nossas ruas.

Baixei o olhar para o cardápio, desejando poder me esconder embaixo da mesa. Após um longo momento de silêncio, ergui os olhos com relutância e vi a mesa inteira me encarando.

— Sabem quem poderia confirmar isso com certeza? — perguntou Juanita, me observando de perto.

— Calvin — respondeu Avril.

— Ele não ficou muito animado quando receberam permissão para se movimentarem livremente por El Paso, ficou? — indagou Becca, em seguida me recordando solicitamente: — É que eu realmente me lembro de você me contar que ele discutiu com o Christopher Newsome quando os alemães puderam sair da base pela primeira vez.

Olhei rapidamente para Avril, relutante em confirmar *qualquer* parte daquilo. Cal não ficaria contente se seu nome fosse ligado a esses rumores, em especial porque talvez houvesse uma verdade por trás deles. Mas eu não sabia exatamente como sair da discussão sem mentir. Em vez disso, tentei redirecioná-la.

— Quase não importa se eles eram realmente nazistas ou se tinham empregos normais no governo. Porque, mesmo se

tivessem apenas empregos normais, eles *permaneceram* nesses empregos. Gail, você sabe tão bem quanto eu que, se Truman de repente se tornasse um monstro como Hitler, seu amado Trevor seria o primeiro a pedir demissão. O fato de que esses homens não tenham feito isso me diz que eles *apoiavam* o que os nazistas estavam fazendo.

— Sei que você não está feliz com eles aqui, Lizzie, mas realmente acha que os alemães são perigosos? — perguntou Becca com uma voz que mais parecia um sussurro.

— Meu irmão diz que homens como esses sempre são perigosos. E todas vocês sabem que ele serviu na Europa, então fala com propriedade.

— Entendo que esses alemães saibam muito sobre foguetes — ela declarou, frustrada. — O que não entendo é por que a maioria dos cientistas americanos na equipe não demorou a aceitar que eles merecessem uma vida confortável aqui. No pior dos casos, eles são nazistas. No melhor, simpatizantes.

— Não estou tão certa de que tudo sejam flores para todos eles — comentou Avril, em um tom que prenunciava fofocas particularmente comprometedoras. Eu odiava as fofocas de Avril e eu mesma fora vítima delas. Ela parecia se deleitar em causar drama. — Sofie Rhodes me ligou há alguns dias e implorou para tomarmos um café porque sua filha vem tendo alguns problemas na escola. Perguntei a respeito para Patty e ela disse que nem os alemães brincam com Gisela Rhodes. Fazia sentido que as crianças americanas fossem um pouco cautelosas com esses novos alunos, mas os alemães excluindo um deles? — Ela nos lançou um olhar triunfante. — E eu suponho que vocês saibam o que aconteceu em Sauerkraut Hill ontem. — Quando negamos com a cabeça, Avril se inclinou para a frente e murmurou: — Pouco antes de eu sair para encontrá-la para o café, Sofie ligou cancelando. Da noite para o dia, alguém pintou a palavra *nazistas* na rua.

— É verdade, Lizzie? — perguntou Gail.

Eu não sabia a que ela se referia.

— Sobre a rua? Essa é a primeira vez que ouço...

— Sobre os registros serem falsificados. Sobre alguns desses homens terem sido membros do Partido Nazista ou mesmo da SS. — Ela fez uma pausa, apertando os olhos. — Seu marido saberia se fosse verdade, e você mudou de assunto quando Becca perguntou. — Pigarreei. Nunca fui boa em mentir.

— Não posso falar sobre isso — reagi com firmeza, mas houve um sobressalto coletivo à mesa. Olhei para Avril Walters. Ela parecia meio escandalizada e meio maravilhada. Fiquei arrasada.

— Você sabe quais alemães eram nazistas? Quem estava na SS? — sussurrou Becca em choque. Neguei com a cabeça imediatamente, com a mente acelerada para tentar desfazer a confusão que eu estava criando. Cal me mataria se descobrisse.

— Se isso for verdade, aposto que só foi feito para favorecer os cientistas com os quais estavam desesperados para trabalhar — sugeri Gail, lentamente. O restante de nós ficou em silêncio enquanto pensava no cientista que era a superestrela da equipe. — E... — Gail fez um aceno de cabeça para Avril. — Você disse que as crianças alemãs têm excluído a filha do Rhodes. Ser filha de um oficial da SS talvez seja um estigma grande demais até para eles. Os outros alemães saberiam da verdade.

— Pergunte a Cal hoje à noite — implorou Becca.

— Ele não quer me dizer nada. Ainda está zangado por causa da festa e eu sei que ele está cansado de falar sobre o assunto. — Olhei para Avril e subitamente fiz uma careta. — Você disse que tomaria um café com Sofie Rhodes? Achei que não faríamos isso.

— Ah, ela está *tão* solitária — replicou Avril com tristeza. — Não consigo suportar. Você sabe como tenho o coração mole.

SOFIE

Berlim, Alemanha 1935

O PRIMEIRO DIA DE GEORG NA *GRUNDSCHULE* CHEGARA. MAYIM FICOU EM CASA com Laura para que pudéssemos ir andando com ele para a escola. Na porta, ela se agachou para dar um beijo em sua bochecha.

— Tenha um ótimo primeiro dia, Georg — desejou ela. Ele sorriu para ela, revelando a falta dos dois dentes da frente. O buraco fazia com que algumas palavras saíssem como se ele tivesse a língua presa. Ele envolveu o pescoço de Mayim com os braços.

— Vou te contar tudo hoje à noite, Mayim. Prometo.

— Sei que você vai. — Ela riu, apertando-o com força. Laura desceu correndo as escadas, quase tropeçando nos próprios pés, e se jogou em Georg para um abraço forçado.

— Tenha um bom dia — ela apertou os olhos enquanto o abraçava. Georg retribuiu o abraço, e eles permaneceram assim apenas por um segundo. Mayim e eu trocamos sorrisos silenciosos. Quando Laura soltou o irmão, pegou na mão de Mayim. Em seguida, quase dominada pela emoção, moveu-se para ficar atrás da perna de Mayim. Então, baixou o olhar para o chão e murmurou: — Tchau, Georg.

Georg ergueu a cabeça e respirou fundo, como se estivesse se preparando. Em seguida, disse corajosamente:

— Tchau, Laura.

Alancei a mão de Georg quando pisamos na calçada em frente à nossa casa, mas ele não notou ou estava relutante

em andar de mãos dadas com sua mãe agora que ele era um “menino grande”. Aquilo me atingiu. Parecia que em um minuto eu estava tremendo de nervosismo ao segurar meu recém-nascido pela primeira vez e, no outro, caminhávamos para a escola.

— Você está com medo? — perguntei.

— Não, mamãe — ele afirmou — Hans e eu vamos nos divertir muito. — Hans era um ano mais velho que Georg e já estava na escola, mas os dois eram melhores amigos.

Lydia estava esperando no portão da escola com Hans. Os garotos correram um para o outro, encontrando-se com uma mistura de bate-papo animado e celebração, e, em seguida, correram pelo portão até o parquinho sem nem dizer tchau.

Lágrimas chocadas surgiram em meus olhos. Lydia riu carinhosamente enquanto me dava tapinhas no ombro.

— O primeiro dia é o mais difícil, Sofie, mas não precisa se preocupar. Essas professoras vão transformar o seu bebê! Ele sairá da escola pronto para se tornar um forte homem alemão, o tipo de homem que dará orgulho a esta nação.

Olhei para o pátio da escola, esperando ver Georg de relance pela última vez. Um arrepio gelado percorreu minha espinha quando vi a bandeira do Reich, agitando-se serenamente na brisa, acima do parquinho.

LOGO ENCONTRAMOS UM NOVO RITMO PARA NOSSOS DIAS, BASEANDO A ROTINA em torno das horas escolares de Georg.

— Queria poder levá-lo — Mayim falou subitamente certa manhã, enquanto eu calçava os sapatos na porta da frente, tentando compensar um pouco de tempo perdido, pois estávamos atrasados. Forcei um sorriso.

— Ele logo será capaz de caminhar por conta própria de qualquer maneira.

Berlim oferecia apenas hostilidade a uma mulher como Mayim, e isso significava que não era seguro para meus filhos aparecerem ao lado dela. Além disso, Georg era novo na comunidade escolar, e temíamos o que as outras

crianças e seus pais diriam se soubessem de Mayim. Eu podia imaginar a multidão no portão ouvindo seu nome hebraico e recuando em choque. Era estranho e horrível, mas Mayim e eu sabíamos que era melhor ela ficar em casa.

DURANTE O VERÃO, MAYIM, ADELE E EU GOSTÁVAMOS DE NOS SENTAR NO pátio depois que as crianças iam para a cama. Abríamos uma garrafa de vinho e nos dispúnhamos a suportar os mosquitos para usufruir da companhia e da brisa fresca da noite. Em uma dessas noites, Adele trouxe morangos de seu jardim, cortados em fatias grossas e macerados com açúcar fino. Fazia calor, mas para minha grande diversão Mayim se enrolou em seu cobertor de tricô mesmo assim.

— Laura ficaria com inveja se soubesse — ela brincou, pegando um morango.

— Laura não precisa ficar com inveja — Adele desdenhou. — Guardei meus melhores morangos para as crianças, como sempre faço.

Mayim e eu sorrimos uma para a outra. Estiquei as pernas e apoiei a cabeça na parede atrás de mim, olhando para as árvores e os prédios atrás de nós enquanto o sol dourado se punha atrás deles.

— Sem Jürgen hoje de novo? — inquiriu Adele. Eu podia ouvir a desaprovação em sua voz. — Então, ele está trabalhando no final de semana. Você precisa ajudá-lo a encontrar um pouco de equilíbrio.

— E como sugere que eu faça isso, tia Adele? — questionei, segurando um suspiro. Ela não estava errada. Jürgen vinha dormindo no sofá do escritório com cada vez mais frequência.

— Você ouviu sobre a sra. Haas? — indagou Adele em tom soturno, referindo-se a uma de suas amigas viúvas. — A Gestapo. Eles a levaram algumas noites atrás. Se ela estava envolvida em atividades supostamente desleais contra o Reich, eu sou uma abóbora. Ela tinha brigado com o Walter Berner. Ele mora no andar de cima dela, lembram? Ele só

não gostava da forma como o cachorro dela latia à noite. Parece claro agora que ele a denunciou para a Gestapo só para se vingar, e agora aquela pobre idosa frágil está em um campo de concentração em algum lugar.

Mayim e eu trocamos um olhar quando Adele descreveu a sra. Hass como *frágil* e *idosa*, já que a mulher era provavelmente dez anos mais nova que ela. Mesmo assim, pensar na Gestapo arrastando-a para fora de casa me deixou mal.

— Tia Adele... — Baixei a voz. — A senhora não pode especular assim. A gente nunca sabe quando alguém está escutando. — O pátio era relativamente seguro, cercado de outros pátios, e eu não podia ouvir nenhum movimento, então presumi que estivessem vazios. Mas, além dos pátios, havia janelas, e quem saberia quem estava por trás delas?

— Vou especular o quanto quiser, Sofie — ralhou Adele, olhando para mim com arrogância. — O que eles vão fazer? Me prender por falar o óbvio ululante?

— A senhora realmente precisa falar mais baixo — sugeriu Mayim, com um tom levemente aflito. Adele suspirou e assentiu com a cabeça.

— Sim, tudo bem. Obrigada, Mayim.

— Toda noite, antes de me deitar, eu analiso cada interação do dia e me pergunto: fiz alguma coisa que possa ser vista como desleal? — comentou Mayim suavemente, assustando-me. — Há noites em que eu não consigo dormir porque me preocupo de talvez ter dito algo que tenha chamado a atenção para mim e traga problemas para todos nós.

— Odeio que você tenha que viver assim — sussurrei com um nó na garganta.

— É diferente para você, Mayim — destacou Adele, em um tom gentil. — Você tem toda a sua vida pela frente. Isso não é jeito de viver. Você já pensou nisso? Como será o seu futuro?

— Penso nisso todo dia.

Adele deu um grande gole no vinho.

— Não é fácil dizer isso, mas você precisa deixar a Alemanha. Tenho por você a mesma consideração que tenho por Sofie: uma neta que Deus se esqueceu de me dar, e em uma versão menos irritante.

— Obrigada, tia Adele — interrompi sarcasticamente. Ela piscou para mim, indicando ser uma brincadeira, mas rapidamente ficou séria, assim como eu. — Mas... para onde os Nussbaum iriam?

Adele olhou para Mayim profundamente.

— Você e seus pais não podem simplesmente ir para Cracóvia com Moshe? — Não é tão simples, srta. Adele — replicou Mayim. — Meu passaporte diz que sou polonesa, mas nunca morei em nenhum lugar fora daqui. Além disso, meu pai não pode ir para a Polônia. Mesmo se obtivesse um visto, ele não aguentaria a viagem de trem com as costas naquele estado. A situação em Berlim é desconfortável, mas tenho a sorte de ter a senhora, Jürgen, Sofie e as crianças.

— E quanto a você? — indagou Adele, voltando sua atenção para mim.

— Já pensou no que acontecerá se lhe ordenarem que mande Mayim embora? — Não é ilegal ter uma melhor amiga judia — ironizei.

— Sofie. — Ela deu um suspiro impaciente. — Vai chegar o momento em que isso será realmente ilegal.

— Odeio até mesmo o fato de estarmos discutindo isso — esbravejei.

— Não discutir seria pior — contrapôs Adele, abruptamente. — Precisamos enfrentar a realidade. — Ela se virou para Mayim. — Você sabe que não sou rica, mas sou a única entre nós que poderia conseguir o dinheiro para o visto do seu pai.

— De verdade, obrigada — falou Mayim com tristeza. — Mas esse não é realmente o problema.

— Por favor, Mayim — implorou Adele. — Por favor, tente pensar em uma maneira. Parece que o perigo se aproxima

desta casa a cada nascer do sol. Mal consigo dormir à noite preocupada com todos vocês.

Mais tarde, Adele pediu licença para se retirar e, depois que fechou o pequeno portão da cerca entre nossos pátios, Mayim me perguntou:

— Ela está certa?

— Não sei — admiti. Depois de uma pausa, soltei: — Mayim, tenho muito medo por você. E por seus pais. A Alemanha não parece mais um lugar seguro.

Mayim afastou o olhar de mim e o voltou para a luz vermelha e dourada do sol que desaparecia, emoldurando o prédio de apartamentos atrás de nós. Ouvi os soluços que ela tentava esconder e toquei seu antebraço. Ela se virou para mim com as bochechas cobertas por lágrimas.

— O quanto vai piorar antes de melhorar?

— Não sei. Não faço ideia.

DEPOIS DE ALGUNS MESES NA ESCOLA, GEORG FICOU ORGULHOSO AO TRAZER para casa sua primeira pasta de leituras para praticar.

— Quer que eu leia com você? — ofereci-me enquanto terminava de vestir Laura depois do banho. Georg deu um grito sufocado de horror.

— São textos *especiais* para ler em casa. Só para mim e Mayim.

Dei-lhe um beijo de boa-noite e observei enquanto ele caminhava para o quarto, segurando na mão de Mayim. Coloquei Laura na cama e desci para fazer chá para mim e Mayim. Quando ela me encontrou na sala de estar alguns minutos depois, a cor sumira de seu rosto. Ela se sentou à minha frente e pôs a bolsa de Georg na mesinha de café entre nós.

— Abra — ela pediu. Sua voz estava fraca.

Abri a bolsa e apanhei os livros. A capa do primeiro trazia a imagem de um desfile de rua. A maioria dos adultos e crianças fazia a saudação nazista, e nada menos que oito faixas e bandeiras com a suástica apareciam na cena. Fiz

um som de surpresa e Mayim se inclinou para a frente, com movimentos erráticos enquanto retirava o restante dos livros e os dispunha na mesa, lado a lado.

Peguei o livro seguinte, *Crianças, vocês conhecem o Führer?*, e o folhee. Deparei-me com uma narrativa fictícia a respeito de um Hitler benevolente que estava restaurando a glória de sua pátria. O segundo livro era chamado *O híbrido*. Embora a capa mostrasse um cachorrinho fofo, só precisei folhear algumas páginas para perceber que se tratava de uma parábola simplista que desencorajava os relacionamentos entre arianos e judeus.

Quando cheguei ao terceiro livro de imagens, minhas mãos já tremiam.

O título era: *Nunca confie em uma raposa em seu urzal verde e nunca confie no juramento de um judeu*. Na primeira página, um belo homem ariano aparecia ao lado de outro, grosseiro e rechonchudo, que representava obviamente os judeus.

Quando ergui o olhar, Mayim estava chorando.

— Por favor, diga que você não os leu para ele, Mayim — sussurrei enojada.

— Ele queria ter lido esse — ela falou com a voz estrangulada, apontando para o último livro. — Foi a capa de que ele gostou mais. Consegui convencê-lo de que deveríamos ler um dos livros dele e ele se distraiu facilmente, mas isso não vai funcionar sempre. Mais cedo ou mais tarde, ele vai perceber que os judeus sobre os quais está aprendendo são iguais à judia na casa dele.

— Vou conversar com ele... — comecei a falar, mas ela arregalou os olhos, alarmada.

— E dizer *o quê*? — Então, ela baixou a voz em um sussurro: — Que o Führer está errado? Que os judeus não são inimigos? Você não pode lhe dizer essas coisas. Se ele repetir isso na escola, ganharemos uma visita da Gestapo.

— Mas eu não posso simplesmente deixar que ele pense que isso está certo — sussurrei em resposta.

Mayim debulhou-se em prantos.

— Ele deve ter falado sobre mim na aula. A professora lhe disse para certificar-se de ler os livros comigo. Ela sabia o que estava fazendo.

Fiquei agradecida por Jürgen voltar para casa naquela noite. Ele me avisara de que chegaria tarde, mas esperei por ele acordada.

— O que foi? — ele se assustou ao ver minha expressão.

— Precisamos conversar — afirmei em um tom sombrio.

— Podemos conversar enquanto tomo um banho? — pediu, cansado. Ele passou a mão no seu paletó amarrotado e, em seguida, apalpou a barba eriçada que crescia no seu rosto. — Está um calor dos infernos lá fora e faz dias que não tomo banho. Foi uma longa semana.

Segui-o até o banheiro explicando o que acontecera.

— Não podemos falar nada — bradou Jürgen, abruptamente.

Parei de andar e franzi o cenho, surpresa com seu tom.

— Mas... talvez possamos matriculá-lo em outra escola? Talvez...

— Quase todo professor é membro da Liga Nacional-Socialista de Professores atualmente. O jornal disse que o número chega a mais de 95%.

— Os jornais *mentem*! — retruquei. Eu sabia disso melhor do que ninguém. A imprensa era um braço do Departamento de Propaganda, que controlava até a fonte usada na impressão dos jornais.

— Talvez os jornais mintam sobre algumas coisas, mas não sobre isso. O currículo foi padronizado em todas as escolas públicas e privadas. Podemos transferir Georg para qualquer escola no país e não mudará nada.

— Então, devemos aceitar que ele sofrerá uma lavagem cerebral sobre esse absurdo?

Jürgen suspirou enquanto entrava na banheira. Enxaguou o rosto e apoiou a cabeça na parede de azulejos atrás dele.

— Todos os pais alemães estão presos nessa armadilha, assim como nós — respondeu, exausto. — No nosso caso, não acho que tenhamos o direito de reclamar. A jaula em que estamos presos pelo menos é de ouro.

— Mais cedo ou mais tarde, ele vai perceber que a Mayim é judia. A professora dele vai se certificar disso.

Encaramos um ao outro na luz hostil do banheiro. Jürgen fechou os olhos novamente.

— Eu sei — ele sussurrou, fazendo um sinal negativo com a cabeça. — Só não sei o que fazer.

Mais tarde, estiquei-me em meu colchão luxuoso na linda casa que eu estivera tão desesperada para manter, mas na qual nunca me sentira tão desconfortável.

APENAS ALGUMAS SEMANAS DEPOIS, GEORG PARECEU ENTRAR EM UM ESTADO depressivo, mas não queria me contar o que estava errado. Depois de vários dias tentando animá-lo, liguei para Lydia para saber se ela ou Hans tinham alguma pista.

— É o esperado — ela disse tristemente.

— Como assim?

— Hans disse que os meninos o provocam sobre... — Ela hesitou e depois seu tom ficou mais incisivo. — Sofie, você *sabe*.

— Mayim? — dei um palpite.

— Você não pode esconder uma judia na sua casa e esperar que as outras crianças não notem.

— Não estamos *escondendo* ninguém. É perfeitamente legal ela estar aqui.

— As crianças são mais perceptivas do que imaginamos às vezes — ela alertou. — Olhe, por que não tomamos um chá amanhã de manhã e conversamos sobre isso? Odeio saber que seu filho está infeliz. Além disso, já faz tempo que conversamos pela última vez. Tenho certeza de que podemos achar uma solução para isso.

Fazia *realmente* algum tempo que eu não via Lydia. Todos os nossos velhos amigos estavam cada vez mais envolvidos

com atividades do Partido Nazista e me vi afastando-me deles cada vez mais. No entanto, eu estava desesperada para ajudar Georg, então concordamos em nos encontrar na casa de Lydia no dia seguinte.

Porém, assim que desliguei o telefone, uma explosão de frustração e raiva tomou conta de mim. Peguei o telefone e liguei para a linha direta de Jürgen.

— Preciso que você venha para casa hoje à noite.

— Não posso — sua resposta foi automática. Sua equipe estava se preparando para mais um teste de lançamento e parecia não haver tempo em sua agenda para nada mais. — Tem um painel que está nos dando uma dor de cabeça...

— Acho que Georg vem sendo intimidado na escola e estou cansada de lidar sozinha com os assuntos que envolvem esta família. Preciso que você venha para casa hoje à noite.

— Ok — Jürgen se deu por vencido. — Ok.

— Muito bem — disparei. Porém, quando Jürgen entrou pela porta da frente, minha impaciência com ele já desvanecera. Puxei-o para perto e dei um beijo em seu rosto.

— Desculpe — falei.

— Desculpe-me também. Sei que você está carregando todo o fardo da família nas costas. Não tenho lhe agradecido como deveria por lidar com isso.

— Estou preocupada com Georg. Lydia disse que alguns meninos podem tê-lo provocado por causa de Mayim.

— Ah — Jürgen contraiu-se e, então, deu um longo suspiro. — Vou colocá-lo na cama hoje e teremos uma conversa de pai para filho.

Pela primeira vez em muito tempo, nós seis estávamos em casa para uma refeição. Sentamo-nos na ponta da longa mesa na sala de jantar, com Laura alegremente colocada entre Adele e Mayim, Georg ao meu lado de frente para elas e Jürgen na cabeceira.

Fiquei impressionada com o calor que queimava no meu peito pelo simples prazer de estarmos todos juntos em torno de uma mesa com boa comida. Adele serviu fatias suculentas de frango assado, enquanto Mayim e eu começamos a distribuir os legumes. Mas quando ela tentou colocar cenouras no prato de Georg, ele empurrou a colher agressivamente. Tinha um semblante severo e se recusava a olhar para ela.

— O que foi? — ela perguntou, carinhosamente. — Você está bem?

— Georg — bradei, surpresa. — Você ama cenouras.

Ele ergueu o olhar e o alternou, com os olhos se enchendo de lágrimas, entre mim, Jürgen e Adele. Em seguida, notei que ele se esforçava para não olhar para Mayim, baixando os olhos toda vez que pudessem passar por ela.

— Também não quero cenoura — disse Laura, percebendo a chance de evitar comer os legumes.

— Todo mundo vai comer cenouras — afirmou Jürgen com firmeza. Então, naquele momento, Georg começou a chorar alto, empurrou a cadeira para trás e saiu correndo da sala. Mayim e eu trocamos olhares perplexos e Jürgen também empurrou a cadeira para deixar a mesa.

— Deixem que eu falo com ele.

Deixei Laura com Adele e Mayim e segui Jürgen e Georg pelo corredor, mas fiquei espreitando do lado de fora do quarto de Georg, sem ser vista.

— O que foi, Georg? — Jürgen o questionou em um tom suave.

— Papai — começou Georg. — É verdade? A Mayim é uma judia suja?

Houve uma longa pausa. Eu podia sentir as batidas do meu coração enquanto esperava a resposta de Jürgen.

— Por favor, não use essa palavra — pediu Jürgen com cuidado. — Mas, sim, é verdade que a Mayim é judia. Por que você está preocupado com isso, Georg?

— A sra. Muller disse que os judeus são inimigos do Führer. Ela vai machucar a gente?

— É claro que ela não vai nos machucar! — exclamou Jürgen, aflito e frustrado.

— Mas os meninos disseram que, se ela está em nossa casa, vai roubar nosso dinheiro e nos passar doenças. — Georg estremecia de chorar. — Papai, o Hans não quer mais brincar comigo na escola porque ele disse que eu tenho germes de judeus sujos. Ele disse que podemos até morrer!

— Isso é besteira, Georg. Você sabe que Mayim não é perigosa.

— Mas o Hans disse...

— Sei o que o Hans disse — interrompeu Jürgen. Eu podia imaginar a aflição na mente do meu marido. Defender Mayim significava atrair problemas com a Gestapo. Não a defender significava fraturar nossa família. Ele fez uma pausa e gritou, impotente: — Sofie?

Saí do meu canto e me juntei a eles no quarto. Jürgen estava sentado no pé da cama. Eu me sentei ao lado do travesseiro de Georg, que se ergueu e me abraçou, começando a chorar novamente.

— Mamãe... — ele choramingou. — Não quero que a Mayim me dê cenouras mais.

Abracei-o e olhei por cima de sua cabeça para Jürgen. Ele deixou os ombros desabarem enquanto olhava fixamente para o carpete.

Demos a Georg a opção de voltar para a mesa para comer as cenouras. Ele disse que só queria ir para a cama. Com lágrimas nos olhos, dei-lhe um beijo de boa-noite e deixei que ficasse lá. Quando saímos do quarto de Georg, Mayim estava no dela com a porta fechada.

— Vou pôr a Laura na cama e sair — avisou Adele em tom baixo. — Parece que vocês dois precisam conversar.

— Obrigado, tia Adele — respondeu Jürgen, inclinando-se para dar um beijo no rosto dela.

Fomos para o escritório com uma garrafa de vinho. Tranquei a porta e passei pelas estantes abarrotadas de livros, acomodando-me nas poltronas no canto. O escritório ficava muito empoeirado com Jürgen longe por tanto tempo. Eu odiava fazer faxina, e nós poderíamos pagar uma faxineira, mas eu não conseguia descobrir como trazer alguém para dentro de nossa casa sem trazer a ideologia nazista junto.

Simplemente não havia como escapar.

Afundi na poltrona, esticando o pescoço para olhar para o gesso ornamentado do teto.

— Poderíamos ir embora da Alemanha — soltei de repente. Jürgen estava abrindo o vinho na mesa, mas parou e olhou surpreso para mim.

— Para onde iríamos?

— Adele vem tentando convencer Mayim a se juntar ao avô dela e a Moshe em Cracóvia. Podemos fazer as malas e deixar Berlim para trás.

— Vamos tirar toda a nossa família daqui e nos mudar para a Polônia só porque o avô de Mayim mora lá? — indagou Jürgen ironicamente, enquanto enchia uma taça de vinho para cada um de nós. Concordei. Era uma péssima ideia. — Não gosto da ideia da Polônia. Nenhum de nós fala polonês. Mas poderíamos pensar em sair da Alemanha.

— E, então, para onde iríamos?

— Inglaterra? Meu inglês é básico, mas você sabe que eu aprenderia rápido. Você poderia me ajudar.

— Ou França — sugeri, já que ambos falávamos um pouco de francês. Ficamos nos encarando, como se avaliássemos a possibilidade. — Como sobreviveríamos?

— Eu encontraria trabalho em uma universidade.

Seu salário seria reduzido e voltaríamos à vida de tentar fazer nosso dinheiro render ao máximo. A pobreza parecia quase atraente se viesse acompanhada da liberdade de criar meus filhos da forma correta. Apenas uma coisa me fez ponderar.

— Os pais de Mayim dependem do dinheiro que damos para ela — falei nervosamente. Dávamos uma quantia mensal para Mayim desde que nossas próprias finanças haviam se estabilizado, e sabíamos que ela repassava quase tudo para Levi e Sidonie.

Jürgen ficou pensando por um momento. Então, deu um suspiro.

— Suspeito de que eles achariam melhor vê-la segura conosco no exterior. Eles encontrariam outro jeito para se manter.

— E Adele?

Jürgen não hesitou nem por um momento antes de falar.

— Nós a convenceríamos a ir conosco também.

— Ela nunca concordaria com isso.

— Eu sei. — Ele esfregou os olhos. — Ela nasceu naquela casa...

— ... e vai morrer naquela casa — completei com um suspiro. — Então, você realmente quer deixar o programa de foguetes?

— Na realidade, Sofie, seria um alívio — ele admitiu, olhando fixamente para o vinho. Seus ombros estavam rígidos; sua expressão, tensa. No tempo que se passara desde que ele havia aceitado aquele emprego “milagroso”, meu marido envelhecera. Havia rugas em torno dos seus olhos e olheiras embaixo.

— As coisas não têm ido bem?

— Hitler está reconstruindo as forças militares da Alemanha. Será de conhecimento público em breve. — Dei um grito sufocado, em choque. — Otto diz que Hitler espera que o mundo continue alheio a tudo e, assim, a remilitarização se consumará. O programa de foguetes fez enormes avanços, mas isso significa apenas que, se eles nos pedissem para transformar a tecnologia em armas, poderíamos fazê-lo em poucos dias. Venho tentando descobrir como sair já faz um tempo, mas não será fácil — admitiu, baixando a voz para um sussurro. — Eles precisam

demais de mim. Nunca me deixarão ir embora. Teríamos que fazer isso de forma rápida e silenciosa. Se você estiver falando sério sobre isso...

— Estou — soltei.

Nossos olhos se fixaram uns nos do outro. Ele assentiu com a cabeça.

— Sábado. Escolhemos por qual ponta da fronteira passaremos, pegamos as estradas secundárias e fingimos que estamos apenas em um passeio de carro.

— *Este* sábado?

— Se vamos fazer isso, que seja imediatamente.

— Ok — respirei fundo, com meu coração acelerado.

— Fale com Mayim amanhã. Vou falar com Adele. Não podemos dizer uma palavra sobre o assunto para mais ninguém.

23

LIZZIE

Huntsville, Alabama 1950

CALVIN ESTAVA APOIADO NA PORTA DA COZINHA, OLHANDO PARA O TETO COMO se estivesse orando por paciência. Essa conversa eu não podia permitir que meu irmão ouvisse, então esperei que Henry fosse dormir antes de confrontar Calvin sobre as suspeitas de Gail.

— Então? É verdade? — indaguei. — Jürgen Rhodes era da SS?

— Lizzie, querida, você sabe que eu não posso falar sobre isso — Cal evitou meu olhar.

— Meu Deus — sussurrei, sentindo a boca secar. — Ele mora em Sauerkraut Hill com os outros, não? Há um oficial da SS morando a duas quadras de distância de nós? Livre em nossa comunidade?

— Nem eu sei com certeza — meu marido respondeu secamente. — Mas, sim. Quando Newsome admitiu ter encontrado evidências de que um cientista sênior havia passado pela SS, era de Jürgen que ele falava.

— Isso é um *absurdo*!

— Lizzie, não se descontrole!

— Você mesmo disse no começo que isso não era certo...

— Eu nunca deveria ter lhe contado nada sobre isso! Só que não me ocorreu que acabaríamos morando na mesma comunidade que esses homens.

— Porque você sabia que era perigoso!

— Eu estava nervoso no começo, sim. Mas, em relação a Jürgen, estou certo de que o bem que ele pode fazer por este país supera, e muito, qualquer risco que possa ter representado.

— Calvin, há um oficial da SS trabalhando com judeus americanos! — exclamei com um grito sufocado. — Você realmente acha que ele de repente decidiu que eles merecem respirar, no final das contas?

— Jürgen trabalha muito próximo de Eli Klein e eu sempre o vi falar com aquele homem com o maior respeito. Acredite em mim quando digo que ele não se interessa por nada além de foguetes e a sua família.

— Homens como ele não mudam, Calvin — adverti. Minha voz engrossou com a emoção e meus olhos se encheram de lágrimas. Calvin gentilmente tocou meu braço e me olhou profundamente.

— A guerra é brutal, Lizzie. Mesmo que os rumores sejam verdadeiros, existe a possibilidade de haver todo um histórico e contextos que nunca seremos capazes de entender.

— A guerra é brutal *por causa* de homens como ele. Essa guerra não começou sozinha. Foram os nazistas que deram início a ela. Os nazistas a perpetuaram. Os nazistas assassinaram milhões de pessoas inocentes. Não há dúvida nenhuma de quem são os vilões aqui.

Nós dois ouvimos uma movimentação no corredor. Cal e eu nos encaramos alarmados. Ele se virou e abriu a porta. Henry estava parado lá, franzindo o cenho.

— Pensei que você tinha ido dormir — comentei. Eu não podia me sentir mais culpada nem se tentasse.

— Só queria um copo de leite — justificou. Henry se moveu lentamente, abriu a geladeira, colocou o leite no copo e pôs a garrafa de volta na geladeira. Ao sair, lançou um olhar incisivo para mim.

— Boa noite — falei, de uma forma não muito convincente.

— Boa noite, Henry — acrescentou Cal.

— Hmm — grunhiu Henry, fazendo uma careta. Nós o observamos até ele desaparecer pela porta do fundo, de volta ao seu apartamento em cima da garagem.

— Você acha que ele ouviu? — perguntou Cal.

— Não — respondi, com as batidas do coração voltando ao normal. — Ele não estaria tão calmo se tivesse nos escutado.

— Henry não pode saber sobre o que acabamos de conversar, Lizzie. Não só porque ninguém pode saber. No caso de Henry, também não seria bom para ele.

— Minha principal preocupação sempre é o bem-estar de Henry — disparei.

ACORDEI NAQUELA NOITE COM UM BAQUE E DEPOIS UM LAMENTO DOLOROSO. Saltei da cama e corri para o corredor. Calvin estava de pé na porta de seu quarto. Nunca havíamos compartilhado um quarto, algo que deixara Henry perplexo na primeira vez que veio ficar conosco. Expliquei que Calvin roncava terrivelmente e, embora meu irmão parecesse não ter acreditado no início, o som que ecoou pelo corredor mais tarde naquela noite, quando Cal foi para a cama, pareceu convencê-lo.

Agora, encontrava-me parada ao lado de Calvin, esfregando meus olhos cansados ao balbuciar:

— Era Henry?

— Acho que sim — respondeu Cal.

— Lizzie! — Ouvi Henry chamar. O som vinha da cozinha. Calvin correu na minha frente e abriu a porta, bem no momento em que Henry gritou: — Deixe-a em paz!

Sua voz parecia exausta e ele estava se agitando loucamente. Fiz um movimento para alcançar o fio que acendia a luz, mas Calvin segurou minha mão.

— Sonambulismo — sussurrou. — Deixe a luz apagada e vamos tranquilizá-lo primeiro. — Em seguida, subiu o tom

de sua voz e falou com firmeza: — Henry, você está seguro. Não tem ninguém aqui.

— Henry — chamei, mantendo um tom brando. — Querido, acorde. Você está bem!

Henry se jogava pelo cômodo como se lutasse contra um agressor invisível. Ao se debater, derrubou a cesta de frutas no chão. Maças rolaram pelas tábuas do piso e eu suspirei impacientemente ao puxar o fio da luz. Cal olhou para mim com incredulidade.

— Um de nós quebraria um tornozelo se eu não fizesse isso — murmurei. Então, Henry avançou quando Calvin estava distraído.

— Sou eu! — Cal gemeu quando Henry o empurrou violentamente contra a geladeira. Os óculos de Calvin caíram e fizeram um barulho no chão.

— Henry! — dei um grito sufocado, agarrando e puxando seu braço. Henry se desvencilhou de mim e eu tropecei, batendo na porta e soltando um grito de dor.

Nesse momento, Henry se afastou de Calvin e olhou vagamente pelo cômodo como se não tivesse ideia de onde estava. Ele logo se agachou perto do fogão, ofegando como se tivesse corrido, com as mãos na cabeça. Deixei Calvin de lado para me agachar ao lado do meu irmão. De perto, notei o suor em sua pele e as lágrimas em seus olhos.

— Ele estava aqui — disse Henry, ainda confuso. Ele olhou pelo cômodo e então meneou a cabeça. — Para onde ele foi?

— Foi só um sonho — disse Cal, suavemente. — Você estava sozinho.

Henry piscou para tirar as últimas lágrimas dos olhos e fez uma cara feia para Calvin.

— Eu sei a diferença entre um sonho e a realidade! Ele estava *nesta casa*.

— Isso já aconteceu antes — recordei-o. — Lembra? Quando você voltou para casa pela primeira vez, em El Paso.

Os sonhos de Henry haviam se tornado muito vívidos desde que retornara da Europa, e ele frequentemente vagava pela casa em um sono profundo. Depois da noite em que eu o encontrei parado ao lado do carro, com as chaves na mão, mas claramente dormindo, passei a esconder as chaves quando ele ia para a cama.

No entanto, esse episódio parecia diferente. Naqueles sonhos, mesmo quando ele agia de maneira estranha, ficava totalmente alerta assim que eu falava com ele, e percebia com rapidez que estivera sonhando. Além disso, ele nunca machucara alguém antes, mas estremeci ao pensar no que poderia ter acontecido com Calvin se Henry não tivesse acordado naquele momento.

— Alguém estava *aqui*, Lizzie. Deve ter sido o Rhodes — insistiu Henry. Calvin se agachou e tateou o chão até encontrar os óculos. Deu um suspiro quando percebeu que estavam quebrados e Henry olhou para ele, aflito. — O que aconteceu com os seus óculos, Cal? Rhodes fez isso?

— Você estava sozinho — repetiu Calvin.

Henry franziu o cenho, negando com a cabeça.

— Ele deve ter saído antes de vocês chegarem. — Ele parou por um instante e depois assentiu com a cabeça, como se tivesse se convencido. — É isso. Ele deve ter... — Seu olhar vagou até a janela e ele franziu o cenho novamente. Estava trancada. Seus olhos se direcionaram para a porta. — Ele deve ter ido naquela direção. Pelo corredor. Saiu pela porta dos fundos.

— Por que você não dorme no quarto de hóspedes esta noite? — sugeri.

— Precisamos chamar a polícia — disse Henry. Ele lançou um olhar impaciente para mim, como se *eu* fosse a irracional.

— Ninguém esteve aqui, Henry.

— Vocês não estão me escutando! — ele exclamou, subindo o tom novamente. — Não estou louco, eu sei o que vi.

— Por que não chamamos a polícia amanhã de manhã? — sugeriu Calvin. Ele olhou para mim e eu assenti sutilmente com a cabeça.

— Boa ideia — concordei, em um tom gentil. — Se alguém esteve aqui, já foi embora. Vamos dormir um pouco e tentar pensar nisso amanhã.

Assim que acomodei Henry no quarto de hóspedes, fui para o quarto de Cal e fechei a porta depois de entrar. Ele estava sentado na cama, usando seus óculos de reserva. Olhava fixamente para as tábuas do chão, com uma expressão séria.

— Ele nos ouviu, com certeza — murmurei.

— Eu sei.

— O que vamos fazer?

— Ele precisa de um médico.

— Um médico? — repeti. — Para se tratar de quê? Pesadelos?

— Não sei o que foi aquilo, mas foi mais do que apenas um pesadelo.

Neguei com a cabeça.

— Ele não precisa que médico nenhum lhe diga que ele está louco, Calvin. Ele só teve uma noite ruim, e é nossa culpa de qualquer forma, porque ele ouviu a nossa conversa sobre... — Pigarreei. — Seus *colegas*.

— Ele a empurrou contra aquela porta e estava pronto para arrancar a minha cabeça. Estou preocupado com ele, meu amor.

— Eu também. Mas ele odeia médicos.

— Você quer que eu fale com ele? — Fiz que não com a cabeça. — Então, você tem que falar, Lizzie. Por favor, converse com ele. Talvez ele só precise de alguns comprimidos.

Dormi no sofá naquela noite porque ficava na sala em frente ao quarto de hóspedes. Toda vez que Henry se mexia, eu dava um pulo, pronta para socorrê-lo.

HENRY ENTROU NA COZINHA E PEGOU UMA DAS MAÇÃS MACHUCADAS QUE EU colocara de volta na cesta de frutas às duas da manhã. Ele estava vestido e pronto para trabalhar, mas parecia tão exausto quanto eu quando mordeu a maçã e se sentou à minha frente.

— Você estava falando com alguém agora há pouco? — perguntei, cautelosamente.

Eu havia tomado um banho rápido assim que despertei, esperando já estar vestida quando Henry acordasse, mas, assim que entrei no chuveiro, ouvi-o falando baixinho no corredor. Quando acabei de me vestir, ele retornara para o quarto.

— Sim, eu liguei para o Walt para avisar que eu me atrasaria — explicou. Ele deu mais uma mordida na maçã e notei *algo rabiscado à caneta na mão dele: 1401 BA SE*. O que aquilo significava? Seria algo relacionado ao trabalho, um lembrete para fazer alguma coisa na madeireira? — E liguei para a polícia depois. Eles vão chegar logo.

— Quê? — indaguei, com o coração pesado. — Henry, não. Sei que a noite passada pareceu real, mas foi apenas um daqueles sonhos que você costumava ter. Você nunca nem viu Jürgen Rhodes. Como poderia saber da aparência dele?

— Quantos outros alemães têm um problema com você, hein? — ele franziu a testa. — Sei o que escutei.

— Quando você nos acordou, *você* estava na cozinha, lutando com ninguém — eu disse, nervosa. — Você sabe que eu não sou fã desses alemães, mas, neste caso, o invasor estava na sua imaginação.

Henry franziu o cenho por um momento. Em seguida, hesitou.

— Bem, mal não vai fazer se a polícia vier até aqui e der uma olhada na casa.

Que inferno! Como eu o faria entender? Não tive nem tempo de pensar sobre isso, porque uma batida leve veio da porta. Corri atrás de Henry quando ele se levantou rapidamente para atender.

O policial era um homem de meia-idade com um olhar incisivo. Ele estava parado no meu saguão e espiava a sala de estar com uma caderneta na mão. Henry se apresentou e depois apontou para mim.

— Policial Johnson, esta é Lizzie Miller. A esposa de Calvin Miller. Cal estava aqui na noite passada, mas está no trabalho agora, no Redstone Arsenal. Ele trabalha no programa de foguetes.

— Sou o detetive Johnson, sra. Miller — apresentou-se o policial. — Prazer em conhecê-la.

— O prazer é meu — retribuí desanimada. Em seguida, acrescentei: — Meu marido e eu não vimos nada, na verdade.

— Parece que um invasor entrou, percebeu que estava em desvantagem e foi embora — disse Johnson em um tom sombrio. Ele olhou para Henry e acrescentou: — Provavelmente não esperava encontrar dois homens aqui. Você tem certeza de que o invasor era esse Jürgen Rhodes?

— Absolutamente — confirmou Henry. — Estava escuro. Mas ele tinha um sotaque alemão e faz todo o sentido ser Rhodes. Minha irmã teve uma discussão com a esposa dele no último final de semana.

O policial passou por mim pedindo licença, olhando cada um dos cômodos. Henry o seguiu, e eu segui Henry.

Tentei ver a casa pelos olhos dele. Minha casa era a imagem de uma organização perfeita: mobília e obras de arte caras, cuidadosamente selecionadas e dispostas, pisos totalmente polidos que eu limpava todos os dias, cortinas que eu mantinha livres de poeira, janelas que eu limpava uma vez por semana.

Certamente o policial podia ver que aquele não era um local que sofrera uma invasão e tentativa de agressão. Não havia nada fora do lugar. Mesmo assim, Henry contava uma história para o policial conforme ele andava pela casa.

Não durmo bem desde a guerra. Eu estava na cama, completamente acordado. Ouvi um barulho. Fui investigar.

Vi Rhodes na casa. Fui atrás dele. Uma pequena briga na cozinha, eu o segurei contra a geladeira. Lizzie e Cal escutaram o barulho e acordaram logo depois que Rhodes escapou. Provavelmente pela porta dos fundos. Nós nunca a trancamos.

Tudo aquilo era tão absurdo que comecei a me perguntar se eu estava sonhando.

— Eu não... — Parei quando Johnson foi examinar de perto a tranca da porta dos fundos. — Cal e eu *realmente* não ouvimos nem vimos nada daquilo. Absolutamente nada... — O que eu deveria fazer nessa situação? Eu tinha que contar ao policial que Henry estava imaginando coisas, mas não queria irritá-lo e certamente não queria envergonhá-lo.

— Você provavelmente estava dormindo naquela hora — disse Johnson com desdém. Ele bufou e olhou para mim e Henry. — Esses alemães me preocupam — disse para Henry.

— A mim também — Henry completou.

— Você é um veterano?

— Sim, senhor.

— Região do Pacífico?

— Não, senhor. — Henry respirou fundo e se endireitou. — Europa.

— Obrigado pelo seu serviço, meu filho. Deve ser difícil vê-los caminhando pelas ruas deste país.

— Realmente é, senhor.

— Tenham muito cuidado de agora em diante, todos vocês — alertou Johnson, guardando a caderneta no bolso. — Mantenham todas as portas trancadas. E, se ouvirem qualquer coisa, liguem para nós imediatamente.

— Obrigado, senhor — agradeceu Henry em um tom sombrio. Caminhamos pelo corredor até a porta de entrada, em silêncio. Meu coração batia com violência no peito. Eu tinha que corrigir aquilo, só não fazia a menor ideia de como. Quando o policial abriu a porta, entrei em pânico e soltei:

— Você vai prendê-lo?

O detetive Johnson se virou para me oferecer um olhar gentil.

— Sinto muito, sra. Miller, mas seria muito difícil para nós fazer isso porque nenhum de vocês o viu claramente. Vou proceder com algumas investigações e ficar de olho em sua casa com a patrulha noturna por algumas noites, caso haja mais alguma confusão.

Henry olhou para os rabiscos em sua mão e acrescentou solicitamente:

— Ele mora na avenida Beetle, 1401, senhor. Caso decida interrogá-lo.

Enquanto o policial tomava nota do endereço, olhei para meu irmão em choque.

— Como você sabe disso?

— Está na lista telefônica, irmã. Apenas procurei para economizar o tempo deste policial atarefado, só isso.

Olhei para Henry e depois para o policial, respirei fundo e tentei uma última vez:

— Senhor, Cal e eu realmente não ouvimos *nada*...

— Não se culpe, sra. Miller — interrompeu-me o detetive Johnson gentilmente. — Você tem sorte que seu irmão aqui seja um soldado. Ele vai ficar de olho em vocês.

Ele fez uma saudação com o quepe e caminhou até o carro parado na entrada.

— Henry — sussurrei nervosa. — Por que Rhodes viria à casa do chefe dele no meio da noite para causar confusão? Não faz sentido. Ele não esteve aqui na noite passada. Ninguém esteve.

— Você estava dormindo — Henry respondeu em um tom suave. — Só tranque a casa quando eu estiver fora, ok? E, se estiver em casa sozinha, não atenda à porta, a menos que saiba com certeza quem é.

Baixei o olhar para aquele número na mão dele e falei:

— Só me prometa que você não irá à casa dos Rhodes.

Henry suspirou, impaciente.

— Não vou atrás de confusão. Só estava tentando ajudar, só isso.

Em seguida, vestiu o boné e saiu para o trabalho. Fiquei parada na varanda, observando meu irmão desaparecer rua abaixo, doente de preocupação. Assim que ele sumiu da minha vista, forcei-me a entrar e ligar para Calvin.

— Henry ligou para a polícia e um detetive apareceu em casa hoje de manhã — soltei assim que Calvin atendeu minha ligação no telefone do escritório.

— Ele fez *o quê*?

— Talvez alguém *tenha estado* aqui? — indaguei, hesitante. — Henry parecia muito certo disso.

Ouvi Calvin respirando fundo do outro lado da linha e pude imaginar sua expressão pensativa.

— Ele estava lutando com o ar, querida. Você viu tanto quanto eu.

— Falei para eles que não ouvimos nada. Disse ao policial pelo menos três vezes — afirmei duramente.

— Isso vai acabar causando alguma confusão, Lizzie? Devo alertar Jürgen? Devo ligar para a delegacia e tentar resolver?

— Perguntei ao policial se eles prenderiam o Rhodes e ele disse que não poderiam porque nenhum de nós o viu claramente. Ele só disse que eles vão vigiar a casa, talvez fazer algumas averiguações.

— Lizzie — Cal disse calmamente. — Você fala com Henry? Por favor? É urgente, querida. Ele precisa de um médico. Isso virou um caso sério agora.

Concordei em falar com Henry naquela noite e fiquei pensando em como o faria sem envergonhá-lo ou enfurecê-lo.

HENRY CHEGOU DO TRABALHO MAIS CEDO QUE CAL NAQUELE DIA. ELE BAGUNÇOU meu cabelo quando passou por mim na cozinha e eu o afastei com uma ombrada porque minhas mãos estavam cobertas de carne moída.

— É bolo de carne? — ele espiou a tigela que eu estava usando.

— Com certeza — respondi alegremente. Era sua comida favorita, e eu estava tentando agradá-lo. — Como foi o seu dia?

— Ótimo — disse ele. — E o seu? Sem problemas hoje?

— Tudo em paz — garanti em tom leve. Dei uma última moldada na carne que estava na assadeira e lavei as mãos. Em seguida, coloquei a assadeira no forno. Henry pegou uma cerveja da geladeira e sentou-se à mesa para ler o jornal. — Henry, escute. Eu estava pensando que talvez fosse uma boa ideia você marcar uma consulta com um médico.

Ele olhou para mim com um olhar vazio.

— Médico? Não estou doente.

— Bem, você disse que não está dormindo bem — comecei com cuidado. — Talvez alguns comprimidos para dormir...

— Já tentei os comprimidos — ele afirmou abruptamente. Isso era novidade para mim.

— Você tentou?

Henry fechou o jornal, levantou-se, pegou a cerveja e se afastou da mesa.

— Esses comprimidos não são para mim, irmã. Além disso, é *bom* que eu não esteja dormindo bem no momento.

— Como isso é bom?

— Posso protegê-la, Lizzie. Posso vigiar a casa enquanto você dorme.

Ele estava saindo com a cerveja na mão, já perto da porta da cozinha, seu corpo apertado no maior uniforme que a madeireira tinha disponível, os ombros caídos. Meu coração doía por Henry.

— Ninguém esteve aqui na noite passada, Henry — falei, hesitante.

— Irmã — ele disse, olhando de volta para mim e forçando um sorriso. — Eu sei o que vi.

QUANDO CAL CHEGOU NAQUELA NOITE, HENRY ESTAVA NA SALA DE ESTAR, rindo de algo na tv. Cal acenou para mim, pedindo para segui-lo até o escritório. Entramos e ele fechou a porta.

— Você conversou com ele sobre o médico?

— Eu tentei — respondi.

Calvin me deu um olhar perscrutador. A compaixão e a ternura em seus olhos eram tão intensas que me levaram às lágrimas. Calvin Miller era realmente o melhor homem que eu conhecia.

— Podemos dar a ele mais alguns dias Cal? — sussurrei. — Por favor? Vamos apenas deixá-lo se ajustar antes de fazer tanto alarido sobre o que foi provavelmente só um pesadelo vívido.

— Ok, querida — disse Cal com cuidado, embora eu pudesse sentir que ele não estava convencido. — Podemos dar um pouco mais de tempo para ele se ajustar. Porém, se houver outra confusão como a da noite passada, teremos que lidar com o problema de outra maneira.

— Obrigada.

— Não quero deixá-lo envergonhado, realmente não quero. Mas pode ser que os problemas de Henry tenham chegado a um ponto tão ruim que ele precise mesmo de ajuda.

24

SOFIE

Berlim, Alemanha 1935

JÜRGEN E EU CONVERSAMOS ATÉ DEPOIS DA MEIA-NOITE, TENTANDO CONSIDERAR todas as possibilidades. Por qual ponto da fronteira poderíamos fugir? Como nos asseguraríamos de não levantar nenhuma suspeita, especialmente com Dietger nos vigiando de perto? O que Adele faria? Ela nos encorajaria a fugir sem ela, mas ficaríamos temerosos de deixá-la para trás. Haveria consequências para ela?

Eram muitas questões que não tínhamos como responder, e com Jürgen com os olhos vermelhos de cansaço, decidimos ir dormir. Eu me mexia e me virava, perguntando a mim mesma um milhão de variações de *vamos realmente fazer isso?*. Na última vez que olhei para o relógio, eram 2h33.

Fui despertada do sono menos de meia hora depois por uma batida na porta da frente, um barulho alto o suficiente para balançar as janelas do nosso quarto. Com cara de sono e espantada, rolei até Jürgen e o sacudi.

— O que está acontecendo?

Ele gemeu ao se esforçar para levantar, colocou os óculos, olhou para o relógio e se virou para mim.

— Uma batida na porta a essa hora só pode significar uma coisa, meu amor.

Ficamos olhando um para o outro sob a luz fraca. Meu coração batia acelerado no peito e meus ouvidos zuniam.

— Não fiz nada de errado — ele sussurrou. — Suponho que você também não.

— Mayim — falei, engasgando e fechando os olhos.

— Precisamos atender antes que as crianças acordem.

Coloquei meu robe e segui Jürgen pelas escadas, com o coração tão rápido que me sentia tonta. Quando chegamos no térreo, ele pegou na maçaneta e eu agarrei seu cotovelo.

— Não podemos deixar que a levem! — implorei aos prantos, em pânico ao imaginar Mayim sendo arrastada para fora de casa noite adentro. Jürgen hesitou, alternando seu olhar entre mim e a porta. A batida voltou.

— Abram! — alguém gritou.

— Sinto muito, Sofie — sussurrou Jürgen, com a voz fraca.

— Não podemos deixar de atender.

No andar de cima, uma tábua do piso rangeu. Olhei para cima e vi Mayim no patamar acima de nós.

— O que foi? — ela sussurrou.

— Esconda-se no armário do quarto da Laura! — murmurei impetuosamente. Poderíamos dizer a eles que Mayim não estava em casa... que apenas nossa garotinha estava naquele quarto... Eles acreditariam em nós, talvez? Certamente valia a tentativa. Tínhamos que fazer alguma coisa. — Esconda-se! Por favor!

Mayim deu um grito sufocado e seu rosto foi dominado pelo horror, mas ela não se mexeu.

— Se eu me esconder lá, Laura pode acordar e vê-los me levando embora! — sussurrou de volta. Ela franziu os lábios, fechou os olhos e replicou fracamente: — Não posso deixar isso acontecer.

— Sofie... — suplicou Jürgen. Virei-me para ele e seu olhar estava calmo. — Sinto muito, meu amor. Não podemos escondê-la. Simplesmente não podemos.

Olhei para cima novamente e vi Mayim se afastando. Mas ela retornou apenas um segundo depois, vestindo seu casaco, com a cabeça erguida e os olhos brilhando.

— Mas ela não fez nada de errado! — lamentei. Então, Jürgen abriu a porta, revelando um grupo de homens na entrada.

A Gestapo não usava uniforme: seus membros trabalhavam de forma furtiva. Aqueles homens poderiam muito bem ser um grupo social que tinha saído para uma caminhada noturna se não fosse pelas expressões assassinas. Enquanto meus olhos se ajustavam à escuridão, vi Dietger perambulando na calçada atrás deles.

— Jürgen Rhodes? — perguntou o homem da frente. Jürgen assentiu em silêncio. — Você precisa vir conosco. — Meu coração deu um salto.

— Mas... esperem. Quê? — engasguei, dando um passo adiante. Jürgen olhou para mim alarmado. Em seguida, meneou a cabeça e lançou um olhar agitado quando me aproximei. Levei a mão à boca, subitamente apavorada com a ânsia de vômito.

— Posso me trocar? — Jürgen perguntou aos homens, apontando para o seu pijama.

— Esta não é uma visita social! — o homem explodiu. Jürgen não resistiu, nem quando os homens o conduziram para fora da casa noite adentro. Dei um passo para a frente na entrada vazia.

A iluminação da rua brilhava lá fora, fornecendo luz suficiente apenas para que eu pudesse ver meu marido sendo empurrado para o banco de trás de um carro preto. Observei o carro sumir, e a rua de repente voltou a ficar silenciosa. Tudo poderia ser apenas um sonho, exceto pelo fato de que eu estava tremendo da cabeça aos pés e de que Dietger ainda estava parado próximo à mureta de pedra que separava meu jardim e a calçada.

Meu olhar, através das lágrimas, encontrou o dele. Éramos vizinhos há anos e nunca nos desentendemos. Ele olhou para mim de forma triste e, em seguida, negou com a cabeça lentamente, como se estivesse pessoalmente desapontado comigo.

— Para onde ele está sendo levado? — perguntei, com a voz fraca.

Em vez de responder, ele se virou e caminhou devagar pela rua, de volta para casa.

ANDEI DE UM LADO PARA O OUTRO NO SAGUÃO POR UM TEMPO, FRENÉTICA E em prantos.

— Não sei o que fazer — falei depois de um momento.

— Você poderia ligar para Lydia e Karl — sugeriu Mayim. Ela também chorava, mas permanecia na escada, como se a porta de entrada representasse uma ameaça à sua segurança física.

Eu me senti mal por acordar Lydia e Karl, mas, para minha surpresa, ninguém atendeu. Liguei novamente, com o mesmo resultado.

— Será que eles saíram? — quis saber Mayim, mas olhei para ela e depois para o telefone, fazendo uma careta.

— Telefonei para Lydia depois de pegar Georg na escola ontem, você se lembra? — Afundei na poltrona, negando com a cabeça. — Íamos tomar um chá matutino na casa dela amanhã... hoje. Eles devem estar em casa.

— O que mais podemos fazer?

— Temos que esperar — falei, sufocada. E foi o que fizemos. Porém, sempre que eu olhava para o relógio, ficava surpresa porque o tempo simplesmente não passava.

Por fim, Mayim e eu fomos para a sala de estar e o sol começou a surgir no horizonte, com seus raios dourados lentamente se infiltrando pelas cortinas. Mayim se levantou e fez um café forte para nos prepararmos para o despertar das crianças. Sentamo-nos juntas no sofá e tomamos a bebida amarga.

— Você pensou que eles estavam aqui por minha causa — ela disse depois de um tempo.

— Parecia a única razão óbvia para uma visita deles.

— Vocês precisam do trabalho de Jürgen mais do que precisam de mim — ela disse de forma firme. — Prefiro ficar

no apartamento dos meus pais a ver Jürgen sendo arrastado da sua casa pela Gestapo por minha causa.

— Na noite passada, Jürgen e eu conversamos sobre sair.

— Sair... do emprego dele? — ela ergueu as sobrancelhas.

— Sair da Alemanha. Todos nós. Ele, eu, você... talvez até Adele.

— Adele nunca sairia. Ela nasceu naquela casa e quer morrer naquela casa.

— Eu sei. — Dei um riso fraco em meio às lágrimas. Adele nos treinara tão bem que todos sabíamos exatamente o que ela queria no final da sua vida. — Perguntaríamos a ela de qualquer forma.

Então, eu parei de falar, considerando os novos acontecimentos. Jürgen estava muito convencido de que nunca o deixariam sair. Era exatamente o motivo pelo qual planejavamos ir embora de forma rápida e silenciosa.

— Isso foi depois de você ter ido dormir — contei a Mayim, tentando juntar as peças do quebra-cabeças. — Estávamos no escritório. A porta estava trancada. Ninguém poderia nos ter ouvido.

— Talvez Dietger estivesse ouvindo do lado de fora? — ela sugeriu. — Perto da janela?

— Estávamos no canto, nas poltronas. A janela estava fechada.

Levantei-me e fiz o caminho de volta do corredor até o escritório. Eu não tinha ideia de como seria um aparelho de escuta, mas se houvesse um microfone no cômodo, certamente eu seria capaz de encontrá-lo? Mayim veio ajudar, mas depois de procurarmos em cada canto e em cada fenda, não encontramos nada.

— Não está começando a parecer que estão sempre nos vigiando? — Mayim sussurrou quando finalmente desistimos e jogamos nossos corpos exaustos de volta nas poltronas da sala. — Nenhum lugar é seguro mais. Nem mesmo nossa própria casa. E se não conseguimos entender como estão nos vigiando, não podemos fazer nada para evitar.

Ficamos sentadas em silêncio por um longo tempo depois disso. O sol já estava alto no horizonte. O café que restava na cafeteira esfriara há muito tempo.

— Mamãe — Georg me chamou. Virei-me e encontrei-o parado na soleira da porta, olhando cautelosamente para Mayim. Eu e ela trocamos um olhar triste e eu me levantei do sofá.

— Vou ajudá-lo a se vestir para a escola, Georg — eu disse, com um nó na garganta. Odiava ter que levá-lo de volta para aquele lugar, mas não havia alternativa.

Não ainda, e talvez nunca.

ABABÁ DE LYDIA ESTAVA NO PORTÃO DA ESCOLA PARA DEIXAR HANS.

— A sra. Zu Schiller teve que sair? — perguntei a ela em um tom leve. Ela negou com a cabeça.

— Não, ela está em casa.

— Tivemos uma emergência familiar e tentei ligar para ela ontem à noite — comentei, hesitante. A babá olhou para mim com um olhar confuso.

— Tem um telefone perto dos meus aposentos. Eu teria escutado se ele tivesse tocado.

— Você se importaria de pedir a ela para me ligar quando chegar em casa?

— É claro.

Sentei-me perto do telefone no escritório de Jürgen, esperando a ligação de Lydia. Mayim trouxe mais café para mim e, em seguida, levou Laura para brincar no pátio. Fiquei olhando para a janela da frente do cômodo, tentando descobrir como Dietger poderia ter nos escutado.

— Mayim disse que eles levaram Jürgen! — gritou Adele, invadindo o escritório sem avisar. Tomei um susto e ela se agachou na minha frente, segurando meu rosto com as mãos ásperas. — Ah, meu Deus, Sofie. Sinto muito, meu tesouro. Sinto muitíssimo. Você tem alguma ideia do motivo?

— Nós... — Olhei pelo cômodo, subitamente apavorada demais para dar voz às minhas suspeitas, mas não confiando mais na segurança do meu lar. — Não sei — minha voz saiu embargada.

Adele me puxou para um abraço, me apertando contra seu corpo magro com uma força surpreendente. Ela me soltou e se levantou.

— Tem alguém para quem você possa ligar? Aqueles amigos, os Zu Schiller, talvez?

— Eu... eu tentei ligar ontem à noite — falei. — Eles não atenderam. Pedi à babá de Lydia que os avisasse de que preciso falar com eles.

— Ligue para ela agora — ordenou Adele abruptamente. Não me ocorreu a possibilidade de desobedecê-la. Peguei o aparelho e disquei. Desta vez, atenderam após poucos toques.

— Residência Zu Schiller — atendeu a governanta.

— Alô, aqui é Sofie von Meyer Rhodes — informei. Então, pigarreei e perguntei: — Lydia está em casa?

Houve uma pausa desconfortável antes de a governanta responder em um tom áspero:

— A sra. Zu Schiller não está disponível.

— Ela está me aguardando para um chá agora de manhã... — comentei fracamente.

— A sra. Zu Schiller não está disponível, sra. Von Meyer Rhodes — ela repetiu com firmeza. — Isso inclui seu chá matinal, lamento.

— Posso falar com Karl, então?

— Ele está em Kummersdorf, obviamente.

— Vocês tiveram algum problema com o telefone recentemente? — sussurrei, fechando os olhos.

Então, houve uma pausa. Em seguida, ela disse:

— É estranho. Os dois telefones foram desconectados. Percebi apenas nesta manhã quando estava tirando o pó. Deve ter sido uma das crianças.

As crianças não haviam tocado nos telefones. Tinha sido Lydia ou Karl, porque eles sabiam que eu ligaria em uma hora delicada.

HOUVE UMA BATIDA NA PORTA DE ENTRADA UM POUCO ANTES DO MEIO-DIA.

Adele correu para atender, mas Mayim e eu seguimos a uma distância segura. Era Jürgen, sozinho. Um de seus olhos estava roxo e inchado, quase fechado, e ele estava visivelmente abatido. Porém, parecia que não tinha sofrido ferimentos graves. Adele o abraçou, proferindo orações de gratidão a Deus. Então, afastou-se, abrindo espaço para mim. Joguei meus braços em volta do pescoço dele e chorei. Ele ficou parado em silêncio, com as mãos em minhas costas, sua respiração firme e calma.

No entanto, quando me afastei, vi a forma triste como ele olhava para mim e Mayim, e soube que aquilo ainda não tinha acabado. Tia Adele virou seu olhar na direção da cozinha, como se não pudesse suportar que a víssemos chorar, mas sua voz mal saía por causa das lágrimas.

— Acho que vocês precisam de café.

— Seria maravilhoso. E vamos tomar no pátio, obrigado, tia Adele — disse Jürgen em um tom baixo. Adele e Mayim sussurravam ao andar pelo corredor, e me deixaram sozinha com meu marido.

— No pátio? — protestei. — Você precisa descansar.

— Estou mesmo cansado — ele concordou, admitindo a obriedade do século. Mesmo assim, forçou um sorriso. — A luz do sol no meu rosto me ajudará a despertar.

Sentamo-nos nas cadeiras de ferro forjado no pátio. Mayim trouxe uma bandeja com pão de centeio e a geleia de groselha preta de Adele, além de um café tão forte que eu pude sentir o cheiro quando ela saiu pela porta dos fundos.

Assim que ela se afastou, Jürgen colocou o braço em volta dos meus ombros e respirou fundo, como se estivesse me farejando.

— Eles sabiam que estávamos conversando sobre ir embora. Foi por isso que me levaram. Minhas opções são limitadas, mas simples. Deixam-me viver e eu trabalho para o programa de foguetes... ou... — Ele parou de falar e eu engoli em seco. — É como eu disse ontem à noite. Eles precisam demais de mim para que me deixem ir embora.

Jürgen me soltou com cuidado e encheu uma xícara de café. Em seguida, bebeu um gole e tocou em seu olho inchado, estremecendo.

— Disseram que passa a mensagem errada ao público se um funcionário sênior como eu se envolve com judeus.

— Bem — tentei manter a calma —, podemos apenas...

— Sofie, ela tem que ir embora. Temos que apagá-la das nossas vidas. Foi isso que eles disseram. — Sua voz denunciava sua repulsa. — *Apagá-la*. Ela é como uma irmã para você, e isso significa que ela é como uma irmã para mim. Ela é parte da nossa família.

— Nós *não podemos* — falei com a voz embargada, aflita.

— Seremos feitos de exemplo para o público de uma forma ou outra. Você entende o que isso significa? Se não formos um exemplo de como expulsar uma amiga judia, seremos um exemplo do que acontece com as pessoas que não fazem isso. Não sei como sobreviveremos se eu perder esse emprego, ainda mais se...

— Fiquei pensando sobre quando tivemos aquela conversa — sussurrei. — Mayim acha que Dietger talvez estivesse do outro lado da janela.

— Eles repetiram para mim o que conversamos — disse Jürgen. — Dietger não poderia ter nos escutado de forma tão clara do lado de fora. Era como se a Gestapo estivesse no escritório conosco.

— Verifiquei o escritório hoje de manhã — comentei, meneando a cabeça. — Se houvesse algum microfone lá, certamente eu o teria achado.

— Talvez não — comentou Jürgen, hesitante. Ele olhou para mim. — Há boatos em Kummersdorf sobre um

projetista de armas que se revoltou. Dizem que foi pego por causa de um aparelho de escuta no escritório dele. A Gestapo supostamente estava no edifício ao lado escutando cada palavra que ele dizia. Nunca levei os rumores a sério até ontem à noite. Aparelhos de escuta secretos? Tão pequenos que uma pessoa nem conseguiria notá-los, tão pequenos que nem poderiam ser encontrados? A própria ideia parece absurda. Pensei que a história era só mais propaganda. Serve bem ao regime se as pessoas pensarem que a Gestapo pode ouvi-las mesmo na privacidade de suas casas ou escritórios.

— Mas... não há sinal de nenhum aparelho naquele cômodo. Eles realmente poderiam ter inventado microfones invisíveis que nem precisam de eletricidade? Deve haver outra explicação.

— Se você disser a um engenheiro eletrônico que temos foguetes razoavelmente confiáveis sendo disparados com certa frequência, ele provavelmente responderá que isso é um absurdo. Até onde sabemos, outra pessoa trabalhando na artilharia do exército projetou microfones passivos que realmente podem ser escondidos em plena vista. Temos que agir pensando que essa é a verdade.

— Temos que supor que eles escutam tudo o que falamos? Em qualquer lugar para onde formos?

— É provavelmente seguro aqui fora — ele sussurrou. — Talvez haja formas de cobrir o som dos nossos sussurros lá dentro, mas temos que ter cuidado. Nunca saberemos em quais cômodos eles estão nos escutando... — Ele apontou para o edifício vizinho ao de Adele. — Ou mesmo em quais casas.

— Dietger estava presente quando você foi levado ontem à noite — revelei com um nó na garganta. A existência de tal tecnologia podia explicar como nosso vizinho conseguia meter o nariz nos assuntos de todo mundo. Senti-me fisicamente mal. — Tentei ligar para Lydia depois que a Gestapo o levou. Não sabia mais o que fazer. Ela não

atendeu, e nesta manhã a governanta me disse que eles desconectaram os telefones ontem à noite.

Jürgen e eu nos encaramos, ligando os pontos da única maneira que fazia sentido.

— Eles sabiam que você ligaria — concluiu Jürgen.

— Você era amigo de Karl e eu era amiga de Lydia muito antes de começarmos a namorar — lembrei. — Se não podemos confiar neles, em quem poderemos?

A resposta estava no olhar de meu marido. Dali em diante, teríamos que desconfiar de todos de fora da nossa família.

— O que faremos com Mayim? — ele quis saber.

Eu nunca teria coragem de mandar Mayim embora, mas ela não podia ficar. Não podíamos deixar que nossos filhos sofressem uma lavagem cerebral, mas não tínhamos escolha a não ser deixar que isso acontecesse.

Eu não conseguia reunir meus pensamentos de forma que fizesse sentido.

— Meu amor — chamou-me Jürgen, de repente. Virei-me e ele me deu um sorriso gentil. A pele em torno do seu olho inchado se enrugou. — Deixe comigo, tudo bem? Vou pensar sobre isso.

Ele entrou para tirar um cochilo em seguida. Mayim tinha ido para a casa de Adele com Laura e eu fui me juntar a elas. Adele preparou um chá adocicado para mim, e sempre que eu acabava com a xícara, ela a enchia novamente. No final, ficamos sentadas quase em silêncio, exceto pelo som da conversa de Laura enquanto ela se entretinha. Segurei aquela última xícara de chá em minhas mãos, empaturrada demais para bebê-lo, mas me confortando com o calor.

Quando Jürgen acordou, juntou-se a nós e insistiu que eu também fosse tirar um cochilo. Quando acordei, saí do quarto e fui para a sala de estar, onde encontrei Jürgen e Mayim sentados um de frente para o outro nos sofás. Mayim estava chorando e esfregava os olhos com um lenço.

— Eu já tinha decidido sair, Sofie — ela me informou.

— Mas como você vai sobreviver? — inquiri, aflita.

— Sou forte. Minha família é forte — ela respondeu, com a voz entrecortada. — Além disso, não temos escolha. Você sabe que isso é verdade, mesmo que deseje que não fosse.

No saguão, menos de uma hora depois, eu estava de pé na frente da minha melhor amiga, olhando fixamente em seus olhos.

— Vou ficar bem — prometeu Mayim. Mas ela estava pálida, e eu sabia que ela não acreditava nisso tanto quanto eu. Eu estava cada vez mais ciente de que ela e sua família corriam perigo. Até aquele momento no saguão, eu tentava me enganar, racionalizando que, enquanto ela estivesse na nossa casa, estaria segura.

Mas eu me tornara alguém capaz de ir a um jantar e fazer piadas sobre joelho de porco enquanto um homem se referia a Mayim e sua família como vermes. Eu era alguém que deixava o próprio filho ler livros antissemitas.

Eu era alguém que estava mandando minha melhor amiga embora, no momento em que o país virava as costas para ela.

Ela estava em perigo e eu era parte do problema, não da solução. Mas não sabia como consertar qualquer parte daquilo sem arriscar a vida de Jürgen.

Era uma posição impossível e insuportável.

— Não sei como vou suportar ficar sem você — soltei.

— Nem eu — ela replicou. — Nós duas teremos que descobrir como.

— Quero que meus filhos sejam como você — falei, com lágrimas quentes rolando pelo meu rosto. — Queria que você me ajudasse a educá-los para serem pessoas melhores. Não sei como serei uma boa mãe sem a sua ajuda.

— Bobagem.

Ela pressionou a mão no meu peito, sobre meu coração.

— Está tudo aqui, Sofie. Você já é uma mãe melhor do que pensa.

Nós duas chorávamos, cada vez mais angustiadas. Passáramos pela infância juntas, depois pela adolescência, pelos primeiros passos corajosos para a vida adulta ao terminar a escola, e ela estava ao meu lado quando me casei com Jürgen e tive meus filhos.

Embora eu soubesse que não merecia o seu amor, tinha certeza de que era tão importante para Mayim quanto ela para mim. Isso era parte do quão maravilhosa ela era: ela me amava muito, apesar das minhas falhas.

— Sofie — alertou Jürgen. Ele tinha carregado as malas dela no carro e estava esperando para levá-la ao apartamento dos pais. Mirou-me com um olhar impotente. — Mayim e eu temos que ir.

Abracei-a uma última vez e sussurrei em seu ouvido:

— Vá para onde Moshe está. Vá para a Polônia. — Ela endureceu e eu engasguei com o choro. Baixei ainda mais a voz, até saber que ela teria que se esforçar para me ouvir. — Por favor. *Por favor*. Adele estava certa. A Alemanha não é mais segura para você. Faz muito tempo que não é segura.

ADELE APARECEU NAQUELA NOITE E PREPAROU O JANTAR PARA NÓS. EU SABIA que as salsichas e o purê de batatas estariam temperados, amanteigados e deliciosos, mas empurrei a comida pelo prato, perturbada demais para comer. Georg e Laura também estavam inquietos, cada um reclamando de ofensas fingidas que eu estava deprimida demais para perceber. Quando Laura jogou um pedaço de salsicha em Jürgen, aparentemente sem provocação, ele empurrou a cadeira para trás e disse severamente:

— Para o quarto. Agora. Vocês dois.

As crianças ficaram visivelmente assustadas com o pai normalmente tranquilo e marcharam, obedientes, escada acima com Jürgen logo atrás. No minuto em que Adele e eu ficamos sozinhas, comecei a chorar. Ela deu a volta na mesa para se sentar ao meu lado e apoiou a mão sobre a minha.

— Fique triste esta noite, Sofie von Meyer Rhodes. Mas amanhã você vai se levantar, sair da cama e seguir em frente. Nem sempre são as árvores mais fortes que sobrevivem à tempestade. Às vezes, são as árvores que se dobram com o vento. E você, meu tesouro, se encontra em meio a um furacão. — Ela baixou a voz para o mais leve dos sussurros, tão fraco que tive que me esforçar para ouvi-la, embora seus lábios estivessem encostados em meu ouvido: — Eles querem que você se torne uma nazista, então você vai fingir que é a melhor droga de nazista que pode ser. Você sempre saberá lá no fundo o que é verdade e o que é certo e eles jamais poderão tocar seu coração. Mas você não tem escolha agora quanto à fachada que apresenta. Seu marido e seus filhos contam com você para jogar o jogo. — Ela empurrou a cadeira para trás e continuou com firmeza: — Você só precisa de uma xícara de chá forte e um pouco de açúcar. Tudo vai ficar bem. Você vai ver.

Não parecia que tudo ia ficar bem, nem naquela noite nem na manhã seguinte, quando Jürgen e eu passamos por todos os cômodos da casa, expurgando lembranças de Mayim, apagando-a de nossas vidas como nos haviam instruído. Não consegui me desfazer das fotos, das cartas e dos cartões de aniversário, então Jürgen fez isso por mim, queimando-os na lareira da sala, bem ao lado do local onde ela gostava de se sentar para ler. Guardei o cobertor de tricô. Seria meu item de conforto agora, para me trazer um tipo diferente de calor nesse mundo que tinha ficado tão frio.

Georg disse que estava feliz por Mayim ter ido embora, mas eu podia sentir sua dor, mesmo que ele não soubesse como entendê-la. Ele acordava à noite chamando por ela, e eu corria para encontrá-lo chorando durante o sono. Prometi a mim mesma que, quando tudo isso acabasse, eu o levaria para o campo e reverteria todos os danos que aqueles anos estavam causando à sua alma. Na verdade, eu não tinha ideia se esse tipo de cura era possível. Um adulto não é

apenas uma criança moldada pela experiência? Como uma pessoa *aprende* a não odiar, se esse ódio foi imposto a ela desde cedo?

A dor de Laura foi tão intransigente quanto a minha no início. “Só quero comer a comida da Mayim”, ela insistia teimosamente. E também havia: “Só quero que Mayim me dê banho” e “Só quero que Mayim me vista”. O pior de tudo foi: “Não, mamãe! Só quero os carinhos de Mayim”, depois que arranhou o joelho um dia. Mas ela tinha cinco anos, e as crianças de cinco anos são, acima de tudo, adaptáveis.

Com o tempo, Laura parou de perguntar por Mayim e Georg parou de chamá-la no meio da noite. Apesar de estar aliviada, era como perdê-la novamente.

25

SOFIE

Huntsville, Alabama 1950

JÜRGEN ESTAVA SENTADO NA SALA DE ESTAR, TENTANDO FAZER FELIX ACEITAR O caminhãozinho de madeira. Felix, escondido atrás do sofá, olhava para o brinquedo desejosamente, mas se recusava a sair para pegá-lo.

Houve uma batida na porta e Jürgen se levantou com um suspiro para atender, deixando o caminhão no chão. Fiquei na sala com Felix, segurando uma risada quando ele saiu de trás do sofá, agarrou o caminhão e imediatamente o levou de volta ao seu esconderijo.

— Ele é o seu papai — falei baixinho.

— Ele é um estranho — murmurou Felix, movendo o caminhão para cima e para baixo no encosto do sofá.

— Felix, vá brincar com a Gisela, por favor — pediu Jürgen da porta, antes de voltar na companhia de outro homem.

Eu rapidamente guiei meu filho pelo corredor até o quarto de Gisela e, em seguida, retornei, encontrando a visita sentada à frente de Jürgen, com uma expressão solene. Ele não usava uniforme, mas algo em sua postura rígida transmitia um ar de autoridade, talvez até de raiva ou agressão. Senti meu coração acelerar ao sentar-me cautelosamente ao lado de Jürgen.

— O senhor pode me dizer onde estava na noite passada às duas da manhã, sr. Rhodes? — interrogou o homem.

Jürgen e eu trocamos um olhar espantado.

— Eu estava aqui, é claro — Jürgen disse. — Dormindo.

— Ela fala inglês? — perguntou o homem a Jürgen, olhando para mim.

— Falo — respondi abruptamente. Pigarreei e disse em seguida: — Sou Sofie Rhodes. Não tive a chance de ouvir o seu nome.

— Detetive Johnson — ele respondeu. Reconheci o nome. Esse era o policial com quem Jürgen tinha falado ao telefone no dia da pichação em nossa rua. — A senhora pode confirmar que seu marido estava dormindo na sua cama na noite passada, sra. Rhodes?

— É claro que ele estava — confirmei. Um arrepio estranho e frio percorreu minha espinha, e a imagem vívida de uma cela de concreto minúscula e úmida surgiu diante dos meus olhos. Tentei me acalmar, lembrando a mim mesma de que a polícia americana não era a Gestapo, que Jürgen e eu não seríamos separados e presos, não de novo. Mas, mesmo que minha mente soubesse da verdade, meu corpo não, e meu estômago revirava violentamente. Eu podia ver o terror nos olhos de Jürgen. Eu sabia que alguma parte dele estava *naquele lugar* também.

— O senhor visitou a residência dos Miller na noite passada?

— *Calvin* Miller? — indagou Jürgen, confuso. — Não, senhor. Nunca fui à casa dele, mas estive no trabalho com ele o dia todo hoje.

— Alguém invadiu a casa do sr. Miller na noite passada, aparentemente procurando a esposa dele. Está me dizendo que não foi o senhor?

— É claro que não fui eu! — exclamou Jürgen. — Por que eu invadiria a casa do meu chefe e iria para o trabalho no dia seguinte como se nada tivesse acontecido? Isso é loucura.

— O invasor tinha um sotaque alemão, sr. Rhodes. E parecia estar à procura da sra. Miller. Entendo que a senhora — seu olhar se voltou para mim — e a sra. Miller tiveram uma briga no final de semana passado.

— Não foi uma *briga* — expliquei em voz baixa e olhando para o carpete, incapaz de olhar o detetive nos olhos. — Foi um desentendimento. Sinto muito que isso tenha acontecido com eles, mas não tem nada a ver conosco.

O oficial fechou a caderneta e a guardou no bolso. Ele ficou de pé e Jürgen fez o mesmo. Os dois se encararam, em posição firme.

— Tenho certeza de que, a essa altura, os senhores já saibam que essa cidade não pediu para que viessem para cá.

— Entendo — Jürgen assentiu calmamente. — Mas seu governo pediu. Estamos decididos a ser bons cidadãos e a contribuir de alguma forma com a sua nação. Não quero problemas com o senhor ou com os Miller, detetive Johnson. Dou minha palavra.

— Francamente, sr. Rhodes, a palavra de um nazista não significa muito para mim. É isso que a pichação na frente da sua casa dizia, certo? — Ele baixou a voz e, com um tom mais grave, repetiu a palavra: — *Nazista?*

Jürgen abriu a boca para protestar, mas pensou duas vezes.

— Não estive na residência dos Miller na noite passada, senhor — repetiu com firmeza. — Não tenho problema nenhum com a sra. Miller, tampouco a minha esposa. Trabalho de forma muito próxima a Calvin Miller. A família dele não foi incomodada por mim e nunca será.

— O senhor deve saber, sr. Rhodes, e com isso estamos todos de acordo na delegacia: se houver uma chance de jogar um de vocês em nossa cela, nós o faremos.

Depois que o detetive saiu, Jürgen e eu nos sentamos no sofá, lado a lado.

— O que diabos está acontecendo? — perguntei a ele, inquieta.

— Não sei. E não sei o que fazer. — Ele apertou o nariz. — Vi Calvin no laboratório hoje de manhã. Ele parecia um pouco cansado, mas não disse nada sobre esse assunto. —

Jürgen franziu os olhos. — As coisas ficaram um pouco tensas depois da festa.

— Sinto muito — falei fracamente.

— Não, não. — Jürgen fez um aceno evasivo em minha direção. — Sei que você não falaria sem ser provocada. É só que... você sabe como os homens ficam por causa de suas esposas. Ele busca protegê-la, o que é de se esperar, então sabendo que vocês duas tiveram um desentendimento... Suponho que as coisas tenham ficado um pouco delicadas entre mim e ele. Achei que era melhor apenas seguir com o trabalho em vez de tentar falar sobre o assunto. Porém, agora, como vou conseguir falar com ele sobre *isso*?

— Acho que deve ser coisa da esposa dele — supus. Jürgen fez uma careta. — Ela deixou bem claro que não nos quer aqui. Talvez só esteja tentando causar problemas para nós. Calvin pode nem estar sabendo.

— Então... eu falo sobre isso com ele amanhã?

Dei de ombros.

— Com que finalidade? Para que ele vá para casa e discuta com a esposa? — pontuei.

— Ele tem muita influência, Sofie — meu marido murmurou, fechando os olhos brevemente. — Não posso mesmo me dar ao luxo de criar problemas com Calvin Miller. A recomendação dele será vital para meu pedido de cidadania um dia.

AO ACORDARMOS NA MANHÃ SEGUINTE, ENCONTRAMOS UMA PICHANÇA NA nossa rua outra vez. Letras grandes e vermelhas sobre a tinta preta usada para cobrir a pichação anterior, por toda a extensão da rua. Já estava seca quando Klaus saiu de sua casa para ir ao trabalho e a notou. Ele veio nos informar.

— Por sorte, segui o conselho do detetive Johnson e comprei tinta por atacado — informou Jürgen com um suspiro.

— Isso é ridículo — murmurou Klaus, olhando ressentido para a pichação. Outras famílias saíam de suas casas agora,

mas as mulheres rapidamente levavam as crianças para dentro quando viam a pichação. Houve uma breve reunião entre os homens alemães depois daquilo, a maioria já vestida para o trabalho, como Jürgen.

Observei-os pela janela parados na rua e olhei fixamente para a pichação. Em que estavam pensando? Era verdade que muitos daqueles homens *tinham sido* membros do Partido Nazista. Eles sentiam vergonha com o lembrete? Ou apenas frustração com a inconveniência? A resposta estava lá, nos ombros caídos e bocas curvadas para baixo.

Depois de alguns minutos, Jürgen voltou para casa, já desabotoando a camisa.

— O que vamos fazer? — Ele deu de ombros com tristeza.

— Não há muito que possamos fazer se a polícia não estiver interessada em nos ajudar. Pensamos em uma escala de homens para vigiar a rua e tentar pegar o responsável, mas parece não haver muito sentido. O que faríamos com a pessoa quando conseguíssemos? Os homens concordam que a melhor estratégia é cobrir novamente a pichação com tinta e torcer para que o culpado se canse dessa brincadeira.

Fiquei na varanda e observei Jürgen passar a tinta cuidadosamente sobre as palavras na rua. Os acontecimentos da noite anterior, e agora aquele, me deixaram perturbada e confusa. Eu tentava manter a perspectiva, lembrando a mim mesma que esperava um período de transição em que as coisas poderiam ser desconfortáveis, mas então um homem dobrou a esquina em nossa rua, na calçada em frente à nossa casa. Eu o tinha visto antes, logo no primeiro dia, quando chegamos da rodoviária. Talvez ele tivesse que passar pela nossa rua para ir e voltar do trabalho.

O homem parou a uns quatro metros de onde Jürgen estava pintando. Jürgen olhou para ele e ofereceu um aceno de cabeça para cumprimentá-lo, mas o homem não respondeu. Ele só encarou a rua por um longo momento,

com um sorriso malicioso no rosto. Em seguida, seguiu seu caminho casualmente.

Esperei até ele estar bem longe e desci os degraus da varanda. Quando me aproximei de Jürgen, ele se virou e deu de ombros.

— Achei que morar em um bairro com as outras famílias alemãs seria o melhor a se fazer, mas parece que há algumas desvantagens quando todo mundo sabe onde todos moramos.

— Sim, eu diria que há algumas desvantagens — concordei. — Vi aquele homem no primeiro dia quando chegamos e ele foi tão hostil quanto.

— As coisas vão melhorar. Tudo isso ainda é novidade para todos. A cidade se ajustará à nossa presença aqui com o tempo.

— Espero que sim — falei suavemente, estendendo a mão. Jürgen a tomou e apertou com carinho. — E, desta vez, pelo menos estamos juntos na luta.

26

LIZZIE

El Paso, Texas 1937

DEPOIS DE DOIS LONGOS ANOS EM EL PASO, EU FINALMENTE CONSTRUÍ MINHA vida. Tudo começou a mudar quando parei de esperar uma porta se abrir para mim e comecei a buscar maneiras de fazer com que alguma se abrisse à força.

Decidi que buscaria um trabalho de camareira no Hilton. Porém, uma placa na fachada do hotel avisava que não havia vagas, então comecei a frequentar a viela da entrada dos funcionários. De longe, notei alguns empregados chegando à porta dos fundos com os braços carregados de sacos de lixo, lutando para levá-los para as lixeiras industriais um pouco mais adiante. Eles tinham que apoiar os sacos no chão enquanto levantavam as tampas pesadas das lixeiras. Um segundo par de mãos tornava todo o processo muito mais fácil, então transformei o problema deles em uma oportunidade e alcei a mim mesma ao posto de assistente de lixo não oficial do Hilton.

Fiz isso por semanas, no meio de um inverno desanimador, vestindo várias camadas de roupa para não congelar. Henry pensou que eu tinha perdido a cabeça, até o dia em que a gerente de governança veio à porta e me cumprimentou pelo nome. Ela não me ofereceu um emprego de imediato. Em vez disso, me deixou limpar a sala dos funcionários e trabalhar na lavanderia do hotel, lugares onde eu nunca veria um hóspede ou seus pertences.

— Não posso pagar — ela foi franca. — Mas posso prometer que, se você for leal e provar que é confiável, estará no topo da lista quando uma posição for aberta.

E, seis semanas mais tarde, quando uma das camareiras pediu demissão para se casar, meu trabalho duro foi recompensado. Tínhamos cento e trinta quartos para atender e eu era a primeira a levantar a mão para concluir uma tarefa, mesmo se fosse árdua ou particularmente nojenta. Isso fez com que eu agradasse ao restante da equipe. Não diria que fiz amizades no trabalho, mas certamente ganhei o respeito da sra. Thompson e das outras camareiras. E, mais importante, aprendi a me adaptar.

O trabalho de camareira proporcionou renda suficiente para que eu e Henry nos mudássemos de volta para a pensão, mas uma acomodação melhor não foi a fórmula mágica para melhorar o humor de Henry como eu esperara. Seu charme sempre o definira, mas é impossível usar apenas charme para conseguir um emprego se a sua aparência é a de um homem no fim de uma fila de homens desesperados.

Meu irmão nunca mentira para mim antes. Por isso, eu acreditava em sua palavra quando ele dizia que passava os dias procurando emprego, mas não ficava surpresa que sua busca estivesse indo mal. Mesmo agora, com acesso a uma lavanderia e a um banheiro, Henry não cuidava de sua higiene. Isso me deixava perplexa e frustrada.

— Talvez se você... sabe, acordasse um pouco mais cedo? — sugeri. — Talvez você pudesse se barbear também. Eu poderia emprestar um pouco de dinheiro para roupas novas...

— Não me julgue, Lizzie — ele disparou. Henry nunca tinha sido de falar duro com ninguém, especialmente comigo. Algo estava mudando nele. Havia uma indolência em seus olhos.

A pensão era muito mais confortável do que o abrigo para sem-teto, mas se eu conseguisse juntar o montante para dar de entrada no aluguel de um apartamento, estaríamos em uma boa posição para nos mudar assim que Henry encontrasse trabalho. Em alguns meses, já tinha conseguido juntar algumas notas em um envelope. Fiquei arrasada no dia em que cheguei em casa do trabalho e descobri que ele sumira.

— Você não devia ter deixado dinheiro no quarto — ralhou Henry quando contei a ele que havíamos sido roubados. Recuei, chocada com seu tom incisivo.

— Onde mais eu deixaria? — eu precisava que um homem fosse comigo ao banco para assinar a abertura de uma conta, algo que Henry se ofereceu para fazer, mas eu trabalhava tanto que não encontrara tempo.

— Não sei, Lizzie! — ele exclamou. — Este lugar não é muito melhor do que o abrigo para sem-teto. Estou tão *cansado* do barulho, do cheiro de repolho daquela maldita cozinha e de esperar para usar o banheiro!

— Mas... isso é tudo que conseguimos pagar — repliquei espantada. Ele esfregou o rosto, respirou fundo e lançou um olhar desolado para mim.

— Me desculpe. Nunca pensei que seria assim.

— Eu sei — falei sem jeito. — Algo vai aparecer...

— Talvez devêssemos tentar ir para outro lugar. Ouvi dizer que há mais trabalho na Califórnia, inclusive trabalho agrícola. Podemos pegar um pouco do seu salário e comprar passagens de ônibus. Tentar nossa sorte lá.

— Henry, não — respondi atordoada. O trabalho agrícola realmente parecia muito melhor que o de camareira, mas eu não podia trocar um emprego real por um hipotético, especialmente depois do trabalho que tive para consegui-lo.

— Talvez eu devesse ir sozinho, então — ele disse de forma inexpressiva. — Fiquei na fila para perguntar sobre esse novo programa de benefícios para desempregados hoje. Eles vão me dar cinco dólares por semana, durante

catorze semanas. Posso guardar tudo e usar para a passagem do ônibus.

— Algo vai aparecer — assegurei, com um nó na garganta.
— Por favor, só não desista ainda.

Eu já estava trabalhando seis longos dias por semana, mas, ao ver a motivação de Henry afundar, comecei a ficar desesperada para mudar alguma coisa, *qualquer coisa*, que pudesse ajudá-lo. Quando contei à gerente de governança que precisava de mais dinheiro, ela conseguiu para mim um turno noturno de garçoneiro no restaurante do hotel. E, finalmente, Henry e eu nos mudamos para um apartamento.

Ficava no quinto andar de um prédio sem escadas, e havia apenas três pequenos cômodos, mas tínhamos nossa própria cozinha e nosso próprio banheiro. Passei a sentir um novo nível de cansaço por fazer dupla jornada todo dia, mas, além do aumento na renda, havia outros benefícios inesperados. Naquela curta hora entre empregos, eu podia pegar o elevador até o topo do Hilton.

A varanda do terraço fora convertida em uma linda área externa para os hóspedes. De um lado, minha visão passava sobre o rio Grande até chegar ao México. Do outro, montanhas, bosques e um espaço livre e aberto. Eu caminhava até o parapeito e olhava na direção nordeste, contemplando até lacrimejar, como se, caso eu olhasse com firmeza suficiente, pudesse atravessar o Novo México com o meu olhar e avistar nossa casa no Condado de Dallam.

O topo do Hilton El Paso não era tão sagrado ou tranquilo quanto os momentos da minha mãe naquele pequeno banco com Elsie, mas a ideia era a mesma. Eu tinha que restringir todo o meu pesar e minha saudade àqueles poucos minutos a cada dia. Eram o único momento em que eu podia refletir e reconhecer tudo o que eu já não tinha mais e como eu estava perdida em El Paso.

UMA NOITE, SERVI UM PRATO DE COMIDA FUMEGANTE A UM DE NOSSOS hóspedes frequentes. Seu nome era Calvin Miller e ele ficava

no hotel por uma ou duas noites por semana, às vezes mais. Ele gostava de se hospedar nos andares mais altos e havia um rumor de que era viúvo e trabalhava como consultor de novos aviões em Fort Bliss.

Eu não teria notado Calvin se tivesse passado por ele na rua. Imaginei que tivesse por volta de quarenta anos, portanto, era provavelmente quinze anos mais velho que eu. Ele era alto e esguio, com uma barba preta bem-cuidada aparada rente ao rosto, e usava óculos grossos que aumentavam seus olhos cor de mel. Por ter arrumado seu quarto diversas vezes, eu sabia que ele era impecavelmente limpo e sempre viajava com pilhas de livros de aeronáutica. No geral, Calvin aparentava ser e se portava como alguém inteligente demais para uma existência comum.

— Você não está parecendo a mesma de sempre, srta. Lizzie — ele comentou.

— Está tudo bem, sr. Miller — respondi, da maneira mais animada que pude e lutando para segurar um sorriso profissional no rosto. Eu fora assaltada no caminho para casa uma noite. O ladrão fugiu com a minha bolsa e as chaves do apartamento, mas não com dinheiro, já que eu não tinha nem um trocado naquela semana. Mesmo trabalhando duro como sempre, eu mal conseguia cobrir as despesas do apartamento.

— Você tem essa linha de preocupação, srta. Lizzie. Bem aqui. — Calvin tocou o espaço entre suas sobrancelhas.

— Só cansada, eu acho — falei, enrubescendo. — O senhor deseja mais alguma coisa?

— Está calmo hoje, não? — ele indagou. Eram quase dez da noite e restava apenas uma única mesa de homens de negócios, que terminavam suas bebidas. O local fecharia logo e eu começaria a limpeza. — Você comeu?

— Eu... hã... eu normalmente como quando termino meu turno.

— Sente-se, srta. Lizzie — ele me convidou, apontando para a cadeira à sua frente e, em seguida, para o seu prato.

Ele tinha feito seu pedido habitual: um filé com fritas e uma porção de legumes. — Vamos dividir a comida. Converse comigo.

— Ah, não, eu...

— Vamos! — Calvin insistiu. — Você não ouviu falar que sou um viúvo solitário? Sua chefe não se importará se ficar por um minuto e me fizer companhia. Se isso lhe causar problemas, direi a ela que insisti.

Olhei ao redor no salão e vi os homens de negócios que eu estava servindo largarem seus guardanapos em seus pratos. Um deles acenou para mim quando saiu. Então, já que Calvin e eu estávamos sozinhos no restaurante de qualquer maneira, acomodei-me na cadeira em frente a ele.

— Você cresceu aqui, srta. Lizzie? — Fiz que não com a cabeça.

— Minha família tinha uma fazenda perto de Oakden.

— Oakden? Não conheço.

— Não me surpreende. É uma pequena cidadezinha no Condado de Dallam.

— Por que está em El Paso?

— Meu irmão e eu viemos em busca de trabalho. Perdemos a fazenda na seca.

Ele fez uma careta.

— Muitas famílias têm perdido suas fazendas nos dias de hoje. Sinto muito.

Assenti em silêncio e ele virou o prato para que as fritas ficassem próximas a mim. Assim que comecei a contar a ele que estava sem fome, meu estômago rugiu com o cheiro. Suspirei e peguei uma.

— Obrigada. Com o que trabalha, sr. Miller?

— Me chame de Calvin, por favor — ele pediu. — Sou engenheiro aeronáutico. Trabalho em uma empresa especializada em aeronáutica, em Albuquerque.

— Albuquerque não é longe daqui?

— Não tão longe. Quatro ou cinco horas, dependendo do movimento da estrada. Esse é apenas um contrato

temporário — ele comentou.

— Estou preocupada com meu irmão — admiti de repente, sem saber por que me senti confortável em compartilhar isso com um estranho. — Ele não consegue encontrar emprego. Não sei como posso ajudá-lo.

— Quantos anos ele tem?

— Quase vinte e sete.

— Já tem idade para ajudar a si mesmo.

— Não é tão simples assim.

Calvin assentiu com a cabeça. Em seguida, direcionou um sorriso calmo a mim.

— Tudo depende do tamanho do seu coração, creio.

Quando voltei para casa naquela noite, Henry estava na cama. Acendi a luz da pequena cozinha e me sentei ao seu lado.

— Henry? — eu o chamei com a voz baixa.

Seus olhos se abriram um pouco e ele olhou para mim na luz fraca que entrava pela porta da cozinha. Seus olhos estavam vermelhos e ele cheirava a uísque.

— Peguei o dinheiro que estava na despensa — ele disse, desolado.

— Você pegou o dinheiro da conta de luz?

— E não foi a primeira vez. Peguei aquele dinheiro do seu envelope da pensão. — Sua voz falhava enquanto ele confessava. — Lizzie, eu não sei o que estou fazendo.

Ele parecia tão deprimido que eu nem consegui ficar brava, mas estava muito magoada. Pisquei rapidamente para limpar as lágrimas dos olhos antes que Henry pudesse vê-las.

— Tudo bem — menti. — Você pegou tudo dessa vez?

— Não. Cerca de metade.

— Ok — sussurrei.

— Lizzie, eu não sei por quanto tempo mais vou aguentar isso.

O ar na sala pesou com a tensão. Meu irmão parecia genuinamente exausto e eu cheguei a uma compreensão

repentina e aterradora: ele estava cansado do esforço que fazia para continuar respirando. Quando pisquei, vi-o segurando o corpo de papai sob aquela árvore na fazenda, o sol nascendo atrás deles, nosso mundo inteiro desmoronando em uma fração de segundo.

— Eu a desapontei, Lizzie. Sou um fardo para você e...

— Não se atreva a falar assim. Você é a única família que eu tenho e nunca será um fardo para mim.

Ele piscou, mas não conseguiu limpar direito as lágrimas dos olhos antes que eu as visse.

— Somos uma equipe, certo? Sempre fomos.

— Não é uma equipe se apenas um jogador está fazendo todo o trabalho, irmã — ele retrucou. Em seguida, deu um sorriso fraco. — Ei, escute... Estou cansado e você deve estar também. Preciso voltar a dormir.

Ele estava certo, eu me sentia exausta. Apesar disso, estava com muito medo de dormir e ele não estar lá quando eu acordasse.

— **V**OCÊ ESTÁ COM AQUELA LINHA DE PREOCUPAÇÃO ENTRE SEUS OLHOS DE novo, srta. Lizzie — observou Calvin, algumas semanas depois. Criamos o hábito de conversar nas noites em que ele estava no hotel, e eu geralmente ficava ansiosa por sua companhia, mas me sentia atipicamente frágil naquela noite, como se fosse me quebrar em uma poça de lágrimas caso ele me tocasse.

Eu trabalhara três domingos seguidos para que pudéssemos pagar a conta de luz, mas tinha que manter o dinheiro no meu armário do trabalho. Henry ficava sumido por dias a fio.

Coloquei o filé com fritas de Calvin na mesa e forcei um sorriso.

— Só foi um longo dia, apenas isso.

Calvin se demorou com a refeição naquela noite. Fazia tempo que eu já havia retirado seu prato e terminado a limpeza, mas ele ainda estava sentado lá, fazendo

anotações nas margens de um documento. Olhei para o relógio na parede. Já eram mais de onze horas.

— Sinto muito, sr. Miller — disse, aproximando-me da mesa. — Temos que fechar o restaurante.

— Eu sei — ele falou. Então, pôs o documento em uma pasta, abriu sua valise e guardou a pasta lá dentro. — Há uma lanchonete na rua onde podemos tomar um milk-shake, ou podemos conversar enquanto caminho com você até sua casa. Você decide.

— Obrigada, Calvin — eu disse baixinho. — Agradeço, mas estou bem. De verdade.

Porém, assim que verbalizei essas palavras, uma lágrima escorreu pela minha bochecha. Horrorizada, limpei-a com as costas da mão, mas a expressão de Calvin apenas suavizou.

— Lizzie...

— Estou bem — insisti. — Estou bem, só estou cansada.

Eu estava esgotada de preocupação e completamente exausta. Toda noite, enquanto caminhava para casa, ficava pensando no que encontraria quando abrisse a porta do apartamento.

— Vamos — convidou-me Calvin gentilmente, levantando-se. — Só vou guardar a valise no meu quarto e nos encontramos no lobby em alguns minutos.

EU ESTAVA SENTADA DE FRENTE PARA CALVIN NA LANCHONETE NO FIM DO quarteirão, com um milk-shake intocado diante de mim. Ele já tinha tomado o dele e agora ouvia atentamente enquanto eu divagava sobre meu irmão.

— Meu pai passou por períodos sombrios durante toda a vida, alternando dias bons e dias ruins, mas especialmente depois que a seca realmente piorou. Quero dizer, as coisas *estavam* ruins, não me entenda mal. Mas, às vezes, parecia que as coisas estavam piores para o meu pai do que para as outras pessoas... — Lutei para encontrar as palavras enquanto esfregava a testa. — Há uma escuridão que ronda os homens da minha família. Henry não é preguiçoso nem

está reagindo de forma exagerada. Sei que as coisas parecem realmente irremediáveis para ele, e ele nem está procurando emprego mais. Não de verdade. O senhor entende o que eu quero dizer?

— Sim, entendo.

— O orgulho de Henry está ferido porque eu o estou sustentando, e agora isso é parte do problema. Mas o que eu deveria fazer? Largar os meus empregos e voltarmos para o abrigo de sem-teto?

— Pelo amor de Deus, Lizzie! É claro que você não deve fazer isso.

— Acho que aconteceu o mesmo com meu pai e aposto que Henry sabe. Meu pai dependia demais da minha mãe, e quando ela morreu, ele nem tentou, nem por um único dia. Ele... — Parei de falar, relutante até em dizer as palavras em voz alta. Calvin estremeceu e, em seguida, se inclinou para a frente.

— Seu pai tirou a própria vida?

Assenti com a cabeça, emocionada. Eu sobrevivera a tanto, mas não tinha ideia de como seguiria em frente se perdesse Henry.

— Às vezes, a mente pode pregar peças em uma pessoa — explicou Calvin com um olhar gentil. — Não há vergonha nenhuma nisso, seja para você ou para Henry. No caso do seu irmão, a melhor coisa provavelmente seria arrumar um emprego. Um motivo para sair da cama todos os dias e um salário, para que se sinta orgulhoso de novo.

— Eu sei — concordei. — Não quis dizer que ele não tenha tentado. No começo, ele realmente tentou de tudo.

— Talvez eu possa fazer algumas sondagens para você.

— O senhor faria? — fiquei surpresa. — O senhor mal me conhece. Nunca nem conheceu Henry.

— Não posso prometer nada. — Ele deu de ombros. — Mas posso falar com algumas pessoas. Vejamos o que posso fazer.

NA SEMANA SEGUINTE, QUANDO ESTAVA DE VOLTA À CIDADE, CALVIN NOVAMENTE me convidou para tomar um milk-shake depois do término do meu turno. Quando estávamos caminhando do hotel para a lanchonete, ele foi direto ao ponto.

— Sei que pode não ser o que vocês tinham em mente, Lizzie, mas Henry já considerou o alistamento?

Enrijeci.

— É difícil se alistar nos dias de hoje.

— É mesmo. Os militares dispensaram mais homens do que aceitaram nos últimos cinco ou seis anos. — A Depressão havia causado um duro impacto e os orçamentos militares não eram mais os mesmos. — Eu esperava poder encontrar algum trabalho operacional para ele na base, mas não há nada lá. Não para um civil. Porém, se Henry estivesse disposto a se alistar, eu poderia recomendá-lo. Falei com o oficial de alistamento do exército e ele me disse que isso poderia facilitar as coisas.

— Por que faria isso por nós?

— Gosto de você. — Calvin deu de ombros. — Às vezes, sinto-me solitário aqui. Você me faz companhia. Somos amigos agora, não somos?

— Acho que sim — respondi, hesitando em seguida. — Mas ele teria que morar na base, não?

— Claro. E não há garantia de que seja posicionado aqui.

— Só não acho... — Parei de falar, sem saber como expressar meus pensamentos sem insultar o meu irmão. Henry não aguentava nem uma caça à lebre. Como aguentaria uma carreira militar? Eu não podia nem imaginá-lo em uma farda.

— Mas ele teria três refeições por dia, um teto sob o qual viver e, mais importante, rotina e um motivo para sair da cama. A única coisa que sei com certeza: todo homem precisa de um propósito.

QUANDO ABRI A PORTA NAQUELA NOITE, FUI IMEDIATAMENTE ATINGIDA POR um forte cheiro de falta de banho. O apartamento estava calmo

e silencioso, com as luzes apagadas. Em noites anteriores, eu acendera a luz da cozinha para não incomodar Henry, mas não ofereci essa gentileza a ele desta vez. Acendi a luz principal, bem acima da cama dele. Os cobertores se mexeram e, em um movimento furioso, ele os puxou para cobrir a cabeça.

— Não comece, irmã — reclamou Henry, com a voz grossa de sono. Atravessei o quarto a passos rápidos e puxei os cobertores. Henry cobriu o rosto com os braços e emitiu mais sons de irritação e reclamação. Ele não se barbeara nem se banhara, e ainda vestia as calças do dia anterior.

— Você deveria se alistar — disparei. Henry permaneceu imóvel, mas abriu os olhos gradualmente, apertando-os contra a luz da lâmpada.

— Fui a uma tenda de alistamento quando chegamos. Esperei na fila o dia todo, mas nem tive a chance de me sentar para uma entrevista. Eles estavam dispensando quase todo mundo.

— Mas se eles o aceitassem, você *gostaria* de se alistar? — indaguei.

Henry se arrastou para ficar sentado, ainda esfregando os olhos.

— O papai uma vez me disse que há homens que servem para essa vida e outros que não. Não sei se sou o tipo certo — resmungou, coçando a barba por fazer em sua bochecha.

Olhei fixamente para meu irmão, absorvendo as sombras sob seus olhos e o desamparo em seu olhar. Eu sabia exatamente o que Henry queria dizer. Ele era tranquilo e sensível, da melhor maneira possível. Essas características não seriam um problema para um homem no serviço militar?

Mas estávamos em momento de paz e, de qualquer maneira, Henry não teria que permanecer no exército para sempre. Só precisávamos de uma estrutura na vida dele e ampará-lo por alguns anos até que a economia se recuperasse e ele pudesse encontrar um emprego civil.

— Meu amigo no hotel conhece um oficial de alistamento e acha que pode fazer com que você seja aceito. Você precisa fazer isso. — Respirei fundo. — Estou pedindo a você que se aliste.

Henry piscou. Depois, franziu a testa.

— Mas, Lizzie... — ele começou a protestar, mas peguei sua mão, apertei-a com força e disse:

— Não podemos continuar assim. Não podemos, Henry.

Observei as emoções surgirem no rosto do meu irmão. Primeiro vieram a vergonha, a culpa e o remorso. Depois, a frustração, a irritação, o embaraço e a raiva. Mas todas elas foram sumindo com a mesma rapidez com que surgiram, e então Henry afastou o olhar enquanto assentia com a cabeça. Naquele momento, ele simplesmente parecia resignado.

LIZZIE

Huntsville, Alabama 1950

— **C**OMO VOCÊ ESTÁ, HENRY? — PERGUNTEI CERTA NOITE ALGUMAS SEMANAS depois. Ele estava empurrando seu guisado pelo prato com uma expressão distante, até que ergueu o olhar e me ofereceu um sorriso cansado. Seu humor parecia um pouco ruim, mas era difícil ter certeza, já que há semanas eu o via apenas por alguns minutos ao dia. Henry entrava cedo no trabalho e voltava tarde para casa, e agora pegava até alguns turnos de fim de semana.

— Só não estou acostumado a ficar de pé por tantas horas. Vou me adaptar. — Ele conteve um bocejo e empurrou a cadeira para trás. — Vou para a cama. Começo cedo de novo amanhã.

— Walt certamente está fazendo com que vocês trabalhem bastante — observei quando ele ficou de pé. Henry deu de ombros.

— Estou me voluntariando para todo turno que consigo. Sou grato pelo trabalho.

Ele levou o prato para a pia e, ao fazer isso, um pedaço de papel caiu do seu bolso, flutuou até o chão e aterrissou debaixo da mesa, perto de mim. Inclinei-me e o peguei.

— Você precisa disso? — perguntei. Um grande S estava marcado no topo da página. Abaixo dele havia um tipo de agenda, com os dias listados do lado esquerdo, seguidos por colunas de horários anotados. O papel ficou na minha mão por um segundo, tempo suficiente para eu notar que a

manhã da sexta-feira estava sublinhada, antes de Henry arrancá-lo dos meus dedos.

— Ufa. Que sorte eu não perder isso — disse ele com uma risada tensa. — São minhas horas de trabalho da semana, para que eu possa preencher minha planilha de horas na sexta.

A explicação fazia total sentido e deveria ter me tranquilizado. No entanto, se ele estava dizendo a verdade, por que Henry tinha arrancado o papel da minha mão?

No geral, meu irmão parecia ter se ajustado. Não houve mais incidentes à meia-noite, não houve mais histórias fantasiosas sobre invasores, não houve mais ligações desnecessárias para a polícia. Ele estava focado no trabalho na madeireira, assim como eu esperara.

De fato, estava um pouco retraído, mas provavelmente porque estava exausto de tentar causar uma boa impressão no trabalho. Isso era bom. Por anos, eu havia esperado e rezado para que Henry encontrasse um emprego em que conseguisse permanecer e, apesar do início difícil, parecia que minhas orações tinham sido finalmente atendidas.

— **V**OCÊ CHEGOU A FALAR COM JÜRGEN RHODES SOBRE... SOBRE AQUELE detetive? E Henry? — perguntei a Calvin certa manhã.

Ele tomou um gole de café e então explicou com delicadeza:

— Você e Sofie Rhodes terem começado com o pé esquerdo torna as coisas entre Jürgen e mim um pouco esquisitas.

— Ah.

— Ele moveu mundos e fundos para trazê-los para cá, Lizzie. Por *anos*. Sempre que ele fala da esposa, sua adoração fica evidente. Pensei em alertá-lo no dia em que Henry ligou para a polícia, mas a oportunidade nunca surgiu, e então pensei que, se houvesse qualquer problema, Jürgen o teria mencionado para mim. — Cal pôs a xícara de

café na mesa e se preparou antes de perguntar em um tom grave: — Mais alguma coisa aconteceu?

— Não, não — apressei-me em tranquilizá-lo. — Algumas semanas se

passaram e, como eu esperava, Henry parece ter se ajustado. Eu só estava curiosa.

Mas continuei pensando sobre aquela conversa com Cal enquanto ele tomava café. Levei alguns dias para descobrir por que me deixara tão desconfortável.

Eu *precisava* pensar naqueles alemães como monstros, especialmente Rhodes, já que Calvin suspeitava de seu passado. Era inquietante pensar no mesmo homem como uma pessoa comum, com uma família que amava e uma esposa que adorava.

QUANDO BECCA LIGOU PARA ME CONVIDAR PARA OUTRO ALMOÇO COM AS esposas de Fort Bliss no “nosso restaurante de sempre”, uma imagem daquela placa de “Somente brancos” na janela passou pela minha mente e eu estremei.

— Venha, por favor — implorou Becca. — Preciso de todo o apoio moral que conseguir. Avril está em uma campanha de sedução, determinada a fazer de Sofie Rhodes sua nova melhor amiga. Você sabe como ela fica. E o lado positivo disso é que tenho certeza de que ela terá boas fofocas.

O desconforto pesava como uma pedra na minha barriga. Sempre odiei aqueles almoços e sabia como aquele em particular seria. Avril seria pura doçura e leveza, piscando inocentemente. Porém, logo em seguida, o veneno de verdade surgiria em suas palavras. Eu não queria sentir compaixão por Sofie Rhodes; da mesma forma, eu sabia que Avril estaria naquele almoço com o único propósito de trair sua nova “amiga”.

Pensei no meu jardim. Pensei na alegria e na tranquilidade de estar lá, com a terra por baixo das unhas e o ar limpo em meus pulmões.

— Estou muito ocupada esses dias — respondi, como se não fosse nada. — Desta vez, não poderei ir.

SOFIE

Berlim, Alemanha 1936

LAURA COMEÇOU A ESCOLA NO VERÃO DE 1936. EM SEU PRIMEIRO DIA, ACOMPANHEI-a até o portão e depois voltei sozinha até a casa de Adele para um chá matinal.

Eu ainda visitava Adele todos os dias, mas não dizia mais a mim mesma que fazia essas visitas pelo bem dela. Agora que eu me sentia tão sozinha, finalmente percebi que Adele não o era. Ela tinha uma rede de amigas por toda a cidade: mulheres fortes e independentes como sua melhor amiga, Martha, que também sobrevivera ao seu marido e aos seus filhos. Adele se ocupava com essas amigas, com seu jardim e seus inquilinos. Sempre me ressenti um pouco por ter que cuidar dela. Só depois que Mayim foi embora eu finalmente percebi que Adele nunca tinha precisado de mim para nada.

— Como foi com a Laura? — ela perguntou assim que entrei pela porta dos fundos.

— Nem sequer uma lágrima. Não dela, pelo menos — coloquei meu chapéu na mesa da cozinha. Eu derramara algumas no caminho de volta. Não podia acreditar que minha bebê estava na escola. — Ela teve uma péssima noite de sono, mas devido à empolgação, não ao nervosismo.

— Essa é a nossa menina — riu Adele enquanto enchia a chaleira de água fervente. Ela se virou para o balcão e pegou uma bandeja. — Fiz um bolo de amêndoas para você. Achei que um docinho lhe faria bem.

— Obrigada — falei, surpresa. Ela sorriu e cortou uma fatia, virando-a com um dos lados da faca em um prato para mim. Cortei um pedaço do bolo com um garfo e dei um suspiro feliz quando ele derreteu em minha boca. As lascas de amêndoas glaceadas com mel e creme de confeitiro tinham um sabor de puro leite.

— Escute, estou com um pequeno problema e acho que você poderia me ajudar — disse Adele.

Franzi o cenho com seu tom inesperadamente sombrio.

— O que é?

— Um dos meus inquilinos está passando por problemas financeiros — ela contou. — E isso significa que estou com um pouco de dificuldade para pagar as contas.

— É mesmo? — indaguei, espantada. — Que inquilino? Você quer que eu fale com ele...

— Não, não — ela negou com a cabeça lentamente. — Conversei com ele sobre isso e ele vai tentar endireitar as coisas. É só que, enquanto isso não acontece, imaginei se talvez vocês possam me emprestar um pouco de dinheiro?

— É claro — concordei sem hesitar. — Só me diga do que precisa e quanto.

Eu falaria com Jürgen quando ele ligasse novamente, mas sabia que ele não se importaria.

CIENTES DE QUE A CASA ESTAVA GRAMPEADA COM ALGUM TIPO DE VIGILÂNCIA por áudio, Jürgen e eu atuávamos o tempo todo. Mesmo quando estávamos sozinhos, falávamos e fazíamos todas as coisas que bons pais nazistas deveriam fazer.

Mas possuíamos sistemas para tentar recuperar pelo menos um pouco de privacidade. Tínhamos que nos conectar em um nível genuíno algumas vezes, ou perderíamos a cabeça.

Às vezes, quando ele estava em casa, saíamos de Berlim de carro e fazíamos longas caminhadas, as crianças correndo à nossa frente pela floresta ou subindo em árvores enquanto Jürgen e eu sussurrávamos um para o outro. De

vez em quando, nos escondíamos no banheiro, abrindo todas as torneiras para encobrir os sons de nossas vozes. E eu pus o rádio em nosso quarto, ligando-o todas as noites, estando Jürgen em casa ou não. Mantínhamos conversas ensaiadas sobre como eu estava ficando insone e precisava do barulho de fundo para dormir.

Na realidade, porém, isso era um disfarce, uma forma de nos proteger de ouvidos intrometidos quando puxávamos os cobertores sobre nossos rostos para sussurrar.

— Oi — ele sussurrava, mesmo se já estivéssemos juntos por horas. Eu sempre me sentia como se estivesse removendo uma máscara sufocante quando puxávamos aqueles cobertores para cima de nossas cabeças, embora houvesse tão pouco ar que, de vez em quando, tínhamos que remover os cobertores, inspirar fundo e voltar para debaixo deles.

Conversamos sobre Lydia. Ela se transformara em uma perfeita esposa nazista, que não tingia mais o cabelo nem usava maquiagem, e estava grávida, de novo. Eu tinha emoções tão complexas sobre ela, um misto de nostalgia por nossa amizade, que um dia fora genuína, e um turbilhão de desconfiança, ressentimento e mágoa. Eu nunca a confrontara sobre ter me deixado na mão na noite em que Jürgen foi levado. Não havia como responsabilizá-la sem chamar a atenção para nossa deslealdade ao Reich. Só via Lydia agora quando era necessário. Eu era educada, mas mantinha distância.

Jürgen me contou sobre seu trabalho. Ele tinha acabado de supervisionar o lançamento de um novo protótipo, o primeiro em Kummersdorf diante de uma plateia.

— Há muito ceticismo com a tecnologia. Karl e Otto querem expandir o programa, mas primeiro precisam provar aos oficiais que o conceito é viável.

— Então, você vai conseguir o financiamento?

— Vou. O general aprovou a solicitação depois de ver o lançamento.

— E o que isso significa?

— Um bônus enorme, para começar — pontuou Jürgen. Não senti um pinga de empolgação, apenas tristeza. No passado, eu teria dado esse dinheiro para Mayim, mas agora eu não tinha ideia de onde ela estava e se sua família estava bem. Toda vez que eu pensava nos Nussbaum, sentia um profundo pesar. — Podemos oferecê-lo à tia Adele — continuou Jürgen. Isso diminuiu um pouco a dor em meu peito. Como eu esperava, ele não teve problema nenhum com o pedido de auxílio financeiro. Adele era tão independente que sabíamos que ela só pediria ajuda se realmente precisasse. — Essa é a boa notícia. A má é que eles estão falando sobre mudar o programa inteiro para um novo local.

— Para onde?

— Peenemünde.

Ao notar a minha falta de reação, ele esclareceu:

— No mar Báltico.

— A quatro horas de carro?

— Quase cinco.

— Imagino que você não planeje que eu e as crianças nos mudemos com você.

— Não. Eles vão construir acomodações para nós. Não será para famílias.

— Do jeito que as coisas estão atualmente, você nunca está em casa.

— Eu sei.

— Então, vai ficar pior?

— Provavelmente.

Digeri isso, grata pela completa escuridão embaixo das cobertas, pois assim ele não podia ver as lágrimas nos meus olhos.

— Às vezes, parece que essa vida é como ouvir uma peça musical executada por um iniciante. A maior parte da execução é boa, não é? Na maior parte do tempo, estou absorto no meu trabalho. Esse protótipo que acabamos de

lançar é como uma versão infantil do dispositivo que pode nos levar à lua um dia. E *funciona*, Sofie. Ajudei a fazer isso acontecer e tenho orgulho disso. Temos esta linda casa. Filhos perfeitos. Somos saudáveis. Não temos que nos preocupar com dinheiro mais, mas... há notas dissonantes... às vezes até fraseados sem harmonia. E temos que continuar a sorrir mesmo assim. Na verdade, temos que sorrir ainda mais quando ouvimos esses sons, só para disfarçar como são estarrecedores.

— Às vezes, não sei se consigo suportar.

— Sofie, acredite em mim, isso vai ajudá-la a se concentrar nas partes que você pode suportar.

— Para você, são os foguetes.

— Sim. E, para você, é esta casa, não é? O nosso estilo de vida? — Não tive coragem de dizer a ele que essas coisas já tinham perdido o seu brilho havia muito tempo, mas ele leu o meu silêncio de forma correta. — Tem que haver algo. As crianças? O novo bebê?

Eu tinha acabado de descobrir que estava grávida de novo, mas meus sentimentos sobre isso eram confusos. Em minhas duas primeiras gestações, eu havia contado para Jürgen e depois para Mayim antes de todo mundo, até mesmo de Adele. Eu estava relutante em quebrar a tradição, embora soubesse que seria inevitável ter que fazê-lo.

Eu me sentia em conflito sobre trazer outra criança para esse mundo. A cada dia, Georg e Laura estavam se distanciando um pouco mais de mim, embora ainda vivêssemos todos sob o mesmo teto. O mesmo aconteceria com o bebê, a menos que algo mudasse drasticamente antes que ele ou ela tivesse idade suficiente para entrar na escola.

Mas Jürgen estava certo: tinha de haver algo positivo em que eu pudesse me concentrar, para que eu pudesse suportar cada dia.

— As crianças — sussurrei de volta. — E você. E tia Adele.

— Eu me lembro de quando vocês duas não se davam bem.

— Hoje em dia — confessei —, não sei o que faria sem ela.

● ANIVERSÁRIO DE GEORG ESTAVA SE APROXIMANDO E TUDO O QUE ELE QUERIA era ter uma festa com Hans. Gentilmente sugeri convidar outras crianças, mas Georg e Hans tinham o tipo de amizade que eu cultivara com Mayim, então não consegui recusar o pedido.

Convidamos Adele para o piquenique, mas quando ela soube que a família Zu Schiller estaria lá, sentiu uma dor súbita nos quadris. Por isso, ela veio para um café da manhã conosco antes da celebração. Comemos presunto e ovos, e ela trouxe de sua casa uma foto de Jürgen quando fez um ano.

— Ele era exatamente como você agora — ela comentou para Georg, mostrando a foto desbotada em preto e branco. — Viu?

— A gente podia ser gêmeos, papai — Georg segurou a foto ao lado do seu rosto.

Havia uma semelhança muito grande, ainda que Georg tivesse herdado de mim um tom mais escuro de azul dos olhos. Jürgen e Georg trocaram sorrisos e acabaram imitando caretas um do outro. Laura bufou com a palhaçada dos dois.

— Ela está se tornando uma criança muito séria. Exatamente como me lembro de como você era — disse Adele ironicamente, olhando para mim.

— Eu morria de medo de você. Lembro-me de falar com May... — parei naquele exato momento, respirei fundo para me recompor e então continuei da forma mais suave que pude — ... com minhas amigas sobre a sra. Rheinberg ranzinza, uma vizinha da nossa casa na cidade.

Quando eu era criança, Adele e Jürgen eram os moradores ligeiramente estranhos na casa vizinha à da minha família na cidade. Então, um dia eu visitei nossa casa em

Lichterfelde West e aquele garoto magricela de óculos da casa ao lado de repente parecia irresistível. Tempos depois, ele admitiu que tentara criar uma conexão comigo por anos, mas ficava completamente mudo toda vez que seu olhar encontrava o meu.

— Sra. Rheinberg ranzinza — riu Adele. Ela teve dificuldade para ficar de pé. Era fácil esquecer a idade avançada de Adele porque ela, em geral, não tinha problemas de saúde, mas nos últimos tempos eu notara que ela se encolhia de dor ocasionalmente, e em alguns dias parecia muito pálida. Se eu perguntava, ela murmurava algo vago sobre o coração não ser como antigamente.

— Vamos até o jardim — ela disse. — Quero mostrar a você uma flor especial.

Ela soltara as galinhas para ciscarem e as afastou enquanto me conduzia ao canto mais distante do pátio. Ali, fez um gesto para que eu me aproximasse.

— Mayim e os pais dela foram morar com o irmão de Levi. É um pouco apertado, mas eles estão se virando e não têm mais que se preocupar com o aluguel. Ela sabe que você está bem e grávida de novo.

Recuei em choque.

— Mas... como a senhora sabe que eu estou grávida?

— Você fica verde quando eu ofereço café. A mesma coisa aconteceu nas suas duas primeiras gestações. Sei que você está passando por muito estresse, Sofie, mas precisa se cuidar. Ainda não dá para ver sua barriga, mas ousou dizer que é porque você perdeu muito peso nesses meses desde o... acidente de Jürgen.

— Como a senhora se encontrou com Mayim?

— Não a encontrei. Nem o farei. Estou perto demais de vocês e não sei se eles estão me vigiando. Mas... uma coisa boa de ser uma senhorinha idosa é que ninguém espera que você cause problemas, então algumas das minhas amigas têm tirado vantagem disso.

— Os Nussbaum não querem ir para a Polônia?

— Seria muito caro conseguir um visto de saída para o Levi agora — disse Adele em um tom grave. A Lei de Cidadania do Reich e a Lei para a Proteção do Sangue e da Honra Alemã haviam entrado em vigor. A primeira havia cassado a cidadania alemã dos judeus, tornando-os subordinados do Reich em vez de cidadãos. Levi se tornara apátrida.

De repente, os olhos de Adele piscaram e ela se aproximou ainda mais, sussurrando:

— Ficaré caro, Sofie, mas estamos tentando encontrar um jeito.

— O dinheiro que você pegou emprestado! — sussurrei em choque. Ela deu uma piscada para mim e pôs um dedo sobre os lábios.

— Cada Reichsmark vai parar nas mãos dos Nussbaum por intermédio das minhas amigas.

Dei um grande abraço nela e sussurrei em seu ouvido:

— Tia Adele, eu não sei como agradecer.

— Cuide de si e de sua família — ela respondeu. — É *assim* que você me agradece.

NO PARQUE, ENCONTRAMOS LYDIA, KARL E SUA PEQUENA TRIBO, HANS, HORST e Ernst, o pequeno Werner e a nova bebê Gertrude, com Petra, a as-

sustadora e severa babá. Enquanto Petra empurrava o carrinho para acalmar Gertrude até ela pegar no sono, Karl e eu nos sentamos com Jürgen e Lydia à mesa de piquenique. As crianças mais velhas brincavam de pega-pega, dando risadas e gritando.

— Meu Deus, vai ter gente em Düsseldorf se perguntando de onde vem esse barulho — riu Karl quando Georg e Hans passaram por ele gritando a plenos pulmões. Naquele mesmo momento, Laura, Horst e Ernst passaram voando na outra direção, dando gritinhos e risadas.

— Nossos meninos estão crescendo tão rápido — comentou Lydia, observando com carinho Hans e Georg

fazendo algazarra. — Fico muito feliz em pensar que crianças como as nossas são o futuro deste país.

— Eu também — assenti, pela primeira vez honestamente, porque acreditava que, por baixo daquela podridão que ele vinha absorvendo, Georg ainda era uma boa pessoa.

Jürgen e Karl trocaram um olhar, levantaram-se simultaneamente e se afastaram um pouco de nós, conversando em voz baixa.

— Assuntos de foguete — suspirou Lydia, fazendo um sinal negativo com a cabeça. — Nunca termina, né?

A expressão de concentração e fascínio de Jürgen me dizia que Lydia tinha razão, por isso, suprimi um suspiro. As crianças deram mais uma volta, desta vez os cinco em fila. Hans ia na frente e Georg o perseguia, balançando um pequeno galho à sua frente.

De repente, Hans se jogou no chão de forma teatral, gemendo e se contorcendo como se estivesse morrendo. Georg se aproximou, apontou o galho e gritou: “Bum!”. Dei um grito sufocado e abri a boca para reclamar da proximidade do galho com o rosto de Hans quando Georg acrescentou, em um tom triunfante:

— Morra, judeu, morra!

Hans deu seu último suspiro e ficou imóvel. Georg, Laura e os gêmeos celebraram, jogando as mãos para o alto em comemoração.

— Seus filhos estão se desenvolvendo como deveriam, finalmente. E tudo porque você eliminou as influências negativas da sua família — disse Lydia, apontando para as crianças.

Fiquei estupefata demais para responder. Ela deu um suspiro de alegria.

— São essas coisas que me trazem tanta esperança para o Reich. Se crianças tão pequenas já conseguem ver que precisamos lidar com os judeus, você pode imaginar o que farão como adultas?

Aquele pensamento gerou uma onda de náusea e pavor em mim. Eu mal podia respirar com o desespero de perguntar: *Quando você mudou de ideia em relação aos judeus? Como seu sentimento mudou? Há alguma parte de você que duvida dessas coisas que você está dizendo?*

— Desculpe — soltei. Com as pernas tremendo, fui diretamente ao canteiro mais próximo, onde vomitei cada pedaço de comida que havia ingerido. Quando terminei, Jürgen estava ao meu lado, massageando minhas costas.

— Tem alguma coisa que eu possa fazer? — ele perguntou, baixando a voz. Eu sabia que ele supunha que aquilo fosse apenas o enjoo da gravidez. Neguei com a cabeça, indicando que não podia falar ainda. A náusea se fora, mas o pânico estava preso em mim. Tentei respirar fundo, mas meu peito parecia apertado.

Meus filhos estavam brincando de “atire no judeu” e eu não podia discipliná-los.

— Água — pedi, e ele se moveu prontamente para buscar um copo que estava na mesa. Eu estava presa. As crianças estavam presas. Prostrada em um parque público em um dia magnífico para a festa de aniversário do meu filho, eu sentia uma claustrofobia sobrepujante.

Ignore as notas dissonantes. Concentre-se na música.

Fechei os olhos e tentei respirar em meio ao pânico. Eu tinha que pensar em alguma coisa positiva na qual me apoiar, qualquer coisa, mas cada ideia que me vinha à mente representava mais sofrimento. *Jürgen nunca está em casa. Mayim se foi. As crianças sofreram uma lavagem cerebral. Meu país está arruinado.*

Uma ideia finalmente me atingiu e eu dei um grito sufocado. Respirei fundo o ar fresco quando o aperto em meu peito foi aliviado.

O bebê. O bebê. Devo ficar calma pelo bebê.

Tomei a água lentamente, muito lentamente, enquanto as batidas do meu coração começaram a voltar ao normal. Jürgen lançou um olhar inquisitivo para mim, mas forcei um

sorriso para dizer a ele que eu estava bem. Caminhei de volta à mesa, ofereci o mesmo sorriso para Lydia e anunciei:

— Estamos esperando mais um bebê.

Minha voz estava um pouco rouca, mas isso não era incomum, pois tinha acabado de passar mal. Lydia não perdeu um segundo. Ela abriu um sorriso encantador e exclamou:

— Que notícia maravilhosa!

Karl estava sentado na frente dela. Lydia se inclinou e avisou:

— Karl, temos que dar os parabéns para esses dois. Eles estão esperando mais um filho finalmente!

— Parabéns! — gritou Karl, servindo-se de alguns doces.

— Estamos esperando mais um bebê também — Lydia disse alegremente, tocando a barriga. — Esses dois pequenos podem ser melhores amigos, assim como as crianças mais velhas.

— Vocês sabem que o Führer pediu a todos os homens do Reich que tivessem quatro filhos. Lydia e eu queremos dobrar isso — anunciou Karl. Em seguida, deu um tapa nas costas de Jürgen. — Estou muito animado por você estar fazendo a sua parte também.

Por cima do ombro de Karl, vi que Laura carregava o galho e estava perseguindo as outras crianças, rindo e gritando. Agora, era a vez de Georg se jogar de forma dramática no chão, se contorcendo enquanto “morria”.

Ignore as notas dissonantes. Ignore as notas dissonantes.

— Acho que é hora do bolo — eu disse, fingindo animação.

— Venham, crianças. Vamos nos juntar.

Concentre-se na música.

— **V**OCÊ AINDA SE SENTE CONFORTÁVEL PARA VIAJAR? — JÜRGEN PERGUNTOU ao telefone, no final de novembro. Olhei para a minha grande barriga. Havia demorado muito mais para aparecer na minha terceira gravidez, mas acabei compensando o tempo perdido porque, com dez semanas faltando para o

parto, eu já estava explodindo para fora da bata de maternidade.

— Viajar para *onde*? — perguntei cautelosamente.

— Otto decidiu que temos de fazer um lançamento em poucas semanas aqui em Peenemünde. Alguns figurões vão assistir. Ele sugeriu que você e Lydia viessem também.

Minhas costas doíam. Meus tornozelos estavam inchados. Eu estava tão mal-humorada e desconfortável que odiava a ideia de dar uma simples volta de carro pela cidade, que dirá viajar cinco horas pelo país. Fechei os olhos e imaginei como seria bom vê-lo e abraçá-lo. Eu só o vira algumas poucas vezes durante toda a gravidez.

— Estarei aí — prometi.

Deixei as crianças com Adele e combinei com Lydia de ela e seu motorista me buscarem. Estávamos na estrada antes do amanhecer para viajar até Rügen. De lá, pegaríamos um barco para a ilha.

— Eles cancelaram a pompa e a circunstância — declarou Lydia com um suspiro durante a viagem. — Estou tão decepcionada. Estava ansiosa por um pouco de estilo.

Com o clima horroroso, as torres de observação ainda estavam por terminar, e pior: pelo menos três testes de lançamento haviam falhado inesperadamente. Esse quarto seria mantido, mas não haveria público para ele além de mim e Lydia.

— Acho que Otto só permitiu que viéssemos porque o moral está baixo. E Karl me contou que Otto e os superiores estão muito contentes com... — ela pigarreou com delicadeza — ... bem, com a melhoria da atitude de Jürgen recentemente. Eles querem recompensá-lo, acho. É por isso que eles reservaram os quartos de hotel em Rügen para a noite, assim não temos que ficar nos dormitórios da ilha. — Ela me direcionou um sorriso esperançoso. — Espero que você saiba, minha amiga, que o futuro será brilhante para vocês dois se continuarem nesse caminho.

Quando pisquei, estava de volta ao meu pátio com meu marido exausto, encarando seu olho roxo. *Continuar no caminho?* Até mesmo dar um passo fora dele significaria a morte.

— Jürgen se dedica ao programa — eu disse de forma vazia. — Nós dois estamos empenhados.

KARL NOS ENCONTROU NO PÍER DA ILHA. DEPOIS DE CUMPRIMENTAR LYDIA com um beijo, ele me ajudou a desembarcar; em seguida, me levou a um veículo do exército que estava à espera. Enquanto um jovem soldado nos conduzia para o outro lado da ilha, Karl nos serviu chá quente de uma garrafa térmica e ofereceu guloseimas compradas de um café em Rügen. O carro parou em uma colina e Karl abriu a porta para nós. Havia um pequeno abrigo, apenas uma cabana diminuta de madeira com três lados.

Mais abaixo na colina, um edifício maior fora erguido, junto com duas torres e arquibancadas ainda construídas pela metade, mas claramente pensadas para acomodar uma plateia no futuro.

— Onde está Jürgen? — perguntei a Karl enquanto ele me oferecia um assento na cabana.

— Está tudo indo bem, você o verá depois do lançamento — ele me garantiu. Então, ele apontou para a frente. A uma certa distância dos outros edifícios, era possível ver um foguete branco ao lado de andaimes. Tive dificuldade no começo para dimensionar o seu tamanho. Até que, com um susto, percebi que o enxame de pontos escuros que se moviam ao redor da base eram pessoas.

— Qual é o tamanho dele? — questionei nervosamente a Karl.

— Esse é o Aggregate 3. Ele tem quase sete metros de altura e setenta e seis centímetros de largura. Pesa mais de setecentos e vinte e cinco quilos. — Ele inclinou a cabeça para mim, franzindo o cenho. — Você não está se sentindo bem, Sofie? Está terrivelmente pálida.

— Só esperava algo mais parecido com os foguetes que vocês dois costumavam lançar daquele aterro em Berlim — admiti. — Talvez um *pouco* maior, mas... — Esse foguete era muito maior do que eu esperava. Eles tinham feito tudo isso em *quatro anos*?

Karl soltou uma generosa gargalhada e deu tapinhas no meu ombro como se eu fosse uma criança divertida.

— Você ouviu isso, Lydia? Sofie achava que estávamos construindo brinquedinhos como aqueles com os quais nos divertíamos em Berlim.

— Ah, por Deus, não, Sofie — ela riu também. — Eles tinham o quê? Um pouco mais de um metro de altura?

— Um e meio no máximo — divertiu-se Karl. — E eram muito mais finos também. — Ele lançou um sorriso carinhoso para mim enquanto explicava: — Estou surpreso por Jürgen não tê-la mantida atualizada sobre o brilhante trabalho dele.

— Ele respeita a confidencialidade do programa — afirmei.

— Esses foguetes são movidos a combustível líquido e exigem *muito* combustível para atingir a altura e a distância que queremos.

— Esses foguetes vão para a Lua? — perguntei.

— Ah, claro — assentiu Karl, acenando com desdém. — Quero dizer, em teoria, esses foguetes podem fazer muitas coisas. E ainda é a intenção do programa um dia lançar uma missão espacial. Claro, com certeza. Um dia.

Os homens em torno da base recuaram e um clarão repentino foi disparado da base do foguete. A estrutura de suporte caiu e o dispositivo subiu ao céu sem interrupções e sem dificuldade. Prendi a respiração, aterrorizada com o poder daquela coisa, e dei um gritinho de pânico quando, após alguns poucos segundos, ele balançou.

Ouvi Karl xingar ao meu lado e me virei para ele alarmada, com medo de estarmos em perigo. Mas ele não parecia assustado, só frustrado. Arrancou o chapéu da cabeça e o jogou com fúria no chão. Em seguida, saiu

pisando duro, praguejando em voz baixa. O foguete ainda estava balançando enquanto voava em direção ao oceano. Então, ele desapareceu de vista e, à distância, chamadas surgiram sobre a água.

— Karl mencionou que havia problemas com o sistema de orientação — explicou Lydia ao me ajudar a levantar, e começamos a voltar lentamente para o carro.

— O sr. Zu Schiller me pediu para levá-las ao escritório para que esperem até eles terminarem o relatório. Lá haverá comida e podem tomar um banho — disse o motorista.

— Obrigada — respondeu Lydia educadamente. Ela insistiu que eu fosse no banco da frente, e eu fiquei grata pelo espaço extra para estender as pernas. Enquanto nos afastávamos do local de observação, notei uma imensa cratera no solo a apenas alguns metros de onde estávamos sentadas. Tinha alguns metros de largura e mais ainda de profundidade. Poderia engolir cerca da metade de um quarteirão da cidade.

— O que é aquilo? — indaguei ao motorista.

— É o impacto de um lançamento que falhou na semana passada — ele explicou, dando um assobio em seguida. — Não decolou direito antes de detonar. Quase me derrubou, mesmo eu estando do outro lado da ilha. É por isso que apontamos para o oceano.

Não consegui esconder minha perturbação e ele a interpretou de forma errônea, dando um sorriso gentil.

— Ah, não se preocupe, sra. von Meyer Rhodes. Aquele foi lançado da outra plataforma. A senhora não correu nenhum perigo hoje.

NADA OCORREU DA FORMA QUE PLANEJÁVAMOS. MAIS UM LANÇAMENTO falhara e, em vez de tirarem a tarde de folga para ficar conosco, Karl e Jürgen foram chamados para reuniões. A tarde se arrastou, e à medida que o sol se punha, Lydia e eu

soubemos que seríamos levadas de volta ao hotel em Rügen.

— Você acha que vou conseguir ver Jürgen? — eu estava arrasada.

— Talvez mais tarde — ela disse carinhosamente. — Você sabe que o trabalho deve vir primeiro.

No lobby do hotel, ela fez o nosso check-in e pediu aos funcionários que levassem nossas malas para dentro.

— Pedi para levarem uma refeição para você. Por que não toma um banho de banheira e vai para a cama? Sei que você quer muito ver Jürgen, mas realmente precisa descansar. Estou alguns quartos adiante se precisar de mim.

Considere o banho, sabendo que a água quente seria maravilhosa para meus ossos, mas, quando olhei para a pequena banheira, percebi que seria improvável sair por conta própria, mesmo se coubesse nela.

Em vez disso, dei uma beliscada na comida que Lydia pediu que levassem para o meu quarto, e então me sentei na cama e esperei por Jürgen. Pensei sobre o lançamento e a cratera e nos milhões de perguntas que queria fazer a ele, mas teríamos que presumir que alguém estava nos escutando. Mais uma vez, sussurraríamos embaixo dos cobertores.

Quando cheguei a essa conclusão, meus olhos se encheram de lágrimas. Liguei o rádio para abafar o som e deitei na cama para chorar. Como seria estar em uma cidade distante quando um foguete como aquele viesse do nada? A tecnologia não poderia ter avançado tanto para que o foguete soubesse qual prédio atingir. E se atingisse uma escola?

Era tudo terrível demais para ser verdade, e tenebroso demais para ter saído da mente do meu maravilhoso e sensível marido. Fiquei em posição fetal e chorei até cair no sono.

Acordei com o som de uma chave virando na fechadura, e Jürgen entrou assim que consegui me sentar. Olhei

fixamente para ele com cara de sono, notando que ele parecia tão cansado quanto eu. Tentei sair da cama para correr para ele, mas minha barriga me impediu.

— Meu Deus, você cresceu! — Jürgen riu suavemente enquanto colocava uma pequena bolsa de viagem no chão. Então, correu na minha direção. Ele se ajoelhou ao lado da cama e colocou suas mãos com carinho na minha barriga. Em seguida, ergueu seus olhos para encontrar os meus.

— Você está tão linda, Sofie.

Comecei a chorar novamente, lágrimas de exaustão, alívio e medo.

— Estou toda desarrumada — justifiquei em meio aos soluços.

— Mesmo desarrumada, meu amor, você está linda. Senti tanto a sua falta — ele sussurrou.

— Senti sua falta também — respondi aos sussurros.

Não havia necessidade de sussurrar. Estávamos apenas dizendo o que se esperava que um marido e sua esposa dissessem depois de dois meses separados. Mas, ao mesmo tempo, havia total necessidade de sussurrar, porque esse era um momento somente entre mim e ele. Era precioso demais para ser dividido com qualquer outra pessoa.

MAIS TARDE, DEITADA SOB AS COBERTAS, RESISTI À TENTAÇÃO DO SONO, decidida a aproveitar cada segundo com Jürgen ao máximo. Puxei os cobertores para cima de nossas cabeças e me aconcheguei o mais perto dele que conseguia com a minha barriga.

— Na realidade, os foguetes agora são enormes bombas voadoras, não são? — sussurrei.

— Eles não têm nenhuma intenção de promover uma missão espacial — meu marido admitiu.

— Quando você chegou a essa conclusão?

— Na mesma época em que pensamos em fugir.

— Ah.

— Uma missão espacial seria o trabalho de visionários. É muito evidente agora que esses homens não são nada disso.

— O que deu errado hoje? — continuei falando baixo.

— Você está realmente interessada?

— Estou — garanti, com um nó na garganta. — Sinto muito. Subestimei tanto seu trabalho, Jürgen. Subestimei *você*.

Comecei a chorar e seu braço se apertou em volta de mim.

— Sofie, está tudo bem. De verdade — ele sussurrou, sua respiração quente em meu ouvido. — Meu amor, até Otto subestima essa tecnologia algumas vezes. Fizemos um progresso de décadas em alguns poucos anos. Não tem problema você não estar atualizada sobre cada detalhe. Há tantos segredos, Sofie. Eu não poderia lhe contar tudo mesmo se você perguntasse.

— Sinto que estamos vivendo vidas totalmente diferentes.

— Não há como evitar isso.

— O que deu errado hoje?

— Problemas técnicos complexos demais para explicar no estado de cansaço em que ambos estamos.

— Você consegue corrigir?

— Sim, é apenas uma questão de tempo.

Uma visão repentina daquela imensa cratera na ilha piscou diante de meus olhos.

— Você *deveria* corrigi-los?

— Gastamos uma fortuna no programa, mas ainda não temos um modelo que possa ser produzido em massa. Essa série de testes deveria mostrar aos figurões que superamos essa parte. A pressão está aumentando.

— Por que eles querem produzir bombas em massa nesse momento?

— Meu amor, você é inteligente o suficiente para saber a resposta.

Fiquei sufocada, então tirei os cobertores de cima de nossas cabeças e inspirei fundo repetidamente. Jürgen fez o mesmo. Quando meus pulmões não pareciam mais prestes a explodir, retornamos aos cobertores e eu sussurrei:

— Eles querem iniciar uma guerra?

— Um homem como Hitler sempre deseja a guerra. Ele quer poder e territórios, e ninguém lhe dará essas coisas. Em algum momento, ele tentará conquistá-los.

SOFIE

Huntsville, Alabama 1950

TRÊS SEMANAS SE PASSARAM DESDE QUE HAVÍAMOS CHEGADO AOS ESTADOS Unidos. Foram semanas de uma felicidade pura e inesperada, de me aninhar no sofá com Jürgen todas as noites, de dormir em seus braços e de vê-lo se esforçar como um louco para criar uma conexão com Felix e ajudar Gisela enquanto ela se ajustava.

Semanas me familiarizando com uma cidade que, no melhor dos casos, parecia desconfiada e, no pior, hostil. Semanas tentando encorajar minha filha a ser forte e permitindo que ela levasse seus livros de ficção para a escola para que pelo menos pudesse ler durante o recreio, porque nenhuma das crianças alemãs queria falar com ela e nenhuma das americanas conseguia.

Semanas de acordar e em algumas manhãs encontrar a pichação em nossa rua, às vezes só um dia depois de termos pintado a mais recente. Aquela camada preta de tinta na rua estava ficando tão espessa que logo sentiríamos um salto ao dirigir sobre ela.

Nessas semanas, o homem de uniforme marrom passou pela nossa casa com frequência, todos os dias. Como eu verificava a caixa de correio constantemente, esperando alguma notícia de Laura, às vezes me encontrava na entrada da casa quando ele passava, e sentia a hostilidade que vinha dele. De vez em quando, ele ficava sentado sob a

árvore na esquina da minha casa e olhava fixamente para a rua, como se esperando algo acontecer.

E, ao longo dessas semanas, algumas das lojas adicionaram placas de “Proibido alemães” nas vitrines, ao lado das placas de “Somente brancos”.

Era como se a cidade tentasse vencer o meu ânimo, mas me recusei a permiti-lo. Estava determinada a criar pontes em Huntsville. Sempre que encontrava algum morador local que parecesse receptivo a uma conversa amigável, fazia de tudo para criar uma conexão.

— Minha filha está aprendendo inglês, mas levará algum tempo — contei para o dono da livraria. Eu fora até lá para ver se ele podia nos fornecer mais alguns livros em alemão. Queríamos presentear Gisela por persistir com a escola, apesar dos desafios. — Ela é uma leitora voraz.

— Bem, não podemos ter uma mocinha sem material de leitura — afirmou o homem com os olhos brilhando. — Vou fazer algumas ligações.

— Muito obrigada.

— É um prazer — ele respondeu em um tom animado. Então, marcou meu nome e o número do nosso telefone em um bloco de anotações e perguntou:

— O que a senhora acha da vida aqui?

— É desafiadora às vezes — admiti. — Mas estamos muito honrados por estarmos aqui.

— Vi esta cidade definhar nos últimos trinta anos, sra. Rhodes. Todos os empregos sumiram, então os jovens chegam a uma certa idade e vão embora. Então, na minha opinião, se um monte de cientistas inteligentes vier para a cidade estabelecer um programa de foguetes de alto nível, os empregos virão também. Além disso, imagine se um foguete projetado em Huntsville levar o homem ao espaço! Ou à Lua! Seremos famosos em todo o mundo. Me parece que, se não os expulsarmos da cidade antes de fazerem sua mágica, *seu* pessoal pode ser a salvação da cidade. Com o tempo, acho que todos verão isso também.

— Obrigada — respondi, tomada pela emoção. — Realmente espero que possamos fazer coisas boas para a sua cidade. Para o seu país.

— É claro como a água que vocês todos devem ser alemães normais que não tinham ideia do que estava realmente acontecendo. Nosso governo nunca permitiria que nazistas vivessem neste país. Vocês não representam nenhum perigo para nós, e digo isso a todos que perguntam que eles podem ter certeza disso também.

Sorri silenciosamente e deixei a loja com o coração pesado. O dono da livraria fora tão gentil, e ele estava certo. Pessoas como Jürgen e eu não representávamos ameaça à sua cidade ou ao seu país.

Mas como eu poderia explicar a complexidade de nossa situação na Alemanha? Mentir era necessário. Isso não significava que era confortável.

OUTRA CHAMA BRILHANTE NAQUELAS PRIMEIRAS SEMANAS DIFÍCEIS FOI AVRIL Walters. Ela veio para um café um dia e prometeu que pediria à filha

Patty para zelar por Gisela no parquinho. Então, voltou no dia seguinte com uma sacola de compras para me ajudar a fazer um almoço mais ao estilo americano para Gisela. Pão branco e pasta de amendoim apareciam com muito mais frequência do que eu previra. Ela retornou novamente no final da semana com uma sacola de roupas velhas de Patty para Gisela e me ajudou a cortar um pouco do cabelo da minha filha para que ela pudesse deixá-lo solto na escola, como faziam as garotas americanas.

Gisela e Patty não estabeleceram uma conexão real, mas não foi por falta de tentativa. Patty gostava de esportes e dança; Gisela preferia ler e desenhar. A barreira do idioma foi a última gota. Eu tinha a sensação de que, se não fosse o incentivo de Avril, Patty já teria desistido de Gisela, e fiquei grata por isso não ter acontecido. Ela parecia a melhor

chance de Gisela ter uma amiga, pois Claudia ainda se recusava a deixar Mila brincar com a minha filha.

Avril insistiu em me levar para aulas de direção e em me ajudar a aprender as diferenças nas regras de trânsito. Ela me emprestou sua câmera, para que eu pudesse tirar algumas fotos de Felix, Gisela e Jürgen, e depois me levou até a loja para revelar o filme. Quando as fotos ficaram prontas, escrevi um bilhete para Laura e Avril me levou ao correio. Ela vinha tomar café, comer bolo ou almoçar várias vezes por semana, e mesmo quando ficou claro que as crianças tinham interesses diferentes, ela ainda organizava encontros para elas brincarem. Ela era uma dádiva de Deus, minha guia para tudo relacionado ao modo de vida americano.

Certa manhã, Avril e eu estávamos no mercado e notei Claudia Schmidt no balcão. Ela parecia a ponto de chorar de frustração ao tentar se comunicar com o atendente, visivelmente irritado.

— Como eu já disse — o atendente falou, bem devagar, como se isso pudesse traduzir suas palavras —, não teremos mais até a semana que vem.

Claudia respirou fundo e segurou um cartão. Ela apontou para ele, indicando com a cabeça, esperançosa.

— Madame — o atendente repetiu, falando cada palavra mais lentamente. — Nós. Não. Temos...

— Com licença, por favor — falei para Avril. Em seguida, aproximei-me e toquei no ombro de Claudia. Ela fez uma cara feia para mim, olhou de volta para o atendente e apontou para o cartão outra vez.

— Deixe-me ajudar, Claudia — eu disse, em alemão. Ela hesitou, mas depois assentiu com a cabeça, relutante.

— Não consigo entender qual é o problema — ela explicou. — Só quero um pouco de açúcar de confeitiro.

— Ele está dizendo que acabou e não haverá mais até a semana que vem.

— Ah — ela disse, com uma expressão mais suave. — Ah, bom. Achei que ele estava me dizendo em qual corredor procurar — ela sorriu para o atendente e assentiu com a cabeça ao falar em um inglês com forte sotaque:

— Por favor.

— Obrigada — corrigi. Claudia suspirou tristemente.

— Nunca vou aprender essa língua.

— Claro que vai — retruquei com delicadeza. — Só precisa de tempo e prática.

Ela se virou como se fosse sair, mas parou no último minuto e olhou para mim, hesitante.

— Você poderia perguntar a ele em qual dia devo voltar?

— Tenho um pouco em casa — falei. — Levo para você à tarde.

— Você não precisa fazer isso.

— Por favor — respondi. — Será um prazer.

Depois que ela foi embora, voltei para junto de Avril e continuamos a andar pelos corredores, com Todd e Felix à nossa frente. Pelo menos os meninos não se importavam muito com o fato de não poderem conversar. Eles encontravam outras maneiras de se entreter, como dar risadas juntos e sair correndo quando Todd derrubou uma maçã que saiu rolando pelo corredor.

— Perdoe-me por falar sobre o que não deveria — disse Avril em um tom baixo —, mas tenho a impressão de que essas outras alemãs não são particularmente gentis com você. E Patty diz que as crianças alemãs brincam todas juntas, as garotas com suas tranças e aqueles vestidos, e os garotos usando aqueles shortinhos estranhos...

— *Lederhosen* — falei. Eu não era a única mãe alemã lutando para descobrir como ajudar seus filhos a se adaptarem à escola americana.

— Entendo que as crianças locais sejam um pouco desconfiadas, mas as crianças alemãs parecem cuidar umas das outras... exceto a pobre Gisela. Patty diz que ela se senta sozinha e fica lendo seus livros. Você sabe o motivo?

— Tenho minhas suspeitas — murmurei, pegando uma caixa de farinha e colocando no carrinho.

Avril pigarreou e eu olhei para trás, encontrando seu olhar perturbado.

— Eu disse para todo mundo que não *havia a menor possibilidade* de ser verdade — ela soltou. — Mas as pessoas estão falando sobre você e Jürgen. Lizzie Miller disse que vocês eram membros do Partido Nazista. Só espero que as alemãs não tenham ouvido essas mentiras cruéis, mas ela é casada com Calvin, então o que ela diz tem algum peso. — Eu estava tão chocada que me vi sem saber o que dizer por um momento. — Tem mais, mas tudo é horrível demais para contar.

— Por favor, me conte — pedi. — Prefiro saber.

— Ela disse que Jürgen pode ter sido da SS, que ele até administrou algum tipo de campo terrível.

Engoli em seco. Forcei-me a continuar andando, mas meus instintos me diziam para sair da loja e fugir. Não de Avril, mas do meu passado. Avril me observava com atenção e eu percebi que tinha que dizer algo. Respirei fundo.

— Nos anos iniciais do nazismo, Jürgen e eu decidimos fugir — comecei a falar suavemente. — Reuniríamos a nossa família e escaparíamos. Mas havia um aparelho de escuta em nossa casa, eles ouviram nosso plano e levaram Jürgen no meio da noite. — Avril cobriu a boca com a mão e sufocou um grito, em choque. — Não quero que sinta pena de nós, Avril. Cometemos alguns erros, e gostaria, do fundo do meu coração, de ter feito mais para evitá-los. Mas nossa situação estava longe de ser simples, e naquela época fizemos o que podíamos. Só quero que você entenda que aqueles homens controlavam cada aspecto de nossas vidas.

— Sinto tanto, Sofie — ela disse com tristeza. — Parece que você e Jürgen foram até o inferno e voltaram. — Ela pigarreou delicadamente. — Então... os rumores não são verdadeiros?

Um instinto me alertou. Por que ela estava me pressionando se eu claramente não estava pronta para discutir o assunto? Eu a conhecia havia poucas semanas. Ela fora muito gentil durante aquele tempo, mas estávamos longe de ter uma relação de confiança tal que me permitisse dividir os segredos de Jürgen com ela. Decidi que não admitiria nada, mas tampouco mentiria. Aquilo só me deixou com a opção de elogiá-la e tentar mudar de assunto.

— Agradeço muito por nossa amizade — disse, honestamente. — Realmente não sei o que faria sem você.

— Não há de quê — ela retribuiu. — Você sabe que eu adoro conversar com você e ouvir sobre sua vida. Só quero que seja feliz aqui.

— Vou ficar feliz com o tempo. Sei que vai funcionar, de uma forma ou outra, porque este país é minha casa agora. Além disso, voltar para a Alemanha não é uma opção, mesmo que as coisas sejam complicadas aqui às vezes. — Ela lançou um olhar inquisitivo e eu ri nervosamente, punindo-me internamente pelo que quase teria revelado. Jürgen *não podia* ir embora, porque se o fizesse, provavelmente seria preso. — Só queria dizer que Jürgen não vai embora, e eu não vou sem ele.

Seguimos pelos corredores e, depois de um momento, me virei para ela e perguntei cautelosamente:

— Você disse que Lizzie Miller tem falado essas coisas para as pessoas?

Eu ainda estava convencida de que aquela visita da polícia tinha sido obra dela. Ela não tinha ideia do que uma visita noturna da polícia causava em mim ou em Jürgen. Talvez eu precisasse criar pontes com quase todo mundo na cidade, mas ficaria bem longe *daquela* mulher.

— Sim — confirmou Avril. — Lizzie é implacável, absolutamente *implacável*. É uma pena que ela seja tão influente com as esposas americanas. Tenho certeza de que você percebeu que ela é muito mais nova que Calvin.

— Não prestamos muita atenção nesse tipo de coisa.

— Quando a conheci, ela me contou que tinha começado a namorar com Calvin porque queria que ele ajudasse o irmão dela, e só se casou com ele porque estava passando por dificuldades e ele era rico. Ela é o tipo de mulher que não pensa duas vezes antes de usar as pessoas para conseguir o que quer. — Avril deu de ombros. — Quero dizer, ela quase teve um derrame quando mencionei que tinha ido à sua casa.

— Realmente espero não ter lhe causado problemas.

— Ah, meu Deus, Sofie, nem um pouco. Só estou preocupada com *você*. Nem me importo quando ela me pede para não falar mais com você, pois somos amigas agora — ela disse, sorrindo.

— Ela pediu a você que não falasse mais comigo?

— Não dei atenção a isso, não se preocupe. Lizzie é apenas esse tipo de mulher — comentou Avril desdenhosamente. — A única questão é que... Huntsville não é um lugar muito grande e o programa de foguetes é uma comunidade ainda menor. Eu odiaria se esse tipo de veneno espirrasse em Jürgen e Calvin.

Pensei na preocupação de Jürgen em relação à sua futura solicitação de cidadania e comecei a me sentir mal. O que aconteceria se ele caísse em desgraça naquele programa de foguetes? Suponho que nosso recomeço nos Estados Unidos chegaria ao fim. E aí, o que aconteceria conosco?

Fiquei arrasada. Ficar longe de Lizzie Miller talvez não fosse suficiente.

— **C**ALVIN CHEGOU A FALAR ALGO A RESPEITO DA ESPOSA DELE PARA VOCÊ? — perguntei a Jürgen naquela noite. Eu estava lavando a louça e ele a secava ao meu lado com um pano de prato. Talvez um marido e uma esposa comuns não dessem muito valor a esses momentos, mas eu tentava agradecer por cada um deles.

— Não, na verdade. Ele tentou se desculpar depois da festa — comentou Jürgen. Ele passou o braço por trás de

mim para guardar uma caneca no armário e explicou:

— Ele me contou que o irmão de Lizzie serviu na Europa e nunca mais foi o mesmo. Mas Cal não a mencionou desde então, o que é um pouco estranho, já que ele estava ansioso para conhecê-la. — Ele aguardou alguns instantes. — Ele nunca disse uma palavra sobre aquele negócio de invasão. Outra pessoa estava por trás daquilo, com certeza. Duvido que ele sequer soubesse que a polícia tinha sido chamada.

— Ele é um bom homem?

— Ele é o gerente, e eu tenho mais conhecimento técnico, então sempre existe uma tensão. Mas ele é gentil e generoso. Gosto de trabalhar com ele.

— Lizzie parece ser bem mais nova que Calvin.

— Ela é. — Jürgen deu de ombros. — E daí? Você é quatro anos mais nova do que eu.

— Não é a mesma coisa. Ouvi falar que ela só se casou com ele por dinheiro.

— Sofie — advertiu Jürgen, dando uma risada espantada.

— Desde quando você se interessa por esse tipo de fofoca?

— Fiz apenas uma nova amiga desde que chegamos e *ela* me contou que Lizzie Miller tem dito às outras mulheres que você é nazista. Que você esteve na SS e administrava um campo.

Jürgen derrubou o pano de prato. Ele se agachou lentamente para pegá-lo.

— Lizzie Miller tem dito isso para as pessoas?

— Evitei responder quando Avril perguntou. — Hesitei, com o instinto me cutucando. — Parecia mais uma sondagem do que uma acusação, para ser honesta.

Jürgen secou a última caneca e pendurou o pano em um gancho. Ele inspirou devagar, com uma expressão desconfortável.

— Sei que Calvin só viu a versão maquiada do meu histórico, o próprio Christopher me contou.

— Talvez você devesse falar com Calvin mesmo assim? — sugeri, cautelosamente.

— Para dizer o quê? — ele perguntou amargamente, negando com a cabeça, frustrado. — Que a esposa dele está espalhando rumores que carregam um fundo de verdade?

Compreendi a autodepreciação em seu rosto, mesmo que odiasse vê-la.

— Então, o que fazemos? — inquiri serenamente.

— Temos que ignorar. Tudo isso. — Abri a boca para protestar, mas ele me interrompeu antes que eu pudesse fazê-lo. — Sofie, todos esses problemas começaram porque você e Lizzie Miller começaram com o pé esquerdo. Minha situação no trabalho é importante demais para todos nós. Não posso levar seu conflito pessoal para dentro dele.

Jürgen estava certo. Esses problemas tinham começado comigo e com Lizzie naquele piquenique. Uma conversa esquisita, duas mulheres que não se deram bem. Lizzie não enxergando nossa humanidade, eu ficando defensiva.

Talvez fosse isso que eu precisasse consertar.

30

SOFIE

Berlim, Alemanha 1938

JÜRGEN PERDEU O NASCIMENTO DO BEBÊ. QUALQUER QUE FOSSE A META QUE ele estivesse tentando alcançar, era mais importante do que o nascimento da nossa filha, pelo menos de acordo com Otto, que se recusou a lhe conceder uma licença. Deixei as crianças mais velhas com Adele e fui sozinha para o hospital.

Liguei para ele depois do parto. Exausta, mas eufórica, contei sobre as feições delicadas da bebê, suas sobrancelhas quase inexistentes, seu cabelo ralo. A frustração em sua voz era palpável quando ele prometeu que em poucos dias estaria em casa para conhecê-la.

Mas na manhã seguinte Hitler anexou a Áustria. Da minha cama no hospital, li um jornal que mostrava fotos de multidões entusiasmadas nas ruas de Viena, dando boas-vindas a Hitler e celebrando a anexação. Fiquei olhando para aquelas fotos por horas, tentando saber se poderia confiar nelas. Quem poderia considerar Hitler bem-vindo em seu país? Isso certamente era uma armação do Departamento de Propaganda.

Jürgen ligou para o hospital para me contar que sua visita fora adiada novamente, mas que estava enviando um fotógrafo como prêmio de consolação.

— Terei que escolher o nome sozinha, não é? — disparei.

— Um bom nome alemão. Um nome alemão *forte* — recomendou com cuidado. Bufeí impacientemente. Não era

como se eu fosse chamar a criança de Mayim, embora eu pudesse ter pensado nisso em circunstâncias diferentes.

Encarei a bebê. Ela dormia nos meus braços, inocente e pura, mas, assim como Georg e Laura, logo seria refém do Reich, impotente para escolher seu próprio destino ou mesmo tomar suas próprias decisões sobre o valor de outros seres humanos.

— Sofie? Você ainda está aí?

Refém. *Geisel* em alemão.

— Gisela — soltei. Apesar de suas raízes linguísticas, Gisela era um nome comum e eu sabia que ninguém o questionaria. Mas eu sabia. Toda vez que eu dissesse o nome dela, irromperia uma rebelião silenciosa em meu coração.

— Adorei — concordou Jürgen, parecendo aliviado.

Futuramente, Gisela von Meyer Rhodes entraria na escola, e quaisquer traços de pureza e bondade em seu caráter seriam substituídos pelo ódio. Talvez um dia eu pudesse dizer a ela que, desde o momento de seu nascimento, eu odiava o fato de que ela fosse refém da ideologia de seu país. Não havia nada que eu pudesse fazer sobre aquilo além de deixar uma pista no nome dela para provar meu arrependimento.

GORG E LAURA AGORA TINHAM IDADE SUFICIENTE PARA IREM ANDANDO soinhos para a escola e, frequentemente, depois de eles saírem, Gisela e eu íamos para a porta ao lado visitar Adele. Algo estava mudando na tia de Jürgen.

No verão, ela desmaiou por ter ficado de pé no calor por tempo demais. Fingi um interesse repentino em horticultura para que pudesse cuidar do jardim do pátio dela.

— Estou preocupada com ela — admitiu Martha, a amiga de Adele, certo dia. Adele estava dentro da casa fazendo chá para nós e Martha e eu colhíamos tomates. — Ela diz que os novos comprimidos que o médico receitou estão ajudando, mas ela parece mais frágil.

— O que mais podemos fazer por ela? — perguntei. — Como podemos fazer com que ela diminua o ritmo e descanse?

— Adele não é o tipo de mulher que diminui o ritmo com o avanço da idade. Ela é o tipo de guerreira destemida que atinge um certo ponto e percebe que não tem nada mais a perder. Você não conseguirá fazê-la parar, Sofie, e, mesmo que conseguisse, estaria tirando algo dela, não fazendo com que ela ganhasse mais tempo.

— O que isso significa? — questionei, confusa.

Martha deu um sorriso calmo.

— Esse problema com o dinheiro que ela tem parece estar aumentando, não? Pobre senhorinha.

Adele estava constantemente pegando dinheiro emprestado agora, quase toda semana ela pedia uma pequena quantia e, de tempos em tempos, quantias maiores. Às vezes, ela ligava para pedir pelo telefone, embora eu nunca deixasse um dia passar sem aparecer para verificar como ela estava.

— Por que você me telefona para pedir dinheiro? — perguntei a ela um dia. Ela estava me supervisionando enquanto eu podava desajeitadamente sua pequena coleção de rosas. Apesar dos meus melhores esforços, parecia que eu fazia um trabalho terrível, porque Adele estava visivelmente segurando a língua.

Ela veio ao meu lado e sussurrou:

— Mesmo que não haja aparelhos de escuta na minha casa, tenho quase certeza de que eles estão vigiando seu telefone. Pensei que seria prudente que esses intrometidos me ouvissem contar uma história triste para que, assim espero, eles acreditassem que você não tinha ideia de que eu estava sustentando os Nussbaum se caíssemos em maus lençóis.

— Seria estupidez se Jürgen e eu estivéssemos oferecendo dinheiro para eles diretamente, mas só por causa do emprego dele. Você não está desobedecendo a lei.

Não é ilegal ajudar uma família judia que passa por dificuldade.

— Ainda não — ela sussurrou, sombriamente. — E eu não ligo se eles vierem atrás de mim. Estou tentando fazer duas coisas ao mesmo tempo aqui, Sofie: ajudar os Nussbaum e proteger vocês.

— Com o histórico que Jürgen e eu temos, não sei se algumas poucas ligações telefônicas os convenceriam de que eu não tinha ideia do destino desse dinheiro.

— As pessoas veem o que querem ver. E vocês dois têm feito um esforço admirável para se ajustar nesses últimos anos. Além disso, Jürgen é a estrela do programa de foguetes. Espero que, se chegar o dia em que suspeitem de mim, vocês já tenham conquistado o benefício da dúvida. — Ela inclinou o rosto para o sol por baixo daquele chapéu de aba larga e respirou fundo. Em seguida, ela me encarou. — Sofie, nesses anos difíceis que enfrentamos juntas, você se tornou muito querida para mim. Espero que saiba disso.

Meus olhos se encheram de lágrimas. Pigarreei.

— Sei. E sinto o mesmo.

— Me dói dizer, mas isso precisa ser dito: se algum dia eu *realmente* cair nas mãos da Gestapo, você precisa fazer o que for melhor para sua família.

Fiquei tão perplexa que quase derrubei a tesoura.

— O que quer dizer com isso? A senhora é minha família.

Ela negou com a cabeça impacientemente, fazendo um aceno com a mão.

— A única coisa que estou fazendo é transferir a maior quantia de dinheiro possível para os Nussbaum. A situação tem sido muito ruim para eles desde que o irmão de Levi foi preso...

— O tio Abrahm foi preso? — Dei um grito sufocado. — Por quê?

Adele semicerrou os olhos e, em seguida, franziu a testa para mim.

— Sinto muito, meu tesouro. Pensei que havia contado. Abrahm foi visto como uma ameaça à ordem pública. Sem mais explicações, e claro que a família tentou encontrá-lo, sem sucesso. A esposa dele levou as crianças para morarem com os pais dela no interior. Com o dinheiro que você me deu e o dinheiro que eu e as minhas amigas conseguimos arranjar, cobrimos apenas o aluguel.

— Isso é terrível — sussurrei. Fiquei tão angustiada com a dificuldade que Adele estava enfrentando quanto com a situação dos Nussbaum. Ela estava tão frágil, e em alguns dias, tão fraca. Se ficar debaixo do sol fazia com que ela desmaiasse, o que uma visita da Gestapo às três da manhã faria?

— Você não consegue sentir no ar, Sofie? Não é só a conversa sobre a guerra, embora, claro, seja parte disso. O ódio está aumentando. Algo está por vir... — Ela hesitou com uma expressão dura e abatida. — Consigo sentir, da mesma forma que farejo uma tempestade na brisa.

— Estou sentindo também.

O ódio surgia quase espontaneamente agora, infectando cada parte de nossa sociedade. Ele crescera e se tornara tão grande e sombrio que ameaçava nos sufocar.

— Peço para as minhas amigas repassarem o dinheiro para a família de Mayim para manter algumas camadas entre vocês e eles. São conexões em uma cadeia que poderiam ser interrompidas caso uma das partes fosse descoberta. Mas somos senhoras idosas desajeitadas, não mestres da espionagem. Mesmo assim, se tudo explodir, não pense nisso como um problema. Pense como uma chance de assegurar sua lealdade aos nazistas.

— Eu nunca faria isso — bradei em um tom duro.

— Você se lembra do que eu lhe disse quando Mayim foi embora? *Nem sempre são as árvores mais fortes que sobrevivem à tempestade. Às vezes, são as árvores que se dobram com o vento.* Lembre-se desse conselho, Sofie.

Especialmente se, em algum momento, você descobrir que a tempestade ameaça te quebrar.

EM AGOSTO DE 1938, ADELE LIGOU E ME PEDIU PARA AJUDÁ-LA EM SEU JARDIM. Nós nos agarramos sob um guarda-chuva e fingimos pendurar tecidos para proteção contra geada sobre os legumes. Antes mesmo de sair pela porta dos fundos, eu sabia por que ela me chamara.

Havia milhares de poloneses vivendo na Alemanha, muitos deles judeus. O governo polonês ficara preocupado com a enorme onda de pessoas tentando voltar para casa, então passou a dificultar cada vez mais o processo. Todo cidadão polonês que vivia no exterior havia mais de cinco anos agora tinha que visitar um consulado da Polônia para obter um carimbo de endosso em seu passaporte. Foi anunciado de uma hora para a outra que aqueles que não tinham o carimbo depois do final de outubro perderiam a cidadania polonesa, tornando-se apátridas, assim como os judeus alemães.

— Sidonie está em Cracóvia — sussurrou Adele. — Moshe se tornou pai recentemente e ela foi para lá para ajudar com o bebê, algumas semanas atrás.

— Moshe se casou? — fiquei surpresa.

— No ano passado, aparentemente.

— Mas ele só tem... — Fiz as contas e parei. — Ah. Ele tem dezenove anos. — Como todos esses anos haviam se passado? Fazia quase quatro anos que eu tinha visto Mayim pela última vez. Senti uma pontada no peito. — Sidonie pode conseguir o endosso no passaporte lá?

— Esses endossos são quase impossíveis de se obter. Ela não tem escolha, terá que ficar em Cracóvia.

Adele estava tão pálida naquele dia que eu queria colocá-la para dentro para descansar, mas sabia que ela não ficaria parada na chuva fingindo colocar proteções contra geada se houvesse uma alternativa.

— Mas e Mayim e Levi?

— As costas de Levi o têm mantido na cama esses dias. Ele ainda está aqui. — Ela deu um suspiro, fazendo um aceno negativo com a cabeça. — E, claro, Mayim ainda poderia ir para Cracóvia, mas não sairá daqui sem o pai.

— Ela precisa do endosso no passaporte ou se tornará apátrida.

— Sim. Preciso de qualquer quantia em dinheiro que você possa conseguir sem levantar suspeitas. Você tem algo disponível?

— Tenho. No cofre de Jürgen.

— Quanto?

— Talvez alguns milhares de Reichsmarks — admiti. Para a maioria dos trabalhadores de Berlim, isso equivalia a vários meses de salário. Ao me deparar com seu olhar surpreso, expliquei: — Comecei a guardar um pouco de dinheiro extra para que não tivesse que ir ao banco desnecessariamente quando a senhora precisasse.

— Excelente. Boa garota — comemorou Adele, assentindo com a cabeça em admiração. Senti uma onda de sensação agradável. — Mil será uma boa quantia.

— O que a senhora vai fazer com esse dinheiro?

— Talvez Mayim possa subornar alguém do consulado quando for solicitar o endosso.

— Ela e Levi precisam sair, não? — Adele assentiu.

— Mayim não vai deixar o pai aqui para se virar, e eu entendo isso também.

Esperamos semanas por notícias. De vez em quando, eu sussurrava para Adele pedindo uma atualização, mas ela respondia duramente, também em sussurros:

— Você não acha que eu teria lhe contado se soubesse de algo?

Fui visitar Adele certa manhã para ver como ela estava e a encontrei esperando à mesa da cozinha, tomando uma xícara de chá. Nós nos cumprimentamos como sempre e, em seguida, ela apontou para um bilhete que escrevera em um pedaço de papel.

Mayim tentou de tudo, sem sucesso. Há rumores de que as pessoas na mesma posição que ela serão deportadas em breve, mas a Polônia não as deixará entrar. Não sei o que vai acontecer. Tudo o que podemos fazer é rezar.

— Não há realmente nada mais que possamos fazer? — indaguei, quase sem emitir som.

Adele negou tristemente com a cabeça e apontou para a lareira. Rasguei o bilhete e o joguei no fogo, observando as chamas enrolarem os pedaços de papel e os transformarem em cinzas.

Se alguém me perguntasse antes daquele dia, eu poderia ter dito que estava acostumada com a desesperança. Porém, ao saber que minha amiga estava em um dilema tão desesperador e que não havia *nada* que eu pudesse fazer para ajudá-la, descobri que havia níveis de desesperança que eu nunca sentira antes.

GISELA ESTAVA PARTICULARMENTE INQUIETA NAQUELA NOITE NO COMEÇO DE novembro. Eu ficava para cima e para baixo tentando fazê-la voltar a dormir, sentindo-me mais frustrada a cada novo choro. Por fim, desisti de dormir e fui com ela para a sala de estar.

Assim que me acomodei, fui surpreendida pelo som de vidro sendo quebrado e gritaria na rua. Congelei no lugar, dizendo a mim mesma que eu não tinha nada com que me preocupar. Se houvesse qualquer sinal de confusão, Dietger faria com que a Gestapo e a SA estivessem aqui em minutos. Se eu apenas esperasse pacientemente, ouviria toda a confusão diminuir.

Porém, em vez disso, houve mais gritaria. Eram muitas vozes agora, e então o som de gritos ao longe: alguém implorando por ajuda, o tilintar e os ruídos de mais vidros sendo quebrados, e cada vez mais gritaria.

Alcancei o interruptor, minhas mãos tremendo tanto que quase o derrubei. A luz se apagou, e agora a sala de estar

estava quase escura, com o brilho fraco dos postes de iluminação entrando na sala através de aberturas nas cortinas. Gisela choramingou e eu a acalmei, balançando-a em meus braços tanto para afastar um pouco da minha ansiedade quanto para embalá-la de volta no sono. Os sons de movimentação estavam mais próximos; agora eram coturnos na calçada, muitos coturnos, não apenas de um punhado de encenqueiros como eu imaginara.

Então, vieram gritos e celebrações. E aquilo era um sinal de fumaça no ar?

Eu estava sozinha em casa com as crianças. Eu ressentia a ausência de Jürgen por mais vezes do que podia contar, mas, naquela noite, eu quase o odiei por isso, embora soubesse que ele odiava a distância tanto quanto eu.

Esgueirei-me pela sala de estar e subi as escadas para colocar Gisela em seu quarto, mas, em seguida, voltei para o térreo. Tentei espiar pelas cortinas, mas não consegui descobrir o que estava acontecendo, não até meus olhos se ajustarem à escuridão e eu reconhecer os camisas-marrons do lado de fora da minha janela. Aquilo era um caos sancionado pelo governo.

Esperava que Adele estivesse dormindo em meio ao barulho. Era possível, já que ela estivera tão exausta ultimamente. A fumaça no ar ficou mais forte à medida que a multidão aumentava e a desordem se expandia com ela. O nosso barril de pólvora nacional finalmente tinha explodido?

De repente, percebi que, logo abaixo da cerca na entrada da minha casa, Dietger estava falando com um oficial da SA. Caminhei rapidamente até o saguão, joguei um casaco por cima do pijama e abri a porta da frente em silêncio. Dietger olhou para mim, alarmado.

— Sofie, hoje não é uma boa noite para sair — ele disse duramente, olhando para a rua como se estivesse vigiando em caso de perigo.

— O que está acontecendo? — questionei, apertando mais o casaco. Agora que eu estava do lado de fora, pude ouvir os sons distantes de sirenes e tiros. O caos parecia vir de todas as direções. Parecia o fim do mundo.

— Não se preocupe — Dietger me assegurou. — As residências arianas estão perfeitamente seguras, a polícia garantirá isso.

— Seguras contra o quê?

— Os judeus assassinaram um diplomata alemão em Paris. O que você está escutando é uma retaliação necessária.

A falta de sono me deixara louca ou aquilo não fazia nenhum sentido? Ao longe, o uivo das sirenes, os sons de tiros e o tilintar de vidros se espatifando no chão continuavam.

— Paris — repeti, com dificuldade em entender tudo aquilo. — Judeus alemães assassinaram alguém em Paris?

— Correto.

— Mas... o que é *isso*, então? — indaguei.

Dietger balançou os braços, apontando em direção à rua. Seu olhar era duro.

— O Führer decidiu que medidas extremas devem ser tomadas.

A *KRISTALLNACHT*, OU NOITE DOS CRISTAIS, FOI SUPOSTAMENTE UM ATO DE vingança contra os judeus perpetrado por pessoas leais aos nazistas. Mas parecia claro que a morte do jovem diplomata nazista em Paris nada mais fora do que uma desculpa para a escalada que eu e Adele sentíamos que estava por vir há meses. A violência tinha sido protagonizada pelos suspeitos de sempre: a SS, os camisas-marrons e jovens raivosos doutrinados nas escolas e pelo programa da juventude hitlerista.

O caos que eu ouvia eram as SA quebrando cada janela das casas de famílias judias. Uma delas morava no final da

minha rua. Os nazistas prenderam o pai e o filho mais velho e perseguiram a mãe e seus filhos menores pela rua.

Adele também tinha acordado com tudo aquilo.

— Você deveria ter me ligado — ela reclamou. — Poderíamos ter feito companhia uma para a outra enquanto o mundo pegava fogo. As crianças dormiram durante a confusão, pelo menos?

— Os dois mais velhos, sim. Gisela teve uma noite difícil, mas não foi por causa do barulho. É apenas como ela dorme atualmente.

— Talvez seus dentes estejam nascendo — comentou Adele. Em seguida, assentiu para si mesma com a cabeça e completou com a voz fraca: — Vou fazer alguns biscoitos para ela mastigar depois.

— A senhora parece muito cansada — falei com delicadeza. — Tem ido ao médico ultimamente?

Ela bufou, impaciente.

— Ele receitou uns comprimidos novos. Sempre os comprimidos. Estou bem, mas tenho oitenta e seis anos. Tenho o direito de ficar cansada de vez em quando.

— Não acredito que tenha finalmente me dito a sua idade.

— Está aí a confirmação, então. Eu definitivamente estou ficando gagá — ela debochou, com um brilho nos olhos.

Enquanto Georg e Laura se vestiam para ir à escola, contei a eles o mínimo possível: a noite passada tinha sido conturbada, por isso, eles deveriam ir direto para a escola e voltar direto para casa. Não tive coragem de explicar que os judeus tinham sofrido toda aquela violência. Estava morrendo de medo de vê-los comemorar se eu explicasse.

Mais tarde, um senso de curiosidade mórbida me empurrou para uma caminhada, com Gisela ajustada com segurança no carrinho. Quando cheguei à casa da família judia no final da rua, fiquei chocada ao avistar pessoas do lado de dentro. Através de uma janela quebrada, observei uma mulher comemorar enquanto retirava uma pintura da parede. Eu a reconheci. Conversávamos ocasionalmente no

portão da escola sobre uma ou outra professora, sobre o tempo, sobre nossos filhos e suas realizações.

Ela era realmente uma conhecida simpática e amigável? Enquadrada na estrutura daquela janela quebrada, ela mais parecia um monstro perverso, alimentando-se de ódio.

— Peguei primeiro! — Ouvi um homem gritar. Meu olhar se virou para uma janela do andar de cima, onde vi dois homens lutando.

— Acho que você vai perceber que *eu* peguei — gritou o outro.

Senti uma onda de choque ao ver que eles estavam brigando por um rádio, um item que qualquer família em nosso bairro afluyente poderia comprar com facilidade.

Cada janela da casa exibia um novo tipo de horror. Uma senhora idosa remexia um guarda-roupas, experimentando os casacos de alguém. Uma criança quebrou com um martelo o vidro de uma cristaleira sob o encorajamento da mãe; um ato de destruição sem sentido, já que a porta do móvel já estava destruída, e nem a mãe nem a criança pareciam interessadas no conteúdo.

Quase em câmera lenta, ergui as mãos para esfregar os olhos. Eu certamente estava imaginando tudo aquilo. Não poderia haver nenhuma força na Terra capaz de fazer com que humanos geralmente sensatos se comportassem com tanta depravação.

Um idoso se aproximou. Trocamos um olhar, avaliando um ao outro. Talvez ele tivesse visto algo nos meus olhos, porque subitamente tirou o chapéu e o segurou no peito. Ele ficou parado ao meu lado, olhando fixamente para a casa, e uma lágrima escorreu de seu olho para as rugas em sua bochecha.

— Eles eram meus amigos — ele sussurrou em meio às lágrimas. — As meninas estavam apavoradas. Tentei ajudá-los, mas não havia nada que eu pudesse fazer. Hoje é o primeiro dia em toda a minha vida que eu tenho vergonha de ser alemão.

A profundidade da emoção em sua voz me deixou igualmente emocionada. Virei-me em direção à minha casa, planejando me recolher à privacidade do banheiro para que pudesse chorar, mas o dia ainda não havia terminado de proporcionar seus horrores. Caminhando pela rua em filas perfeitas e organizadas, vi dezenas de crianças, flanqueadas pelas professoras.

A turma de Laura vinha na frente, e ela me viu primeiro. Quando a notei, ela já estava acenando animadamente. Aproximei-me da professora devagar, dominada por uma sensação crescente de pavor.

— Saindo para um pouco de exercício? — tentei manter um tom casual, mas era incapaz de esconder o tremor em minha voz.

— Ah, sim, sra. von Meyer Rhodes. Hoje é um dia muito empolgante para nossa turma.

— Mamãe, vamos ver a casa que foi liberada. Uma família judia a estava ocupando — disse Laura em um tom doce, com seus olhos azuis brilhando de animação. — Você sabia que a gente tinha uma família judia tão perto da nossa casa? Dá medo de pensar, né, mamãe? Mas eles já foram embora agora, então está tudo bem.

— Sim, Laura, está tudo bem — assenti. Uma mulher judia foi a segunda pessoa a segurá-la quando ela nasceu. Uma mulher judia foi a primeira pessoa para quem ela sorriu. Sua primeira palavra foi *May*. — Vejo você em casa mais tarde.

Exibi um sorriso forçado para minha filha, depois para sua professora, e empurrei o carrinho, caminhando depressa para casa. Mas me detive logo depois, ao ouvir as crianças da escola comemorando ao chegar à casa saqueada.

— Os judeus são nosso azar! — elas cantavam alegremente em uníssono. — Eles finalmente foram colocados no devido lugar!

A violência continuou à noite e no dia seguinte. Centenas de judeus foram assassinados, muitos mais cometeram suicídio. Dezenas de milhares de homens judeus foram

presos e levados a campos de concentração. As primeiras prisões foram feitas com base na etnia e os jornais davam a entender que tudo fora feito com o total suporte do povo alemão. Mas eu percebi um sentimento diferente no ar, uma sensação de que, desta vez, o Partido Nazista talvez tivesse ido longe demais.

Mas ninguém disse isso. Ninguém *poderia* dizê-lo. Tivemos medo por tanto tempo das consequências da dissidência que, mesmo com a nação mergulhando na insanidade, qualquer chamado moral para nos insurgirmos contra o caos passava despercebido.

ACIDADE FICOU FINALMENTE QUIETA DEPOIS DE DUAS NOITES DE VIOLÊNCIA. Fui para a cama cedo, com Gisela ao meu lado, esperando poder descansar um pouco mais, mas despertei com o barulho estridente do telefone tocando por volta das onze da noite. Jürgen costumava ligar tarde assim se estivesse particularmente ocupado e não houvésssemos nos falado por um tempo, então eu estava certa de que era ele do outro lado da linha.

— Alô? — atendi.

— Espero não tê-la acordado, Sofie.

Era Adele, e ela parecia fraca. Os pelos da minha nuca se arrepiaram.

— O que foi? — perguntei com urgência. Ela não respondeu. — Adele... a senhora está doente? Vou passar aí agora mesmo...

— Sim, estou muito mal, Sofie — sua voz estava trêmula, como se falar fosse uma dificuldade.

— Já estou indo...

— Espere — ela interrompeu. — Por favor, certifique-se de se agasalhar. Vista seu casaco e suas botas de inverno mais quentes, talvez um bom chapéu para o frio também. Realmente não quero que você pegue friagem.

Olhei para as janelas acima da escada. Havia gelo na vidraça. Mesmo assim, não era comum Adele me tratar

como uma criança. Algo estava acontecendo.

Corri de volta para o meu quarto e olhei fixamente para Gisela na cama. Georg e Laura dormiam do outro lado do corredor, mas eles nunca acordavam quando ela chorava. Eu não podia levá-la comigo. Não podia deixá-la sozinha. Resmunguei e corri para o quarto de Georg.

— Georg? Querido?

— Hmm?

Ele despertou um pouco perdido e todo inocente, e quando sacudi seu ombro carinhosamente, senti uma lufada de amor por ele em meu peito.

— Meu amor, tenho que ir até a casa ao lado. *Oma* precisa de ajuda com alguma coisa. Você pode por favor ir dormir na minha cama para evitar que Gisela fique sozinha caso acorde?

Ele permaneceu semiadormecido enquanto caminhávamos pelo corredor, arrastando os pés e apertando os olhos contra a luz. No meu quarto, ele se jogou no meu lado da cama e pousou a mão suavemente nas costas de Gisela, como se quisesse consolá-la antecipadamente. Apoiei um travesseiro ao lado dela para impedi-la de rolar para fora da cama. As palavras de Adele soavam em meus ouvidos enquanto eu vestia um chapéu de feltro e um casaco pesado, junto com um par de botas de neve.

No último minuto, fiz uma parada no cofre do escritório de Jürgen e retirei todos os Reichsmarks, enfiando-os nos bolsos do meu casaco.

Parei no pé da escada, apenas por um instante, e pensei em meus filhos dormindo no andar de cima. Se o amor era o antídoto para o ódio, com certeza a vastidão do amor que sentia por eles poderia fazer alguma diferença, mesmo com tudo aquilo a que vinham sendo expostos. As ruas estavam calmas, mas pareciam o olho de um furacão. Eu estava apavorada, mas ouvi a urgência na voz de Adele. Não poderia deixar de ir.

As nuvens no céu estavam baixas e pesadas e caía uma neve leve, suficiente para deixar o caminho congelado. Passei pelo portão e entrei no pátio de Adele, depois em seu apartamento. Encontrei-a na cozinha, onde ela costumava estar. O fogo crepitava e ela estava curvada à mesa, observando o vapor subir de uma xícara de chá. Ela parecia mais cansada do que nunca.

— *Oma...* — sussurrei, correndo para seu lado.

— Obrigada por vir, Sofie... Estou bem. Só... não consigo encontrar meus remédios. Você pode procurá-los para mim? Talvez no meu quarto... e vou tomar um banho enquanto você procura. Às vezes isso ajuda também. — Sua voz estava fraca, ela ofegava entre as palavras. Estava tão pálida que sua pele adquirira um tom acinzentado, e quando olhei para suas mãos, elas tremiam. Porém, enquanto ela falava, apontou e chamou a minha atenção para um pedaço de papel sobre a mesa.

Estou bem. Vá silenciosamente para o banheiro. Abra a torneira para fazer barulho. Deixe o rádio lá também. Ligue-o e sussurre, só por precaução.

Ela olhou para mim para ter certeza de que eu tinha lido o bilhete e, quando confirmei com a cabeça, ela o rasgou em pedaços e atirou no fogo.

Hesitei ao lado dela, mas sua expressão se tornava cada vez mais impaciente enquanto ela acenava para mim e falava quase sem emitir som:

— Depressa, Sofie!

Fui depressa para o banheiro, andando desajeitadamente por causa das botas pesadas. A porta do banheiro estava fechada e o cômodo, escuro. Alcancei o fio, acendi a luz e dei um grito sufocado.

Mayim estava sentada na tampa do vaso sanitário. Quando a luz se acendeu, ela pulou, claramente assustada, e caiu em prantos, fazendo sinal de silêncio. Entrei no

banheiro e fechei a porta. Abri a torneira da banheira como se fosse enchê-la, e então liguei o rádio, tentando preencher o ambiente com som.

Mayim e eu nos abraçamos longamente. Só consegui balbuciar algumas palavras sem sentido e ela só conseguia chorar. Lutávamos para não fazer barulho. Mayim tremia, e estava com tanto frio que sua pele estava gelada. Tirei o casaco e o ajeitei por cima dos seus ombros. Em seguida, o abotoei até o queixo dela. Ela me observou, com lágrimas silenciosas ainda escorrendo por seu rosto. Sua pele estava marcada por rugas que não faziam sentido no rosto de alguém tão jovem.

— O que aconteceu? — sussurrei.

— Papai se foi.

Ela lutava para respirar entre os soluços. Puxei-a para perto de mim novamente, abraçando-a com força, como se pudesse de alguma forma absorver sua dor. Mas o peso do luto nunca se alivia, mesmo quando é compartilhado.

— Foi na primeira noite de violência. Papai pediu que eu me escondesse debaixo da pia da cozinha. Eles sabiam o meu nome... sabiam sobre o meu passaporte... Disseram que iam me deportar. Papai não queria desistir de mim e eles atiraram nele. Quando saí do esconderijo, havia sangue por todo o lado. A sra. Elsas, nossa vizinha, disse que eles o arrastaram escada abaixo e o jogaram na traseira de um caminhão, e se ele ainda não estava morto...

— Ah, Mayim! Sinto *muito*!

— Fui para a casa da amiga da Adele e ela me escondeu lá, mas ontem alguém apareceu para alertá-la de que estavam vindo atrás de mim. Ela me mandou para a próxima mulher na cadeia de contatos, mas a mesma coisa aconteceu, e desta vez sem aviso. Consegui escapar pela porta dos fundos um pouco antes de ouvi-los na porta da frente. Sinto muito por causar problemas para você e Adele, mas não sei onde Martha mora, e não havia mais ninguém.

— Não seja boba — sussurrei. — Você é minha família. Sempre será. Há um plano para daqui em diante? Posso ajudar?

— Adele ligou para Martha agora há pouco. Ela pediu o carro do filho dela emprestado e virá nos visitar amanhã cedo para ajudar com algumas tarefas. Quando ela chegar, Adele vai pedir para ela me levar até a fronteira com a Polônia... mas eu não sei o que acontecerá quando eu chegar lá. A fronteira está fechada e eu não tenho passaporte. Adele disse que tem um pouco de dinheiro...

— Tem mais no seu bolso — informei. Ela pôs a mão no bolso do casaco e eu percebi que ela havia encontrado o rolo de cédulas quando seus olhos se encheram de alívio.

De repente, percebi por que Adele tinha insistido tanto para que eu usasse roupas de frio. Mayim já estava usando o meu casaco, mas tirei também meu chapéu e o pus carinhosamente sobre sua cabeça. Em seguida, tirei as botas. Ela passou seus sapatos para mim; sapatos sem salto desgastados, que precisavam desesperadamente de novas solas. Eles me lembravam os sapatos que eu tinha usado na manifestação nazista em 1933 e a minha frustração por não ser capaz de consertá-los ou mesmo substituí-los. De repente, ao revisitar o passado, eu me vi como uma estranha idiota e mimada.

— Vá — ela sussurrou. — Mantenha as crianças seguras.

— Estou tentando — respondi, mas, em seguida, parei. Naquele instante, Mayim e eu olhamos uma para a outra, ambas completamente cientes de nossa angústia. Era *disso* que eu mais sentia falta. Eu sempre podia ser eu mesma com Mayim. Eu não tinha mais aquele luxo com ninguém, nem mesmo com Jürgen, porque só podíamos conversar por meio de uma linha telefônica grampeada, e tampouco com Adele, por causa de sua fragilidade cada vez maior.

Nós nos abraçamos uma última vez antes de eu sair do banheiro. Mayim fechou a porta assim que saí. Ouvi a torneira ser fechada, o rádio ser desligado e, por fim, a luz

que vazava por baixo da porta do banheiro também sumir. Senti como se ela tivesse desaparecido em um instante, ou que eu a tivesse imaginado.

O chá de Adele ainda estava fumegante quando retornei à cozinha. O vidrinho do remédio para o coração estava na mesa, repleto de pequenos comprimidos brancos.

— Ah, aqui está seu remédio — meu tom era casual, embora estivesse secando as lágrimas do meu rosto. — Obrigada — articulei sem emitir som. Adele acenou com a cabeça como se dissesse: *Não há de quê*. Ela apontou para o bloco de anotações à sua frente.

Se algo acontecer, tem uma carta para você escondida no fundo do pote de doces.

Abri a boca para protestar, mas Adele fez um sinal de silêncio e apontou para a porta dos fundos, com severidade no olhar.

— Estou melhor agora, e suas crianças estão sozinhas naquela casa.

Inclinei-me e, pela primeira vez depois de todos aqueles anos em que a conhecia, beijei seu rosto. Ela me alcançou quando fiz menção de me endireitar, segurou-me por apenas um instante e então senti seus lábios em minha bochecha. De perto, eu pude ver uma tonalidade roxa em seus olhos, e suas pálpebras pareciam pesadas, como se tivesse dificuldade em mantê-las abertas. Sua respiração era o que mais me assustava. Era irregular, como se cada inspiração fosse um grande esforço, não um alívio. Fui tomada por um medo súbito e terrível.

— *Oma* — sussurrei. — Por que a senhora não vem para casa comigo?

— Precisam de mim aqui. Ficarei bem — ela sussurrou desdenhosa. Em seguida, endireitou-se e, para quem pudesse estar ouvindo ou não, acrescentou em voz alta:

— Obrigada por vir me ajudar.

EU ACABARA DE ME ACOMODAR SOB AS COBERTAS DA MINHA CAMA COM GEORG e Gisela quando o rugir de um motor soou. A porta de um carro se abriu e houve um breve momento de silêncio antes de ouvir gritos do lado de fora.

Pulei da cama e corri em direção à janela para abri-la só um pouco. O ar gelado entrou, assim como o som da Gestapo na porta da frente de Adele.

— Abra a porta, sra. Rheinberg!

Quanto mais eu poderia suportar?

— Você está na casa errada, meu jovem — gritou Adele da janela do quarto. Ela parecia teimosa, irritada e fraca. — Aqui é Adele Rheinberg. *Sra. Adele Rheinberg*. Tenho oitenta e seis anos. Você realmente quer acordar uma senhora de oitenta e seis anos no meio da noite?

— A senhora precisa nos deixar entrar, sra. Rheinberg!

Houve uma longa pausa.

— Não! — gritou Adele de volta. — Acho que não vou deixar.

Praguejando, corri escada abaixo, coloquei um casaco e saí pela porta da frente. Cheguei à cerca antes de Dietger vir correndo em minha direção.

— Sofie, volte para dentro — ele ordenou, apontando para a minha porta. — Isso não tem nada a ver com você.

— O que está acontecendo com Adele? — questionei. — Ela é uma senhora idosa, Dietger! Eles não têm motivo para incomodá-la. Por favor, descubra o que há de errado.

— Não há nada que possamos fazer, Sofie — ele suspirou, fazendo um sinal negativo com a cabeça ao olhar para a casa dela. Então, baixou a voz e admitiu: — Não sei por que eles estão aqui. Eu não os chamei.

— Esse é o seu último aviso, sra. Rheinberg! — alguém gritou.

Se Adele chegou a responder dessa vez, eu não consegui ouvir. Dei um passo à frente na calçada, a tempo de ver a porta de Adele aberta. Não era ela do outro lado, mas a mulher do estúdio no térreo, aparentando espanto e

sonolência enquanto o grande contingente da Gestapo passava por ela. O pânico arranhou minha garganta e me fez ruborizar. Dei um passo na direção da casa.

— Sofie — advertiu Dietger. Ele estava muito mais perto do que eu notara e falava baixo. — Vá para casa. Por favor. Deixe que eles cuidem disso.

— Mas ela é uma senhorinha idosa — retruquei. Então, percebi que estava em prantos e que meus pés estavam tão gelados que queimavam. Olhei para baixo e notei que estava descalça sobre a fina camada de neve. Chorei novamente e olhei para Dietger, a única face minimamente amigável naquela rua escura. — Ela não fez nada de errado.

— Talvez ela seja suspeita de deslealdade com o Reich. — Nem ele parecia convencido. Dei outro passo em direção à casa. Dessa vez, a mão de Dietger agarrou meu cotovelo. Ele o segurou com firmeza.

— Sofie, *por favor* — ele pediu secamente. Em seguida, baixou a voz: — Tenho que denunciar qualquer atividade suspeita, até mesmo um sinal de atividade suspeita se vier de você. Colocar-se no meio de uma operação da Gestapo é a exata definição de atividade suspeita. — Ele me empurrou para a minha própria casa. — Vá para dentro, Sofie. *Vá para dentro*. Por favor. Você não pode ajudá-la.

Tentei libertar o meu braço, mas ele estava me agarrando com força, determinado a me salvar de mim mesma.

— Maldito seja, Dietger — praguejei. Ele me empurrou em direção à minha casa, sem maldade, mas com determinação.

— Com certeza será mais confortável para você ficar em um ambiente aquecido... — Estava tão frio que, quando ele falava, sua respiração escapava como uma névoa. Neguei com a cabeça, esticando meu pescoço na direção da casa de Adele. Eles a arrastariam para fora? E a Mayim também? As duas sairiam dando chutes e gritando? Ou sairiam estoicamente em silêncio?

Eu queria entrar para pôr sapatos... meias... algo que protegesse os meus pés, mas não ousei. Não queria perder nada, e estava nervosa demais até para me sentar e aliviar o incômodo da pele queimada dos meus pés congelados. No entanto, minutos se passaram e a rua e o edifício ficaram em completo silêncio. O tempo era elástico. Em uma cidade que estivera em chamas por dias, o mundo todo parecia ter adormecido.

— Quanto tempo se passou? — acabei perguntando a Dietger. Meus dentes tiritavam de forma tão violenta que era difícil articular as palavras. Ele olhou para o relógio e se mexeu desajeitadamente.

— Hã... quase quinze minutos...?

Naquele exato momento, ouvimos os coturnos batendo no chão e ergui o olhar. Vi a Gestapo marchando para fora da residência de Adele sem ninguém. Ela havia vencido? Por um breve momento, senti uma chama de orgulho e esperança. Talvez ela os tivesse convencido a deixá-la em paz. Talvez ela até os tivesse convencido a sair sem fazer uma busca na casa. Talvez...

Dietger ergueu uma mão para mim para indicar que eu deveria ficar na minha varanda. Em seguida, correu para um dos carros no meio-fio. Ele conversou em voz baixa com um dos homens. Então, seus ombros caíram como se ele tivesse soltado a respiração repentinamente. A iluminação da rua destacou nitidamente o choque e a tristeza em seu rosto. Uma sensação de pavor me atingiu com tanta força que meus joelhos quase cederam.

Passei correndo por Dietger e pelos oficiais da Gestapo, que estavam voltando para seus carros pretos. Corri pelo saguão de Adele e passei pela porta interna destruída para entrar em seu apartamento.

Encontrei-a no chão do quarto, deitada de barriga para cima perto da janela. A Gestapo a vira colapsar? Eles ao menos tentaram ajudá-la?

— Adele — a chamei, ajoelhando-me ao seu lado. Peguei-a pelos ombros e sacudi seu corpo inerte. — Adele, por favor. Por favor, acorde. — Minha respiração era dificultada pelo choro. — Adele. *Oma*. Não posso seguir sem você.

Eu deveria chamar uma ambulância? Um médico? Deveria tentar res-suscitá-la? Eu nem sabia como fazer isso. Além disso... algo dentro de mim me dizia que era tarde demais. Sacudir seu corpo só me lembrava de como ela estava frágil recentemente.

Tirei o cabelo ralo de seu rosto e o ajeitei. Toquei suas bochechas com meus dedos trêmulos e deixei minhas lágrimas caírem sobre ela, ungindo seu corpo com minha dor e meu amor.

— Sofie? — Dietger apareceu na porta. — Tem alguém para quem eu possa ligar? Talvez Jürgen? Lydia?

Levei alguns segundos para me recompor o suficiente e conseguir falar.

— Eles contaram o que aconteceu?

— Eles disseram que ela já estava caída quando eles entraram.

— E a punição para o suposto crime dela era a morte? — inquiri, incapaz de conter a amargura em minha voz.

— Ela era suspeita de deslealdade com o Reich — respondeu Dietger, com a expressão endurecida. — Ela teria sido levada a um campo de qualquer maneira. — Ele deu um passo para trás, meneando a cabeça tristemente, e então disse em uma voz tão baixa que eu tive que me esticar para ouvir as palavras:

— Talvez isso tenha sido uma bênção.

Tirei o meu olhar do rosto de Adele, tão relaxado e tranquilo na morte, e o direcionei para a cama e a foto de Alfred e seus filhos que ela mantinha ao lado. Comecei a chorar de novo. Eu não podia ficar com o corpo dela enquanto meus filhos estavam sozinhos em casa, mas também não conseguia deixá-lo.

— Sra. von Meyer Rhodes?

Dois dos inquilinos de Adele surgiram na porta. O casal quieto da Baviera que morava naquele quarto minúsculo do lado da frente, no térreo. Eles não socializavam muito e, no choque do momento, eu não conseguia nem me lembrar de seus nomes. O homem entrou no quarto e estendeu a mão para mim. Aceitei sua ajuda para me levantar.

— Nós vamos cuidar dela para a senhora hoje à noite — a mulher informou carinhosamente da porta. — Ligaremos para o necrotério amanhã cedo.

— Ela sempre foi muito boa conosco — lembrou o marido, a voz embargada. — Quando perdi meu emprego, ela nos deixou ficar, mesmo que eu tenha levado meses para encontrar um novo trabalho. Será uma honra para nós ficarmos aqui com ela hoje. Rezaremos pela alma dela e ficaremos ao seu lado até que o agente funerário chegue pela manhã.

Quando assenti, o homem se agachou ao lado do corpo de Adele e sussurrou:

— Vamos colocá-la na cama, sra. Rheinberg.

Ele a ergueu com carinho em seus braços, como se ela fosse uma criança. Em seguida, acomodou-a na cama e colocou um cobertor sobre ela, até o queixo. Comecei a chorar mais uma vez com a gentileza do seu gesto.

As pessoas ainda podiam ser boas.

Eu disse ao casal que precisava lavar o rosto antes de ir para casa e ver meus filhos. Entrei no banheiro de Adele e fechei a porta antes de acender a luz, para o caso de Mayim ainda estar lá. Fiquei aliviada em ver que ela não estava, embora eu não soubesse se ela estava escondida em outro lugar. Era arriscado demais procurar por ela. Tudo o que eu podia fazer era rezar.

NINGUÉM ATENDEU NA PRIMEIRA VEZ QUE LIGUEI PARA A ACOMODAÇÃO DE Jürgen. Na segunda vez, ele atendeu após o terceiro toque, parecendo confuso e com sono. Sem me alongar, contei a

ele que Adele falecera. Não mencionei a Gestapo ou as circunstâncias de sua morte. No começo, ele sequer reagiu.

— Jürgen, você me escutou?

— Ela morreu em casa? — ele perguntou finalmente. Eu estava tentando ser forte, por ele, por Adele e pelas crianças, mas aquela pergunta me quebrou. Curiosamente, Adele fora encontrar o criador à sua própria maneira.

— Sim — respondi, engasgando com o choro. — Ela morreu em casa.

Houve mais um longo silêncio do outro lado da linha. Então, Jürgen disse:

— Estou indo para casa. Imediatamente.

— Eles lhe darão permissão? — sussurrei, com uma pontada de amargura na voz.

— Ela era uma mãe para mim — replicou Jürgen, com a voz embargada no meio da frase. — É claro que terei permissão.

Ele desligou rapidamente depois. Eu nunca tinha visto meu marido chorar, mas compreendi que ele precisava fazer isso. E compreendi sua necessidade de privacidade.

EU ESTAVA NO SOFÁ MAIS TARDE NAQUELE DIA, ENROLADA NO COBERTOR DE tricô de Mayim e esperando, impaciente, a chegada de Jürgen. Eu tinha uma carta amassada e manchada de lágrimas nas mãos, retirada do pote de doces da Adele mais cedo naquela manhã, antes de as crianças acordarem.

Queridos Jürgen e Sofie,

Jürgen, você foi um presente de Deus para mim no pior período da minha vida, a prova viva de que não importa o quanto a noite seja escura, o amanhecer sempre chega. Criar você e ser parte da sua vida foi um dos meus maiores privilégios. E, Sofie, estimei sua amizade nesses últimos anos. Não se subestime. Você é mais forte do que pensa. Meus amores, esses monstros que governam nosso país estão nos levando a um território

desconhecido, e se vocês estão lendo esta carta é porque meus dias de ajudá-los a sobreviver a tudo isso terminaram. Sejam corajosos, mas também espertos. Sou grata por cada minuto que passei com vocês. Por favor, digam às crianças que a Oma os adorava.

*Muito amor sempre,
Tia Adele*

Mais cedo ou mais tarde, teríamos que queimar a carta. Mas eu ficaria com ela até que Jürgen tivesse a chance de lê-la. Seria um objeto de conforto para ele da mesma maneira que o cobertor de Mayim se tornara para mim.

Aquele foi um dia impossivelmente difícil. Eu mesma dei a notícia às crianças e as consolei sozinha. Tentei convencer Georg a ficar em casa, mas ele se manteve irredutível quanto a ir para a escola. E, embora seus olhos estivessem vermelhos ao partir, ele não derramou nem uma lágrima. De qualquer maneira, mesmo sem ele em casa, Gisela e Laura demandavam tanto de mim que senti que apenas atendera às necessidades delas a cada minuto do dia.

A batida na porta foi inesperada e, ao mesmo tempo, irritante. Eu só queria guardar o meu luto por alguns poucos minutos. Enfieei a carta de Adele no meu bolso e me arrastei para a porta. Fiquei surpresa ao encontrar Lydia lá.

Ela segurava uma panela elétrica, e sua expressão era de intensa compaixão com um pouco de constrangimento.

— Soube de Adele e só... Sofie, eu sinto muito. Sei como ela era importante para a sua família. — Ela estendeu a panela para mim. — Sopa. Para que você não tenha que fazer o jantar para as crianças hoje à noite.

Peguei a panela e a coloquei sobre uma mesinha no saguão. Em seguida, virei-me para ela.

— Quando você mudou de ideia sobre os judeus? — disparei. Ela ergueu as sobrancelhas, surpresa e alarmada. Eu já não estava raciocinando direito havia muito tempo e aquela panela me lembrou de que, um dia, Lydia fora uma

ótima amiga, uma mulher de verdadeira bondade. Mas algo horrível surgira nela, e eu queria desesperadamente entender o que tinha mudado.

— Eu sempre soube — ela disse calmamente. — Você não se lembra da escola de boas maneiras? Tivemos aulas com... *aquela garota*... porque era como tinha que ser, mas nunca entendi por que você não conseguia ver que ela não era como nós. Tivemos que fingir por um longo tempo, então foi um alívio para mim e Karl quando alemães que pensavam como nós tomaram o poder deste país.

Nunca notei qualquer reserva da parte dela para com Mayim. Talvez eu visse o que quisesse ver. De qualquer maneira, ela provou que Mayim estava certa. Os nazistas não tornavam pessoas como Lydia antissemítas. Eles apenas revelaram o que já estava lá.

— E você? — ela questionou em um tom gentil. — Quando você mudou de ideia em relação aos judeus?

— No fundo, eu sempre soube da verdade — falei. — O que você diz é verdade. Às vezes, você tem que fazer e dizer certas coisas para ser aceito.

Ela assentiu com a cabeça tristemente, interpretando mal o que eu dissera, como eu sabia que ela faria. Adele estava certa sobre muitas coisas: as pessoas ouviam o que queriam ouvir. A expressão de Lydia ficou mais sombria.

— E... Adele? Você sabe no que ela estava envolvida?

Ergui a cabeça e, exatamente da maneira como Adele recomendara, falei duramente, como se estivesse proferindo um veredito e não despedaçando meu coração.

— A Gestapo suspeitava de que ela fosse desleal ao Reich. Não tenho ideia dos detalhes.

— Sinto muito, Sofie — ela repetiu, fazendo um aceno negativo com a cabeça.

— Eu também — retruquei secamente. Então, agradeci e fechei a porta antes que pudesse dizer algo de que me arrependesse.

31

SOFIE

Huntsville, Alabama 1950

ENCONTREI O ENDEREÇO DE LIZZIE NA LISTA TELEFÔNICA. ELA MORAVA A poucos quarteirões de distância em uma casa enorme com um jardim amplo e recentemente renovado. Fui sem avisar. Parecia mais seguro chegar em sua porta de surpresa com um presente e olhar em seus olhos enquanto me desculpava.

— Espere aqui que a mamãe já volta — eu disse a Felix, que estava sentado no banco traseiro brincando com seu caminhão de madeira. Ele assentiu com a cabeça, distraído com o brinquedo.

Fui até à porta, bati e esperei na pequena varanda com o bolo em minhas mãos suadas. A porta se abriu e um homem de uniforme marrom apareceu, o mesmo que perambulava para cima e para baixo pela minha rua todos os dias. De perto, eu podia ver o bordado em sua camisa: *Henry*, e logo abaixo: *Madeiraira Walt's*.

— Você — ele disse. Seu tom era seco, quase sem emoção, mas havia algo sombrio em seus olhos que me enervava. Dei um passo para trás para me afastar da porta.

— Olá — respondi com nervosismo. — Lizzie está em casa? — O homem ficou me encarando com um olhar intenso e sem piscar. — Estou aqui para falar com Lizzie — repeti. — Lizzie Miller? Esta é a casa certa?

— O que você quer com a Lizzie?

— Só queria dizer um olá e deixar um presente — respondi nervosa, enquanto apontava para o bolo com o queixo.

— Ela não está.

— Você poderia entregar isto para ela?

O homem, Henry, ignorou a pergunta, e me encarou com os olhos semicerrados. Estendi o bolo em sua direção, mas ele não se mexeu para pegá-lo.

— *Você* disse que a segregação é pior do que os campos.

Então, ele sabia da minha discussão com Lizzie. Pior ainda: ele sabia exatamente quem eu era. Retomei o fôlego.

— Não. Não, não foi is-isso que eu disse — gaguejei. — Eu estava apenas tentando explicar que sempre que você separa um grupo de pessoas...

Henry apanhou o bolo e, por um instante, achei que sua intenção fosse entregá-lo para Lizzie, como eu pedira... Porém, seu rosto estava vermelho e ele bufava de raiva. Só percebi que estava encrocada quando o peso do prato deixou minhas mãos.

Gritei, automaticamente cobrindo o rosto, enquanto ele jogava o bolo, com prato e tudo, em um pilar de tijolos bem atrás da minha cabeça. Cacos de louça, pedaços de bolo e a cobertura pegajosa de limão espirraram nas costas do meu vestido. Virei-me e corri para o carro. Se ele me perseguisse, seria meu fim. Ele tinha o dobro do meu tamanho, e estava *tão zangado...*

— Você não tem o direito de nos julgar, nazista! — ele gritou pelas minhas costas. Eu estava aterrorizada demais para olhar para trás, mas fiquei aliviada ao ouvir sua voz a alguma distância de mim. Com um tom que mesclava frustração e angústia, ele acrescentou: — Pare de vir aqui. Por que vocês continuam vindo aqui?

Minhas mãos estavam suadas demais para segurar a chave direito quando tentei dar a partida no carro.

— Vamos — eu pedia, engasgada. — Por favor, ligue.

— Mamãe... — Felix indagou — Mamãe, aquele homem é mau?

O carro rugiu quando o motor pegou. Saí pela rua e virei em direção à minha casa.

— **A** CONTECEU UMA COISA HORRÍVEL HOJE.

Assim que Jürgen chegou em casa do trabalho, puxei-o para o quarto e fechei a porta. Ele segurou meu rosto e olhou fixamente para mim, cheio de preocupação.

— Fale comigo. O que há de errado?

— Levei um bolo para Lizzie em sua casa — sussurrei. — Uma oferta de paz.

— Sofie! — resmungou Jürgen. Sua expressão mudou. — Que diabos você estava pensando?

— Fui *eu* quem discuti com ela no piquenique, mas a polícia veio atrás de *você*. Achei que poderia me desculpar antes que ela criasse mais confusão. — Minha voz ficava mais desesperada à medida que eu tentava me explicar. — Quero que possamos nos estabelecer aqui, Jürgen. Não quero que uma mulher qualquer espalhe rumores para outras americanas sobre mim, dizendo a elas para não falarem comigo, mandando seus filhos não brincarem com os nossos, fofocando sobre os piores momentos de nossas vidas. Precisamos construir pontes aqui, e não permitir que rupturas sejam criadas entre nós e as esposas dos seus colegas. Então, tentei falar com ela.

Jürgen tirou as mãos do meu rosto e esfregou os olhos.

— Jesus.

— Acho que ela não estava em casa, mas havia um homem lá. — Engoli em seco. — Você se lembra da segunda vez que a rua foi pichada? Do homem com um uniforme marrom que estava nos encarando enquanto você pintava? — Jürgen assentiu lentamente com a cabeça e eu sussurrei: — Ele passa por aqui o tempo todo. Simplesmente supus que estivesse a caminho do trabalho, já que está sempre com aquele uniforme. Mas, às vezes, eu o vejo em outros

momentos do dia, e não só de manhã e à noite. Ele fica me encarando. — Estremeci de ansiedade.

— Você não mencionou isso antes.

— Bem, não é só ele. Um monte de gente fica me encarando — acrescentei, dando uma risada fraca. — Você deve notar também.

— Talvez eu tenha me acostumado com isso — ele suspirou. — Então, o que aconteceu, meu amor? Ele disse algo sobre seu desentendimento com Lizzie Miller?

— Nem tive a chance de dizer meu nome, mas ele sabia quem eu era de qualquer maneira, e sabia da minha discussão com Lizzie. Pedi a ele que entregasse o bolo para ela e ele me chamou de nazista. Depois, arremessou o bolo no pilar bem atrás de mim. Com prato e tudo. — Jürgen ficou de queixo caído e bufava de raiva, então me apressei para explicar. — Não me machucou, Jürgen, mas ele *poderia*, se tivesse arremessado o bolo um pouco para a esquerda, onde eu estava. Acho que ele só quis me assustar.

Jürgen assentiu, com uma expressão sombria.

— Calvin mencionou que o irmão de Lizzie mora com eles.

— Na camisa estava escrito o nome Henry.

— Soa familiar.

— Lizzie Miller deve ter dito ao irmão que você invadiu a casa dela. Ele me disse hoje que “precisamos parar de ir lá” — falei, tremendo.

— Vou ter que conversar com o Calvin, não é mesmo? — Jürgen deu um suspiro, passando a mão nos cabelos.

— Você disse que queria ficar fora disso — sussurrei.

— Gostaria de não me envolver nesse desentendimento entre você e a sra. Miller. — Ele cerrou os lábios. — Mas não posso ficar quieto se alguém ameaça a minha esposa.

El Paso, Texas 1938

NA VÉSPERA DO MEU CASAMENTO, HENRY E EU NOS SENTAMOS EM CADEIRAS de madeira na varanda da minha nova casa construída em estilo federal.

— Você está preocupado com essa situação na Europa? — perguntei.

Ele deu de ombros.

— Por que eu deveria me preocupar?

— Cal acha que Hitler está prestes a causar uma guerra.

— Cal é um cara inteligente, então pode estar certo, mas, mesmo se houver uma guerra, nós não seremos envolvidos. É do outro lado do mundo, pelo amor de Deus. Aquela confusão não tem nada a ver com os Estados Unidos.

Henry estava estendido ao meu lado, com as pernas jogadas sobre a mesinha de centro. Com uma das mãos, ele segurava uma cerveja; com a outra, um cigarro aceso. Esse era um novo hábito que ele adquirira durante o ano que tinha passado no exército, o qual não me agradava. Ficamos sentados em silêncio por um momento. Eu estava preocupada com Hitler e com a Europa, e apenas esperava que Henry estivesse certo, mas fiquei chocada quando meu irmão subitamente explodiu em gargalhadas.

— Que foi? — me alarmei.

— Desculpe... desculpe. É que estamos sentados aqui na varanda desta casa chique e eu não posso acreditar que você vai realmente *morar* aqui. A mamãe e o papai não

acreditariam se nos vissem agora. Sua nova cozinha é tão grande quanto a nossa casa antiga.

Eu também não podia acreditar que moraria lá. Minha nova casa era tão majestosa quanto o Hilton, embora em uma escala menor, é claro. Porém, com trezentos e setenta metros quadrados, quatro amplos dormitórios e, para meu espanto, dois banheiros e uma lavanderia interna, nada disso parecia real para mim. Eu sabia que Calvin era um homem bem-sucedido, mas ficamos noivos antes de eu descobrir o tamanho de seu patrimônio. Não era apenas resultado de seu trabalho bem remunerado. Seus pais já eram ricos.

— Quem poderia imaginar que você, minha irmã, que morou em lugares precários, que cuidava de cavalos, consertava cercas e dirigia tratores, se tornaria a esposa abastada de um gênio das aeronaves? — Henry riu.

— É uma virada surpreendente — admiti.

Calvin e eu continuamos a nos aproximar depois que Henry foi embora, então nos tornamos improváveis melhores amigos. Quando ele me disse que tinha se apaixonado por mim e queria que eu fosse sua esposa, fiquei arrasada, não feliz. Eu não tinha intenção nenhuma de aceitar seu pedido de casamento e achei que seria cruel manter a nossa amizade sabendo que não havia equilíbrio entre nossos sentimentos.

— Sei que você não sente o mesmo por mim e tudo bem — ele afirmou serenamente. Fiquei aliviada, mas ainda assim confusa, especialmente quando ele acrescentou:

— Só não consigo parar de me perguntar se não há uma solução conveniente para nós dois.

— Uma solução?

— Sua vida se resume a ganhar um salário-mínimo em um hotel cujos hóspedes mal a enxergam, mas, Lizzie Davis, você é o tipo de mulher que merece ser vista. Odeio o fato de você trabalhar mais do que qualquer pessoa que eu conheço em troca de tão pouco. E não me diga que você

está bem, porque ambos sabemos que não está. Você tem que trabalhar em dois empregos só para pagar o aluguel daquele apartamento horrível.

— Você nunca nem esteve no meu apartamento — retruquei secamente.

— Não preciso. Aquele prédio está a uma ventania mais forte de desabar.

— Não tínhamos nem água encanada na fazenda. O apartamento está bom.

— Por que você deveria se contentar com *bom*, Lizzie? Especialmente se poderia estar com alguém que não deseja nada nesta vida além de fazê-la feliz?

Eu não sabia o que dizer. Depois de um momento, Calvin pegou minha mão e acrescentou suavemente:

— Sei, por experiência própria, que a coisa mais importante em um casamento é uma base sólida de amizade. Este é um pedido pragmático. Aceitei um cargo permanente em Fort Bliss, então terei de estabelecer residência aqui, sem contar que receberei visitas mais vezes, então você poderia me ajudar com tudo isso. E eu poderia ajudá-la também. Você não precisaria lutar para ter cada coisinha. Você trabalha muito duro, Lizzie, quando você tem tempo para parar e respirar? Eu poderia lhe dar uma vida confortável. E quem sabe, se você permitir que eu a ame, com o tempo você acabe me amando também.

Eu me sentia sozinha depois que Henry foi embora, e muito cansada de lutar por cada migalha que a vida na cidade tinha a oferecer. Eu já me reinventara uma vez, de filha de agricultores a batalhadora da cidade. Eu poderia fazer isso de novo, especialmente se significasse fazer feliz um homem tão bom.

— Você nem parece a mesma. — Henry agora ria. Aquela risada era música para meus ouvidos. Sua aparência também mudara, ele parecia forte e saudável, e havia um brilho em seu olhar. — Você parece uma garota da fazenda no fim do mundo que encontrou seu caminho para a cidade,

conheceu um cara rico e agora vai se tornar a esposa troféu dele.

Ele estava me provocando e eu sabia que não queria me ofender, mas soltei um grito sufocado ao olhar para a minha roupa. Eu a comprara porque o tecido era da cor do capim-azul do Texas e me lembrava de casa. Aquele vestido era lindo, mas Henry tinha razão: era também algo que eu nunca usaria em Oakden.

Mas Cal dissera que a maioria das esposas de seus colegas raramente usava calças e me deu um grande maço de dinheiro, então comprei alguns vestidos.

— E o que você fez com o seu cabelo? — perguntou Henry em seguida, rindo ao tentar tocar na minha cabeça.

Afastei sua mão com um tapa.

— Chama-se *pompadour*, seu tonto — murmurei. Nunca soube como arrumar meu cabelo porque jamais havia precisado me preocupar com isso. Mas agora as coisas eram diferentes. Cal disse que a melhor forma de aprender era com os profissionais, então eu fazia reservas no salão algumas vezes por semana.

— Fiquei surpreso quando você me escreveu para contar que se casaria com Calvin — admitiu Henry. — Você nunca quis namorar, lembra?

— Eu sei.

— Mas Calvin é um bom homem. A vida no exército tem seus altos e baixos, e não acho que eles teriam me aceitado se ele não tivesse me recomendado. As coisas ficaram um tanto ruins para mim por um tempo, Lizzie. Eu não estava bem mentalmente. Ainda tenho meus dias ruins, mas eles vêm e vão, e de todo modo isso não importa, porque eu tenho que me levantar daquela cama antes que Deus acorde, porque é assim que o exército funciona. Seu Calvin me salvou quando nem me conhecia. Esse é um ótimo exemplo de homem. Quando eu não podia cuidar de você, fiquei feliz por ele estar fazendo isso.

— Ele realmente cuida de mim. — E eu estava tentando fazer o mesmo por ele. Eu não era exatamente uma namorada, e nosso relacionamento não era exatamente o tradicional. Eu ainda estava tentando saber como me vestir e agir de acordo com o tipo de mulher com quem um homem como Cal merecia se casar.

— Esse deveria ser o momento mais feliz da sua vida.

— E é mesmo — franzi o cenho. — Por que você acha que não é?

— Você está bonita e embonecada, mas está agindo como se não fosse você. — Ele lançou um olhar confuso para mim. — No jantar com Cal e os pais dele, você mal disse uma palavra. — Fomos ao restaurante do Hilton para lembrar dos velhos tempos. Cal e os pais dele estavam hospedados lá naquela noite, já que não era apropriado dormirmos na mesma casa antes do casamento.

— É uma grande mudança. — Dei de ombros. — Estou nervosa, só isso.

— Eu sei. Entendo. E amanhã é a noite do seu casamento. Acho que uma garota normalmente falaria com a mãe dela sobre essas coisas, mas já que nossa mãe não está aqui...

— Não! Pare! — cobri meu rosto com as mãos. — Meu Deus, Henry!

Quando espiei entre minhas mãos, o alívio no rosto de Henry era palpável. Eu ri, apesar do calor nas minhas bochechas. Mas ele continuou a olhar para mim, a dúvida estampada em seu rosto, e me senti obrigada a explicar.

— Desde os tempos da seca, tudo que aparecia na minha vida significava uma luta. Calvin quer cuidar de mim. Esse casamento é o passo certo para nós dois.

— Você sabe que eu amava Betsy loucamente. Mesmo assim, não sei se posso me considerar um sujeito romântico — comentou Henry em voz baixa. — Mas te digo o seguinte: se eu fosse o Calvin e você fosse a Betsy, e ela estivesse falando de mim como acabou de falar sobre ele, eu não sei se gostaria de que o casamento acontecesse.

— Henry!

— Você não pode se casar com um homem só porque ele tem dinheiro para comprar uma casa grande para você. Não é assim que um casamento funciona.

— Terei uma boa vida com Calvin — interrompia meu irmão abruptamente. — Eu não o estou usando, se é isso que está tentando dizer.

— Talvez você não o esteja usando, mas também não me disse uma única vez que o ama.

— Eu o amo — protestei imediatamente. — Eu só...

— Se você não quer se casar com ele, ainda não é tarde demais para desistir — disse Henry, de repente. — Calvin é um bom homem, e eu sei que ele preferiria que você falasse se não estivesse certa do que vai fazer.

Eu me imaginei entrando na casa para pegar a minha mala, ainda no armário, aberta e com metade das coisas dentro. Não me tomaria muito tempo arrumá-la novamente. Henry e eu poderíamos estar na estação de ônibus em uma hora. Poderíamos pegar o primeiro ônibus que saísse da cidade.

Mas, *então*, o quê?

Henry voltaria para o Kansas na segunda-feira e eu estaria sem rumo e sozinha de novo. E Calvin me adorava. Ele era um namorado maravilhoso: atencioso, compassivo, respeitoso. Ele seria um provedor generoso. Havia coisas piores que eu poderia fazer para me sustentar do que me casar com um homem que eu estimava tanto, embora não estivesse apaixonada por ele. Além disso, aquilo poderia mudar. Eu nunca me apaixonara por ninguém antes, mas talvez nunca tivesse dado a um homem a chance de conquistar meu coração.

— Quero me casar com ele — garanti, com firmeza. — Cal e eu teremos um bom casamento. Você vai ver.

Huntsville, Alabama 1950

EU SABIA QUE ACONTECERA ALGUMA COISA QUANDO CALVIN CHEGOU EM CASA do trabalho, certa noite, e imediatamente se encontrou comigo no jardim. O sol estava se pondo no horizonte e eu afastava mosquitos enquanto conversávamos trivialidades: *Como foi o seu dia? Sim, o meu também. Costeletas de porco. Não, eu não fiz sobremesa. Claro, posso fazer uma torta de maçã para amanhã à noite.* Peguei meu segundo regador e caminhei para regar os brócolis, mas Cal me seguiu, como se reunindo coragem para contar algo difícil.

— O que foi? — perguntei.

— A polícia foi à casa de Jürgen.

Olhei surpresa para ele.

— Eles só resolveram fazer isso agora?

— Não, eles foram logo depois do que aconteceu. Jürgen só mencionou isso hoje.

— Ah.

— Ele levou numa boa, dada a situação. Eu me desculpei, expliquei que Henry lutou na guerra e às vezes tem sonhos muito vívidos.

— Ok — assenti duramente. Eu sabia que os problemas do meu irmão não eram culpa dele, mas também estava ciente de que ele não gostava que alguém de fora do nosso círculo soubesse de um assunto tão privado, quanto mais aquelas pessoas.

— Parece que houve um incidente ontem.

— Um incidente?

— A esposa de Jürgen veio até aqui ontem trazer um bolo para você. Uma oferta de paz, aparentemente — a voz de Cal soou calma.

— Fiquei em casa praticamente a manhã inteira.

— Foi cedo. Talvez quando você saiu para fazer as compras.

— Mas eu não vi nenhum bolo — franzi a testa. Não estava certa de como me sentia por tal gesto. Não estava interessada em manter amizade com Sofie Rhodes, mas também não estávamos exatamente em guerra. Tivemos uma conversa desconfortável e foi isso. Por que ela traria uma oferta de paz? Então, pensei na polícia indo até a casa dela e dei um suspiro. Talvez *ela* ache que estamos em guerra.

— Henry estava aqui — comentou Cal.

— Mas ontem Henry foi para o trabalho logo cedo — retruquei. Porém, em seguida parei. Meus dias geralmente pareciam iguais e tendiam a se misturar facilmente. Tinha sido ontem que Henry só havia tomado café preto de manhã e recusado os ovos que preparei ou foi no dia anterior?

— Não sei o que dizer. Sofie pediu a Henry que entregasse o bolo para você e ele... — Calvin parou e pigarreou. — Lizzie, ela disse que ele arremessou o bolo nela.

— O quê? — me assustei, mal podendo acreditar. Imediatamente acrescentei: — Impossível ser verdade.

— Jürgen disse que ela ficou muito assustada. E disse também que Henry tem passado pelas casas das famílias alemãs. Sofie já o viu diversas vezes.

— Por favor, me diga que você não está acreditando nisso. Meu irmão não machucaria ninguém. Não vi nenhuma sujeira desse suposto bolo e você sabe tão bem quanto eu que faz total sentido ele caminhar naquela direção quando vai ao trabalho.

Virei-me e olhei para a minha varanda. Uma memória repentina surgiu. Alguns trechos do piso estavam molhados

quando cheguei da mercearia. Imaginei que ainda fosse a água de quando eu tinha regado os castanheiros-da-índia na noite anterior, mas e se...

Não. Meneei a cabeça, franzindo o cenho. Meu irmão não arremessaria algo em uma completa estranha, ainda mais naquelas condições.

— Não conhecemos essas pessoas, Cal. Não podemos acreditar no que eles dizem, em vez de acreditar em Henry.

— Meu amor. Realmente preciso investigar a fundo o que aconteceu — ele replicou calmamente, mas com firmeza.

— Então, vamos conversar com ele — eu estava impaciente. — Ele vai nos dizer que é tudo invenção dela.

— Vou conversar com ele hoje à noite e esclarecer a situação.

— Podemos fazer isso juntos — sugeri. Calvin fez que não com a cabeça. Quando terminei de regar os últimos legumes, ele tirou o regador das minhas mãos.

— É melhor que seja uma conversa de homem para homem.

— Mas...

— Meu amor — disse Cal, baixando a voz. — Não quero que Henry pense que nós dois nos juntamos para atacá-lo. Por favor, me deixe fazer isso sozinho.

— **C**OMO FOI? — PERGUNTEI, ASSIM QUE CALVIN ENTROU NO MEU QUARTO mais tarde naquela noite. Ele fechou a porta silenciosamente e se sentou no pé da cama.

Eu estava de camisola, com uma revista intocada no colo. Calvin convidara Henry para uma cerveja na varanda depois do jantar e eu fiquei esperando ansiosamente desde então.

— Ele disse que Sofie Rhodes está mentindo. Não houve nenhum bolo.

— Viu? — falei, triunfante. — Eu te disse!

— E ele realmente passa pelas casas alemãs, mas você estava certa. É apenas o caminho dele para ir e voltar do trabalho. Faz poucas semanas que Sofie Rhodes mora aqui,

por isso, tenho certeza de que é fácil interpretar erroneamente situações enquanto ela ainda está se orientando em um país estranho. Ainda estou confuso sobre a história do bolo, mas Henry garantiu que é mentira e eu tenho que dar a ele o benefício da dúvida.

— Então, você está tranquilo? — perguntei.

— Ainda estou preocupado com aquele sonho que ele teve — destacou Calvin, hesitante. Ele lançou um olhar para mim. — Fico horrorizado quando penso que a polícia foi à casa dos Rhodes. Tentei perguntar a Henry sobre como ele se sente sobre aquele sonho agora, mas ele parecia desconfortável, então desisti. Suponho que esteja envergonhado.

— De qualquer modo, isso aconteceu semanas atrás — pontuei — Ele tem estado muito mais calmo desde então.

— É só que... ele parece diferente, não parece? Ele está distraído. Apesar de todos os desafios com Henry ao longo dos anos, ele nunca pareceu assim para mim.

Distraído. Aquela era a palavra perfeita. Mesmo quando Henry olhava para mim, parecia que sua mente estava em outro lugar.

EU TINHA PLANOS DE ME ENCONTRAR COM BECCA NA MANHÃ SEGUINTE. ELA e Kevin haviam comprado uma casa nova a alguns quarteirões de distância, um imóvel gigantesco de dois andares em um terreno enorme e vazio, no qual queriam fazer um jardim.

— Faço o desenho para você — ofereci quando ela me ligou. Eu estava animada com o novo projeto, já pensando sobre como poderia ficar.

Becca riu e disse:

— Não seja boba, Lizzie, eu jamais pediria para você fazer. Kevin já encontrou um bom jardineiro para isso. Só queria conselhos sobre o que pedir a ele.

Eu ficava entorpecida com meu próprio tédio na maior parte do tempo. Tinha uma boa vida, e era bem ocupada

quando eu queria que fosse, entre tarefas domésticas e visitas ao salão de cabeleireiro e encontros para o almoço. Mas, de vez em quando, algo disparava uma lembrança de um tempo em que eu pensava que minha vida seria diferente.

Enquanto eu me preparava para ir à casa de Becca, revivi a decepção do momento em que ela me disse que outra pessoa faria o projeto do jardim. Ah, como eu teria amado calçar minhas botas naquele dia e empacotar minhas luvas de jardinagem e um caderno para rascunhar os desenhos. Eu teria mergulhado em um projeto como aquele com total empolgação. O quintal era uma tela em branco, mas eu a teria transformado em uma obra de arte verdejante.

Assim que tranquei a porta da frente, dei uma olhada no piso, pensando sobre os respingos de água que vira uns dias antes. Por que Sofie Rhodes inventaria uma mentira tão absurda? Não fazia nenhum sentido. Caminhei até a entrada, mas no último segundo me virei para olhar para a varanda, tentando me lembrar exatamente do local onde o piso estava molhado.

Eu não acreditava na história do bolo. Claro que não.

Pus a bolsa no chão e me agachei para inspecionar o piso, sentindo-me desleal e idiota enquanto o fazia. Fiquei satisfeita ao descobrir que não havia nenhum sinal de bolo. Porém, quando me apoiei no pilar para me equilibrar nos saltos, notei um pequeno caco de cerâmica branca encrustado no tijolo, bem acima da minha mão. Quando eu passei a ponta do dedo, o caco caiu no piso.

Olhei em volta novamente, examinando a minha varanda com um novo olhar. Se Sofie estivesse parada na porta e houvesse estendido o bolo para ele, e Henry o tivesse pegado e perdido a cabeça...

Não.

Aquele caco branco no tijolo era minúsculo. Poderia ser qualquer coisa, até mesmo uma pequena pedra que tivesse

ficado presa no tijolo quando ele foi fabricado. Havia outras explicações e meu irmão merecia minha confiança.

Peguei minha bolsa de novo e caminhei em direção ao carro. Então, parei novamente e passei os olhos pelos castanheiros-da-Índia no canteiro em frente à varanda. Senti uma bola se formando no meu estômago. Ele tinha deixado passar um pedaço pontiagudo de cerâmica em meio aos arbustos, pousado entre as folhas. Quando me agachei para pegá-lo, estava pegajoso devido à cobertura de creme e ao pedaço mais escuro de bolo, cheio de pequenas sementes pretas.

Por fim, quando examinei a lata de lixo, encontrei uma maldita mistura de bolo, prato quebrado e terra, tudo enrolado em jornal e enfiado no fundo da lata.

Berlim, Alemanha 1939

JÜRGEN E KARL VIERAM PARA CASA PASSAR FÉRIAS DE UMA SEMANA EM JUNHO daquele ano. Eu vira Jürgen durante alguns dias durante o funeral de Adele, mas estávamos tão dominados pelo luto que mal olhei para ele naquela ocasião. Essa viagem era diferente. Em todos aqueles meses que havíamos passado separados, Gisela aprendera a engatinhar e a ter pavor de estranhos. Ela agora chorava sempre que Jürgen tentava pegá-la no colo. E, ao longo desses meses de separação, Jürgen mudara também.

Ele estava quieto e passava longas horas sozinho em seu escritório, embora supostamente estivesse de folga. Depois de alguns dias assim, parei na frente da sua mesa. Ele ergueu para mim um olhar tão vazio quanto o de uma planta.

— Precisamos sair para caminhar e aproveitar esse lindo dia de verão — informei secamente, com as mãos na cintura. — Vou colocar Gisela no carrinho. Te vejo lá fora em um instante.

Ele nem tentou discutir. Percebeu em meu tom de voz que eu não seria contrariada. Caminhamos até o parque e, quando chegamos lá, fui em direção a um banco na sombra, embaixo de uma grande tília. Sentamo-nos lado a lado e virei Gisela para ficar de frente para nós. Ela olhou para Jürgen desconfiada.

— O último ano tem sido bem difícil, mas a tecnologia é mais maravilhosa do que eu poderia sonhar. O próximo protótipo é o A4. Esse foguete será lançado verticalmente, direto para cima, assim. — Lentamente, quase como em um sonho, ele ergueu a mão. — Ele vai subir em um ângulo que calculamos com uma precisão incrível, cada movimento estabilizado e guiado por um giroscópio ajustado com minúcias. Depois de cerca de um minuto, a propulsão termina. Agora, esse foguete está a cerca de noventa e seis quilômetros acima de nós. Talvez ele até se aproxime da fronteira com o espaço. Não é extraordinário?

— *Noventa e seis quilômetros...*

— Mas esse é apenas o ponto culminante. — Ele parou e sua expressão mudou até parecer enojada. — Porque agora ele começa a descida, e viaja só um pouco acima da velocidade do som. Você sabe o que isso significa?

Fiz que não com a cabeça, mas ele não pareceu perceber. Ele desceu a mão bruscamente, fechada em um punho, sobre o outro lado do colo, e então a abriu como um estalo, expondo a palma.

— A precisão e o alcance estão além de qualquer coisa que o mundo já viu. E o míssil viaja mais rápido do que o som que produz, então não há aviso nenhum, e, portanto, não há tempo para que se acione uma sirene de ataque aéreo. Digamos que o disparemos da fronteira, enquanto uma família na França, na Polônia, na Bélgica ou na Suíça está na cozinha tomando o café da manhã. Aquela família vai sumir antes mesmo de saber que alguma coisa vem na sua direção. A mãe não terá tempo de gritar para o pai proteger o bebê. O pai não terá tempo de empurrar seu filho para o porão para salvar sua vida.

Jürgen sempre insistira que não se lembrava de nada da manhã em que sua família havia morrido. Ele tinha mentido para mim, ou pelo menos evitado a verdade dolorosa.

— Vocês estavam tomando café da manhã quando a bomba atingiu sua casa? — inquiri em um tom gentil.

Jürgen se endireitou de repente, como se estivesse afastando a lembrança.

— Meu ponto é que esse cenário que acabei de descrever pareceria um pesadelo inimaginável para a maioria das pessoas, mas está quase ao nosso alcance.

— Temos que continuar jogando o jogo — comentei. — Lembra? Ouvir a música. Ignorar as notas dissonantes.

— Então, eu projeto essas bombas e deixo outra pessoa se preocupar com o lugar onde elas cairão?

— É isso que você tem que fazer.

— Quando estou ajustando o projeto de um propulsor, mexendo no foguete com os engenheiros ou planejando um teste de lançamento, não penso sobre aquela família hipotética tomando o café da manhã. Às vezes, até consigo esquecer que a soma de todas as peças é uma arma. Porém, assim que o trabalho termina, a única coisa em que consigo pensar é naquela família.

Olhei para Gisela. Ela estava dando chutes sem paciência, virando o pescoço para olhar para o que estava atrás dela, querendo continuar a jornada pelo parque.

— Nós dois sabemos que você não tem escolha. O custo de qualquer coisa que não seja uma perfeita obediência simplesmente seria alto demais.

Ele passou o braço em volta dos meus ombros e me puxou para perto, dando um beijo carinhoso acima da minha orelha.

— Só sigo ordens. Estou fazendo o que tenho que fazer para permanecer vivo. Para manter minha família segura — ele murmurou.

— Exatamente — concordei.

— É o que digo para mim mesmo centenas de vezes ao dia, mas de vez em quando não consigo parar de imaginar se aquela família hipotética tomando o café da manhã se contentaria com essas desculpas. Devemos mesmo priorizar a segurança da nossa família em detrimento da deles, Sofie? E a equação muda se, em um futuro não muito

distante, priorizarmos a segurança da nossa família em detrimento da segurança de centenas ou milhares de famílias que podem se tornar o alvo de um dos meus foguetes?

Virei-me para encará-lo. Nossos rostos estavam tão próximos que eu podia sentir sua respiração trêmula em meus lábios.

— Não sei o que dizer — eu estava abatida.

— Também não sei as respostas — ele respondeu em um sussurro. — Mas temos a obrigação moral de fazer essas perguntas a nós mesmos.

E estava claro, pelo tormento em seus olhos, que ele já vinha confrontando aquela verdade por um tempo.

LYDIA E KARL NOS CONVIDARAM PARA UM JANTAR NA VÉSPERA DO RETORNO de Karl e Jürgen a Peenemünde. Enquanto os funcionários preparavam a refeição, as babás cuidavam das crianças, que brincavam em uma piscina inflável no jardim. Lydia, em uma gravidez avançada de outro par de gêmeos, parecia exausta, mas sorriu fracamente enquanto servia uma taça de champanhe para cada um de nós.

— Tenho uma excelente notícia para vocês dois — anunciou Karl. — Sei que Georg ainda não tem idade, mas eu estava falando com o supervisor de Hans e ele concordou em aceitar Georg na *Jungvolk* mais cedo. Parabéns.

A *Jungvolk* era a divisão júnior da Juventude Hitlerista. Eu teria que passar por isso quando Georg fizesse dez anos, mas achava que ainda teria mais alguns meses para me acostumar.

— O Führer precisa de jovens guerreiros como Georg — informou Karl.

Ele olhou para nós três com um brilho de determinação no olhar. Assim como Jürgen, Karl mudara nos últimos anos. Ele se tornara um homem muito mais severo, menos propenso a exibir seu sorriso charmoso.

— Quanto antes ele puder começar, melhor. E a entrada antecipada reflete o quanto o partido valoriza seu trabalho, Jürgen.

— Obrigado. — Ouvi meu marido dizer. Observando o esforço convincente que ele fazia para expressar alegria com a notícia, entendi por que estava sempre tão cansado.

— Sobre isso — continuou Karl —, meu amigo, há algo que preciso falar com você... — seu sorriso charmoso reapareceu momentaneamente. — Você é o funcionário mais sênior da equipe em Peenemünde que ainda não se filiou ao partido. Sei que é apenas um lapso, mas você não acha que é hora de corrigirmos isso?

Tratava-se de um teste de lealdade, assim como o arranjo especial junto à *Jungvolk*, e uma ameaça mais explícita não era necessária. Todos entendíamos exatamente o que estava acontecendo.

Quando Jürgen retornou a Peenemünde no dia seguinte, éramos membros leais do Partido Nazista, apenas aguardando nossos números de associados chegarem pelo correio.

GEORG CONVERSAVA ANIMADAMENTE NA MANHÃ DE SUA PRIMEIRA ESTADIA NO acampamento da *Jungvolk*, mais empolgado do que eu o vira desde a morte de Adele.

— Tem cursos de esportes e aventura e podemos usar armas e dormir nas tendas, e eles vão nos ensinar como fazer todos os tipos de coisas incríveis, até como servir ao Führer da melhor maneira! Vou ficar na *Jungenschaft* do Hans. — Tratava-se de uma unidade de dez crianças lideradas por outra um pouco mais velha. A *Jungvolk* era estruturada como uma organização paramilitar. Eu estava enviando meu filho de nove anos para brincar de jogos de combate projetados para transformá-lo em um seguidor irracional de Hitler.

Georg já vestia seu uniforme: botas pretas brilhantes, shorts escuros, uma gravata que combinava com sua

camisa de colarinho e o logotipo da *Jungvolk* na manga. Ele saiu do quarto com o uniforme tão cedo naquela manhã que tive a sensação de que se vestira assim que saiu da cama. Mas ele não conseguia arrumar a última parte do uniforme sem ajuda, por isso, estava parado de pé na minha frente, com o queixo erguido, esperando impacientemente que eu colocasse seu lenço enrolado em volta do pescoço.

— ... e vamos aprender a expulsar os *Untermensch* e derrotar todos os inimigos do Führer. Vai ser muito divertido!

Era tudo uma brincadeira para Georg, uma farra gloriosa e cheia de diversão. Coloquei o lenço em volta do seu pescoço, ajustei o colarinho sobre ele e então peguei o anel, o círculo de couro que mantinha o lenço no lugar em sua clavícula. Encarei-o até que lágrimas encheram meus olhos.

— O que foi? — ele ficou subitamente assustado quando me encarou com seus olhos azuis. — Mamãe?

Forcei um sorriso.

— Você está crescendo, Georg. Estou muito orgulhosa de você.

Ele sorriu para mim. Então, endireitou os ombros e saiu para pegar a bolsa de lona que continha seus pertences para passar a noite. A bolsa era quase tão grande quanto ele. Ele a pendurou no ombro e caminhou em direção à porta, acenando impaciente para que eu o seguisse.

No acampamento, Laura pairava ao meu lado, absorvendo tudo com olhos grandes e curiosos: centenas de meninos formando filas perfeitas ao som agudo de um apito. Eu estava segurando Gisela, que se contorcia, mas Laura pegou minha outra mão e a puxou para chamar minha atenção.

— Mamãe, mal posso esperar pela minha vez. — Por ser menina, ela não participaria da *Jungvolk*, mas da *Jungmadelbund*, a Liga das Garotas, que se concentrava nas atividades consideradas apropriadas para garotas alemãs, preparando-as para seus futuros papéis de mãe, esposa e dona de casa.

— Logo — respondi, com o coração despedaçado. Ela provavelmente se alistaria aos dez anos, idade que não demoraria a alcançar. Olhei de volta para Georg, que quase tremia de empolgação enquanto os líderes ordenavam aos berros que as crianças se preparassem para recitar o juramento.

Várias centenas de meninos endireitaram a coluna e ecoaram em uníssono os dizeres que meu filho já sabia de cor.

— Diante desta bandeira de sangue que representa nosso Führer, juro dedicar todas as minhas energias e minha força ao salvador do nosso país, Adolf Hitler. — Meu filho olhou diretamente para mim e sorriu orgulhoso enquanto entoava: — Estou disposto e pronto para dar minha vida por ele, com a graça de Deus.

● APARTAMENTO DE ADELE AINDA ESTAVA VAGO E EU NÃO TINHA CORAGEM DE alugá-lo. Não precisávamos do dinheiro e a ideia de retirar os pertences dela ainda era demais. Todas as manhãs, eu ia ao pátio dela para cuidar dos animais e das plantas que haviam restado. Às quartas-feiras, eu arrumava uma cesta com o que estivesse na estação, e Gisela e eu fazíamos a viagem para deixá-la com Martha.

Ainda havia muitas incógnitas desde a noite em que Adele morreu. Nunca descobrimos como a Gestapo soube da rede de mulheres que ajudaram a família de Mayim por todos aqueles anos, nem por que algumas dessas mulheres, incluindo Martha, escaparam ilesas. Mas ela podia explicar algumas coisas.

— Adele me ligou e me pediu para ir à casa dela pela manhã com o carro do meu filho. Ela tentava manter a calma, mas eu a ouvi entrar em pânico. — Martha chegou ao nascer do sol, apenas para descobrir que Adele havia falecido. — Convenci os bávaros a ir para o quarto deles e tomar um banho. Enquanto eles estavam fora, verifiquei o apartamento. Encontrei Mayim escondida embaixo da pia da

cozinha. Ela tinha ficado lá a noite toda. — Engoli em seco ao pensar nisso. O mesmo esconderijo de quando seu pai foi morto. Que tortura deve ter sido vivenciar a mesma aflição duas vezes em apenas alguns dias. — Eu a fiz fugir pela porta dos fundos e por cima do muro do pátio. Quando o casal voltou, Mayim estava escondida no carro do meu filho e eu, sentada com Adele na cama, calmamente me despedindo dela.

— Consigo ver por que você e Adele eram amigas. — Sorri entre lágrimas.

— Não foi nada — disse Martha modestamente. Então, sua expressão mudou. — Eu gostaria de ter feito mais por ela, Sofie. Havia milhares de poloneses acampados ao ar livre na fronteira porque o Reich não os deixa ficar, mas a Polônia não os deixa entrar. Não sei o que aconteceu depois que ela saiu do meu carro, mas penso nela o tempo todo.

Depois disso, Martha mencionou que seu filho sabia de vários outros judeus escondidos. Eu não podia mais ajudar Mayim, mas isso não significava que permaneceria impotente.

Nem mesmo Jürgen sabia que toda quarta-feira eu entregava alguns dos legumes de Adele para Martha, que estava cuidando de um idoso ariano alemão, exatamente como o Reich queria que eu fizesse. Porém, escondida entre folhas de jornal dobrado no fundo da cesta de produtos, sempre havia uma pilha de Reichsmarks, o máximo que eu podia desviar sem levantar suspeitas em Jürgen. Eu sabia que ele não reclamaria se soubesse o que eu estava fazendo, mas eu queria protegê-lo, assim como Adele tentou me proteger.

Não cheguei a conhecer o filho de Martha, mas sabia que ele sempre a visitava nas tardes de quarta-feira. Enquanto estava lá, ele recolhia o dinheiro e o repassava para os amigos judeus que mais precisassem.

Nunca soube quem eram os destinatários. Isso realmente não importava. Eu queria desesperadamente ajudar, mas

sabia, no fundo, que meu gesto era pequeno, talvez ridiculamente insignificante.

Além disso, o gesto visava a fazer o bem, mas, de certa forma, também era egoísta. Era o lembrete silencioso de que eu precisava. Não importava quem eu fingisse ser. Os nazistas poderiam tirar meus melhores amigos e até meus filhos de mim, mas não tocariam meu coração.

— Ah, olá, querida — Martha me cumprimentou naquela quarta-feira. — É bom ver você. Olá, doce Gisela — assim como Adele teria feito se estivesse viva, Martha se inclinou no carrinho e deu alguns doces à minha filha animada.

Pus a cesta na mesa da cozinha de Martha. Ela corria pela cozinha, conversando sobre isso e aquilo enquanto fazia um chá para mim.

— A coisa mais estranha aconteceu — disse ela. — Recebi esta carta e não sei o que fazer com ela. Acho que pode ter sido enviada incorretamente. Você poderia dar uma olhada e me dizer o que devo fazer?

Peguei a carta e quase a derrubei quando vi a letra conhecida.

Querida Frieda,

Você se lembra de mim daqueles dias como vizinhas de infância em Potsdam, tantos anos atrás? Você provavelmente não se lembra, então vou tentar refrescar sua memória. Houve uma ocasião em que caí e quebrei um osso do punho. Enquanto eu estava deitada no chão morrendo de dor, você estava tão angustiada que esquecemos quem era quem de alguma forma, e eu que acabei por tranquilizá-la. E então, em um verão, queríamos nadar no riacho, mas meu irmão não estava bem, então minha mãe disse a ele que ele não poderia se juntar a nós. Ele colocou fogo em um pano na cozinha dela para distraí-la e nos seguiu até o riacho! Endiabrado naquela época, e endiabrado hoje, embora já seja marido e pai.

Foi ele quem me deu a ideia de escrever para que você soubesse que ainda penso em você, mesmo depois de todos esses anos. Imagino que você gostaria de me responder, mas o momento desta carta é infeliz, pois estou prestes a viajar, então não posso deixar um endereço de retorno por enquanto. A vida é muito curta, nunca se sabe o que nos espera ao virar a esquina, então quero lhe deixar os meus melhores votos enquanto posso.

Se eu me estabelecer em algum lugar, escreverei novamente para que você saiba onde me encontrar. Por enquanto, apenas saiba que estou feliz e bem, e que minha vida deu certo. Nunca me esquecerei de você e de sua bondade para comigo.

*Com meus melhores votos,
Anna*

Mayim! Frieda, o nome da minha avó; Anna, o da avó dela. Tantas referências ao nosso passado, nenhuma delas sutil, mas a inteligente Mayim encontrara uma maneira de ocultar sua identidade, de tal forma que ninguém no mundo poderia saber quem escrevera aquela carta, exceto eu.

— O que eu devo fazer com isso? — Martha perguntou. Olhei para ela, minha visão turva de lágrimas, e ela piscou para mim. — Sim, claramente não é para mim. Como não há endereço do remetente, vou jogá-la no lixo.

Mais tarde, Martha me seguiu até a porta. Ao nos abraçarmos, sussurrei em seu ouvido:

— Ela não sabia onde você morava. Lembro que ela disse isso na noite em que Adele morreu. Como ela a encontrou? E como você sabia que a carta era para mim?

— Dei a ela meu endereço quando a levei para a fronteira, para o caso de haver algo mais que eu pudesse fazer por ela. O envelope estava endereçado a mim, mas, quando o abri, fiquei confusa ao ver que a carta era para outra

pessoa. Quase joguei fora, até que me lembrei que ela havia contado que vocês se conheceram em Potsdam. Agora, pelo menos, sabemos que ela chegou à família dela. Espero que isso lhe traga um pouco de paz.

EU ESTAVA NO APARTAMENTO DE ADELE CERTA MANHÃ NO INÍCIO DE SETEMBRO. Gisela, agora com dezoito meses, cambaleava sem jeito pelo pátio e um dos coelhinhos a seguia como um cachorrinho. O rádio estava ligado, mas eu não estava realmente escutando até que uma súbita fanfarra de trompetes e tambores soou. O Reichstag tinha se reunido para uma sessão extraordinária e Hitler estava prestes a se dirigir à nação. Houve uma cacofonia de apupos, gritos e aplausos dos parlamentares quando o Führer chegou.

Hitler anunciou que a Alemanha invadira a Polônia, mas apenas como um ato de autodefesa. *De agora em diante, bombas serão respondidas com bombas.* Ele disse à nação para se preparar. *Lutaremos até a situação se resolver.*

Quando as crianças voltaram da escola, estavam agitadas de empolgação, embora fosse claro que mal compreendessem o que realmente acontecera. Georg estava convencido de que a Polônia havia lançado uma bomba em Berlim. Laura achava que Hitler estava na fronteira, empunhando uma espada em defesa do Reich. Quando fui colocar Georg para dormir, encontrei-o de joelhos ao lado da cama, sussurrando o que pensei ser uma oração. Enquanto eu esperava na porta, surpresa, mas determinada a dar a ele espaço para orar, ouvi as palavras que ele balbuciava em um ritmo que sugeria que ele já as dissera muitas vezes antes.

— Führer, meu Führer, oferecido a mim por Deus. Proteja e preserve minha vida por muito tempo. O senhor salvou a Alemanha em um momento de necessidade. Agradeço por meu pão de cada dia. Esteja comigo por muito tempo, não me abandone, Führer, meu Führer, minha fé, minha luz. Saúdo meu Führer!

— Onde você aprendeu isso? — questionei, esquecendo-me do meu plano de lhe garantir privacidade. Georg subiu na cama e puxou os cobertores até o queixo, exibindo um sorriso animado.

— Na *Jungvolk*. — Dei um beijo em sua testa e apaguei a luz; depois, corri para o escritório para ligar para Jürgen.

Era demais para suportar sozinha: a “oração” que ouvi, o conflito com a Polônia, o que tudo isso significava e o que poderia acontecer a seguir. Eu não confiava mais na mídia, mas não tinha outra maneira de me informar. Tudo parecia completamente fora de controle.

— Alô — meu marido atendeu asperamente.

No instante em que ouvi sua voz, soube que ia chorar, e não podia fazer isso. Ele me perguntaria por que eu estava tão chateada e eu não podia lhe dizer, porque provavelmente havia gente nos ouvindo. Desliguei o telefone e fui para a cama, abafando o som dos meus soluços ao pressionar meu rosto no travesseiro.

35

LIZZIE

El Paso, Texas 1941

— É TÃO BOM NOS ENCONTRARMOS PARA FINALMENTE CONHECÊ-LA MELHOR, Lizzie! Ficamos todos tão surpresos quando Calvin nos disse que ia se casar de novo. Caramba, acho que ele nem sequer mencionou que estava namorando.

Avril Walters sorriu para mim enquanto servia meu café. Seu marido, Dale, trabalhava com Calvin na divisão de aviões experimentais em El Paso e sua bebê, Patty, estava sentada à mesa ao meu lado, enfiando bolo na boca.

Conheci a maioria dos amigos de Calvin em Fort Bliss depois que ficamos noivos. Todos estavam envolvidos com sua unidade de aviação. Eram pilotos, engenheiros ou especialistas de uma variedade ou de outra. Também conheci suas famílias. Havia Kevin e Becca Llewellyn e suas adoráveis meninas, Ava e Brianna; Juanita e Bob e sua ruidosa prole de filhos, que destruíam qualquer cômodo em que entrassem; Trevor e Gail tinham o recém-nascido Toby; e, claro, Avril e seu marido, Dale, e Patty. Participei de alguns jantares com Calvin, mas não tinha certeza do que fazer com essas mulheres. Elas já pareciam tão unidas, e Avril não foi a primeira a expressar surpresa por Calvin ter se casado de novo.

Na maioria das vezes, eu estava confortável com nosso acordo, mas quando seus amigos provocavam Calvin sobre nosso relacionamento, eu me sentia tão constrangida que não conseguia suportar. Eu não tinha ideia de como reagiria

a tal dinâmica em uma conversa individual, por isso, quando Avril me convidava para um café, eu sempre dava uma desculpa. Finalmente, porém, aceitei um dos seus muitos convites para nos conhecermos melhor.

— Cal tem sido muito discreto a seu respeito, mas estou morrendo de vontade de saber: como vocês dois se conheceram? — perguntou assim que nos sentamos à mesa da sua cozinha.

— Eu estava trabalhando no Hilton. — Ela empurrou a xícara de café para mim e acenou com a cabeça para me encorajar a continuar. — Ele era um hóspede frequente e acabamos nos tornando amigos.

— Conte tudo! Ele roubou seu coração? Ele contou sobre a sua pobre esposa falecida, que Deus a tenha?

— Sim, ele roubou meu coração. E não falamos muito sobre ela, para ser sincera. — Dei um gole no meu café, grata por ter algo para fazer com minhas mãos. Eu me sentia em um interrogatório. — Sei que o nome dela era Louise.

— Tão triste... — murmurou Avril, meneando a cabeça. — Como ela faleceu?

— Em um acidente de carro — contei sem jeito. A pobre Louise Miller tinha sido atropelada por um carro a caminho da mercearia.

— Trágico. Graças a Deus ele tem você agora. — Ela se serviu de café e, então, sentou-se ao meu lado. — E você cresceu em uma fazenda, certo?

E assim foi... o tipo de bate-papo esquisito a qual eu nunca dedicara muito tempo. Sim, eu cresci no Condado de Dallam. Sim, sei montar a cavalo. Só até a oitava série. Meus pais? Falecidos. Só um irmão. No Exército.

— Estou tão feliz que tenha vindo hoje — disse ela em um certo momento. — Sei que pode ser avassalador conhecer um novo grupo de amigas, e essas mulheres podem ser *um pouco demais*. — Ela riu. — Mas eu tenho um bom

pressentimento sobre você, Lizzie. Não me importo com o que dizem: se Cal te ama, isso é bom o suficiente para mim.

Ela era tão amigável, amável e hospitaleira, mas também havia aqueles pequenos momentos em que eu sentia quase como se ela estivesse me avisando. As outras mulheres inventavam fofocas? Elas eram cruéis pelas minhas costas? Eu dizia a mim mesma que não me importava com o que elas pensavam, mas a verdade era que Calvin trabalhava com os maridos delas e aquelas mulheres faziam parte da minha vida por um longo tempo.

Eu me sentia totalmente entediada. Cal e eu tínhamos caído em uma rotina tão monótona que era quase catatônica. Ele saía para o trabalho em Fort Bliss de manhã, eu limpava a casa e depois ficava olhando o relógio até ele voltar. Voltei minha atenção ao quintal para tentar preencher meus dias, arrancando cada centímetro do jardim e gastando uma pequena fortuna em rosas novas e cercas vivas, além de uma pequena horta bem cuidada. Aquele projeto me entreteve por um tempo, mas logo só me restava esperar as plantas crescerem.

Então, quando Avril me chamou outra vez para um café, eu aceitei. Logo estávamos nos encontrando duas ou três vezes por semana. Eu não sabia dizer se ela era apenas simpática ou se também era um pouco solitária, mas eu gostava da companhia, então não questioneei muito o seu entusiasmo. Além disso, Cal estava satisfeito por eu estar fazendo um esforço, e isso também era bom. Abri a porta da frente e esperei Avril entrar, segurando a mão de Patty. Quando nos sentamos na sala, ela sorriu.

— Fiquei feliz quando soube que Calvin tinha comprado esta casa grande e excelente. Estou ansiosa por vê-los encher o lugar com filhos.

— Ah... — respondi hesitante. — Não, não vamos fazer isso. — Ela olhou para mim surpresa, então expliquei: — Calvin é estéril. É por isso que ele e Louise não tiveram filhos.

Isso era verdade. Cal sofrera um caso sério de caxumba na infância. Não que isso importasse em nosso casamento, já que até dormíamos em quartos separados.

Eu tinha a sensação de que, se eu fosse ao quarto de Calvin, ele ficaria encantado e isso poderia mudar, mas eu não sentia nenhuma vontade de fazer isso. De vez em quando, eu me perguntava se ele estaria desapontado com o modo como nosso casamento evoluiu. Era muito estranho tentar conversar sobre isso, e ele *parecia* feliz o suficiente, mas eu sabia muito bem que, quando eu aceitei me casar com ele, ele esperava que eu me apaixonasse também.

Percebi que simplesmente não ia acontecer. Meus sentimentos não tinham nada a ver com Calvin e tudo a ver comigo. Eu gostava mais dele do que nunca. Eu o respeitava e o admirava. Eu era grata a ele e queria agradá-lo. Eu só não tinha ímpeto para o amor romântico, não do jeito que as outras pessoas ao meu redor pareciam ter.

— Ah, Deus, eu sinto muito — disparou Avril. Ela colocou as mãos na barriga, como se quisesse protegê-la. Seu segundo filho estava para nascer em alguns meses. — Sabe, Becca disse que achava estranho Calvin não ter filhos, pois ficou casado com sua primeira esposa por muito tempo. Mas você sabe como elas fofocam e eu só achei que não era da minha conta.

— Elas fofocam? — perguntei como quem não queria nada. Não era a primeira vez que ela fazia um comentário assim. Senti que já a conhecia bem o suficiente para cutucá-la de leve e ver onde ela queria chegar.

— É terrível, e você é uma mulher tão amigável. Odeio ouvir essas coisas.

— O que elas falam de mim? — eu quis saber.

— Bem, querida, tem havido muita especulação sobre... — Ela deu de ombros, olhando ao redor da ampla sala de estar. — Calvin tem dinheiro, não é? Gail comentou que ele estava muito solitário quando começou a vir de Albuquerque e, com você trabalhando naquele hotel, elas pensaram que

talvez você estivesse um pouco sem sorte e o tivesse visto como uma oportunidade...

— Não foi assim — retruquei com um suspiro.

— E a maioria dos recém-casados não consegue se desgrudar um do outro. Porém, como Becca disse, vocês dois não são assim, pelo menos quando estamos por perto.

— Minhas bochechas ficaram quentes e eu não sabia o que dizer. Evitei seu olhar, enquanto minha mente acelerada tentava pensar em uma resposta. Era realmente tão óbvio? Que *humilhante*.

— Eu não deveria ter dito nada disso — Avril recuou. — Não quis chateá-la.

— Não, você não me chateou — eu me sentia frustrada. — Sei que somos um casal estranho. Ele é bem mais velho que eu e um milhão de vezes mais inteligente, e... — Acenei, indicando a sala. — Isto é normal para ele. Cresci em uma casa muito mais humilde e *estava* passando por dificuldades quando nos conhecemos. Mas sempre foi Calvin quem se ofereceu para me ajudar, eu nunca pedi ajuda. Desde o primeiro dia em que nos conhecemos, ele faz bondades para mim, até mesmo para o meu irmão. Calvin apenas adora cuidar das pessoas.

Por algum tempo depois dessa conversa, mantive meu convívio com aquelas mulheres restrito aos compromissos essenciais com Calvin. Embora Avril *parecesse* estar do meu lado, eu também me sentia inquieta perto dela. Aprendi a me vestir, a arrumar meu cabelo e a me maquiar como elas para me enturmar, mas sabia que, no fundo, não tinha nada em comum com nenhuma delas.

Além disso, sentir-me entediada e solitária naquela grande casa era muito preferível a ser exposta e humilhada fora dela. Entretanto, dramas de amizade à parte, por que eu não estava contente? De certa forma, eu me sentia melhor comigo mesma naquele apartamento decrepito, quando estava me esforçando para sobreviver, lutando por

cada centavo e trabalhando duro.

HENRY FORA TRANSFERIDO PARA FORT BENNING, NA GEÓRGIA, E SERVIA COM a 6ª Divisão de Blindados. Combinamos de sempre nos falar ao telefone na noite do primeiro domingo de cada mês.

“Olá, irmã”. Ele sempre me cumprimentava assim, e eu sempre soltava a respiração aliviada quando o ouvia dizer essas palavras. O entusiasmo em sua voz me garantia que ele estava bem. Minha imaginação tendia a me pregar peças nas semanas entre esses telefonemas, especialmente com a deterioração da situação na Europa.

Ele tinha um novo melhor amigo, um garoto de Reno chamado Bobby, e tive a impressão de que os dois haviam se tornado inseparáveis. Henry estava economizando dinheiro para o caso de um dia decidir comprar uma casa e namorava uma garota chamada Flora, pelo menos periodicamente. Ela trabalhava no escritório administrativo da base, e parecia que toda vez que Henry ligava eles tinham terminado de novo ou acabado de reatar.

— Vocês dois podem se decidir? Vocês querem ficar juntos ou não? — perguntei a ele um dia, exasperada. Henry apenas riu.

— É uma relação fogaosa, Lizzie. E isso é parte do apelo.

Olhei para Calvin, que lia no sofá, e me perguntei, não pela primeira vez, o que havia de errado comigo.

— Ei, me escute, tenho novidades — disparou Henry subitamente.

Meu estômago revirou.

— Por favor, não me diga você será destacado — sussurrei.

— Para onde? Para a Europa? Claro que não. Aquilo lá está uma bagunça, mas não tem nada a ver com os Estados Unidos. — Henry riu. — Não, eu só ia dizer que minha unidade participará de um treinamento em Fort Bliss em algumas semanas, então pensei em tirar uma folga

enquanto estiver na cidade. Posso ficar na sua mansão por algumas noites?

HENRY CHEGOU NA QUINTA-FEIRA À NOITE E PASSAMOS A SEXTA E O SÁBADO pondo a conversa em dia. No domingo, preparei um frango assado, uma das receitas que eu conseguira dominar. Henry e Calvin nunca passavam muito tempo juntos, e eu estava gostando de vê-los criar vínculos. Eles estavam na sala de estar, conversando sobre aviões.

Tudo no mundo parecia certo naquele dia. Tirei o frango do forno. O cheiro delicioso flutuou pela casa, e eu estava tão feliz que comecei a dançar ao som da música no rádio enquanto servia a comida.

O plantão de notícias cortou a música sem aviso e senti um calafrio percorrer minha espinha. Joguei minhas luvas de cozinha no chão e aumentei o volume do rádio.

— Henry! — gritei. — Cal!

Calvin entrou correndo na cozinha, examinando tudo como se esperasse encontrar o lugar pegando fogo, mas parou quando o anúncio urgente dominou o ambiente.

Hoje, às oito horas da manhã, horário local em Honolulu...

... bombardeio grave de Pearl Harbor e da cidade de Honolulu por aviões japoneses...

... combate feroz no ar e no mar...

... os Estados Unidos estão sob ataque. Repito. Os Estados Unidos estão sob ataque...

Eu encarava Calvin horrorizada quando Henry surgiu atrás dele. Meu irmão pegou o final da transmissão de emergência, e eu olhava bem nos olhos dele quando nos demos conta de que agora a nação estava em guerra.

Huntsville, Alabama 1950

QUANDO OUVI A BATIDA NA PORTA, ESTAVA DE JOELHOS ESFREGANDO O FORNO, meu cabelo em um coque emaranhado e vestindo uma das camisas velhas de Jürgen para proteger meu vestido de algodão.

— *Tür*, mamãe — gritou Felix.

— Inglês, por favor, Felix — falei, corrigindo-o: — *Porta*.

— *Tür* — ele murmurou de novo, alto o suficiente para eu ouvir. Eu tinha dito a ele que estava bom de televisão por aquele dia. Ele ficou emburrado e agora estava construindo uma torre com alguns blocos. Levantei-me e joguei minhas luvas de borracha na pia. Depois, tirei a camisa de Jürgen e tentei ajeitar o cabelo enquanto caminhava até a porta. Esperava que pudesse ser Claudia, vindo me agradecer pelo açúcar de confeitiro que eu deixara na porta dela alguns dias antes.

Quando abri a porta e vi Lizzie Miller, perdi o fôlego. Ela tinha em mãos um prato de cerâmica bege e sua aparência era impecável: cabelo ruivo vibrante em um corte de pajem, liso, macio e enrolado nas pontas, delicados brincos de pérolas nas orelhas, maquiagem perfeitamente elegante e um batom tão imaculado que ela só podia ter passado pouco antes de sair do carro.

— Meu irmão faz esse caminho para ir ao trabalho e isso não é crime. Se um homem inocente passando por sua casa

a incomoda, entre. Não fale com ele. Não *acene* para ele. Nem sequer olhe para ele!

Ela estava com raiva, mas também com medo. De Henry? Por Henry? Eu não tinha certeza, mas podia ver a emoção tão claramente em seu rosto que a senti irradiar para o meu corpo.

— Talvez ele precise de ajuda — sugeri.

Os olhos de Lizzie Miller brilharam como fogo e suas narinas se dilataram.

— Não se *atreva* a me dizer do que meu irmão precisa — ela se exasperou. — Não quero seus bolos e não quero que você se aproxime de nós. Se passar de carro e minha casa estiver pegando fogo, não pare para ajudar. Você não é bem-vinda nesta cidade e com certeza nunca será bem-vinda na minha casa. — Ela estendeu o prato para mim. — Aqui está um prato para substituir o que você perdeu.

— Você não tem que...

— Não quero ficar devendo *merda* nenhuma a você — ela me interrompeu, largando o prato em minhas mãos. Então, acenou com a cabeça brevemente e se virou, seus saltos batendo no piso da nossa varanda, depois na entrada, a caminho do seu carro.

— Só queria que tentássemos nos entender! — gritei para ela. — Pedir desculpas pela maneira como falei com você no piquenique. Sei que começamos do jeito errado...

Ela se virou para me encarar e o ódio em seus olhos era óbvio.

— Qual era a patente do seu marido na SS? Ele encorajava o genocídio ou só participou dele? Nós duas sabemos que vocês tinham conhecimento dos campos. Se não fizeram nada para ajudar aquelas pessoas, são cúmplices também. — Sua expressão estava alterada de frustração. — Você e seu marido não merecem estar aqui, vivendo entre americanos decentes.

— Você não sabe nada sobre mim e meu marido — respondi, forçando-me a manter um tom de voz regular,

embora quisesse chorar. Lizzie estava certa, eu não merecia a vida confortável que tinha me sido oferecida nos Estados Unidos. Isso não significava que eu estava prestes a deixar aquela mulher destruí-la com sua maledicência. Talvez Jürgen e eu tivéssemos nossa parcela de culpa e vergonha, mas nossos filhos eram inocentes e, por eles, *tínhamos* que fazer de Huntsville nosso lar. — Que tipo de pessoa tentaria arruinar a nova vida de uma família sem nem sequer tentar entender a antiga? Que tipo de pessoa diz às suas amigas com quem elas podem passar o tempo, como se tivesse algum direito sobre a vida delas? — Eu odiava que ela pudesse ver o quanto havia me chateado, mas eu estava rapidamente perdendo a batalha para manter a calma. Minha voz tremeu miseravelmente quando acrescentei:

— Sinto pena da senhora, sra. Miller. Realmente sinto.

Lizzie Miller olhou fixamente para mim de forma pensativa por um curto momento. Então, suspirou impaciente.

— Eis uma dica para a senhora, sra. Rhodes — ela disse, colocando os óculos de sol de volta. — Ninguém os quer aqui. *Ninguém*. Então, se uma americana de repente parece determinada a ser sua amiga, você talvez devesse presumir que ela tem segundas intenções.

Ela acelerou o carro violentamente e saiu por nossa rua em direção à sua casa.

SOFIE

Berlim, Alemanha 1941

FOI IDEIA DE JÜRGEN COMPRAR UMA CASA DE CAMPO, NO MEIO DO CAMINHO entre Peenemünde e Berlim. A distância estava se tornando um fardo para todos nós. Concordei que deveríamos considerar a possibilidade, mas, apenas alguns dias depois, ele me ligou para dizer que conversara com um corretor e eles já haviam encontrado a propriedade perfeita: uma casa totalmente mobiliada bem no lago em Tollensesee, a dez quilômetros da pequena cidade de Neubrandenburg. Jürgen levaria cerca de duas horas de carro para chegar à casa, tempo que ele achava que poderia economizar duas vezes por mês. De Berlim, levaria um pouco mais.

— Você *realmente* poderá tirar o final de semana de folga com tanta frequência? — perguntei ainda sem acreditar.

— Não o final de semana todo — ele admitiu. — Mas se eu trabalhar lá durante o dia, tenho certeza de que posso fazer dar certo. E, quando um final de semana inteiro não for viável, pelo menos podemos passar a noite de sábado juntos e eu posso voltar para cá no início da manhã de domingo.

Apenas algumas semanas depois, fiz a viagem pela primeira vez. Laura completara dez anos e, depois de tanta expectativa, agora ela era membro da Liga das Garotas. Ela e Georg estavam nos acampamentos naquele fim de semana, então éramos apenas eu e Gisela, sozinhas no carro enquanto viajavamos para fora da cidade. Eu ainda

não estava convencida dessa ideia de casa de campo, mas tínhamos seguido com ela de qualquer maneira, e só porque Jürgen parecia tão desesperado em fazê-lo.

A casa era uma estrutura simples em forma de A, feita de alvenaria e madeira. As vigas de suporte ficavam expostas e haviam sido pintadas de cinza-escuro. Já os painéis entre elas tinham uma tonalidade creme suave. O telhado era de colmo espesso. Uma casa modesta, mas adorei mesmo assim. Mais do que isso, adorei o que a casa representava.

Tempo em família. Tempo em família, puro e livre, algo que nos faltara desesperadamente por muitos anos.

A casa era cercada de árvores, mas eu tinha visto no caminho que havia outras residências nas proximidades. Havia uma pequena clareira em um lado da casa, mas, além dela e da entrada, era como se estivéssemos no meio do nada. Bem na frente da casa havia um píer privado, que se estendia até a água. Era perfeito para pescar, para servir de plataforma quando saíssemos de barco ou até mesmo para ser o trampolim de uma criança animada em um dia quente de verão.

— E então? — indagou Jürgen ao abrir a porta da frente e se aproximar de mim. A tensão que eu estava acostumada a ver em seu rosto diminuía e seus ombros, antes rígidos, agora estavam relaxados. Tive a sensação de que aquele milagre acontecera nos últimos minutos, isto é, desde que ele também tinha chegado à casa do lago.

— Adorei — respondi.

NAQUELA NOITE, COLOQUEI GISELA NA CAMA ENQUANTO JÜRGEN ACENDIA uma fogueira na pequena clareira ao lado da casa. Ele pegou as cadeiras da mesa da sala de jantar e nos sentamos um ao lado do outro, apreciando a garrafa de vinho que o corretor deixara para nós como presente de boas-vindas.

A casa provavelmente seria grampeada, se já não tivesse sido, e sempre havia a possibilidade de haver alguém na

floresta tentando nos escutar. Mas ali, perto do fogo, estávamos longe o suficiente das árvores e da casa para termos certeza de que ninguém nos ouviria.

Apesar disso, Jürgen permaneceu em silêncio. Ele tomou um gole de vinho e suspirou, longa e satisfatoriamente. Depois de um tempo, comecei a suspirar também; era como se nós dois expurgássemos anos de tensão. Comecei a prestar atenção nos sons das corujas na floresta e no crepitar do fogo, absorvendo tudo, sentindo aquela paz se impor sobre a tensão que eu esquecera que podia ser desfeita. Ao meu lado, o olhar de Jürgen se direcionava mais para cima. Depois de um tempo, eu o segui e o encontrei olhando para o brilho branco-azulado da lua cheia.

— No que você está pensando?

— Em muitas coisas — ele disse, com a voz rouca.

— Tipo?

Ele olhou para mim e sorriu.

— Você. As crianças. O trabalho. A Lua.

— Sempre a Lua — afirmei suavemente.

— Quando eu era um garotinho e fui morar com Adele, prometi a mim mesmo que nunca esqueceria minha família — disse ele em voz baixa. — Eu me lembro de estar sentado naquele carro com ela, totalmente aterrorizado, decidido a manter minhas lembranças deles tão próximas que nunca as perderia. Então, o tempo começou a passar e, uma a uma, as memórias foram desaparecendo. Agora, só me lembro de algumas coisas... De como era comum tomarmos o café da manhã juntos. Da sirene de ataque aéreo e do pânico quando minha mãe foi buscar o bebê, do meu pai me empurrando para o porão; depois, nada, até que acordei no hospital. Eu me lembro da noite anterior. Fiquei acordado até tarde com meu pai, olhando para a Lua com um telescópio improvisado que ele mesmo tinha construído. Ele era um astrônomo amador, obcecado pela Lua. Ele me disse naquela noite que esperava que o homem chegasse à Lua ainda durante a minha vida.

— Você nunca me contou nada disso — estava chocada.
— Você sempre me disse que não se lembrava de nada.

— Você sempre foi muito mais extrovertida do que eu, Sofie. Mostrei a você partes de mim mesmo ao longo dos anos que eram difíceis de expor, mas essas lembranças da minha família eram preciosas demais, e em parte porque são apenas minhas.

— Por que me contar agora?

— Tenho pensado muito sobre elas ultimamente. Eu me conforto com o fato de não me lembrar muito dos meus pais. Afinal, não ter uma noção real de quem eles foram significa que não há como saber como eles se sentiram a respeito do trabalho que estou fazendo agora.

Ele disse isso casualmente, mas eu identifiquei a dor por trás de suas palavras e me senti arrasada.

— Jürgen...

— Diga o nome de uma cidade europeia que você ama e os foguetes alemães podem um dia eliminá-la da face da Terra.

Dei um grito sufocado.

— Vocês estão próximos disso?

— Os *componentes* estão todos lá. Em teoria, o resto é só uma questão de persistência e experimentação, de fazer com que esses componentes trabalhem de forma consistente. — Ele não soou otimista nem orgulhoso. Seu tom estava mais pesado do que nunca. — O Reich está sempre em expansão. Se colocássemos um homem na Lua, Hitler tentaria ocupá-la. E Otto diz que, assim que pudermos provar que o novo protótipo funciona, nos pedirão para produzir milhares deles. — Jürgen bebeu o resto do vinho em um só gole, depois jogou o copo no fogo. Eu me encolhi quando quebrou. Ele manteve a voz baixa, mas não fez nada para reduzir a fúria contida nela. — Milhares deles? É *insanidade*. E sabe como vamos alcançar essa produção? Não será com trabalhadores pagos, com certeza.

— Como será, então? — perguntei, hesitante.

— Prisioneiros. — Sua voz embargou, mas ele continuou: — Nós já os usamos em pequena escala. A SS os fornece para nós. Chegam em ônibus lotados dos campos a cada poucas semanas.

— Prisioneiros alemães?

— De toda a Europa. Em sua maioria, judeus. — Jürgen ergueu uma mão trêmula para esfregar a testa. — Se Hitler ordenar uma produção em larga escala, serão os inocentes homens judeus que pagarão o preço.

Eu já tinha visto meu marido passar por seus altos e baixos ao longo dos anos, mas eu nunca o vira assim. Ele estava arrasado, com raiva, extenuado e quase derramando vergonha e culpa. Um arrepio de medo percorreu meu corpo.

— Nós dois dizemos a nós mesmos que estamos apenas protegendo a nossa família, mas ela já foi prejudicada por nossa decisão de protegê-la — soltei. — Georg e Laura se alienaram pela propaganda e não temos como corrigi-los. Você é parte de algo que odeia, eu posso *ver* que isso está matando você.

A vida em Berlim permanecia próxima do normal, apesar de alguns racionamentos e, de vez em quando, alguns ataques aéreos. Os jornais pintavam o Reich como vítima da agressão europeia, sempre avançando para fazer o bem, nunca para prejudicar. Porém, a máquina de guerra era movida por homens alemães que, quando retornavam em períodos de licença, levavam a realidade para casa. Eu já tinha ouvido rumores suficientes de prisões sistêmicas de judeus por todo o Reich expandido para saber que havia uma verdade hedionda ali. Esses sussurros circulavam ao meu redor, como peças de um quebra-cabeça que eu sabia no meu coração ser sombrio, mesmo que eu não pudesse ver o quadro inteiro e mesmo que, no dia a dia, tudo parecesse tão distante.

— Todas as manhãs, eu acordo e sigo em frente, como se tudo isso fosse aceitável. Então, sou cúmplice também, não

sou? — sussurrei.

Ficamos sentados em silêncio por um longo tempo e eu tentei recuperar aquela sensação de paz, concentrando-me na paisagem, nos sons e nos aromas do lago. Mas não consegui relaxar, não depois de ouvir o tormento na voz do meu marido e especialmente depois que ele se virou para mim e disse em voz baixa:

— Eu faria qualquer coisa por você e pelas crianças. Qualquer coisa.

— Eu sei — ele já tinha provado isso com sobras ao longo daqueles anos.

— Todos os dias, quando tudo parece demais, quando quero gritar por causa da insanidade do que está acontecendo, penso em você e nas crianças, e isso é tudo que posso fazer para continuar.

— Mas a loucura está se espalhando por toda a Europa e estamos sentados aqui bebendo vinho — lamentei amargamente.

— É exatamente por isso que eu adquiri este lugar. Porque precisamos dele. Pode chegar o dia em que decidamos que manter a família segura não pode ser nossa maior prioridade no contexto do que está acontecendo — ele respirou e estremeceu. — Percebi que, se precisarmos traçar uma linha na areia e dizer *até aqui e não mais...* Bem, desde que nos encontremos aqui, podemos descobrir uma maneira de falar livremente. Podemos trabalhar juntos para criar um plano.

Depois daquele final de semana, prometi que as viagens à casa do lago seriam minha maior prioridade.

GEORG VINHA PERGUNTANDO SE HANS PODERIA PASSAR UM FIM DE SEMANA conosco na casa do lago desde sua primeira visita e eu sempre neguei. Queria reservar aquele lugar para nossa família. Porém, no verão de 1942, finalmente cedi e Hans se juntou a nós para ficar uma semana. Ele tinha quase treze

anos e eu senti que estava aliviado por sair um pouco da agitação de sua própria casa. Lydia e Karl haviam alcançado sua meta de oito filhos para o Reich, mas, apesar de sua pequena equipe de babás, parecia que esperavam que Hans fizesse o papel de pai. Eu sabia, da minha própria infância, exatamente como isso poderia ser solitário.

Apesar de tudo, eu gostava de Hans. Ele era muito parecido com o meu Georg, um bom garoto, embora deformado pela influência nazista. Afastado de tudo aquilo, pude ver a bondade de seu coração ser libertada novamente. Se Georg não lavava o prato depois do jantar, Hans o lembrava de fazê-lo. Se Laura se sentia excluída, Hans encorajava Georg a incluí-la.

Eu mal via as crianças durante o dia. Elas desapareciam pela porta da frente assim que acordavam e só voltavam quando sentiam fome ou ficavam muito queimadas de sol para continuar se aventurando. À noite, iam cedo para a cama, descansando para se preparar para o dia seguinte.

Quando a semana acabou, Lydia chegou para buscar Hans. Eu esperava que seu motorista viesse sozinho, então fiquei surpresa e um pouco consternada quando ela saiu do banco de trás de sua BMW prata. Ela deixara os demais filhos para trás com as babás.

— Vocês estão passando muito tempo aqui — ela comentou ao nos sentarmos à mesa da cozinha. — Eu queria ver como é esse lugar.

Coloquei uma xícara de “café” de chicória diante dela e me sentei na cadeira à sua frente para tomar o meu. Examinei a cozinha, tentando vê-la com seus olhos. Eu tinha fornecido poucos detalhes para ela sobre a casa, sabendo que ela imaginaria algo mais majestoso se usasse sua própria imaginação.

— Tem sido uma bênção podermos nos reconectar enquanto Jürgen está ocupado com o trabalho.

— Ele vem hoje?

— Esse é o plano. Ele deveria ter vindo no final de semana passado, mas ficou preso com algo.

— Ele não contou? Foi principalmente por isso que decidi vir. Para parabenizá-la. — Ela parecia dividida, olhando ao redor e mordendo o lábio. — Achei que Jürgen havia lhe contado.

— O que aconteceu? — inquiri, espantada.

— Ele é humilde, só isso. É por isso que ele não lhe conta essas coisas. Ou talvez ele quisesse contar pessoalmente...

— A julgar pela semana passada, ele pode ter que cancelar a viagem no último minuto, de qualquer forma. Não estenda o suspense.

— Eles nunca estão realmente certos até que os resultados sejam processados, e isso parece levar muito tempo. É *tanta* matemática... — Quando assenti com a cabeça, impaciente para que ela continuasse, ela respirou fundo e quase me derrubou da cadeira quando desabafou: — Mas Karl disse que, com base no que sabem até agora, parece que o foguete do teste da semana passada chegou ao espaço.

Se isso fosse verdade, era notável, uma conquista que mudaria o mundo. Fiquei imediatamente magoada por Jürgen não ter ligado para me contar, mas logo depois veio a preocupação e a tomada de consciência.

Jürgen sempre me poupou do pior de seu trabalho. O fato de ele não ter ligado para me informar sobre o sucesso do lançamento provavelmente indicava que havia um lado sombrio naquilo, algo que ele não podia falar pelo telefone, ou talvez algo que ele ainda não estivesse pronto para falar.

JÜRGEN CHEGOU NAQUELA TARDE E FOI IMEDIATAMENTE COOPTADO PELAS crianças.

— Vem ver a gente nadar, papai! — elas gritaram. Ele riu e prometeu que o faria assim que deixasse sua pasta dentro de casa. Eu estava no píer, observando Georg, Laura e Gisela correrem pela plataforma de madeira e fazerem

poses dramáticas ao se lançarem na água. Gisela, agora com cinco anos, ainda não era uma boa nadadora, então os dois mais velhos a ajudavam a voltar para a praia após cada mergulho.

Jürgen caminhou pelo píer para se sentar comigo, deixando um espaço estreito para as crianças correrem ao nosso lado. Ele passou os braços pela minha cintura e eu me encostei nele. Estávamos na hora dourada: os raios de sol perfeitamente tingidos de vermelho que recaíam sobre o lago me deixavam preguiçosa e sonhadora. Tudo ao redor parecia um cartão-postal, mas especialmente com o torso forte de Jürgen contra minhas costas e seus braços em volta da minha cintura. Observamos as crianças brincarem em silêncio por um tempo, compartilhando apenas uma risada aqui ou ali enquanto se exibiam para nós. Mas a notícia de Lydia pairava nos limites da minha consciência, exigindo atenção.

— É verdade? Seu foguete chegou ao espaço?

— Talvez. Provavelmente — Jürgen balbuciou. — Ninguém sabe ao certo ainda.

Virei-me sem jeito para encará-lo, sem acreditar.

— Não foi esse o seu sonho durante toda a vida?

— Não era para ser assim.

Ele estava rindo das crianças apenas um momento antes, mas seu olhar adquiriu um ar atormentado. Mudei de posição para observá-lo, com a intenção de dedicar toda a minha atenção a ele.

— Mamãe! Olha para mim! — protestou Gisela.

— Um minuto — suspirei. — Estou conversando com o papai.

— Ainda estou olhando, tesouro — avisou Jürgen, olhando para ela por cima do meu ombro. Observei a alegria em seu rosto ao vê-la correr os últimos passos em direção à ponta do píer, e vi o divertimento em seus olhos quando ela inevitavelmente congelou no último minuto e parou bem na beirada para espiar a água ansiosamente. Eu a observara

por horas naquele dia, e cada salto era da mesma maneira, então eu sabia o que viria a seguir. Gisela voltava para se certificar duplamente de que estava sendo supervisionada, tampava o nariz, inflava as bochechas com ar e depois fechava os olhos antes de se virar e pular cegamente da borda. Notei Jürgen lutando para reprimir uma risada nesse ritual, então ouvi o grito quando Gisela finalmente pulou e senti o respingo de água nas minhas costas quando ela atingiu a água. Mas assim que Gisela começou a remar de volta à praia com as outras crianças, o sorriso no rosto de Jürgen desapareceu. Ele olhou nos meus olhos, sério novamente.

— Otto pediu uma reunião com Hitler. Ele está desesperado, tentando qualquer coisa para salvar o programa.

— Salvar o programa? — repeti, alarmada. — Salvar do quê?

— Sei que os jornais dizem que a guerra está indo bem, mas estamos lutando contra os soviéticos — admitiu Jürgen. Eu tinha ouvido rumores semelhantes em Berlim. — Nosso programa progrediu rapidamente lançando mão de experimentação constante. Essa é uma abordagem incrivelmente cara. Costumávamos ter um orçamento ilimitado. Depois, passamos a ter um orçamento generoso. Agora tivemos uma série de cortes. Otto está preocupado e acha que o programa pode ser encerrado se não tivermos algo pronto para a guerra em breve.

— Mas... se um foguete alcançou o espaço... — comecei a falar, tentando animá-lo. Ele fez que não com a cabeça.

— Isso é apenas parte da imagem, meu amor. Disparamos vários foguetes nas últimas semanas. A maioria falhou. Um teve sucesso. Na verdade, ainda não sabemos como produzi-los de maneira confiável, muito menos se tivermos que fazê-lo em massa e com um orçamento apertado.

— O que você vai fazer? — sussurrei.

— Sonho em encontrar maneiras de minar nosso progresso, mas estou cercado de homens brilhantes. Se eu tentar alguma sabotagem, isso rapidamente ficará óbvio para eles. — Seu olhar passou por cima do meu ombro novamente, pousando nas crianças. — Estou preso aqui e meu trabalho está se transformando em algo hediondo.

OTTO E HELENE DARIAM UMA FESTA DE NATAL EM SUA LUXUOSA CASA EM Dresden. Ele tinha sido promovido no Partido Nazista e fora convidado a se juntar à SS, sendo agraciado com a prestigiosa posição de *Hauptsturmführer*.

Quando chegamos à festa, Otto nos cumprimentou com seu uniforme completo da SS: botas altas de couro, jaqueta e calça cinza, emblemas no colarinho e nas ombreiras que mostravam sua patente. Helene estava grávida mais uma vez. Eu a encontrara várias vezes ao longo dos anos e toda vez que a via ela estava grávida ou segurando um recém-nascido. Naquela noite, ela parecia exausta. Seus olhos miravam o teto, como se ela preferisse estar na cama, no andar de cima, ou em qualquer lugar, menos naquela agitada festa de fim de ano.

— Felicidades — eu disse educadamente, apontando para sua barriga.

— Número oito — ela replicou, tentando claramente se gabar. Porém, seu tom exausto, adicionalmente à maneira como ela suspirou ao falar, sugeria que oito era um número de filhos provavelmente maior do que ela teria preferido.

— Ainda os três filhos apenas? — Otto me perguntou incisivamente. Por sugestão de Lydia, eu havia deixado Georg, Laura e Gisela em Berlim com os filhos dela e suas babás. — Nenhuma chance de Cruz de Honra das Mães Alemãs para você, então. Deve ser muito decepcionante para vocês dois.

A Cruz de Honra das Mães Alemãs era uma medalha concedida para encorajar a fecundidade. A classificação ouro era a mais prestigiosa, reservada às mulheres com

mais de sete filhos. Tanto Helene quanto Lydia tinham sido premiadas no mês de agosto anterior. O olhar de Otto deslizou para Jürgen.

— Talvez o estejamos mantendo longe demais de sua esposa.

Fiquei ruborizada e olhei nervosamente para Jürgen, mas fiquei surpresa por ele não parecer se preocupar.

— Estamos tentando passar mais tempo juntos. Já que não tenho muito tempo para voltar para casa, compramos uma casa de campo em Tollensesee. O trabalho é importante, mas obviamente o dever de Sofie para com o Reich também.

Otto assentiu, satisfeito com a resposta. Eu, por outro lado, me assustei. Jürgen tinha dado uma resposta adequada à provocação, mas havia uma superioridade em seu tom, não em relação a Otto, mas em relação a mim. Esperava-se que as mulheres no Reich fossem submissas a seus maridos, mas nosso casamento nunca funcionou dessa maneira. Eu me forcei a sorrir educadamente.

— Está preparado para a nossa viagem de Ano-Novo? — Otto se direcionou a Jürgen. Ele fez um gesto para o bar e Jürgen me lançou um olhar silencioso de desculpas. Em seguida, caminhou ao lado de Otto em direção ao bar do outro lado da sala, rodeado por homens em uniformes novos em folha.

— Se eu consigo dar ao meu marido oito filhos com todas as viagens que fazemos agora, com certeza você consegue ter pelo menos mais alguns — alfinetou Helene.

— Você viaja com Otto? — fiquei surpresa com a informação.

Ela apertou os lábios.

— Se você quer subir na hierarquia do partido, Sofie, precisa encontrar uma maneira de apoiar o trabalho. Não vou com ele e Jürgen para essa viagem de Ano-Novo porque o bebê chegará em breve, mas já estive com ele nos campos muitas vezes antes.

— Nos campos? — repeti, incrédula.

Ela lançou um olhar confuso para mim.

— Precisamos de muitos prisioneiros para a fábrica — eu estava tão espantada que lutava para manter uma expressão de naturalidade no rosto. — Enquanto Otto e Jürgen buscam novos trabalhadores, tenho inspecionado cada instalação. Há pesquisas inovadoras acontecendo em Auschwitz, Dachau tem uma linda horta... Ah, e claro, há o jardim zoológico de Buchenwald. Você deveria vir em uma viagem. É muito importante que as esposas apoiem seus maridos no trabalho.

— Vou falar com Jürgen sobre isso — consegui dizer.

Mais tarde naquela noite, quando estávamos a sós no quarto do hotel, fiz um gesto para as cobertas quando Jürgen foi apagar as luzes, indicando que queria ficar embaixo delas para conversarmos. Porém, ele bocejou e fez que não com a cabeça. Lancei um olhar incisivo para ele, que suspirou e obedeceu.

— Você esteve nos campos?

— Estou cansado. Não quero falar sobre isso — ele tentou desconversar.

— Helene me disse que vai com vocês.

— Ela acompanhou Otto algumas vezes.

— Ela disse...

— Não quero que você venha comigo, Sofie — ele sussurrou incisivamente. — Nem agora, nem nunca.

— Mas...

— Otto fez o acordo com a SS. Alugamos os prisioneiros com desconto. Recebemos o primeiro carregamento de trabalhadores dos campos há algumas semanas, mas eles estavam... — Sua voz foi diminuindo até ele parar. Fiquei espantada com sua escolha de palavras: *carregamento*, como se os prisioneiros fossem um produto que pudesse ser encomendado por todo o país. O silêncio se estendeu, e tudo que eu podia ouvir era a minha pulsação.

— Quê? — questionei com urgência.

— Não quero falar sobre isso com você — sussurrou Jürgen.

— Diga-me — pressionei. — Conte para mim o que há de errado com eles.

Os boatos que eu ouvira nas ruas de Berlim passavam pela minha cabeça. Sempre suspeitei de que os judeus naqueles lugares corriam um perigo terrível. Jürgen sabia com certeza?

— Os prisioneiros não estão sendo bem tratados e isso é tudo o que você precisa saber.

O objetivo de puxar os cobertores sobre nossas cabeças era abafar nossa conversa, mas não precisávamos nos incomodar naquela noite. A voz de Jürgen estava tão fraca que, mesmo ao lado dele, tive que me esforçar para entender cada palavra. Ficou claro que ele estava profundamente perturbado com o que estava acontecendo, mas queria me proteger do pior, como sempre tinha feito.

Eu não podia enterrar minha cabeça na areia. No que quer que ele estivesse envolvido, eu era parte daquilo também.

— Apenas homens? — quis saber. Aproximei-me dele, subitamente sentindo muito frio, apesar do cobertor sufocante sobre nós.

— Não.

Fechei os olhos e uma imagem de Mayim apareceu diante de mim, seu rosto vívido, como se eu a tivesse visto naquela manhã.

— Você viu Mayim? — eu tinha que saber.

— Os campos são enormes, Sofie. Em alguns há dezenas de milhares de prisioneiros.

— Você acha que ela está em um desses campos?

— Não sei — ele sussurrou. Jürgen dobrou o cobertor para baixo, expondo nossos rostos ao ar frio do quarto do hotel. Virei-me para ele.

— Diga a verdade — implorei.

— Seria só uma suposição.

— Eu não ligo.

Puxei o cobertor de volta e Jürgen sussurrou:

— A maioria dos judeus está presa nos guetos agora.

— Melhor assim do que nos campos, suponho. Ela ficará bem lá?

— É claro, meu amor.

LIZZIE

Huntsville, Alabama 1950

ESTAVA QUENTE NAQUELA NOITE E EU NÃO CONSEGUIA DORMIR. CONTINUEI me lembrando da mágoa no rosto de Sofie Rhodes quando insinuei que Avril Walters era uma pessoa falsa.

Eu me senti melhor por tê-la visitado. Sabia que tinha sido rude, detestável até. Eu pretendia ser. Tinha a sensação de que, até eu descobrir o que estava acontecendo com meu irmão, a melhor maneira de tudo se acalmar era Sofie Rhodes ficar bem longe de nós.

Desisti de ficar me revirando na cama e peguei um copo de água gelada. Depois fui para a varanda, onde pelo menos havia alguma brisa. Apoiei a cabeça na parte de trás do balanço da varanda e fechei os olhos.

— Também não consegue dormir? — perguntou Henry. Ele andou pela varanda e se sentou ao meu lado.

— Está quente lá dentro — suspirei.

— Aposto que está pior no andar de cima.

— Desculpe.

— Não precisa — ele riu, mas rapidamente ficou sério. — Você deixou a porta dos fundos destrancada.

— Deixei? — perguntei, encolhendo-me. — Ops... — Ele checava todas as noites antes de dormir e essa era a segunda vez que eu esquecia.

— Você não está levando isso a sério, Lizzie.

— Estou — protestei. — É a força do hábito, só isso. Estamos aqui faz um ano e nunca tranquei aquela porta.

Além disso...

— Você não o vê — Henry deduziu. — Então, não está tão assustada quanto deveria.

— Não o vejo? — indaguei, hesitante. Lancei um olhar confuso para Henry, preocupada com seu uso do tempo presente.

Henry suspirou impaciente e acendeu um cigarro. Ele esticou as pernas, acomodando-se no assento, e então respirou fundo.

— Eu me internei em um hospital neuropsiquiátrico para veteranos em janeiro, depois que estive aqui para o Natal. Eu menti quando disse que estava trabalhando em uma feira em Nashville. No Natal, desci ao nível mais baixo em muito tempo.

— Quê? Por que você não me contou? — Meu coração doía só de pensar em meu irmão passando por aquilo sozinho.

— Ao longo de todo o tempo que você esteve casada, e mesmo depois de toda a merda que eu fiz você passar nos últimos cinco anos, eu nunca tinha visto você e Cal discutindo. Até a última vez que visitei vocês. Achei que, se seu casamento estivesse em apuros e você estivesse presa neste buraco que é o Alabama com um bando de nazistas, precisaria de mim com a mente boa se o circo pegasse fogo.

— Huntsville não é tão ruim. E eu e Cal estamos bem. — Eu não sabia que ele tinha nos visto brigando. Henry sempre tinha sido mais perspicaz do que as pessoas achavam.

— Eu amo o Cal. De verdade. Mas seu marido é parte de tudo isso. Ele trabalha com eles.

— Ele está apenas fazendo o trabalho dele.

— Não foi exatamente isso que metade daqueles desgraçados de Nuremberg falou? — perguntou Henry. Estremeci. — De qualquer forma, isso não importa agora. Não é sobre isso que precisamos falar. Precisamos falar sobre Bobby.

— Precisamos? — perguntei, surpresa. Eu me lembrava do amigo que Henry tinha feito em sua unidade na Europa, embora ele nunca tivesse me contado muito sobre ele.

— Sim. — Ele baixou o olhar para o brilho do cigarro na mão por um momento, deu um trago e exalou. — Preciso que você entenda uma coisa.

— Ok — falei nervosamente.

— Aquele campo que liberamos. Havia uma placa acima do portão. Um dos homens nos tanques sabia um pouco de alemão. Ele me disse que dizia: *Cada um tem o que merece*. Eles chamavam esse campo de Buchenwald.

— Isso foi em abril de 1945? — inquiri. Henry me escrevia regularmente quando estava na Europa, mas pouco antes do fim da guerra suas cartas pararam abruptamente. Ele terminou seu cigarro e jogou a ponta na grama.

— Percebi imediatamente que aquilo era algo diferente de todas as outras merdas horríveis que já tínhamos visto. Havia carros cheios de corpos empilhados do lado de fora do crematório perto da entrada e não havia mais nada daquelas pessoas, apenas pele e ossos.

— Isso é terrível, Henry. Sinto muito.

— O capitão ordenou que averiguássemos os prédios. Fui com o Bobby. Estávamos andando pelos prédios procurando por nazistas e só encontrávamos pessoas mortas e pessoas meio mortas. Às vezes, seus olhos estavam mortos, embora elas ainda respirassem. Bobby abriu um depósito e tudo aconteceu muito rápido. Em apenas alguns segundos, o nazista naquele quartinho atirou em Bobby, eu atirei no nazista, ambos estavam mortos e eu estava apenas parado em frente ao meu melhor amigo morto e esse estranho morto me perguntando... quem ganhou? Você sabe o que eu percebi? — Sua voz falhou e a angústia em seu rosto quase me quebrou. — Todos nós perdemos, Lizzie. Todos os homens, mulheres e crianças afetados por aquela guerra *perderam*.

Aquela tinha sido uma má ideia. Por cinco anos, Henry permanecera incapaz de falar sobre esse assunto. Falar agora, despertando toda essa dor, só poderia levar a mais caos.

— Querido, talvez você só devesse ir para a cama...

— *Cada um tem o que merece.* Às vezes, eu vejo aquele campo como se ainda estivesse lá e isso não faz nenhuma droga de sentido, a não ser que eu tenha deixado alguma parte de mim mesmo lá.

— Está melhorando com o passar dos anos? — sussurrei.

— Fui ao hospital pela primeira vez em 1946, pouco depois de ter saído da sua casa em El Paso. Eu não conseguia me manter em nenhum emprego. Não conseguia sair da cama. Não conseguia dormir ou comer nem ficar calmo em uma tempestade. Algo tinha que funcionar, então liguei para o Departamento dos Assuntos de Veteranos. Disseram que eu tinha neurose de guerra e só precisava descansar. Eles me internaram em um hospital e me deram remédios para me fazer dormir o dia todo. Eu ficava calmo quando tomava a medicação, mas quando parava... Deus, era o fundo do poço! Ficou claro que eles não sabiam como ajudar homens como eu. Porra, chegaram a me prescrever um curso de “terapia de colheita de flores”. E eu estava desesperado, então segui a enfermeira e colhemos flores o dia todo.

— Não acredito que você nunca tenha me contado nada disso. — Eu não estava apenas chocada. Estava profundamente magoada. Henry não confiava em mim? Ele não entendia o quanto eu o amava, que eu faria qualquer coisa para apoiá-lo?

— Eu tinha vergonha, Lizzie. Ainda tenho — ele admitiu, suspirando pesadamente enquanto meneava a cabeça. — Só quero ser normal de novo, mas é como se meu cérebro estivesse quebrado e nada pudesse consertá-lo e fazê-lo voltar a ser como era. Em janeiro, fui ao hospital para veteranos em Nashville e pedi para fazerem o que

pudessem para me consertar. Eles disseram que vinham obtendo bons resultados com essa nova terapia. Terapia de choque de insulina, esse é o nome.

— Ouvi falar de terapia de choque elétrico, mas...

— É a mesma ideia — ele murmurou. — Eles usam insulina para tratar diabetes também, mas para os veteranos com neurose de guerra eles dão uma dose enorme desse remédio todos os dias. Seis dias por semana. Por dois meses. — Ele olhou para mim. — Meu único dia de folga do tratamento era segunda-feira. É por isso que, quando eu ligava ou escrevia para você, era sempre segunda-feira.

— E o que a medicação faz?

— Faz você se sentir muito estranho. Suado e sonolento, confuso e faminto, e às vezes realmente inquieto, como se não pudesse mexer pernas e braços o suficiente para queimar a energia do corpo. Isso vai ficando cada vez pior até que, bum, você fica muito aliviado quando percebe que está prestes a perder a consciência. E então eu permanecia naquele coma até me tirarem dele. Eles diziam que estimularia meu cérebro a voltar ao que era.

— E... voltou? Valeu a pena?

— O psiquiatra que me deu alta disse que era normal eu ter engordado tanto. Vinte e sete quilos em oito semanas — disse Henry, com a voz baixa. — Ele disse que era normal que meu cérebro ficasse um pouco prejudicado pelo choque, mas isso melhoraria. Mas já faz alguns dias que estou tão confuso que não consigo nem seguir as instruções básicas. Não consigo me lembrar de nada novo. Tenho que escrever tudo. Não posso nem somar dois e dois. Então, não, irmã. Acho que não valeu a pena.

— Por que você está me contando isso agora?

— O ódio que movia aqueles alemães não era uma coisa pequenininha na qual você pode colocar um ponto final e seguir em frente. Eu vi o interior de *um* campo. Apenas uma de quase mil daquelas filiais do inferno, e mesmo cinco anos

depois minha mente está tão esfacelada que há momentos em que nem sei em que continente estou. Deixei aqueles médicos me causarem *danos cerebrais*, Lizzie, porque queria me sentir como eu mesmo novamente. E esses hospitais estão cheios de veteranos como eu, todos nós tão... — Ele apontou para a cabeça, agitando os punhos ao lado dela com uma frustração palpável e dolorosa. — Tão abalados pelo que vimos que talvez nunca mais sejamos os mesmos.

Henry se levantou da cadeira e se esticou longamente, estalando o pescoço no processo. Ele olhou para mim com uma expressão sombria.

— Você precisa entender que esses homens da Sauerkraut Hill não são inofensivos. Ninguém estará seguro enquanto eles estiverem neste país. Nem você, nem Calvin, nem mais ninguém nesta cidade.

— Mas não há nada que possamos fazer — sussurrei. — O governo os quer aqui.

— Não posso controlar isso e você também não. Mas essas pessoas representam um tipo de maldade que você não consegue nem começar a compreender. Você não pode correr riscos estúpidos como deixar a porta dos fundos aberta. O diabo em pessoa está morando a dois quarteirões de distância.

Ele me encarou até eu assentir. Em seguida, forçou um sorriso e deu um passo de volta para a casa.

— Acho que estou finalmente cansado o suficiente para ir para a cama. Boa noite, irmã.

— Boa noite, Henry — Quando ele começou a se afastar, soltei:

— Te amo.

Ele lançou um olhar para trás e murmurou:

— Te amo também.

Eu tinha segurado as lágrimas enquanto Henry contava sua história, mas agora que estava sozinha me permiti chorar. Não só pelos detalhes que Henry compartilhara

sobre os campos, mas por pensar nele naqueles hospitais sozinho com sua dor, envergonhado demais para admitir o quanto estava sofrendo.

Pela primeira vez em muito tempo, pensei em minha mãe. Lembrei-me dela me dizendo que as mulheres da nossa família eram fortes... que éramos sobreviventes. Mas havia um fardo em ser a pessoa forte. Você apoia as pessoas, tenta consertar os problemas para elas... e às vezes você erra e piora tudo. Então, você tem que viver com a culpa.

Virei um pouco a cabeça e olhei para o ponto no pilar de tijolo onde havia encontrado aquele pedaço de prato, e então pensei em tudo o que Henry tinha me dito naquela noite, como seu curioso uso da frase “*não o vê*” para descrever Jürgen Rhodes, como se a ameaça fosse real e palpável. Henry estava sofrendo de novo, e dessa vez era pior. Deveria deixá-lo em paz? Ou deveria tentar ajudar novamente?

Desci da cadeira da varanda e entrei em casa. Já era tarde, mas caminhei pelo corredor até o quarto de Calvin. Bati à porta, mas ele estava previsivelmente roncando, então, quando ele não se mexeu, entrei mesmo assim.

— Cal? — sussurrei, enquanto me sentava no colchão ao lado dele. Estendi a mão e sacudi seu ombro suavemente. Em seguida, me inclinei para mais perto e sussurrei de novo: — Calvin?

Ele despertou lentamente, olhando para mim com as pálpebras pesadas.

— Lizzie? — ele falou com a voz rouca de sono e uma emoção que eu não consegui decifrar imediatamente. Sentei-me e ele se sentou também. Então, tentou tocar a pele nua entre meu ombro e meu pescoço enquanto sussurrava:

— Querida, você está realmente aqui ou estou sonhando?

Eu entrara em seu quarto no meio da noite pela primeira vez na vida. Ele não estava usando os óculos, então não seria capaz de enxergar muito de mim, quanto mais a

angústia na minha linguagem corporal. Calvin, meio adormecido e aparentemente vivendo em uma esperança perpétua, interpretara mal o motivo da minha visita tarde da noite.

Entrei em pânico e procurei seus óculos na mesa de cabeceira. Entreguei-os para ele desajeitadamente enquanto gaguejava:

— Desculpe, desculpe, acordei você. Eu só... eu queria... eu esperava que pudéssemos conversar sobre Henry. Isso é tudo. Apenas sobre Henry.

Calvin pôs os óculos. Eu me afastei um pouco na cama, então me atrevi a encontrar seu olhar. Minhas bochechas estavam quentes de vergonha, mas Calvin não parecia envergonhado, apenas desapontado.

— Falei com ele agora há pouco — as palavras saíam com uma aflição acelerada. — Eu só... só estou preocupada com ele, só isso. Sei que você pensou que conversarmos com ele juntos não era a melhor ideia, para evitar que ele se sentisse encurralado, mas acho que precisamos fazer isso. Talvez no fim de semana, quando todos tivermos tempo.

— É claro — disse Calvin, baixinho. — O que você precisar. Você está bem?

Percebi com consternação que tinha sido por *isso* que eu o acordara. Eu estava chateada e Calvin sempre sabia como consertar as coisas. Mesmo naquele momento, em que as emoções desencontradas entre nós nunca haviam sido tão evidentes, Calvin não titubeou um segundo antes de me dedicar seu cuidado e atenção.

— Estou bem — confirmei, deslizando para fora de sua cama, de repente desesperada para sair do quarto. — Sinto muito por... eu não queria acordá-lo. Eu simplesmente não estava pensando direito.

Naquela noite, percebi pela primeira vez que estava torturando Calvin. Sim, ele me trouxera para sua vida e para morar em sua casa e, sim, nós éramos melhores amigos. Mas eu permanecia fora de alcance e, mesmo depois de

todos aqueles anos, ele continuava a esperar por algo que nunca aconteceria.

39

SOFIE

Wewelsburg, Alemanha Dezembro de 1944

ERA PARA SER A NOITE MAIS IMPORTANTE DA CARREIRA DE JÜRGEN, MAS O trabalho nunca parava. Lydia e eu passamos uma tarde de lazer nos mimando, enquanto Karl e Jürgen vestiam seus smokings e desapareciam para reuniões em algum canto do vasto castelo de Varlar. Eu não o vira desde então, mas não estava ansiosa; o evento não poderia começar sem Jürgen, o convidado de honra.

Lydia estava ao meu lado quando parei na porta do refeitório, observando a cena opulenta. Os presentes, em sua maioria, eram homens em uniformes da SS ou smokings. Apenas umas poucas mulheres tinham sido autorizadas a participar.

Lydia estava usando outro vestido estilo *dirndl*, uma versão mais formal com mangas bufantes e bordados elaborados na saia. Eu vestia a melhor roupa que já tivera, mais elegante que meu vestido de noiva. Um estilista do *Deutsches Modeamt* confeccionara o traje em seda creme, realçado por milhares de pequenas pérolas e contas de cristal.

Eu fingia estar animada, mas não sentia nada além de uma ansiedade crescente. Eu sempre ficava nervosa perto dos nazistas seniores.

Estava particularmente preocupada com Jürgen desde que o programa de foguetes havia sido transferido para o local que eles chamavam de Mittelwerk, logo depois de um bombardeio britânico em Peenemünde, no verão de 1943. A mudança tinha sido inimaginavelmente complexa: toda a operação de foguetes foi movida por mais de seiscentos quilômetros através da Alemanha para os túneis de uma mina de gesso supostamente à prova de ataques aéreos, sob uma enorme colina chamada Kohnstein. Jürgen, Karl e sua equipe foram encarregados de reconstruir o programa de pesquisa e estabelecer uma fábrica para produzir em massa os foguetes nessas minas, tendo recebido apenas alguns meses para fazê-lo.

Eu tentava ligar para ele quase todos os dias, mas seu telefone geralmente não era atendido. Levei as crianças para vê-lo várias vezes, apenas para acabar passando o final de semana inteiro na mansão de Jürgen na cidade vizinha de Nordhausen, esperando uma pausa em seu horário de trabalho, que nunca acontecia. Em certo momento, comecei a saber mais sobre a vida do meu marido por meio de Karl, via Lydia, do que diretamente dele.

Ele estava ocupado, mas não era por isso que evitava minhas ligações. Ele estava estressado, mas não era por isso que ele não tinha tempo para me ver e às crianças. Jürgen estava se afastando de nós e era hora de falarmos sobre isso.

Lydia e eu nos aproximamos do anfitrião na porta e ele nos cumprimentou calorosamente quando nos apresentamos. Depois de verificar um mapa de assentos, ele nos conduziu às nossas mesas.

— A senhora está aqui, sra. Zu Schiller — disse educadamente, puxando uma cadeira para Lydia em uma mesa no fundo da sala.

— Olá, sra. Zu Schiller — disse Aldo Radtke, sorrindo calorosamente de seu assento, algumas cadeiras à frente de nós. — E sra. von Meyer Rhodes. Parabéns.

Uma década depois daquele jantar na casa de Lydia, Aldo não tinha mais o semblante jovem e ansioso, mas ainda parecia doce. Ele era um dos principais membros da equipe de Jürgen, um dos poucos colegas que foram convidados a se juntar a nós naquela noite.

— Olá, Aldo — sorri, acenando com a cabeça para ele. — Obrigada.

Mas Lydia parecia confusa. Ela desviou o olhar de Aldo para o assento dela com uma expressão sombria quando o garçom indicou que eu deveria segui-lo em direção a outra mesa.

— A senhora é uma convidada de honra, sra. von Meyer Rhodes. Tem um assento reservado na frente.

Lydia não era uma mulher acostumada a dividir os holofotes e, naquela noite, ela viu outra pessoa roubar os dela. Encolhi os ombros de forma pesarosa e ela forçou um sorriso, assentindo com a cabeça, como se permitindo que eu fosse para o meu próprio lugar.

A mesa principal estava posicionada em frente a uma pesada cortina de veludo vermelho, voltada para o resto da sala como uma mesa nupcial. Trilhas de hera pendiam na frente e arranjos resplandecentes de flores de inverno foram colocados entre pares de assentos: lírios do vale, amores-perfeitos e sinos-de-coral. O cheiro doce que subia dos arranjos me lembrou do jardim de Adele.

Sentei-me sozinha, sentindo-me desajeitada e exposta, e terminei uma taça de champanhe antes de Jürgen se juntar a mim. Havia fios grisalhos em suas têmporas agora, novas rugas ao redor dos olhos e o smoking estava folgado em seu corpo magro. Toda vez que eu o via naquele ano, ele parecia mais abatido. Agora, enquanto ele se sentava e arrastava sua cadeira para mais perto da mesa, havia uma angústia mal disfarçada em seu olhar.

— O que foi? — sussurrei.

Ele se virou para mim e respondeu pesadamente:

— Fui convidado a me juntar à SS. — Afastei-me e olhei para ele, forçando um sorriso. *Convidado* parecia a palavra errada a se usar, porque sugeria que havia a opção de recusar. — Karl também.

Mas Otto se sentou ao meu lado naquele instante e Helene logo se sentou ao lado dele. Trocamos gentilezas enquanto meu coração acelerava, e meu estômago revirava tanto que não consegui tolerar mais do que uma ou duas garfadas da elaborada refeição.

Seria apenas uma formalidade? Um uniforme, um título e pronto? Ou Jürgen seria forçado a participar de mais atividades contrárias a seus valores? Ele obviamente sabia o suficiente para se preocupar, mas era muito melhor no jogo do que eu. Ele riu, contou piadas, bebeu champanhe e comeu sua comida como se não tivesse nenhuma preocupação no mundo. Mas eu via a tensão nas linhas ao redor de seus lábios e em seus ombros tensos. Ouvia a fragilidade sob suas risadas.

Senti o suor na palma de sua mão quando peguei nela. Jürgen estava com medo, e isso era mais do que o suficiente para me amedrontar também.

AS SOLENIDADES SE INICIARAM LOGO DEPOIS QUE OS PRATOS DE SOBREMESA foram retirados. Otto foi o primeiro a ser homenageado, tendo sido chamado a um pódio no canto da sala por outro oficial sênior da SS, que elogiou seu compromisso com a causa nazista e sua supervisão “genial” do programa de foguetes. O oficial então passou uma fita vermelha, azul e branca sobre sua cabeça. A *Ritterkreuz des Eisernen Kreuzes* repousou reluzente e imponente ao redor do seu pescoço. A Cruz de Cavaleiro da Cruz de Ferro era a condecoração mais alta de toda a Alemanha nazista, raramente oferecida, altamente reverenciada. Quando Otto voltou ao seu lugar, as luzes foram diminuídas. A pesada cortina de veludo atrás de nós foi erguida. Nós, na mesa

principal, nos viramos desajeitadamente para uma grande janela com vista para um gramado iluminado pela lua.

Uma expectativa arrepiante encheu o ar e um profundo silêncio varreu a sala. Um clarão explodiu no gramado, e então fomos arrebatados por um rugido tão alto que fez meus ouvidos doerem. Chamas vermelhas e azuladas irromperam debaixo de um enorme foguete e, depois de alguns segundos, ele subiu, suave e preciso. Houve arquejos de alegria e ovações, depois aplausos ruidosos, enquanto o míssil desaparecia de vista.

Ele poderia rumar para qualquer lugar: para a estratosfera, para o espaço, para a Lua. Poderia levar o homem a novos patamares, expandindo nossa compreensão do universo e da galáxia, ampliando nosso conhecimento sobre nosso mundo e sobre nós mesmos. Mas aquele foguete não seria usado na exploração espacial. Era uma ogiva, destinada a atingir algum vilarejo ou cidade inocente... alguma família desavisada em sua casa, assim como Jürgen uma vez temeu. Seus foguetes, agora de conhecimento público, receberam o novo nome de *Vergeltungswaffe 2*, Arma de Vingança 2, uma das “armas de retaliação” nazistas que deveriam mudar o rumo da guerra. Desde setembro, mais de três mil foguetes V-2 haviam sido lançados, principalmente sobre a Bélgica e Londres. Cada foguete daqueles tinha quase quinze metros de altura e pesava quinze toneladas. Minha cabeça doía ao pensar na escala e no tamanho da operação.

Jürgen seria o próximo a receber sua medalha e, quando foi chamado ao pódio, eu o observei de perto. Ele estava quieto e pensativo ao meu lado quando chamaram seu nome, mas desempenhou o papel tão bem que momentaneamente parecia um homem diferente ao se levantar, uma versão dura e cruel do homem que eu amei por toda a minha vida adulta.

Ele entoou a saudação da vitória de volta para o oficial, com olhar firme e músculos tensos. Mas assim que ele

voltou ao seu lugar ao meu lado, e quando as luzes no ambiente se apagaram e a cortina se abriu novamente, a explosão de chamas de outro foguete iluminou o gramado. Tirei meus olhos do foguete para observar a reação de Jürgen.

As cores das chamas se refletiram no brilho das lágrimas em seus olhos enquanto ele observava o clarão do foguete. A expressão de Jürgen sugeria que ele poderia estar olhando para o inferno.

Então, meu instinto me alertou. Ele recusaria o convite para se juntar à SS? Claro que não. Seria suicídio...

Um frio percorreu a minha espinha. E se esse fosse o intuito?

NÓS DOIS ESTÁVAMOS MAIS DO QUE UM POUCO ALTERADOS QUANDO CAÍMOS na cama e, pela primeira vez em meses, nos abraçamos. Depois de um tempo, Jürgen puxou o cobertor sobre nossas cabeças. Fazia muito tempo que não nos víamos, o maior intervalo desde que passáramos a ter essa rotina, mas o ato de nos escondermos embaixo dos cobertores se tornara muito arraigado em nosso relacionamento, tão íntimo quanto fazer amor. Porém, não encontrei consolo na ação, não naquela noite. Estávamos prestes a ter a conversa que eu temera a noite toda.

— Você tem que fazer isso — falei. Jürgen permaneceu em silêncio. — Por que *seria essa a* linha que você se recusa a cruzar? Depois de tudo o que fizemos? — respirei fundo. — Não é verdade que a guerra está quase acabando, de qualquer maneira? E que Hitler está perdendo?

Os jornais sugeriam o contrário, é claro. A vitória estava ao nosso alcance e, se nossas tropas recuavam, era simplesmente por “razões estratégicas”. Mas aprendi a me orientar pelas pessoas comuns de Berlim, e os rumores nas ruas diziam que a guerra estava praticamente perdida.

— É apenas uma questão de tempo — admitiu Jürgen. — E, quando a Alemanha capitular, o mundo verá o que foi

feito em nome do Reich. A SS é responsável por grande parte da crueldade. Cometi mais do que a minha cota de erros nesta guerra, mas me juntar a esses desgraçados não pode ser um deles.

Ponderei sobre isso, com meu coração afundando. É claro que os membros da SS seriam responsabilizados. Afinal, eles tinham sido os arquitetos dos campos de concentração.

— Então, você acha que, se recusar o convite para se juntar à SS, estará em situação melhor quando os Aliados chegarem — supus.

— Você é mesmo tão ingênua? — ele sussurrou ferozmente. — De uma forma ou de outra, estou praticamente morto. Sou o técnico responsável de um programa que usa trabalhos forçados, Sofie. Os foguetes são um pesadelo por si sós. É quase certo que já causaram a morte de milhares de pessoas inocentes. Mas a operação da Mittelwerk é uma abominação. Serei enforcado. — Sua voz falhou quando acrescentou fracamente: — Eu *deveria* ser enforcado.

— Mas você apenas seguiu ordens — sussurrei. — Você não é responsável pelo que foi feito de errado em Mittelwerk. Ou é?

Ele então suspirou, um som triste e resignado que quase partiu meu coração.

— Esta não é uma conversa para termos debaixo do cobertor — sussurrei, chorando de repente. — Podemos falar sobre isso amanhã?

Empurrei o cobertor de volta para baixo e me sentei. Jürgen também se sentou e nos encaramos na penumbra. Ele apertou a ponta do nariz, semicerrando os olhos como se uma dor física o atingisse.

— Onde mais podemos ter essa conversa, Sofie? — ele indagou, a voz embargada. Comecei a chorar e ele estendeu a mão para segurar meu rosto. — Temos que conversar.

Pressionei a boca contra seu ouvido e sussurrei entre lágrimas:

— Mas talvez não tão cansados e emotivos. Talvez não em um momento em que estejamos os dois meio bêbados.

Ele deu um suspiro ao assentir e nos deitamos lado a lado, olhando para o teto. Nenhum de nós dormiu direito.

NO CAFÉ DA MANHÃ DO DIA SEGUINTE, JÜRGEN E EU NOS SENTAMOS COM LYDIA e Karl. Vi o sorriso tenso no rosto dela quando olhou para a medalha, já pendurada no pescoço de Jürgen. Seu olhar imediatamente flutuou para o pescoço nu de Karl e ela cerrou os lábios. Otto e Helene logo se juntaram a nós. Otto usava sua Cruz de Cavaleiro da Cruz de Ferro em volta do pescoço, combinando com a Cruz de Honra das Mães Alemãs de Helene.

Os chefs prepararam um café da manhã comemorativo para todos nós, com fatias grossas de bacon salgado de javali e pão de centeio denso com manteiga fermentada. O melhor de tudo era o café, um café de verdade, o primeiro que eu tomava em anos, pois era impossível encontrar em Berlim durante a guerra. Bebi a primeira xícara tão rápido que queimei o céu da boca.

— Ontem foi um dia especialmente bem-sucedido com os foguetes — anunciou Otto, sorrindo enquanto devorava sua refeição. — Um dos V-2 que lançamos da Zelândia caiu em um cinema na Antuérpia. Estava lotado na hora! Nossa inteligência inicial sugere que quinhentos inimigos podem ter sido aniquilados.

Um aplauso retumbante veio dos comensais do café da manhã, e então eu visualizei em minha mente: *uma tarde comum de quinta-feira. Um cinema, pelo amor de Deus. Um cinema não poderia estar cheio de soldados. Por que estávamos comemorando a morte de centenas de civis?* Bati palmas, embora me sentisse enojada.

Olhei para Jürgen. Ele comemorou com os demais, mas seu olhar estava vazio, como se uma parte sua já tivesse

morrido.

— **T**EREMOS DE FICAR POR AQUI ESTA NOITE — JÜRGEN ANUNCIOU ABRUPTAMENTE. No café da manhã, ele perguntara a Lydia se nossos filhos poderiam ficar na casa dela por mais algumas noites para que eu e ele passássemos um tempo extra juntos. Agora, estávamos no meio da viagem de cinco horas entre o castelo de Varlar e sua mansão em Nordhausen e fiquei surpresa com a mudança repentina de planos.

— Por quê? Não está se sentindo bem?

Ele me ignorou, entrando com o carro no estacionamento de um hotel histórico com muros de pedra em Kassel. Algo em seu silêncio cortante recomendou que eu deixasse a pergunta em suspenso, então não tentei novamente.

Logo estávamos sozinhos, com tábuas de madeira pintadas de preto sob nossos pés e vigas expostas no teto inclinado acima de nós. Havia uma grande cama no centro do quarto, com travesseiros brancos macios e camadas de cobertores grossos. Enormes janelas com moldura de madeira deixavam entrar uma luz azul-prateada, refletida na neve de um telhado próximo. Em qualquer outro dia, em qualquer outra fase da minha vida, eu teria me encantado com a cena.

— Eles vão trazer o jantar para nós mais tarde — disse Jürgen, enquanto se sentava na cama e esticava as pernas. Ele deu um tapinha no colchão ao lado dele e acrescentou carinhosamente:

— Venha cá, meu amor.

— Por que você fez isso? — indaguei, enquanto subia na cama ao seu lado.

Ele imediatamente me puxou para perto e eu me reclinei, com a orelha em seu peito.

— Um quarto aleatório em um hotel aleatório que nem mesmo eu sabia que reservaria me pareceu a nossa melhor chance de privacidade.

— E se o quarto estiver grampeado?

— Eles não podem ter uma escuta em cada quarto no país. E, mesmo se pudessem, fiz o *check-in* com um nome falso.

Ficamos sentados por um tempo enquanto eu ponderava sobre o risco, acostumada demais a supor que nenhum espaço era seguro para eu falar livremente. Escutei a respiração lenta do meu marido e as batidas do seu coração em meu ouvido. Depois de um tempo, ele sussurrou:

— Há uma placa acima do portão do campo de Buchenwald. *Jedem das Seine*. — Os dizeres poderiam ser traduzidos como: “cada um tem o que merece”. — Penso nisso todos os dias. As pessoas do lado de dentro daqueles portões não fizeram nada para merecer seu destino. Sempre pensei que o inferno fosse um mito. Fazia sentido para a Igreja inventar uma mentira como essa, pois a danação eterna é uma forte motivação para convencer as pessoas a obedecer. Mas agora entendo que o inferno não é um conceito abstrato. Ele é real, mas não envolve tridentes ou rios de lava. O inferno é simplesmente o lugar onde se perde a esperança. — Ele suspirou pesadamente. — Sofie, até minha mansão é assombrada.

— Assombrada?

— Otto disse que a mansão era uma recompensa. Um lugar grande o suficiente para você e as crianças se hospedarem. Fiquei contente no início, é uma casa adorável. — A mansão tinha móveis caros, aparelhos novos e amplo espaço. — Fiquei sabendo pelos vizinhos que a mansão pertencia a um empresário judeu. Fora tomada dele, assim como a sua empresa. Comprei um colchão novo, mas é na cama *dele* que eu durmo. Quando chego em casa depois do trabalho, eu o *sinto* ali. Tiramos tudo das vítimas do Reich. Suas casas. Famílias. Comunidades. Roupas. Pertences. E agora forçamos os prisioneiros a trabalhar dia e noite para nós em Mittelwerk, e o que lhe damos em troca é somente a chance de respirar mais uma vez, nunca há garantia de

mais do que isso. Não há esperança de resgate ou alívio. Isso é o que eu fiz com eles.

— Bem, *você* não... — comecei, mas o senti negar com a cabeça furiosamente atrás de mim.

— Eu estive nos campos. Vi sob que condições essas pessoas estão presas. Fico parado sem fazer nada enquanto Otto e Karl as obrigam a trabalhar até a morte em Mittelwerk. Aqueles homens construíram foguetes seguindo as *minhas* instruções. Quando a história da guerra for escrita, as páginas estarão recheadas de homens dizendo: *Eu estava apenas seguindo ordens*, e o mundo saberá que isso é ficção. Todas as vezes que optei por não me posicionar, eu me *posicionei*, mas do lado errado.

Sentei-me e virei-me para encará-lo. Ele tremia de raiva e culpa, e quando toquei seu ombro, ele me afastou.

— Nada disso é sua culpa, Jürgen.

Ele se virou para olhar pela janela. Estava gelado lá fora e grossos flocos de neve começaram a cair. Sem se voltar para mim, ele murmurou:

— Você e as crianças poderem ter uma vida relativamente comum em Berlim foi a única coisa que me fez continuar nos últimos anos. Mas, de vez em quando, percebo que é minha culpa você não ter ideia do custo de você ter essa vida agradável.

— Jürgen... — sussurrei, chocada.

— Eu queria protegê-la dos horrores do que vi. Do que eu faço parte. Mas não consigo continuar mais, Sofie. Mais cedo ou mais tarde, você terá que saber a verdade.

— A verdade? — repeti, hesitante.

— Um tempo atrás, comentei que Otto afirmara que não havia sentido em fazer os prisioneiros de Mittelwerk viverem e trabalharem no estado em que estão. Sei que ele odeia os judeus. Mesmo em um nível prático, parecia fazer sentido sermos mais inteligentes quanto às nossas práticas de trabalho. E você sabe o que ele disse? — Ele não esperou pela minha resposta antes de continuar: — Ele disse que,

quer os trabalhadores caíam de um andaime, morram de fome ou doença ou voltem para os campos, o resultado é o mesmo. Alguns dos campos mudaram. Agora são campos de extermínio. — A voz de Jürgen falhou. Ele pigarreou e sussurrou: — Otto sabe que a guerra está perdida, todos nós sabemos. O Reich tentará varrer os judeus da face da Terra até a queda da Alemanha.

— Mas... deve haver centenas de milhares de pessoas naqueles campos...

— Milhões — ele corrigiu, e então, para meu horror, ele caiu em prantos. — E eles planejam assassinar todos.

— A logística necessária faz disso algo impossível — argumentei. — Você deve estar errado, Jürgen. Isso é simplesmente impossível.

— Eles desenvolveram um gás que sufoca em minutos. Homens, mulheres, crianças... não importa para a SS. Milhares de pessoas morrem de uma vez, e alguns campos estão levando essas execuções a cabo vinte e quatro horas por dia.

— Você não pode estar certo. Isso não pode ser real. Não milhões de pessoas...

— Sofie. Tenho *certeza*.

Eu estava lívida. Meus nervos ficaram à flor da pele e minha respiração se tornou difícil. Comecei a chorar, com grandes soluços de vergonha, confusão e tristeza. A guerra sempre é feia. Mas o que Jürgen contara era diferente, pois envolvia uma escala de crueldade e violência impossível de entender.

Talvez eu presumisse que, quando a Alemanha fosse derrotada, tudo voltaria a alguma normalidade, que Mayim voltaria para casa ou eu a encontraria na Polônia, e Jürgen poderia ser feito prisioneiro de guerra, talvez até fosse para a cadeia, mas que, no final das contas, haveria um *depois*.

Porém, estávamos jogando sob regras diferentes: a escala e a profundidade da depravação do Reich haviam mudado

tudo, e o impacto sobre nós fora o menor. O mundo nunca mais seria o mesmo.

— Sei disso há meses e não fiz nada. Quantas pessoas morreram nesse meio-tempo? Quantas vidas eu poderia ter salvado se tivesse tomado decisões diferentes? — ele sussurrou, quase para si mesmo.

Meus membros amoleceram. Afundei na cama, minha cabeça caiu no travesseiro e dobrei as pernas enquanto meus soluços vinham com mais força. Permanecemos assim por um longo tempo. Eu de lado, de frente para Jürgen; ele de costas, chorando silenciosamente enquanto olhava para o teto. A luz de fora mudava conforme o sol se movia, até que as sombras caíram sobre a neve e o quarto começou a escurecer.

— Por causa de tudo que já aconteceu e do que ainda está adiante de nós — disse Jürgen, depois de um tempo —, sei que você entende por que eu não posso me juntar à SS.

Minha garganta ardia de chorar e meus olhos estavam inchados das lágrimas.

— Quando a guerra vai acabar? — sussurrei, estendendo a mão para tocar sua bochecha. Ele levantou a mão e, por um momento assustador, temi que ele afastasse a minha. Mas, em vez disso, ele a pegou, descansando a palma sobre a minha enquanto eu tocava seu rosto.

— Estamos perdendo terreno; lenta, mas inexoravelmente. Visitei alguns locais do Reich para os testes nos últimos meses e há sinais de que já há soldados desertando, até mesmo nossos equipamentos estão desmoronando. Mas ainda falta tempo até que os Aliados cheguem à Alemanha. Pode demorar alguns meses.

Assenti com a cabeça, devagar.

— Apenas uma questão de meses — assenti, hesitante. — E você acha...

— Eu já disse. Eles vão me enforcar.

— Mas é claro que...

— Sofie — ele me interrompeu com a voz embargada. — Se você visse as condições em Mittelwerk, entenderia por que serei enforcado.

— E se você recusar o convite da SS...

— Quer eu espere e me renda aos Aliados, quer eu me recuse a me juntar à SS, o resultado será o mesmo. Eis uma linha derradeira que eu posso me recusar a cruzar. É tarde demais para fazer qualquer diferença para as pessoas com quem falhamos, mas pelo menos terei a dignidade de saber que tomei *uma* decisão certa.

— Você pensou no que acontecerá com as crianças se você se recusar a se juntar à SS? Elas serão párias — sussurrei, hesitante.

— Não pensei em nada além disso desde a noite passada — ele bradou abruptamente. — As coisas serão difíceis para elas até o fim da guerra, mas elas acabarão se recuperando.

Abatido, Jürgen me puxou para perto. Encostei meu rosto em seu pescoço e chorei.

— Espere — implorei entre soluços. — Jogue o jogo até a guerra acabar, Jürgen. Só nos dê um pouco mais de tempo para um milagre.

— Somos as últimas pessoas no mundo que merecem um milagre.

— Cometemos erros, mas não somos pessoas más.

— Você não tem ideia das coisas que vi. O que vi acontecer, sem abrir a boca uma única vez. Você não sabe se eu sou uma pessoa má.

Ele começou a chorar de uma forma que nunca imaginei que meu marido forte e corajoso faria.

— Sinto falta da tia Adele — ele declarou engasgando.

— Eu também — sussurrei.

— Ela saberia o que fazer.

Nem sempre são as árvores mais fortes que sobrevivem à tempestade. Às vezes, são as árvores que se dobram com o vento.

Eu sabia exatamente o que Adele nos diria para fazer, mas eu não tinha mais certeza se essa era a escolha certa.

FIZEMOS *CHECK-OUT* DO HOTEL NA MANHÃ SEGUINTE. MEUS OLHOS ESTAVAM inchados e minha garganta doía de tanto chorar; Jürgen parecia tão fragilizado quanto eu. Fizemos a última etapa da viagem de volta a Nordhausen sem dizer uma palavra. A privacidade do hotel ficara para trás e nenhum de nós parecia ter vontade de fingir. Naquela noite, ficamos na mansão, na casa que agora eu sabia ter pertencido a um empresário judeu. E, assim como Jürgen, senti aquele homem em todos os lugares. Quando o sol se pôs, eu não pude aguentar nem mais um minuto.

— Preciso ir para a cama — falei para Jürgen com a voz rouca. Em meio a tudo isso, ele estava fazendo o que fizera a tarde toda, sentado à mesa da sala de jantar: marcando diagramas com anotações a lápis. Ele olhou para mim, como se tivesse esquecido que eu estava ali. — Você pode vir também?

Eu queria que ele me abraçasse. Queria que ele mentisse para mim, dissesse que tudo ficaria bem. Em vez disso, ele se voltou para as plantas com o olhar vazio.

— Preciso disso para amanhã. Já vou.

JÜRGEN JÁ HAVIA SE LEVANTADO QUANDO ACORDEI NA MANHÃ SEGUINTE. OUVI-o caminhando pela sala de estar. Enquanto eu despertava lentamente de uma noite de sono esporádico, ele apareceu na porta, completamente vestido.

— Desculpe, não posso ficar para tomar o café da manhã com você — ele disse. — Tenho uma reunião cedo e dormi no... já estou um pouco atrasado.

Fiz um esforço para me sentar e olhei fixamente para ele. Ele tinha feito a barba e vestia um terno. Ele olhou para o relógio, claramente nervoso com o horário.

— O que... você decidiu? — comecei a sussurrar, mas parei, sem saber como perguntar se ele tomara uma

decisão sem denunciar suas dúvidas a quem pudesse estar ouvindo.

Ele fez que não com a cabeça e, em seguida, deu dois passos para a cabeceira. Ele se inclinou para beijar minha bochecha e sussurrou em meu ouvido:

— Não vou fazer nada drástico sem falar com você. Porém, se eu ligar e pedir para você me encontrar, pode achar uma maneira de vir até aqui para dizer adeus?

Desanuviamos, mas não resolvemos nada. Segurei seu braço assim que ele se moveu para se endireitar, e então me ajoelhei e joguei meus braços ao redor do seu pescoço.

— Eu te amo — ele declarou suavemente.

— Eu te amo também.

Arrastei-me para fora da cama depois de um tempo, decidida a arrumar a mansão antes de começar a longa viagem de volta a Berlim. Porém, assim que entrei na sala de estar, vi as plantas na mesa, nas quais ele estivera trabalhando na noite anterior. Fiquei olhando para elas, tentando entender os rabiscos e os diagramas, incapaz até mesmo de decifrar o que cada componente representava.

Então, lembrei de Jürgen me dizendo que ficaria trabalhando até mais tarde porque precisava das plantas naquela manhã.

AENTRADA DE MITTELWERK ERA UMA GRANDE ABERTURA NO NÍVEL DO SOLO em um lado de uma colina, guardada por dezenas de homens em uniformes da Wehrmacht e da SS. Achei o local facilmente. Vários policiais cercaram meu carro no minuto em que me aproximei do posto onde estavam.

— Está perdida, moça? — indagou um jovem soldado. Vasculhei as plantas de Jürgen com o coração disparado quando olhei para a arma em sua mão e a expressão hostil em seu rosto.

Mas, naquele momento, vi Aldo a alguns metros de distância, supervisionando um guindaste que levantava algumas chapas de metal para a traseira de um pequeno

vagão de trem. Aldo olhou para mim assim que o notei, colocou sua prancheta em uma pilha de caixas e correu em minha direção.

— Sra. von Meyer Rhodes — ele me cumprimentou. — O que faz aqui? Olhei para além dele em direção à entrada. A boca do túnel tinha a altura de cerca de dois andares. Dois conjuntos de trilhos de trem desapareciam na escuridão e, mesmo do posto de guarda, eu podia ver pessoas circulando lá dentro. Algumas usavam uniformes listrados.

Se você visse as condições em Mittelwerk, entenderia por que serei enforcado.

Eu queria entender. Permitted que Jürgen me protegesse por todos esses anos e, ao fazê-lo, deixei que ele carregasse o fardo de uma culpa que ambos merecíamos dividir. Eu não podia consertar nada, mas podia encarar a verdade.

— Jürgen esqueceu alguns documentos importantes — informei. Minha língua grudou no céu seco da boca.

— Eu levo — Aldo se ofereceu.

Neguei com a cabeça e peguei as plantas.

— É muito importante que eu o encontre — falei com uma voz mais forte. — Por favor, me leve até ele.

Estacionei meu carro na lateral, de acordo com as instruções do guarda, e atravessei os portões. Aldo estava me esperando ao lado de um pequeno caminhão cáqui. Parecia indeciso, alternando o olhar entre mim e a entrada do túnel.

— Ele está longe...

— Tudo bem — forcei um sorriso confiante. — Não estou com pressa.

Sentei-me no banco do passageiro e Aldo deu a partida no caminhão. Então, olhou para mim uma última vez.

— Não é agradável lá dentro, Sofie — disse com a voz baixa. — Tem certeza de que quer fazer isso? Sei que Helene Schönerer está acostumada com os campos, e mesmo ela achou... demais.

— Só estou aqui para ver Jürgen — assegurei. — Vamos logo acabar com isso.

Ele deu um suspiro, assentiu com a cabeça e manobrou o caminhão para sairmos.

— Levante o vidro, por favor. — Obedeci, e Aldo fez o mesmo do lado dele, conforme o carro entrava na boca do túnel.

No interior, a luz era muito mais fraca e, no início, foi difícil de enxergar. Enquanto meus olhos se ajustavam, vi dezenas de homens trabalhando sobre mesas e em componentes em carrinhos-plataforma sobre trilhos. Aldo dirigia devagar, contornando algumas dessas estações, passando por cada um dos trilhos de trem em momentos diferentes para evitar os vagões que haviam sido deixados lá. À medida que avançávamos, o ar no carro tornava-se tão pungente que meu estômago revirava a cada respiração.

— Que cheiro é esse? — Cobri o nariz com a mão e tentei respirar pela boca, mas mesmo dentro do carro lacrado pude sentir o gosto pútrido.

— Tivemos que nos mudar rápido depois que a instalação de Peenemünde foi bombardeada e temos metas altas para cumprir com os V-2s. Não houve tempo para instalar saneamento ou ventilação...

Agora, algumas dezenas de metros túnel adentro, vi um túnel transversal tosco que parecia ter sido aberto à mão, com suas paredes e tetos de textura áspera e irregular. Fiquei espantada ao ver fileiras de beliches de madeira, a maioria sem nem mesmo um colchão sobre eles, e, ao lado, barris alinhados, um após o outro. Um homem estava sentado no último barril. Suas calças listradas estavam abaixadas em torno de seus tornozelos, mas ele parecia inconsciente, encostado na parede atrás dele, a boca aberta e os olhos vagos mirando o teto. Dei um grito sufocado involuntariamente e fechei os olhos.

— Eles... os prisioneiros *vivem* aqui dentro?

Olhei pela janela novamente, e então notei os ombros caídos dos homens enquanto trabalhavam.

— Alguns vivem no campo de Dora agora, não muito longe daqui. Mas outros homens ainda vivem nos túneis transversais. É uma questão de eficiência, entende? Se eles estão aqui, não perdemos tempo transportando-os entre um lugar e outro.

Percebi o que ele estava realmente dizendo: o programa de foguetes era mais importante do que qualquer outra coisa, uma prioridade ainda maior que a higiene, a dignidade, o conforto ou até mesmo a santidade da vida humana.

Virei-me para encarar o túnel à frente do carro, mas meus olhos enfim se ajustaram à luz e vi uniformes listrados pendurados em estruturas esqueléticas por toda parte. Havia centenas de homens naquela seção, talvez milhares. Eles estavam curvados sobre mesas, fixando peças delicadas em pequenos componentes. Estavam em andaimes, trabalhando nas luzes que iluminavam a passagem. Estavam caídos no chão, como se tivessem morrido de pé e simplesmente houvessem se dobrado sobre si mesmos. Estavam empurrando vagões de trem com as mãos, dezenas deles grunhindo e fazendo caretas enquanto tentavam empurrar componentes.

Nenhum deles olhou para o carro quando passamos, e eu não queria nada além de desviar o olhar deles também. Cada um parecia mais abatido que o outro, seus cabelos emaranhados, os corpos muitas vezes mostrando sinais de trauma: uma mão ensanguentada, uma claudicação grave, um rosto machucado. Todos os homens estavam emaciados. Eu não tinha ideia de como suportavam o intenso trabalho manual; às vezes, eu via quatro ou cinco homens trabalhando juntos para levantar um pequeno pedaço de metal, ou dois homens lutando para encaixar um pequeno componente no lugar.

— Como você aguenta isso todos os dias? — sussurrei para Aldo.

— Tentei alertá-la — ele disse fracamente. — Este não é lugar para uma dama.

— É sempre assim?

— Era muito pior no começo — respondeu. — Isso aqui está mais ordenado... menos inquietante do que costumava ser.

Meu estômago embrulhou com o pensamento. Pressionei o punho na boca. Eu queria orar pedindo forças, mas tinha a sensação de que o que acontecia naqueles túneis estava além da compreensão até mesmo de Deus.

O túnel era interminável. Parecia que estávamos no caminho havia horas, embora uma olhada no meu relógio confirmasse que apenas alguns minutos haviam se passado. Eu estava desesperada para ver Jürgen. Desesperada para sair dali. Como os prisioneiros suportavam aquilo?

— Ainda falta muito?

— Mais algumas dezenas de metros.

— Qual é a extensão dessa instalação?

— A volta inteira por ambas tem cerca de três quilômetros.

— É *tudo* assim? — perguntei, quase sem voz.

— Sim.

Seguimos em silêncio. Não fosse a evolução dos foguetes na linha, eu seria capaz de jurar que estava em um circuito infinito do mesmo túnel de quinze metros, uma montagem repetida e repugnante das profundezas absolutas da miséria humana.

Mas então eu finalmente vi Jürgen, em seu traje protegido por um jaleco e com uma prancheta na mão, ao lado de um foguete que parecia totalmente montado. Aldo estacionou o veículo, mordendo o lábio.

Só então Jürgen me notou. Ele passou a prancheta para um homem ao seu lado, batendo-a contra o seu peito em

um movimento que parecia uma agressão, e, sem dizer uma palavra, caminhou em minha direção.

— Que *diabos* você está fazendo aqui? — ele ralhou.

— Eu... vim trazer isso para você — gaguejei, estendendo as plantas para ele.

As narinas de Jürgen se dilataram. Ele me agarrou com firmeza pelos cotovelos e me arrastou para o túnel transversal nas proximidades. Vários trabalhadores em uniformes listrados saíram correndo do espaço quando nos aproximamos, dispensados sem uma palavra. Quando ficamos sozinhos, Jürgen jogou as plantas no chão e segurou meu rosto com as mãos trêmulas.

— Você não deveria estar aqui — ele engasgou, olhando desesperadamente nos meus olhos. — Sofie, eu nunca quis que você visse isso.

— Eu não queria entrar, juro. Mas quando cheguei aqui com as plantas, percebi que era a minha chance de entender... — Sua garganta se movia como se ele quisesse falar, mas Jürgen não disse uma palavra, apenas olhou nos meus olhos. — Lembra? Você disse que eu não entendia. Você disse que eu não sabia quanto custava eu e as crianças vivermos nossas vidas em Berlim. Eu queria...

— Isso não é um jogo — ele explodiu, afastando-se de mim e apertando a ponte do nariz. Ele respirou fundo, então baixou a voz e pediu:

— Saia daqui, Sofie. *Por favor.*

Eu me contive até voltar para o meu carro, sair pelos portões e estar novamente na estrada principal. Mas então parei em um acostamento e abri a porta do carro no exato momento em que senti uma náusea violenta.

PASSEI A TARDE ATORDOADA, TENTANDO PROCESSAR O QUE VIRA EM MITTELWERK, mas a escala do sofrimento era grande demais para “interpretar”.

Eu queria me redimir.

Mas não havia como me redimir.

Mesmo se eu pudesse libertar pessoalmente todos os homens naquele túnel, ainda não seria suficiente. Eles foram submetidos a condições, dores e torturas que estavam além de qualquer coisa que pudesse ser perdoada. Mesmo que fossem libertados naquele minuto, passariam o resto de suas vidas feridos.

Jürgen e eu tivemos um tipo estranho de discussão naquela noite, rabiscando furiosamente folhas de papel enquanto tentávamos negociar uma maneira segura de discutir o que eu vira. Eu queria ir para outro hotel para que pudéssemos conversar livremente. Ele se recusou, dizendo que levantaria suspeitas. Ele queria “falar sobre isso outra hora”, o que eu suspeitava significar que ele não queria falar hora nenhuma. Por fim, arrastei-o para o banheiro, fechei a porta com uma batida e então abri a torneira.

— Temos que conversar — desapareci.

— Os V-2s causaram danos consideráveis em Londres... em outras cidades também. Isso por si só já é uma tragédia que me deixa acordado durante a noite. Nosso serviço de inteligência diz que talvez alguns milhares de pessoas tenham morrido — ele sussurrou intensamente. — É assustador. Mas...

— Mas...? — repeti, examinando suas feições.

— A culpa disso me deixa enojado, mas não termina aí — ele murmurou. — Nós perdemos esse número de prisioneiros toda *semana* fabricando foguetes. Talvez mais. Entre acidentes, espancamentos, doenças... temos vagões de trem cheios de corpos todos os dias. Produzimos duas coisas naqueles túneis: foguetes e morte. Mittelwerk é um local de extermínio, que não oferece nem mesmo a misericórdia pateticamente pequena de uma morte rápida para suas vítimas.

Pensei na rapidez com que a notícia se espalharia se Jürgen se recusasse a entrar para a SS. Sussurros se propagariam como fogo, de Nordhausen a Berlim, por meio de linhas partidárias oficiais e não oficiais. Talvez Berlim

caísse em apenas alguns meses de qualquer maneira, mas eu provavelmente seria interrogada pela Gestapo também, e não podia nem ter certeza de que sobreviveria. As crianças seriam possivelmente tiradas de nós.

Porém, um dia a guerra terminaria. O interminável bombardeio da propaganda nazista cessaria e meus filhos saberiam que seus pais *tentaram* fazer a coisa certa. Muito pouco e tarde demais, é verdade. Mas pelo menos saberiam que havia uma linha que tínhamos nos recusado a cruzar.

— Siga sua consciência, não importa para onde ela leve, Jürgen — falei. — Faça o que tiver que fazer.

Depois de onze anos de altos e baixos e de variados níveis de distância entre nós, Jürgen e eu estávamos exatamente juntos, na mesma página.

NA MANHÃ SEGUINTE, JÜRGEN E EU NOS ENCARAMOS AO LADO DO MEU CARRO. Seus olhos estavam vermelhos e os meus também. O sol ia baixo no horizonte e o vento estava gelado, mas o céu acima de nós era azul. Eu queria sentir cada minúcia daquele momento. Queria lembrar de cada detalhe daqueles instantes com Jürgen, por mais tensos e aterrorizantes que fossem.

Concordamos em não fazer qualquer rebuliço naquela manhã, mas sabíamos que esse provavelmente seria nosso último adeus. Discutimos a possibilidade de trazer as crianças para uma derradeira visita, mas precisaríamos de um tempo que não tínhamos mais. Eu não suportaria perdê-lo, mas sabia qual seria o custo para mantê-lo. Ele não estava disposto a pagar esse preço, e agora que eu vira Mittelwerk com meus próprios olhos, nem eu.

Falhar em um teste de lealdade como o convite de Otto para Jürgen se juntar à SS era suicídio. Jürgen estava determinado a morrer em seus próprios termos. Ele não tinha um plano claro e detalhado, apenas iria para Mittelwerk e procuraria uma oportunidade de fazer um

primeiro e último ato de desafio, talvez libertar um ou dois prisioneiros, ou sabotar a própria linha de alguma forma.

— Eu te amo mais do que sabia que poderia amar uma pessoa — declarei. Meu corpo inteiro estremecia com o esforço que estava fazendo para conter as lágrimas.

A expressão de Jürgen suavizou e ele segurou meu rosto.

— Você foi a minha vida, Sofie von Meyer Rhodes. Meu último pensamento será sobre o quanto sou grato por tê-la dividido com você.

Então nos beijamos, uma última vez, e eu entrei no meu carro e fui embora. A poucos quilômetros de Nordhausen, tive que encostar na beira da estrada porque estava me debulhando em lágrimas.

Às vezes, eu achava que me acostumara, por necessidade, a viver longe de Jürgen. Só agora que nossa conexão estava prestes a ser cortada permanentemente eu entendi que havia sido por causa dela que eu persistira durante aqueles anos.

Naquela longa viagem de volta a Berlim, imaginei com que rapidez eles viriam atrás de mim. Se Jürgen fizesse algum movimento drástico, era provável que eu fosse levada rapidamente. Fui direto para a casa de Lydia ver as crianças, mas um carro preto já esperava na entrada. Estacionei perto dele, sem bloqueá-lo. Eu sabia que ele logo me levaria.

40

SOFIE

Huntsville, Alabama 1950

ERA UMA MANHÃ DE SEXTA E GISELA ESTAVA ENROLANDO DESDE QUE SAÍRA DA cama. Agora, estávamos no portão da escola e ela não queria sair do carro.

— O que foi agora? — perguntei, olhando para o pátio da escola, onde outras crianças atrasadas caminhavam para seus respectivos prédios.

— Só quero ir para casa — ela disse tristemente.

— Podemos conversar sobre isso à noite — falei com firmeza. — Você precisa ir para a aula.

Ela deu um suspiro impaciente e saiu do carro, pausando por um momento antes de bater a porta.

— Mamãe? — chamou Felix, hesitante.

— Sim?

— Preciso fazer xixi.

— Falei pra você fazer antes de sairmos.

— Esqueci — ele murmurou.

Suspirei. Eu normalmente fazia as compras às sextas-feiras de manhã, mas, em vez disso, manobrei o carro para voltar para casa.

Durante todo o caminho, Felix perguntou sobre a televisão, até que comecei a suspeitar que não havia urgência para aquele xixi. Quando chegamos em casa, eu estava irritada de verdade, e fiquei mais ainda quando ele fingiu rapidamente usar o penico e, em seguida, saiu pelo corredor em direção à sala de estar.

— Felix Rhodes — ralhei —, você não vai ver televisão!

Então, mais adiante no corredor, às costas do meu filho, do outro lado da casa, vi um movimento e alguém desaparecendo pela lavanderia.

Havia uma pessoa na minha casa.

Eu deveria persegui-la? Correr para o telefone? Tirar Felix de casa?

A porta dos fundos bateu. Eu finalmente me recompus e corri para a lavanderia, chegando à porta a tempo de identificar somente um leve vislumbre de alguém que desaparecia por cima da cerca baixa dos fundos em direção ao quintal da casa de trás.

Liguei rapidamente para Jürgen no trabalho e contei a ele o que tinha acontecido, com meu coração ainda na garganta. Lembrando da hostilidade que enfrentamos da parte do detetive Johnson, não chamei a polícia.

Quando Jürgen chegou em casa, foi direto aos nossos vizinhos de trás para perguntar se tinham visto alguém, mas não havia ninguém em casa e o intruso desaparecera há muito tempo. Ele então foi preparar uma xícara de chá para mim.

— Você acha que era o cunhado do Calvin? — ele indagou ao me oferecer o chá. Levei a xícara aos lábios, mas estava muito doce e com muito leite para o meu gosto. Lembrou-me do chá de Adele. Isso tanto ajudou quanto machucou.

— Não vi o rosto. — Minhas mãos ainda tremiam. — É só uma suposição.

— E ele levou mais alguma coisa ou só...

— Só as fotos — emendei, minha voz falhando. A princípio, não dei falta de nada. Por um momento, quase me convenci de que imaginara a pessoa em nossa casa. Então, percebi que as fotos que ficavam ao lado da nossa cama haviam sumido. — Quero-as de volta.

Jürgen me lançou um olhar angustiado, sentou-se à minha frente e tomou minhas mãos.

— Eu sei, meu amor — ele disse calmamente. — Devemos chamar a polícia?

— Vai adiantar alguma coisa?

— Acho que não — ele suspirou. — Mas talvez eu devesse ligar para Calvin.

— Não. — Jürgen olhou para mim, surpreso. — Lizzie é odiosa, Jürgen. Você não tem ideia. — Eu me esforcei para explicar como tinha sido angustiante a visita dela no dia anterior. Tinha sido um encontro breve, de apenas alguns minutos, mas o ódio dela por nós era evidente, e eu ainda não conseguira entender seu comentário estranho, que presumi ser sobre Avril. — Não quero piorar as coisas com ela.

— Mas, as fotos, meu amor — protestou Jürgen. — Contar a Calvin o que aconteceu talvez possa ser sua única chance de recuperá-las.

Cobri o rosto com as mãos. Jürgen se aproximou e se sentou ao meu lado, com o braço pousado gentilmente sobre meus ombros.

— Prometo que não vou piorar a situação. Sei o quanto aquelas fotos são importantes para você e não podemos continuar assim. Calvin estava em uma reunião quando eu saí, mas vou voltar ao trabalho e...

— Não! — interrompi, fazendo que não com a cabeça. — Por favor. Você pode tirar o dia de folga? Não quero ficar sozinha. — Seu braço em volta dos meus ombros tensionou-se e eu me virei para pressionar meu rosto em seu pescoço. — Passei sozinha por muitos momentos de ansiedade ao longo dos anos. Quero que as coisas sejam diferentes agora. Quero que as coisas sejam melhores aqui. Quero que você e eu passemos pelas coisas difíceis juntos.

— Ok — murmurou Jürgen, sem hesitar. — Vou ligar e dizer à equipe que precisam de mim em casa.

NAQUELA NOITE, SAÍMOS E COMPRAMOS HAMBÚRGUERES PARA O JANTAR, E então nós quatro nos aconchegamos no sofá para assistir

televisão: Felix em uma ponta, eu, depois Gisela e Jürgen na ponta oposta do sofá, o mais perto que Felix permitia.

— Um progresso? — Jürgen articulou sem falar, apontando com a cabeça para Felix por cima de Gisela. Ele deu um sorriso divertido para mim.

— Otimismo demais achar que *isso* é uma vitória — sussurrei de volta. Porém, eu o estava provocando. Os últimos dias tinham sido terríveis, mas, mesmo no meio disso tudo, eu me sentia grata. *Era* um progresso Felix finalmente se sentar no sofá com Jürgen.

Assim que as crianças foram para a cama, Jürgen verificou as travas de todas as janelas e, em seguida, as portas, certificando-se de que tudo estava trancado, embora já tivéssemos feito esse exercício antes de irmos buscar o jantar. Eu o segui, e inspecionei tudo *duas* vezes, apenas para minha própria paz de espírito. Pelas janelas da frente, examinei a rua em busca de sinais de problemas.

— Venha para a cama, meu amor — pediu Jürgen, pegando minha mão. — Vou abraçá-la até você cair no sono.

Quando deitamos na cama, eu me virei automaticamente para a mesa ao meu lado para procurar as fotos. Quando me lembrei de que tinham sido levadas, meu coração doeu.

Já era ruim o suficiente que nossa casa tivesse sido invadida, e ainda por cima os objetos levados eram pessoais. Aquelas imagens não tinham valor para ninguém além de mim.

Eu me perguntei se quem as pegara, fosse o irmão de Lizzie Miller ou algum estranho, tinha ideia do que realmente roubara ao levar fotografias que representavam minhas últimas lembranças de Adele, Georg, Laura e, claro, Mayim.

Jürgen e eu destruímos todos os vestígios da presença dela em nossas vidas, exatamente como a Gestapo nos havia ordenado, mas aquela foto voltou para mim no momento em que eu mais precisava. Era algum tipo de

penitência que até minha foto dela escapasse do meu alcance?

41

LIZZIE

El Paso, Texas 1943

— ISSO, AVA. SÓ AMARRE A HASTE NA ESTACA AÍ, BOA GAROTA. E, BRIANNA, pegue só um pouquinho daquele húmus e espalhe em volta da base da planta.

Soube durante toda a minha vida que não fora feita para ser mãe, mas fiz uma descoberta surpreendente: eu era uma “tia” fantástica para as duas filhas de Becca, e uma boa professora de jardinagem. Arranquei as rosas e as cercas vivas do nosso quintal e converti cada centímetro quadrado do nosso terreno em um Jardim da Vitória, exatamente como o governo nos incentivava a fazer. Anúncios em revistas davam instruções de como cultivar e preservar nossa própria comida para que as rações durassem mais e, pela primeira vez em anos, minhas unhas estavam pretas de terra e eu estava contribuindo com alguma coisa.

Meu jardim era o orgulho da rua e eu também coordenava a cooperativa de jardinagem doméstica do bairro. As mulheres de quem eu desconfiava tanto nos primeiros anos do meu casamento com Calvin estavam ansiosas para atender ao chamado de fazer o mesmo, mas nenhuma delas jamais arrancara uma erva daninha sequer. Aquele momento pedia uma participação ativa e, de repente, todas queriam um pouco do meu tempo.

Calvin apoiava meus novos projetos, mas eu sabia que ele não gostava que se sobrepusessem ao meu tempo de

cuidar da casa, e eu já aceitara o fato de que precisava gastar mais tempo com minha aparência do que gostaria. Mas tudo bem. Eu era uma mulher que ficava mais feliz quando tinha todo o tempo do seu dia ocupado.

— Você é uma bênção de Deus, Lizzie — afirmou Becca enquanto colocava uma bandeja de limonada em uma mesa perto do jardim. — De verdade. Este jardim é a distração de que precisávamos. Meninas, lavem-se e venham fazer um lanche.

Tirei minhas luvas e sentei-me de frente para Becca, agradecendo quando ela me passou um copo gelado de limonada.

— Alguma notícia do seu irmão? — ela perguntou, e o prazer que eu estava sentindo diminuiu.

— Eles estão estacionados em algum lugar a leste, isso é tudo que eu sei. Só não sei... — Suspirei pesadamente e tomei um gole da limonada. — Henry não liga há muito tempo e suas cartas não dizem muito.

A divisão de Henry havia estado em toda parte para exercícios de treinamento: Arkansas, Louisiana, Califórnia e, por fim, o estado de Nova York. Disse a mim mesma que Henry estava conhecendo o país e que, com um treinamento tão extenso, ele estaria realmente pronto para servir se e quando fosse enviado para a Europa ou para a frente no Pacífico.

Mantive-me ocupada com os jardins. Fiz questão de fazê-lo. Toda vez que eu ficava entediada, meu pânico em relação a Henry e à guerra começava a aumentar.

— Ele vai ficar bem — Becca garantiu gentilmente. Abri a boca para responder que ela não tinha como saber disso, mas eu não podia, porque o marido de Becca, Kevin, estava pilotando aviões em algum lugar sobre o Pacífico.

Se havia um jogo que aprendi a jogar ao longo dos anos da guerra era o do fingimento. Toda mulher sabia jogar. Sempre que conversávamos com alguém que tinha um ente querido nas forças armadas, passávamos para um modo de

otimismo forçado. Pela maneira como falávamos umas com as outras, um observador casual poderia pensar que a guerra não era um cenário perigoso.

— E Kevin vai ficar bem também — falei com firmeza.

● NATAL SE APROXIMAVA E EU ESTAVA TENTANDO FORÇAR UM POUCO DE ALEGRIA. Convidei Becca para, junto de Brianna e Ava, passar o almoço de Natal comigo e com Cal. Elas estavam compreensivelmente preocupadas com Kevin, e eu sabia que Becca estava aborrecida por passar o Natal sem ele.

Eu precisava de um projeto para me distrair também. Fazia semanas que eu não tinha notícias de Henry e a guerra parecia estar saindo de controle.

Eu acabara de pendurar uma fita decorativa na árvore quando ouvi Cal chegar do trabalho. Canções natalinas tocavam no rádio e o cheiro de pinho pairava no ar. Ao meu lado, uma pequena pilha de presentes estava esperando por nossas convidadas: um kit de jardinagem júnior para Ava e Brianna, um perfume para Becca.

— Querida — disse Cal. Percebi seu tom grave e meu estômago se contraiu. Ele segurava um cartão-postal na mão. Parecia contrariado quando o estendeu para mim. Disparei e o arranquei de sua mão.

Queridos Cal e Lizzie,

Estamos partindo amanhã, com destino para sei-lá-onde. Irmã, sei que você ficará aflita, mas não fique, por favor. Estou servindo com alguns dos melhores homens do mundo, e para onde quer que essa guerra nos leve e o que quer que aconteça conosco, sei que representaremos este país com orgulho e honra. Escrevo assim que puder.

Cal, por favor, cuide da minha irmã, sempre.

*Com amor,
Henry*

Berlim, Alemanha Dezembro de 1944

ELES ME LEVARAM PARA O PORÃO DA SEDE DA GESTAPO NA PRINZ-ALBRECHT-Strasse. Minha cela tinha apenas uns poucos centímetros de um lado a outro. Ao me empurrar para dentro, o oficial ordenou aos berros que eu não falasse com nenhum dos outros prisioneiros. Quando a porta foi fechada, a cela ficou completamente escura, exceto por uma linha fina de luz amarela que passava por cima da porta.

Não havia cama nem vaso sanitário, e as paredes eram forradas de tijolos. O espaço minúsculo parecia impossivelmente escuro, úmido e frio, e não oferecia nenhum alívio, porque tudo que eu podia fazer era ficar de pé ou sentar naquele chão de concreto gelado e deixar a umidade passar pela minha saia. O espaço era tão exíguo que não possibilitava nem que eu me deitasse.

Em volta, eu podia ouvir lamentos de arrependimento e sofrimento, choro vindo de uma cela próxima, gritos ao longe. Periodicamente, alguém urrava de dor. Achei ter ouvido alguém tentando sussurrar para mim de uma cela adjacente, mas não me atrevi a responder.

Eu não tinha noção do tempo, apenas a crescente percepção de que, enquanto outras celas se abriam e fechavam, ninguém vinha me procurar. A privação sensorial era uma tortura em si; às vezes, eu me perguntava se apenas alguns minutos haviam se passado, em outras, pareciam dias. Por fim, fiquei tão desesperada para usar o

banheiro que chorei de dor. Batia na porta e pedia ajuda, mas ninguém respondia.

Eu estava tentando estabelecer uma logística para me aliviar no chão quando a porta fez um clique. Então, um súbito clarão de luz apareceu quando ela se abriu. Apertei os olhos e uma explosão de dor atravessou meu crânio com o brilho repentino.

— Pausa para o banheiro — um guarda falou. — Silêncio.

Enquanto ele me acompanhava de volta à minha cela, cautelosamente pedi um pouco de água. Sua única resposta foi a batida da porta quando ele me trancou de novo lá dentro.

Logo pensei que a sede me mataria, talvez antes mesmo do frio. A certa altura cochilei, mas acordei com um sobressalto quando uma porta se fechou em algum lugar do porão. Senti a vibração ecoante da batida, depois o repugnante *clique-clique-clique* de uma fechadura se encaixando no lugar. Depois de horas (dias?) de escuridão, minha audição parecia mais aguçada. Quando meu estômago roncou de fome, o ruído me pareceu tão alto que me perguntei se as pessoas nas celas ao meu redor podiam ouvi-lo.

Então, a porta se abriu novamente. Quando meus olhos se ajustaram à luz, vi o mesmo guarda.

— Pausa para o banheiro — ele falou. — Silêncio.

EU NÃO TINHA CERTEZA DE HÁ QUANTO TEMPO EU ESTAVA NAQUELA CELA. MEU odor corporal era tão forte que, quando eu me mexia, uma onda malcheirosa tomava conta de mim, às vezes me deixando nauseada. Sem acesso à luz do sol, nem mesmo durante as pausas para o banheiro, tudo o que eu podia fazer para avaliar o tempo era contar as interrupções na escuridão: a entrega da tigela de mingau de aveia frio e um copo de água, os intervalos periódicos para o banheiro. Se essas coisas estivessem acontecendo duas vezes por dia, significava que eu estava na cela havia dez dias, mas

parecia muito mais tempo. Meus quadris e ombros estavam machucados de dormir encolhida no chão duro. Eu estava com tanto frio há tanto tempo que minha mente parecia nebulosa, como se meu corpo estivesse perecendo em câmera lenta.

Essa saída da minha cela foi diferente. Encontrei-me sentada em uma sala desolada enquanto um oficial da Gestapo berrava comigo.

— Você e o seu marido são traidores do Reich! Você tem algo a dizer para se justificar?

Meus filhos estão bem?

Por que eu fui detida tão rápido?

Jürgen conseguiu causar algum dano antes de vocês o prenderem?

Ele está morto?

Por que vocês estão me mantendo viva?

Vou voltar para casa um dia?

E, então, um pensamento surgiu, mais claro que todos os outros.

Ele falou sobre Jürgen no tempo presente. Tinha sido um ato falho?

Ergui meus olhos para olhar para o homem à minha frente. O nojo em seus olhos era difícil de suportar. Perguntei-me como se ele sentiria se soubesse que acabara de me dar um presente inesperado. Havia pelo menos uma chance de que Jürgen estivesse vivo.

Aquilo tinha sido o suficiente para me fortalecer novamente, mesmo que meu corpo estivesse fraco. Encontrei seu olhar enquanto ele gritava comigo, e insultava, ameaçava e acusava, mas eu não disse uma palavra.

Dois homens vieram me buscar, agarrando-me com mãos ásperas por debaixo dos braços. Seguimos pelo mesmo corredor, mas desta vez, em vez de me levarem para minha cela, eles me arrastaram escada acima. Meus olhos lacrimejaram com a luz do sol, mas pude distinguir um carro

esperando do lado de fora. Eles me empurraram para o banco de trás.

— Para onde estão me levando? — perguntei. Ninguém respondeu, mas, para minha surpresa, a paisagem na rua à nossa volta logo respondeu.

Quando o carro parou do lado de fora da minha casa, o homem no banco do passageiro atirou a minha bolsa para mim. Eu me agachei para pegá-la.

— Ficaremos de olho em você — ele resmungou secamente. Seu olhar se voltou para a casa de Dietger e Anne. Havia uma silhueta na janela da frente.

— É... é só isso? — murmurei. — Posso ir?

— Ficaremos *de olho* em você — repetiu. — Cada movimento que fizer, nós saberemos.

A casa estava vazia quando entrei. O relógio na parede da sala de jantar dizia que eram duas e quinze, mas eu não tinha ideia de que dia era. Eu sabia que teria que ligar para Lydia mais cedo ou mais tarde para perguntar onde estavam as crianças, mas não consegui fazer isso, ainda não. Tomei um banho rápido e vesti roupas abençoadamente limpas. Elas ficaram soltas no meu corpo. Não sabia quanto tempo eu tinha passado naquela cela, mas perdera muito peso. Meu estômago ainda não estava bem, mas fiz uma xícara de café de chicória e mordisquei alguns biscoitos de gengibre velhos que eu tinha feito ainda antes da cerimônia no castelo de Varlar.

Então ouvi uma batida na porta da frente. Levantei-me e corri para abri-la. Lydia estava lá, sozinha. Ela parecia tão desapontada quanto zangada. Ela deu um passo à frente e seu rosto ficou perto do meu.

— Vou lhe dar o benefício da dúvida e supor que você não tinha ideia do que seu marido ia fazer — ela sussurrou ferozmente.

Atrás dela, a porta de um carro se abriu e fui momentaneamente distraída pela visão de Gisela correndo, chorando e gritando:

— Mamãe! Mamãe, você está em casa!

Lydia deu um passo para trás. Eu me agachei para envolver Gisela em meus braços enquanto ela se jogava em mim, chorando em meu ombro. Uma onda de amor e alívio tomou conta de mim com o peso de seu corpo molenga em meus braços. Atrás dela, Laura e Georg também surgiram, ambos parecendo confusos e incertos.

— Senti tanto sua falta. Estava com medo de que você não fosse voltar — chorou Gisela.

— Sinto muito, meu amor — murmurei, dando beijos em seu cabelo. — Me desculpe por ter sumido.

— Bem-vinda de volta, Sofie — disse Lydia secamente. — Expliquei aos seus filhos que houve um pequeno desentendimento e você teve de se ausentar para resolvê-lo.

Olhei para ela em choque. Ela ter mentido para meus filhos tinha sido um ato de bondade ou isso significava outra coisa?

— Obrigada — falei. Ela assentiu com a cabeça secamente, deu meia-volta e saiu.

LAURA COMENTOU QUE EU PARECIA CANSADA E A CARRANCA DE GEORG NUNCA fora tão profunda, mas, depois de alguns momentos embaraçosos, eu estava na sala de estar, cercada pelas crianças enquanto elas me contavam sobre suas “semanas emocionantes” na casa de Lydia.

— ... eu terminei aquela avaliação na escola, e a sra. Bruan disse que foi um dos meus melhores trabalhos — contou Laura.

— Mamãe, eu subi na árvore mais alta do parque... — disse Gisela, radiante.

— Que tipo de trabalho você estava fazendo? — Georg disparou. — Por que parece tão doente?

— É um assunto particular — respondi com firmeza. — E não estava me sentindo muito bem nos últimos dias.

Então, o telefone tocou. O som estridente irritou meus nervos fragilizados, e eu corri tão rápido para atender no escritório que quase tropecei nos meus próprios pés.

— Alô?

— Olá, meu amor — era Jürgen do outro lado da linha. Parecia exausto, mas, mais do que isso, parecia derrotado.

— Oi — sussurrei, com lágrimas enchendo meus olhos. Havia tantas coisas que eu queria dizer, coisas que não era seguro dizer, e eu sabia que ele não seria capaz de explicar o que acontecera com ele também. — Você está bem?

— Estou — assentiu. Mas não parecia nada bem. Suas palavras saíam pesadas e um pouco arrastadas, como se sua boca estivesse ferida. Seu tom denunciava muito pavor também. — Tenho ótimas notícias para dar.

— Tem?

— Fui convidado a me juntar à SS — ele me contou. Não havia como não perceber que ele estava chorando naquele momento, e eu desisti de conter as lágrimas. Quem se importava se eles estivessem nos ouvindo agora? — Fui agraciado com a patente de *SS-Sturmbannführer*. É uma grande honra. — Era uma patente alta, o equivalente a major na Wehrmacht. Fiquei me perguntando por que nosso plano tinha fracassado, mas agora não era a hora de discutir isso.

— Podemos visitá-lo no fim de semana?

— Não quero que as crianças me vejam assim — sua voz saiu embargada.

— Ok — concordei. — Vamos esperar algumas semanas.

QUANDO LEVEI AS CRIANÇAS PARA VISITAR JÜRGEN EM NORDHAUSEN, ALGUMAS semanas depois, ainda havia uma sombra esverdeada em sua mandíbula e manchas roxas ao redor dos dois olhos. Ele me avisara de que ainda não tinha se recuperado totalmente, mas estava impaciente para nos ver.

— Papai — disse Georg severamente. — O que aconteceu com o senhor?

— Ah, eu sou um velho bobo — Jürgen desdenhou ao estender a mão para tocar seu rosto. — Caí da escada quando estava trabalhando tarde da noite.

As meninas aceitaram a mentira facilmente. Elas abraçaram Jürgen e, em seguida, correram para levar suas malas para dentro da mansão. Georg permaneceu ao lado do carro, nos encarando.

— Sei que o senhor se meteu em problemas — disse ele. — Percebi pela maneira como a sra. Zu Schiller agia enquanto a mamãe esteve fora. E então vocês dois voltam para casa *desse* jeito. — Já haviam se passado algumas semanas, mas Jürgen e eu ainda estávamos muito magros. Eu lutava para comer normalmente, mas até meu estômago ficara traumatizado com a experiência. — Papai, eu não sou bobo. É óbvio que bateram no senhor. Vocês dois foram presos, não foram?

— Sou um idiota desastrado e sua mãe teve que resolver um assunto de família — insistiu Jürgen, sem dar importância.

— Mas...

Jürgen ergueu o queixo e disse em um tom que não deixava espaço para discussões:

— Você foi criado para respeitar os mais velhos — ele berrou. — Pegue suas coisas e vá para dentro. Não quero ouvir essas bobagens na frente das suas irmãs.

Odiei o fato de Jürgen adotar aquele tom, mas compreendia o motivo. Realmente, não precisávamos que as meninas também comessem a desconfiar.

Georg bufou, mas pegou sua mala de viagem e saiu pisando duro em direção à mansão.

— Ele pode nos acusar o quanto quiser, mas até que a guerra termine e possamos explicar, não poderemos confirmar suas suspeitas — sentenciou Jürgen de forma pesada. — A causa nazista está enraizada nele. Temo que ele nos atacasse se soubesse.

Passei meus braços em volta de seu pescoço e olhei para ele.

— Eu te amo — sussurrei.

A tensão em seu rosto diminuiu um pouco ao olhar para mim e sussurrar de volta:

— Eu te amo também.

Debaixo dos cobertores naquela noite, com as crianças dormindo em suas camas no outro lado do corredor, a voz de Jürgen tremia ao me contar como tudo tinha dado errado.

— Otto estava me esperando quando cheguei naquela manhã. Tudo aconteceu tão rápido, antes mesmo de eu ter a chance de ajudar alguém. Ele me disse que alguém nos tinha visto parar em Kassel e perguntado por que havíamos feito *check-in* com um nome falso. Eu disse a ele que queria sair. Eles me prenderam imediatamente.

— Eles devem nos seguir o tempo todo — deduzi.

Jürgen assentiu com a cabeça.

— Achei que seria executado imediatamente, mas só fui espancado... — Seu tom deixou claro que ele ainda não estava pronto para discutir o ataque. Meu coração ficou em pedaços por ele.

— Oh, Jürgen...

— Achei que aquilo continuaria até que me matassem. Porém, com o passar dos dias, percebi que eles estavam brincando comigo, me batendo até me deixar inconsciente, depois cuidando de mim... apenas tentando fazer com que eu cedesse e implorasse por misericórdia. Mas eu me recusei a falar, principalmente porque sabia que você também estava detida e eu não queria incriminá-la. Quase me matou saber que você estava em uma cela em algum lugar, Sofie, mas nos preparamos para isso.

— Sim, nos preparamos.

— Depois disso... Que inferno, eu não sei quantos dias, algo mudou. Eles enviaram um médico para me tratar de novo, aí me levaram para a sala de interrogatórios e me

disseram que um carro estava a caminho da casa dos Zu Schiller para pegar as crianças.

Fiquei com um nó na garganta.

— As crianças?

— Deus me perdoe, mas assim que eles começaram a descrever como torturariam nossos filhos até a morte, perdi minhas forças. Eu já deveria ter esperado por isso — ele sussurrou tristemente. — Eles não ligam de prender e assassinar crianças judias. É claro que não hesitariam em interrogar os filhos de um traidor.

Uma coisa era firmar posição se Jürgen e eu fôssemos as pessoas que pagariam o preço. Outra bem diferente era ameaçar a vida das crianças.

Jürgen foi libertado depois de expressar seu remorso e implorar por outra chance, como a Gestapo esperava. Ele foi novamente convidado a aceitar uma posição na SS e, desta vez, cedeu.

— Você disse que o programa de foguetes será forçado a encerrar as atividades em breve. Por que todo esse empenho em forçá-lo a se juntar à SS? — sussurrei, frustrada e desnorteada.

— Acho que pode ser culpa de Karl — Jürgen sussurrou de volta. — Algumas semanas antes do castelo de Varlar, Otto insinuou que talvez devêssemos fazer planos preliminares para garantir uma rápida destruição do local onde funcionava Mittelwerk. Precisávamos cobrir nossos rastros para nos proteger das acusações de crimes de guerra quando os Aliados tomassem o distrito.

— Até Otto sabe que o que acontece lá não está certo.

— Ele sabe. Karl concordou, porque se pudéssemos esconder a verdade sobre Mittelwerk, ele e eu teríamos uma chance de nos refugiar junto aos Aliados, por conta da nossa experiência com foguetes.

— Karl não é cientista.

— Não, mas ele é um gerente com uma percepção única do que é necessário para a produção em massa de

foguetes. Ou pelo menos é o que ele me diz.

— Isso é absurdo.

— É uma ilusão — comentou Jürgen com desdém. — Mesmo se pudéssemos destruir a instalação de Mittelwerk, ainda haveria testemunhas. A verdade prevalecerá. Mas, o fato é... Karl não mencionou Otto “escapando” conosco.

— Porque, mesmo se vocês pudessem de alguma forma esconder a verdade sobre Mittelwerk, nenhum dos Aliados perdoaria um oficial da SS — deduzi.

— Exatamente. Otto é um homem que se diverte com a crueldade, meu amor. Eu não ficaria surpreso se descobrisse que ele nos fez passar por tudo isso só para se certificar duplamente de que Karl e eu ficaríamos presos com ele.

Havíamos cometido um erro crucial em nossa tentativa de tomar uma posição. Esquecemos que, no Reich, o controle era absoluto. Não havia medidas extremas demais quando se tratava de garantir a obediência total.

SOFIE

Huntsville, Alabama 1950

AINDA ESTAVA ESCURO QUANDO FELIX PUXOU MINHA MÃO. ABRI OS OLHOS sonolentos e o vi parado de pé ao lado da cama, com o rosto encostado no meu enquanto eu dormia.

— Mamãe — ele sussurrou, esperançoso. — Televisão?

— Você só pode estar brincando... — ralhei, olhando para o despertador. Eram pouco mais de 5h30, o pior horário possível para ele me acordar. Era muito cedo, mas eu também sabia que já era tarde demais para ele voltar a dormir. Gemi enquanto me esforçava para sentar.

— Qual é o problema? — murmurou Jürgen ao meu lado.

— Felix quer ver televisão... — comecei a falar, mas minhas palavras se converteram em um grito.

Havíamos deixado as cortinas um pouco abertas na noite anterior, e agora, no espaço entre elas, um rosto me encarava. Alguém estava olhando pela nossa janela.

Agarrei meu filho assustada, com o instinto me forçando a me afastar da janela e sair do quarto. Jürgen gritava atrás de mim: *O que foi? Sofie?* E então ele também deve tê-lo visto. Ouvi-o gritar. — Meu Deus!

— Mamãe? — gritou Felix.

— Está tudo bem, filho — garanti, com a voz tremendo tanto quanto meus joelhos. Levei-o para o quarto de Gisela e o deitei na cama.

— Mamãe? — ela murmurou ao abrir os braços para acolher o irmão.

— Fiquem aqui — minhas palavras foram firmes. — Fiquem aqui e *longe* das janelas.

Corri para a parte de trás da casa. Soube pela brisa fresca que vinha pelo corredor que a porta da lavanderia estava aberta. Imaginei que Jürgen saísse por ali para o quintal. Era o irmão de Lizzie Miller olhando pela minha janela? Eu achava que sim, mas não tinha certeza. Tudo havia acontecido muito rápido na luz do amanhecer.

Eu acabara de sair da lavanderia para o quintal quando ouvi uma explosão tão repentina e tão alta que os cães começaram a latir e os pássaros nas árvores gralharam enquanto se espalhavam pelo céu prateado. Meus instintos me diziam para fugir, mas eu não tinha certeza de onde Jürgen estava, então corri em direção ao som. Ao dobrar a esquina da casa, parei. Jürgen estava caído no chão, com parte do corpo apoiada contra o muro.

A uns quatro metros de distância, no meio do nosso pequeno quintal, o irmão de Lizzie Miller estava de pé com uma arma balançando na mão e uma expressão de choque e descrença no rosto. Ele soltou uma lamúria baixa quando me viu. Então, largou a arma e pulou a cerca baixa no fundo do nosso quintal.

No instante em que Henry largara a arma, corri para Jürgen. Ele estava vivo, com os olhos selvagens olhando para mim. Ele agarrava o abdômen com as mãos. A mancha de sangue em seu pijama se espalhava rapidamente, e sua respiração era profunda e desesperada.

Depois de sobrevivermos a tanta coisa, eu não poderia perdê-lo daquela maneira.

— Jürgen... — sussurrei. Pressionei as mãos na dele, tentando estancar o sangramento. — Você vai ficar bem. Tudo vai ficar bem.

— Sofie — ele arfava.

— Gisela! — gritei. — Gisela, peça ajuda! — Será que ela podia me ouvir do quarto? Ela certamente ouvira o tiro, mas minha filha era inteligente. O som provavelmente a fizera

correr para se esconder. — Alguém nos ajude! — gritei, e então fiquei aliviada ao avistar Klaus surgindo na cerca vizinha.

— Sofie? Meu Deus! O que aconteceu?

— Por favor, nos ajude — supliquei. — Jürgen foi baleado. — Meus olhos estavam em lágrimas e minha voz parecia tensa, quase sem emoção. Minhas mãos sobre o abdômen de Jürgen estavam ficando rapidamente dormentes. Eu podia sentir as batidas do meu coração nos ouvidos: *tum, tum, tum*. Era surreal, como se eu estivesse vendo um filme.

Jürgen ainda ofegava, mas a cor estava sumindo de seu rosto depressa. Ele estava perdendo muito sangue. Meus pensamentos se embaralhavam, mas um subitamente parecia claro.

Eu tinha que mantê-lo calmo. Tinha que tranquilizá-lo.

— Você vai ficar bem — assegurei a ele, baixinho, olhando em seus olhos.

— Amo... você. As crianças — ele estava ofegante.

— Guarde o fôlego e me diga isso mais tarde — pedi.

A ambulância parecia ter levado horas para chegar. Estava vagamente ciente de Klaus no quintal conosco, mas pareceu falar de longe quando me disse que Claudia levaria nossos filhos para a casa deles para mantê-los seguros. Outros vizinhos olhavam por cima das cercas, mas quando tentei olhar para eles, minha visão ficou turva. Parei de tentar depois de um tempo e simplesmente me concentrei em Jürgen.

— Você está bem, meu amor — disse a ele. Talvez estivesse sonhando. Talvez fosse por isso que tinha dificuldade de falar e me concentrar. — Tudo vai ficar bem.

O sol já estava no horizonte quando finalmente ouvi sirenes à distância.

Nesse momento, Jürgen desmaiou, fechando os olhos assustados, suas mãos amolecendo sob as minhas.

Foi quando o pânico que meu choque estava contendo surgiu com tudo em mim.

Huntsville, Alabama 1950

QUASE TUDO PARECIA UM POUCO ESTRANHO QUANDO ACORDEI NAQUELA manhã de sábado.

Cal agia como se não houvesse nada de errado, mas ele parecia quase frágil, como se eu o tivesse ferido gravemente. Eu ainda não tinha ideia do que fazer. Já Henry chegara tão tarde em casa na noite anterior que comecei a suspeitar de que ele não estava realmente “trabalhando até tarde”, como dissera a semana toda. Calvin e eu concordamos em nos sentar com ele para uma conversa séria durante o jantar, e eu ainda não tinha certeza do que diríamos.

Eu tinha muito com que me preocupar relativamente aos dois homens da minha vida e, sempre que ficava preocupada, era atraída para o meu jardim. Por isso, eu já estava de pé quando o sol nasceu naquela manhã de sábado, esperando tirar as ervas daninhas de alguns dos meus canteiros antes que o dia esquentasse demais.

Eu estava calçando as botas quando ouvi a explosão à distância. Não tão perto para sentir que precisava correr para me proteger, mas próxima o suficiente para me alarmar. Provavelmente, apenas um estouro do escapamento do carro de algum trabalhador saindo cedo para escapar do calor. Nada para me preocupar.

Comecei a trabalhar no canteiro ao lado da lavanderia, perto das escadas do apartamento de Henry. Se ele tivesse

que trabalhar naquele dia, desceria as escadas em breve. No entanto apenas alguns minutos depois, Henry irrompeu no quintal pelo portão que vinha da rua. Estava de pijamas e havia marcas de suor sob as axilas.

— Lizzie! — ele dizia freneticamente. — Ele estava me perseguindo!

— De que diabos você está falando? — dei um grito sufocado. Levantei-me cambaleando e agarrei os ombros do meu irmão. — Você está sonhando de novo?

— Ele veio de novo ontem à noite, então eu peguei a arma. — Minha respiração ficou presa na garganta. Aquele som que eu tinha ouvido não era do escapamento de um carro. Era um *tiro*? — Ele aparecia toda noite! Eu me cansei, só isso. Disse pra ele que se ele chegasse perto de você mais uma vez, eu iria atrás dele. Eu ia resolver isso para você, Lizzie, mas... — Henry de repente pareceu confuso. — Mas quando cheguei lá, eles estavam na cama juntos, e o menininho entrou e...

Afastei uma mecha de cabelo encharcado de suor da testa do meu irmão, forçando-me a sorrir de maneira tranquilizadora, embora um frio corresse em minhas veias. Eu precisava acalmá-lo. Precisava saber exatamente o que tinha acontecido para descobrir como resolver.

— Vamos lá para cima — sugeri em um tom gentil. — Você pode me contar a história toda, Henry. Vou ajudá-lo a entender o que aconteceu.

EU NUNCA VIRA MEU IRMÃO CHORAR ANTES, NEM MESMO NOS PIORES MOMENTOS de nossas vidas. Ele estava soluçando agora. Tremia da cabeça aos pés como se estivesse congelando. Até seus dentes batiam.

— Eu ainda não sei o que ele está tentando fazer com a gente — começou a falar. Estava sentado na beirada de sua cama desarrumada, balançando para a frente e para trás como uma criança. — Mas ele continuou vindo para cá o

tempo todo. E aí ela veio também, com o bolo! Eles estão tramando algo. Eu *sei* que eles estão.

Henry geralmente se mantinha asseado, mas essa era sempre a primeira coisa a sumir quando seu humor estava ruim. Eu me culpei por não ter examinado o seu quarto. Estava tentando respeitar a privacidade dele, mas se eu tivesse visto a sujeira na qual ele estava vivendo, teria sido capaz de dar um basta naquilo.

Havia uma lata de tinta vermelha sobre um jornal estendido no chão, com pincéis secando no parapeito da janela. Fiquei confusa com aquilo, até que me lembrei de Abril dizendo que alguém estava pichando a rua em frente à casa dos Rhodes. Havia pratos de comida pela metade sobre a mesa e anotações coladas na parede: cerca de uma dúzia de pedaços de papel como o que ele deixara cair na minha cozinha naquele dia, cada um rabiscado com datas, horas e palavras aparentemente aleatórias. Uma caixa aberta de balas estava sobre a mesinha que eu escolhera para ele quando estava mobiliando o quarto.

— Ela foi fazer compras nas últimas *três* sextas-feiras, mas voltou para casa mais cedo ontem. Foi quando eu soube com certeza. Como ela sabia que eu estava na casa? — Ele se levantou e caminhou a passos pesados e frustrados até a mesa. Então, empurrou a caixa de munição para o lado e pegou algumas fotos em preto e branco, trazendo-as rapidamente para mostrá-las para mim. — Viu? — falou em um tom triunfante e acusador. — Eis as provas, Lizzie. Eles estão tramando alguma coisa.

Peguei as fotografias quando ele as entregou para mim. Os rostos de três crianças na primeira. A próxima era de uma mulher idosa. E então meu estômago se contraiu quando olhei para o que era inconfundivelmente a foto do casamento de Sofie e Jürgen Rhodes. Ambos jovens e inocentes, sorrindo como se não pudessem conter a alegria. As palavras de Cal passaram pela minha mente. *Ela a*

adora. Naquela foto, Jürgen Rhodes parecia o homem mais feliz do mundo.

Peguei a última foto e, ao olhar para ela, senti uma pontada no peito. Uma Sofie Rhodes ainda mais jovem, desta vez com outra moça sorrindo para a câmera, com um pingente da estrela de Davi pendurado em seu colar. Ambas com malas aos pés. Parecia que tinham a vida diante delas, implorando para ser explorada.

— São apenas fotos — disse para Henry. Fotos profundamente pessoais. Ele estivera na casa deles, vasculhando seus pertences. Minha cabeça girava.

— Mas você não vê? — sussurrou Henry, cerrando os punhos e pressionando-os em sua testa. — Isso quer dizer algo. Só não consigo decifrar. Eles vão machucá-la, pessoas como essas não mudam.

— Quando você teve tempo para tudo... — fiz um gesto apontando para a bagunça no quarto: as anotações na parede, as fotos na minha mão — ... isso? Você estava trabalhando... — Parei, sentindo-me estúpida. Virei-me em direção às anotações mais próximas e meu coração desabou. Não eram planilhas com as horas de trabalho de Henry. Algumas estavam marcadas com um *S* na parte superior, outras marcadas com um *J*. Ele os seguira por semanas. — Oh. Oh, Henry...

— Eu sabia que você ficaria chateada, então não contei que pedi demissão, mas algumas coisas são mais importantes do que o emprego em uma madeireira, Lizzie — retrucou.

Eu deveria ter visto. Deveria saber que Henry estava com problemas, iludido, confuso ou simplesmente acabado. Voltei meu olhar para as balas na mesa e meu coração desabou mais uma vez.

— Quando você comprou a arma?

— Um pouco antes do Natal, quando não estava bem. Eu ia... — Ele pausou, fechando os olhos. — Não comprei por causa do Rhodes.

— Henry... — Engasguei. *Não*. — Quero saber. Quero falar com você sobre isso e dizer o quanto preciso de você *aqui*. Porém, neste exato momento, preciso saber sobre esta manhã. Onde está a arma agora?

— Eu a deixei cair. — Ele fechou os olhos com uma expressão de frustração. — No quintal. Você o viu na primeira vez que ele veio aqui, não viu? Foi a única vez que ele deixou que você o visse.

— Ele não esteve *aqui* naquela noite, Henry. — Aquilo fora um sonho, ou, finalmente me dei conta, uma alucinação. O que quer que estivesse se passando no cérebro de Henry, não havia dúvidas de que parecia muito real para ele.

— Mas ele me *perseguiu* hoje de manhã! — Henry disse, engasgando. — Ele ia me seguir até aqui para machucá-la! Eu tive que impedir!

— E ele está...

— Acho que ele está morto — interrompeu Henry, e a tontura recomeçou. Respirei fundo.

Homicídio era um crime punível com a pena de morte no Alabama. Henry claramente não estava com a mente no lugar, mas eu não sabia se isso seria suficiente para salvá-lo. Ele fizera aquilo para tentar me proteger, e agora ele precisava da minha proteção.

Saltei da cama e corri para o guarda-roupas dele. Tirei sua mala da prateleira de cima e comecei a jogar as roupas dentro dela.

— Você se lembra de onde ficava aquele hospital? O lugar onde você fez a terapia com insulina?

— Não quero voltar pra lá — bradou Henry. — Não, Lizzie. *Por favor*.

— Querido, você tem que ir. Você precisa de ajuda e o hospital dos veteranos é o melhor lugar para você obtê-la.

— Eu atirei nele? Foi um sonho? — perguntou Henry depois de uma pausa.

— Não sei, querido. — As sirenes à distância se multiplicavam a cada segundo, então era provável que ele

atirara. Assim que enchi a mala, fechei-a e a entreguei para o meu irmão. — Pegue. Vá para o seu carro *agora*. Tem gasolina no tanque? Precisa de dinheiro para abastecer?

Ele assentiu sem dizer uma palavra, encarando-me com olhos confusos.

— Henry, você tem que ir para aquele hospital em Nashville — pronunciei lentamente. Eu ainda não estava certa de que ele entendia. E, naquele momento, a mente de Henry estava obviamente em outro lugar, com Jürgen Rhodes, ou de volta à Europa, ou já a caminho do hospital. Eu o peguei pelos ombros e gentilmente o empurrei, encorajando-o a ficar de pé. — Você consegue? Você consegue voltar para o hospital?

— Eu... Sim. Acho que sim. — O hospital ficava a quase duas horas de carro, mas eu não conseguia pensar em outra maneira de tirá-lo da cidade.

— Você não pode dizer uma palavra sobre isso para ninguém. Quando chegar ao hospital, apenas diga à enfermeira que você está confuso. Diga a ela que está vendo e ouvindo coisas que não são reais.

— Mas eu não...

— Querido — sussurrei. — Acho que você está.

— Como... como atirar no Rhodes? Eu imaginei isso? — Ele parecia tão esperançoso.

— Sim — falei, lentamente. — Tudo. Você imaginou tudo isso. — Mas pensei nele se internando na clínica e imediatamente confessando um possível assassinato, então acrescentei às pressas: — Mas você não deve contar *o que* você está imaginando, ok? Só diga que está vendo e ouvindo coisas que não são reais e que precisa da ajuda deles de novo.

— Por que isso está acontecendo, irmã?

— Acho que a sua mente está cansada, e talvez aquela terapia com insulina a tenha deixado um pouco prejudicada também — falei com tristeza, apertando sua mão. — Não é culpa sua. Você precisa de um pouco de cuidado e

descanso, e logo se sentirá melhor. Então, você consegue ir até o hospital?

— Consigo. — Henry assentiu com a cabeça. — Sim, eu consigo.

— Vou cuidar de todo o resto, mas você tem que ir, e tem que ir agora antes de Calvin acordar.

Huntsville, Alabama 1950

OS PARAMÉDICOS DISSERAM QUE JÜRGEN PROVAVELMENTE PRECISARIA DE cirurgia e que seu estado era grave. Muito grave. Klaus pegou um dos roupões de Claudia e o jogou sobre meu pijama para que eu fosse com Jürgen na ambulância. Mas então notei as luzes azuis piscando na rua do lado de fora da minha casa.

— Cuide dele, por favor — implorei ao paramédico quando ele fechou a porta com Jürgen dentro. Ele assentiu com a cabeça para mim, seus olhos cheios de compaixão. — Se ele acordar, diga a ele que não estarei longe. — Com isso, a compaixão se intensificou. Ficou claro que o homem não esperava que Jürgen acordasse tão cedo, se é que acordaria.

Uma enorme onda de emoção pairava sobre mim; eu só não podia permitir que ela me atingisse. Não ainda. Eu tinha que manter a calma até falar com a polícia e, nesse sentido, meu estado de choque era quase uma ajuda.

— Sra. Rhodes? — O primeiro policial a me abordar foi o detetive Johnson. Ele parecia irritado e estava com cara de sono. Havia outro policial atrás dele, um homem mais novo com cabelo loiro-claro e um uniforme amarrotado.

— Sou o detetive Tucker — o loiro se apresentou. — Pode nos contar o que aconteceu?

Expliquei lenta e cuidadosamente que tinha acordado, visto o rosto na janela e corrido do quarto para proteger

Felix. Depois disso, minha memória estava um pouco nebulosa.

— Jürgen deve ter corrido para o quintal. Depois, só me lembro de que houve um tiro e, quando cheguei, Jürgen estava no chão. Henry estava lá...

— Henry? — Johnson me interrompeu ríspidamente. — Quem é esse “Henry”?

— Ele mora a algumas quadras daqui, com a irmã e o marido dela. Lizzie e Calvin Miller...

— Ah — exclamou Johnson, arregalando os olhos. Ele colocou a mão no bolso e retirou uma caderneta. Após folhear algumas páginas, ele ergueu o olhar para mim. Suas narinas se dilataram. — Então a senhora está me dizendo que Henry Davis, o herói de guerra americano Henry Davis, estava observando a senhora e seu marido dormirem? E então, sem nenhuma provocação, ele atirou no seu marido?

— Sim.

— Onde estão seus filhos agora, sra. Rhodes? — perguntou Tucker, gentilmente. Apontei para a casa de Claudia. Klaus estava a apenas alguns metros de distância, observando em silêncio. — Senhor. O senhor pode corroborar o que ela disse?

Klaus olhou para mim, impotente. Eu mal conhecia o homem, ainda menos do que sua mulher. Ele tinha sido um enviado de Deus naquela manhã, mas não mentiria por mim.

— Ouvimos gritos — ele disse, sem jeito. — Em seguida, o tiro. Aí, cerca de um minuto depois, enquanto eu me vestia, ouvi Sofie gritar por ajuda. Não vi nada.

— Por que a senhora esperou antes de gritar por ajuda? — perguntou Johnson.

— Henry estava lá com uma arma — respondi. Senti como se estivesse falando devagar demais, mas parecia que havia uma bola de algodão em minha boca e eu não conseguia falar mais rápido. — Foi só quando ele a soltou

que eu pude finalmente me aproximar de Jürgen. Foi então que falei com Klaus.

— E para onde Henry Davis foi depois de soltar a arma? — quis saber Tucker, com firmeza.

— Ele desapareceu sem deixar rastro, detetive Tucker — disse Johnson com sarcasmo. Tucker lançou um olhar impaciente para ele e se virou para mim.

— Sra. Rhodes?

— Ele correu para a cerca dos fundos e por aquele quintal... — Apontei vagamente.

— Viu alguma coisa disso, senhor? — Johnson perguntou para Klaus, que negou com a cabeça, em silêncio. — Mas o senhor ouviu gritos. Antes do tiro.

— Alguns minutos antes, sim.

— Vozes masculinas? Femininas?

— Ambas, eu acho.

— Parecia uma briga, senhor? — indagou Johnson, sombriamente.

— Eu estava dormindo, senhores — Klaus disse, impotente. — Claudia e eu acordamos com vozes em um tom elevado, mas não ouvi o que estava sendo dito.

Todos os olhares se viraram para mim.

— A senhora está muito calma para alguém que acabou de encontrar o marido atingido por um tiro, sra. Rhodes — disse Johnson.

— Estou em choque — protestei fracamente.

— Mulheres em choque ficam histéricas — desdenhou.

— Devemos interrogar os vizinhos de trás — disse Tucker em voz baixa para Johnson. — Eles podem ter visto algo.

— Sim — eu disse, me virando para olhar para o quintal dos vizinhos. Henry *fora* naquela direção; subitamente tive essa certeza, e então ele estaria a apenas um ou dois minutos da própria casa. — Mas os senhores devem ir agora, caso ele tente escapar.

— Sra. Rhodes. Imagino que alguém em sua posição saiba que não há necessidade de dizer a um detetive

investigativo como fazer o trabalho dele — afirmou Johnson abruptamente, olhando depois para Klaus. — As crianças podem ficar com o senhor e sua esposa?

Klaus hesitou. Eu sabia que ele estava se perguntando se Claudia aprovaria o pedido.

— Não se preocupe, Klaus. Vou ligar para Avril Walters — tranquilizei-o. Eu estava um pouco cautelosa com ela naquele momento, mas era ainda a única amiga que eu tinha em Huntsville. — Tenho certeza de que ela pode cuidar das crianças enquanto resolvo isso e enquanto... — Engoli em seco. — Até eu ter certeza de que Jürgen está bem.

AVRIL CHEGOU EM CASA MINUTOS DEPOIS DE EU DESLIGAR O TELEFONE. Apareceu com um lenço amarrado sobre os bobes e seu rosto estava sem maquiagem, mas ela usava um lindo vestido floral. Dois policiais fardados chegaram e ficaram me observando enquanto eu andava pela sala de jantar. Ao ouvir o carro dela na entrada, eles me seguiram quando fui encontrá-la na porta da frente. Ela imediatamente me puxou para um abraço apertado.

— Que diabos está acontecendo?

— Não sei como explicar — respondi de forma apática. — Você poderia ficar com as crianças hoje? Jürgen está no hospital e acho que a polícia quer... — Respirei fundo, pensando nas celas frias de concreto e nos dias sem luz solar. — Me interrogar.

— Ah, querida. É claro!

— Sra. Walters? — chamou-a Johnson, aproximando-se de nós.

— Sim, senhor — ela disse calmamente.

— Falarei com a senhora a sós antes de sair. Só preciso confirmar alguns detalhes.

Ela me olhou espantada e se virou para seguir Johnson até o escritório de Jürgen.

— Senhora — um dos policiais fardados falou. — Estamos prontos para levá-la para a delegacia agora.

Eles me deixaram sentada na sala de interrogatório da delegacia sozinha por mais de uma hora. Eu estava desesperada para ter notícias de Jürgen, mais preocupada com a saúde dele do que com a minha situação atual, e isso dizia alguma coisa. O choque tinha passado, e agora eu tinha a tarefa gigantesca de me impedir de entrar em pânico com as lembranças da *última* vez que estivera em uma sala de interrogatório.

Mas, por fim, a porta se abriu e Tucker e Johnson entraram. Ambos tinham o semblante severo.

— Ele está... — soltei, mas a expressão de Tucker suavizou um pouco.

— Não, sra. Rhodes. A última informação que temos é de que ele ainda está sendo operado.

Afundi na cadeira, aliviada, enquanto os homens se sentavam de frente para mim.

— A senhora disse que Henry Davis atirou no seu marido esta manhã no quintal de sua casa — começou Johnson, com um tom firme e formal.

— Correto — confirmei. — Os senhores falaram com ele?

— Planejávamos visitá-lo em sua casa — disse Tucker com a voz calma. — Mas, então, conversamos com sua amiga, a sra. Walters.

— Ah? — soltei, franzindo o cenho. Um arrepio de inquietação me atravessou.

— Ela nos passou algumas informações muito esclarecedoras sobre o passado de seu marido, sra. Rhodes — Johnson franziu a testa. — Ela disse que a senhora se recusou a negar que ambos eram membros do Partido Nazista na Alemanha, e que Jürgen era um oficial da SS que... — Suas narinas se dilataram e ele me encarou com ódio mal disfarçado ao dizer: — ... que administrava um tipo de campo de concentração?

— Não foi... eu não... — Cerrei os dentes e tentei me acalmar. Não me faria nenhum favor permitir que me abalassem. — Vim do outro lado do mundo para estar com

Jürgen. O senhor realmente acha que eu o machucaria? Realmente acha que eu *viria para cá* se não o amasse?

— Ela também nos contou que, na semana passada, a senhora disse a ela que a vida era difícil aqui, mas que não poderia retornar a Berlim por causa de seu marido.

— Não falei nada disso! — exclamei, em seguida pausando, porque eu *tinha dito* que ir para casa não era uma opção. Talvez os detetives tivessem distorcido as palavras dela.

Ou talvez ela tivesse distorcido as minhas. Meu coração desabou.

— E o seu marido invadiu a casa dos Miller algumas semanas atrás...

— Ele não fez isso! — exclamei. — Lizzie Miller inventou isso. — Fechei os olhos. — Ou o irmão dela, talvez. Não tenho certeza.

Johnson suspirou, impaciente.

— Então, sua versão é de que Lizzie Miller inventou uma história sobre seu marido ter invadido a casa dela e que Henry Davis simplesmente apareceu na sua janela nesta manhã e, sem ser provocado, atirou em Jürgen e fugiu em seguida.

— Ele tem nos atormentado — falei, com os olhos se enchendo de lágrimas de frustração. — Ele invadiu nossa casa! Ele jogou um bolo em mim! Ele tem rodeado nossa casa, sempre me encarando. Até onde sei, ele é a pessoa que tem pintado *aquela palavra* na rua em frente à nossa casa.

— Não vi relatos a esse respeito nos arquivos — observou Johnson, presunçoso. — Deixei passar? Deveria olhar novamente?

— Jürgen falou com o senhor na primeira vez que encontramos a pichação e o senhor recomendou que ele apenas passasse tinta por cima — falei secamente. — Nem nos importamos de ligar depois disso. Era óbvio que o senhor não nos ajudaria.

— Estou ouvindo o que a senhora diz — avisou Tucker, baixando a voz, como se quisesse diminuir a tensão. Respirei trêmula, tentando me acalmar. — Mas o que eu não entendo é por que ninguém que entrevistamos até agora pode confirmar uma única coisa que a senhora acabou de nos contar. Avril me disse que a senhora e ela se tornaram bastante próximas, mas ela não mencionou nada sobre essa suposta... como dizer, agressão com um prato? Ou uma invasão? Ou Henry Davis perambulando do lado de fora de sua casa? Se isso realmente aconteceu, sra. Rhodes, a senhora deve ter ficado angustiada; por que não contou a ninguém? Nós até perguntamos a Klaus Schmidt e alguns de seus outros vizinhos se eles notaram algo incomum em sua casa. Todos nos contaram sobre a pichação e aquela cena que a senhora causou no piquenique do Redstone Arsenal, mas não tinham mais nada a relatar.

— Quando Jürgen acordar, ele contará aos senhores — bradei combalida.

— Se ele acordar — disse Johnson em um tom seco. — Tenho a impressão de que isso estava longe de ser uma certeza quando falei com o hospital, mais cedo.

Olhei fixamente para ele, impotente, mas então um pensamento me atingiu. *Havia* outras pessoas que sabiam, pelo menos em parte, do que vinha acontecendo.

— Falem com Lizzie ou Calvin Miller.

Depois disso, eles me levaram de volta à minha cela.

LIZZIE

Huntsville, Alabama 1950

— HENRY FOI EMBORA ONTEM À NOITE — FALEI, ANIMADA. EU ESTAVA carregando uma cesta de roupas de cama retiradas do quarto de Henry. Calvin gostava de dormir até tarde aos sábados. Depois, geralmente ia ao escritório por algumas horas para pôr os documentos em dia enquanto o lugar estava quieto. Quando ele saiu de seu quarto, eu já tinha vasculhado o apartamento de Henry e esvaziado o lugar. Rasguei as anotações em pedacinhos e as joguei no vaso sanitário. As balas e a lata de tinta vermelha que encontrei em seu guarda-roupas estavam em uma caixa de papelão na lavanderia, junto com as fotografias de Sofie Rhodes, guardadas com segurança em um envelope que eu já havia endereçado à casa dela com um selo.

Não havia nada que eu pudesse fazer quanto à arma, já que Henry não tinha certeza de onde a deixara cair. Minha única esperança era de que, como ele a comprara meses atrás e provavelmente em outra cidade, a polícia não poderia rastreá-la e chegar até ele.

— Ele saiu ontem à *noite*? — repetiu Calvin, franzindo a testa. — Ele nem se despediu?

— Ele teve um desentendimento com Walt na madeireira — menti descaradamente, odiando cada segundo daquilo. Nunca mentira para Cal antes. — Mas Henry ouviu falar de um emprego mais ao norte. Só que ele tinha que começar hoje. Então, o incentivei a ir.

— Você estava tão preocupada com ele... — disse Cal, espantado. — Estávamos para conversar com ele sobre talvez ver um médico. Em vez disso você apenas o deixou ir embora?

— Concluí que sair de Huntsville seria o melhor para ele.

— E como ele soube desse trabalho? — Calvin me olhou atentamente. — Não ouvi o telefone tocar ontem à noite.

— Seu sono é realmente muito profundo — afirmei. Então, ruborizei e evitei seu olhar, pensando sobre aquele encontro esquisito no meio da noite que tivemos na quinta-feira. Fiquei olhando fixamente para um nó na tábua do piso e ri nervosamente ao acrescentar:

— Enfim, ele ligou para um velho amigo para ver como ele estava e foi aí que soube do emprego.

Senti tantas coisas, e nem todas faziam sentido. Eu estava envergonhada e profundamente chateada pela família Rhodes, algo que pensei que nunca sentiria. Estava tão ansiosa que me sentia mal. Sentia-me confusa. Henry estava em apuros, e meu instinto era protegê-lo. Isso era sincero, uma expressão pura do meu amor. Mas, assim que meu irmão foi embora, eu já estava me perguntando se fizera a coisa certa.

— Estou preocupado com ele. E mais do que magoado, porque ele nem se despediu desta vez — admitiu Calvin.

— Ele não quis acordá-lo. — Havia um certo tom de aspereza na minha voz e eu esperava que Calvin o tivesse percebido como tristeza por Henry ter ido embora outra vez. Ele me deu um olhar compreensivo e tomou o resto do café.

— Quer que eu fique em casa hoje? — ofereceu. — Posso ajudar no jardim.

— Vai fazer calor hoje — comentei com um nó na garganta. — Acho que só vou lavar as roupas de cama e talvez ler um livro. É melhor você ir.

Eu sabia que ele voltaria provavelmente mais cedo, porque não demoraria muito para que as notícias sobre o acontecido chegassem à base. Meu marido inevitavelmente

viria correndo para casa com perguntas que eu não estava pronta para responder.

Eu não me permitira pensar tão longe. Eu tinha que deixar o pacote com as fotos de Sofie Rhodes na caixa de correio e, então, tinha que encontrar um local seguro longe da minha casa para me desfazer das balas e da lata de tinta vermelha.

Assim que Cal saiu, corri para a lavanderia e peguei a caixa com as coisas do quarto de Henry, planejando correr para me livrar de tudo. Porém, quando cheguei ao carro, ouvi um ruído de motor na rua. Já era Cal de volta?

Não. Era pior.

Uma viatura da polícia encostou na entrada e parou atrás do meu carro. Em pânico, larguei a caixa no chão e a enfiei debaixo de uma mesinha de canto com uma luminária na sala de estar. A toalha de renda da mesinha terminava a poucos centímetros da borda. A caixa ficou visível, mas certamente não levantaria suspeitas mesmo se os policiais a notassem.

Endireitei os ombros, respirei fundo e abri a porta.

DEIXEI O DETETIVE JOHNSON E SEU PARCEIRO, DETETIVE TUCKER, ENTRAREM e pedi para que se sentassem. Ofereci café, mas eles recusaram. Joguei-me na minha poltrona quando percebi que meu nervosismo provavelmente me fazia parecer culpada. Quando me peguei cutucando a pele ao redor das unhas, enfiei as mãos sob as coxas. Resisti a um desejo bizarro de continuar olhando para a caixa no canto da sala.

— Desculpe interromper sua manhã — disse detetive Johnson. Lembrei-me dele de sua visita anterior. Ele parecia desconfortável dessa vez. Sob minhas coxas, meus dedos se contorciam. — Tenho notícias terríveis, sra. Miller. Jürgen Rhodes foi baleado esta manhã.

— Baleado? — Dei um grito sufocado, fingindo estar chocada. — Ele está...

— Ele está vivo — afirmou Tucker. — Infelizmente, a situação não parece boa.

Se Rhodes realmente sobrevivesse, haveria todo tipo de complicação para Henry, mas eu não conseguia torcer por um resultado diferente. Mesmo que Jürgen Rhodes tivesse um passado obscuro, eu não podia desejar sua morte.

— Levamos a sra. Rhodes para ser interrogada — contou o detetive Tucker. Por um instante, achei que tivesse entendido errado o que ele tinha dito. Pisquei.

— O senhor disse sra. Rhodes? *Sofie* Rhodes? — Minhas mãos começaram a formigar. Eu conseguia sentir a força das batidas do meu coração no peito. Eu pensava que as coisas já estavam tão ruins quanto pudessem ser, mas, de alguma maneira, isso era muito pior. Meu olhar vagou pela sala, em direção à caixa. Forcei meus olhos a voltarem para o detetive Tucker.

— Acreditamos que houve algum tipo de briga doméstica que terminou mal — Tucker continuou.

— É chocante, eu sei — disse Johnson, solidário. — A senhora disse que o sr. Miller está na base? — Assenti em silêncio. — E seu irmão?

— Ele foi embora para um novo emprego ao norte — falei. — Ontem.

— A senhora pode nos dizer onde ele está? Como podemos contatá-lo?

Neguei com a cabeça. Essa resposta, pelo menos, eu ensaiara.

— Ele costuma perambular, mas vai escrever para mim quando encontrar um lugar para ficar.

Continuei pensando em Sofie Rhodes naquelas fotos. Havia tanta esperança em seus olhos. Então, pensei em seus filhos. Tinha certeza de que havia apenas dois naquela festa, mas as fotos mostravam três.

Crianças em um país estranho, não falavam nem inglês. Seu pai à beira da morte. Sua mãe poderia ir para a cadeia ou, pior ainda, ser condenada por homicídio. Talvez, se

Henry fosse preso, pudesse alegar insanidade na defesa, mas Sofie Rhodes não teria tal opção. Ela *era* uma mulher, talvez isso ajudasse? Jürgen Rhodes provavelmente ganhava um excelente salário. Mesmo se não sobrevivesse, eles teriam dinheiro suficiente para custear a defesa dela e talvez...

Congelei. Eu estava realmente tentando me convencer a permitir que uma mulher inocente enfrentasse uma possível pena de morte por algo que eu sabia que ela não tinha feito?

Olhei para a caixa debaixo da mesinha da luminária por um instante e, em seguida, olhei de volta para Tucker. Ele se inclinou para a frente, me encarando com uma preocupação visível.

— Sra. Miller, sabemos que foi um choque horrível. A senhora gostaria que lhe déssemos um momento? Temos algumas perguntas a lhe fazer.

— A mim?

— Sofie Rhodes nos contou uma história fantasiosa sobre seu irmão os perturbar — começou Johnson, em um tom que sugeria que estava envergonhado até mesmo de repetir a acusação. — Ela insistiu que Henry estava mentindo sobre a noite em que viu o marido dela em sua casa. Para ser sincero, sra. Miller, não confio muito no que esses alemães dizem. Mas achei que poderíamos vir para falar com a senhora de qualquer forma, apenas para seguir o protocolo.

Fechei os olhos para tentar me concentrar. Tinha que haver uma maneira de consertar. Eu não poderia fazer nada para desfazer o ato de Henry, mas *tinha* que haver uma maneira de salvá-lo da prisão, de salvar Sofie Rhodes por seus filhos ...

Talvez eu tenha pensado por tempo demais, porque, quando abri os olhos, ambos os policiais me encaravam com os olhos semicerrados.

— Sra. Miller? — perguntou Tucker, lentamente. — Há algo que a senhora deseja nos contar?

Pela primeira vez em anos, pensei em minha mãe e na conversa que compartilhamos sob as estrelas, sobre Henry e papai, sobre mentes fortes e espíritos mais frágeis.

Você tem a mente que lhe foi dada, e me parece que nós, que somos fortes, temos a obrigação de cuidar dos outros quando eles não o são.

Meu olhar vagou novamente para a caixa no canto da sala.

Eu tinha que proteger Henry. Tinha que ajudar Sofie Rhodes.

Deixei meu olhar se demorar sobre a caixa, por tanto tempo que o silêncio se arrastou.

Depois de um momento, Johnson se levantou e atravessou a sala em direção à mesa com a luminária. Ele pôs a caixa em cima da mesa, olhou dentro dela e depois para mim, sem acreditar.

— Poderia explicar tudo isso, sra. Miller? — ele inquiriu.

— Não — sussurrei, com a voz embargada. — Não, acho que não.

A SALA DE INTERROGATÓRIO ERA PEQUENA. TINHA PAREDES TOTALMENTE brancas e um grande relógio acima da porta. Achei que precisaria de um advogado, mas não sabia o que dizer a ele, então não pedi para ligar para um. Johnson e Tucker me faziam perguntas rápidas. Eu sabia todas as respostas, mas não tinha dito uma palavra desde que chegáramos à delegacia.

Senti a memória de mamãe com tanta força naquela sala. Era como se ela estivesse tentando me dizer alguma coisa. Eu simplesmente não conseguia entender com todo o barulho, a culpa, o medo e a confusão.

— Lizzie — Tucker me chamou, seu tom suavizando de repente. — Posso chamá-la assim? — Assenti com a cabeça, em silêncio. — As balas naquela caixa correspondem ao tipo de bala na arma que encontramos no quintal de Jürgen Rhodes. Você está com as fotos que Sofie Rhodes diz terem

sido roubadas do quarto dela. Você tem uma lata de tinta que pode ter sido usada para atormentar aqueles alemães em Sauerkraut Hill. Ainda não formalizamos uma acusação porque achamos que você pode nos explicar tudo isso, mas você não está nem tentando nos ajudar aqui. Com certeza pode perceber que a situação parece ruim.

— Calvin está lá fora no saguão — acrescentou Johnson.
— Ele está realmente chateado, Lizzie. Por que você não nos conta o que aconteceu esta manhã com Rhodes, e aí permitimos que você o veja?

Eu queria proteger meu irmão, mas não podia. Queria fazer Calvin feliz, mas não podia. Só queria desfazer o que acontecera com Jürgen Rhodes, mas não podia. Queria ajudar Sofie Rhodes, que, pelo menos desta vez, era uma mãe inocente de crianças inocentes.

Eu só queria deixar tudo melhor para *todos* à minha volta.

Eu conseguia ouvir minha respiração ecoar por aquela salinha. O fôlego curto que traía meu pânico. O único caminho a seguir era confessar o crime no lugar de Henry, mas Calvin perceberia.

— Podemos fazer uma pausa — suspirou Tucker, e os dois homens afastaram as cadeiras e me deixaram sozinha.

Olhei para o relógio na parede. Eram quase dez da manhã e o ponteiro maior continuava a se movimentar, embora eu sentisse como se o tempo tivesse parado.

Berlim, Alemanha Abril de 1945

O FIM SE APROXIMAVA E O CLIMA NAS RUAS DE BERLIM ERA DE TENSÃO. ALGUMAS pessoas estocavam comida e munição, outras guardavam madeira em pilhas em seus quintais, supostamente para “projetos de verão”. Poucas se dispunham a admitir que estavam, na verdade, se preparando para fazer barricadas em suas janelas assim que o conflito chegasse às nossas ruas.

Lydia não falara comigo desde minha prisão, não até que as linhas telefônicas de Nordhausen e Mittelwerk foram desligadas. Nesse ponto, ela me ligou e agiu como se ainda fôssemos próximas.

— Você teve notícias de Jürgen? — ela quis saber em tom amigável.

— Sinto muito. Não. Já faz semanas.

— Na última vez que falei com ele, Karl disse que tínhamos que nos defender e defender nossas casas a qualquer custo, e que deveríamos lutar até o fim. Eu e ele concordamos em nunca nos rendermos. Mas... — Lydia pigarreou. — Se ele fosse *capturado*... bem, obviamente isso seria diferente.

— Não sei o que você quer dizer, Lydia.

— Os soviéticos e os americanos vão querer nossa tecnologia. Nosso conhecimento. E Deus sabe que os cientistas não conseguem se virar sozinhos para ir do refeitório às suas mesas. Eles precisam de pessoas como

Karl para ajudá-los ou nunca conseguiriam nada. E é claro que eles levariam nossas famílias também. Os homens insistiriam nisso.

— Não estou certa sobre nada disso. — Eu sabia por Jürgen que essa era a expectativa de Karl, mas, para mim, parecia ridiculamente otimista. — Se eu souber de algo, ligo para você.

Alguns dias depois, Hans ligou e pediu para falar com Georg, e eu não achei nada demais chamar meu filho. Deixei-o no escritório para conversar com o amigo e voltei para a cozinha, onde estava catalogando os suprimentos. A cidade provavelmente cairia dentro de semanas. O bombardeio aéreo nos mantinha acordados várias noites seguidas e parecia claro que estava apenas começando. Eu levava cada pedaço de alimento possível para o abrigo anti-bombas improvisado que montamos no pequeno porão sob o prédio de Adele. Tinha medo, mas tive medo por tanto tempo que aprendi a superar. A melhor coisa que eu poderia fazer pela minha família era estar preparada.

Quando dei por mim, Georg estava na porta com seu uniforme da Juventude Hitlerista e uma bolsa de lona pendurada no ombro. Ele tinha quinze anos e era um membro orgulhoso e de alta patente. Seu uniforme era um pouco grande demais. Ele herdara a altura de Jürgen e precisava de um tamanho maior, mas ainda não tinha volume para preenchê-lo.

— Recebi ordens, mamãe — ele me informou. Seus olhos brilhavam de empolgação, como se tivesse sido chamado para um jogo especialmente emocionante. Ele estava mais feliz do que jamais o vira desde que deixara a prisão. — Seremos mobilizados imediatamente.

— Ordens? — repeti em tom vago. — Mobilizados?

— A minha divisão da Juventude Hitlerista será mobilizada para defender Kassel.

Ele soltou a bolsa no chão e caminhou até mim, com uma expressão séria no rosto. Larguei o saco de farinha que

segurava e me virei para ele, mais confusa do que alarmada.

— Você tem quinze anos — ressaltei. — Você é uma criança, não um soldado! Quem disse que você está sendo *mobilizado*? — Limpei as mãos no avental e dei um passo até a porta. — Você entendeu mal, só isso. Vou ligar para o capitão...

— Ele está a caminho para vir me buscar.

Eu odiava ter que ligar de volta para Lydia, mas não conseguia pensar em outra maneira de resolver essa confusão. Georg esperou na porta enquanto eu discava e falava com a governanta dos Zu Schiller, que foi atrás de Lydia. Depois de um breve momento, ela atendeu o telefone, sem fôlego.

— Sofie! Você tem notícias de Karl?

— Não, desculpe...

— Então agora não é um bom momento. Estou ajudando Hans a fazer a mala.

Virei-me para olhar para Georg. Ele havia começado a fazer a barba recentemente, talvez um pouco antes de precisar. A navalha inflamara o pouco de acne ao longo de sua mandíbula. Ele tinha a cor de Jürgen e o meu intelecto. Ele estava bonito e orgulhoso, com suas botas brilhantes, sua gravata com um nó perfeito, e ele tinha feito tudo sozinho.

Mas sua pele estava vermelha, corada de irritação e provavelmente um pouco de vergonha.

Ele era um menino. Ele era apenas um menino.

— Acabei de falar com Georg. Eles não podem estar mobilizando crianças! — Eu podia sentir o sangue disparando pelo meu corpo, as batidas do meu coração soando em meus ouvidos e pulsando sob a pele.

— O Führer disse que devemos defender o Reich até o fim — replicou Lydia impacientemente. — Esses garotos têm sido treinados para isso há anos.

— Você vai deixar Hans ir?

— Estou preocupada, é claro, mas também orgulhosa. Hans e Georg são guerreiros hoje! Não cabe a nós decidir se eles vão ou não. Eles receberam ordens. Eles simplesmente devem obedecê-las — ela ralhou. Então, baixou a voz e me repreendeu: — Sofie, você deveria ter aprendido sua lição da última vez. Devemos ser leais ao Reich, acima de tudo.

Desliguei naquele momento, sem me despedir. Meus ouvidos apitavam por causa do choque, do horror, da descrença. Virei-me para Georg.

— Você não pode ir — desapareci. — Você precisa ficar comigo.

— Não posso recusar uma ordem, mamãe. Isso é traição!

— Mas você *pode* ignorá-las, Georg, e deve. Estamos perdendo a guerra — alertei. Em seguida, estendi a mão para ele no momento em que ele se abaixou para pegar a mala. Ele me afastou com uma expressão endurecida.

— Perdendo a guerra? Não me diga que o inimigo conseguiu enganá-la com a propaganda dele! O Führer diz que só precisamos seguir o curso. Lutar em todos os cantos. É assim que seremos vitoriosos...

— Você tem que pensar por conta própria agora — interrompi meu filho com urgência. — É só uma questão de tempo até que a Alemanha caia, e quando isso acontecer, seremos liberados. Está quase no fim.

Georg ficou imóvel, me encarando de forma incisiva.

— Eu sabia.

— Sabia o quê?

Seu lábio se contorceu de nojo e ele fez um sinal negativo com a cabeça.

— A senhora é desleal ao Reich e foi detida porque alguém descobriu. A senhora e o papai provavelmente só estão vivos porque os foguetes dele estão mudando o rumo da guerra.

Uma torrente de palavras me ocorreu, fervilhando em meu âmago. Havia chegado a hora em que eu seria capaz de dizê-las.

Você foi uma marionete nas mãos de homens cruéis desde a sua infância, mas há uma boa pessoa dentro de você e vou ajudá-la a se fortalecer mais uma vez.

Mas Georg acabara de me lembrar inadvertidamente do motivo de eu ainda não conseguir dizer aquelas palavras. Se eu fosse honesta com ele agora, ele seguiria direto para aquele carro ou atravessaria a rua até a casa de Dietger para denunciar a minha deslealdade. Eu não podia culpá-lo. Ele fora criado para ser mais leal ao país do que à família. Até onde eu sabia, os Aliados ainda estavam a semanas de distância de Berlim. A Gestapo me prenderia de novo? Eles me levariam de volta para a prisão?

Se fizessem isso, minhas meninas ficariam sozinhas em Berlim durante a queda da cidade. Eu não poderia correr esse risco. Tinha que segurar a língua.

Tudo o que podia fazer era deixar Georg ir e rezar para Deus me dar a oportunidade de dizer o que precisava ser dito depois, quando tudo aquilo acabasse.

— Não sou desleal — retruquei secamente. — Estou preocupada com você. Você é um homem agora, mas ainda é meu bebê.

Ao ouvir essas palavras, ou talvez a falha em minha voz, Georg titubeou. Então, ele se aproximou e me abraçou.

— Mamãe — me repreendeu carinhosamente. — Não se preocupe. Sei o que estou fazendo. É uma honra servir ao Führer. Confie nele e saiba que estarei de volta são e salvo antes mesmo de você perceber.

Envolvi meus braços em sua cintura e o abracei com força.

Ouvi passos estridentes na escada acima de nossas cabeças e Laura e Gisela estavam lá, ambas radiantes de orgulho em meio às lágrimas. Georg deu abraços rápidos nas duas, falou para serem corajosas e fortes, e então uma buzina soou do lado de fora. As meninas correram para o meu lado, ambas chorando copiosamente. Estendi um braço

ao redor de cada uma delas enquanto Georg cruzava o saguão rapidamente para abrir a porta da frente.

— Espere — soltei. — Espere...

Mas parei, porque não havia mais nada a dizer, e era óbvio que Georg também sabia disso. Ele se virou para nos encarar e ergueu o braço direito de forma desafiadora, em uma saudação a um homem que não merecia tal honra, um homem que já havia perdido, mesmo que ele e meu filho ainda não reconhecessem essa derrota.

— *Sieg heil!* — disse Georg. *Salve a vitória.*

Ainda chorando, minhas filhas ergueram as mãos para responder ao gesto. Ergui a minha também, como sabia que deveria fazer, mas ela tremia violentamente acima da minha cabeça.

O tom de Georg transmitia sua determinação durante a saudação, mas notei o lampejo de medo em seus olhos.

EU NÃO TINHA IDEIA DO QUE ESTAVA ACONTECENDO EM KASSEL NAS SEMANAS que se seguiram. Perguntava a todos que encontrava se eles tinham alguma notícia, ocasionalmente saindo apenas para perguntar ao vendedor da mercearia ou às pessoas na rua. Embora ela nunca admitisse, Lydia estava tão preocupada quanto eu, por Karl, mas agora também por Hans. Para minha frustração, ela continuava chegando sem avisar na minha casa em busca de notícias.

— Tenho certeza de que todos ficarão bem — ela me assegurou, mas sua voz estava tensa e ela cutucava a pele das unhas. — Karl e Jürgen são ativos valiosos no Reich, eles estarão protegidos não importa o que aconteça. E nossos meninos são soldados. Quero dizer, eles treinaram por anos para isso na *Jungvolk* e na *Hitlerjugend*. — Ela fez uma pausa de repente e, em seguida, olhou nos meus olhos com lágrimas. — Mas você vai me dizer se ouvir alguma coisa, não vai, Sofie? Qualquer coisa?

Eu tinha muito mais com que me preocupar em casa, porque Berlim estava mergulhando rapidamente no caos.

Os Aliados bombardeavam dia e noite, e Laura, Gisela e eu estávamos alertas o tempo todo, prontas para correr até o porão ao som estridente das sirenes de ataque aéreo. A cidade logo foi isolada, e havia uma loucura no ar que me lembrou a *Kristallnacht*. Casas e lojas foram saqueadas, e pessoas eram assaltadas em plena luz do dia pelas coisas mais simples.

Em contraste com esse pano de fundo horrível, a ilusão de esperança do Reich continuava. Carros passavam pelas ruas com alto-falantes no teto, reproduzindo mensagens que nos diziam para proteger nossas casas e ruas a qualquer custo. Novos cartazes de propaganda apareceram em postes telegráficos e em caixas de correio. Desafiador até o fim, Hitler continuou a nos incitar à violência em seu nome.

Certo dia, Laura segurava um desses cartazes no café da manhã.

— Qual é o plano, mamãe? Como devemos defender nossa casa do inimigo?

Ela tinha treze anos de idade. Os nazistas estavam no poder desde que ela começara a andar. Como eu poderia explicar a Laura e Georg que permitimos que eles fossem imersos nesse mundo de idolatria e ódio?

Novamente fiz o cálculo: *Gestapo. Lealdade. Prisão*. Desta vez, a cidade estava em tal nível de caos que tive certeza de que a Gestapo estaria ocupada com outras coisas, provavelmente tentando salvar a própria pele. Tranquilizada, dei meu primeiro pequeno passo para um futuro em que Laura e eu poderíamos nos conectar de forma honesta.

— A guerra acabou — falei gentilmente. — Nós perdemos.

— Mas, mamãe... — Laura ergueu o cartaz, como se eu não o tivesse visto — ... devemos defender nossa rua e nossa casa até o fim. Vê? Não podemos permitir que eles simplesmente tomem nossa cidade.

— Outros vão lutar. Essa guerra já tirou demais de nossa família.

— O que você está falando? — ela olhou em volta, genuinamente desnorteada. — Nós não perdemos nada!

Levantei-me abruptamente.

— Tudo o que você acha que sabe é mentira. Assim como um bebê, você vai ter que aprender a interpretar as coisas que vê e ouve.

Gisela, com seis anos, estava sentada ao meu lado. Ela pegou minha mão.

— Não luta — ela disse. — Eu já tô com medo. Por favor, não vamos lutar.

— Já estamos lutando, meu amor — disse a ela, carinhosamente. — Tudo bem ter medo. Laura e eu estamos com medo, e onde quer que estejam, aposto que o papai e Georg também estão com medo.

— Vou contar para eles na minha reunião da Liga — ameaçou Laura. — Eles *sempre* perguntam se nossas famílias são leais. A Gestapo virá atrás da senhora. É isso que a senhora merece por dizer essas coisas odiosas.

— Não haverá mais reuniões da Liga — retruquei. — Eles estão nos preparando para lutarmos com nossas próprias mãos. Se se importassem tanto conosco, nos diriam para preparar nossas bandeiras brancas para receber os soviéticos. Tudo o que podemos fazer é aceitar a realidade de que estamos do lado errado e perdemos.

— Por que você está falando desse jeito? — gritou Laura, os olhos se enchendo de lágrimas. Ela empurrou a cadeira para trás e correu da sala, largando o cartaz pelo caminho. Ele flutuou lentamente até o chão e foi parar embaixo da mesa. Escutei seus passos furiosos na escada e, então, o som da porta batendo quando ela entrou correndo no quarto.

Eu estava cansada e preocupada com Georg e Jürgen, e não aguentava mais o fato de cada momento ser uma batalha. Soltei o ar devagar, apoiando a testa na mesa. Gisela apertou minha mão.

— Mamãe, vai ficar tudo bem? Você realmente promete?

Eu me estendi para pegar Gisela, coloquei-a no colo e a abracei na cintura. Ela se virou para apoiar a cabeça no meu ombro, envolvendo meu pescoço com seus braços.

— Vai ser difícil por um pouquinho mais de tempo — respondi. — Temos só que ser corajosas até as coisas melhorarem.

EU ACABARA DE DEITAR NA CAMA NAQUELA NOITE QUANDO OUVI UM CARRO estacionando na rua. Presumi que fosse alguém chegando à casa de um vizinho, mas então ouvi uma batida suave na porta da frente. Pensando que poderia ser Georg, saltei da cama e desci as escadas para abri-la.

Jürgen estava na soleira. Ele precisava desesperadamente fazer a barba e, conforme descobri ao abraçá-lo, de um banho.

— Estou tão feliz em vê-lo! — gritei. — Onde diabos você esteve? Ele deu um sorriso cansado.

— A equipe inteira foi enviada para um resort de esqui na Baviera para aguardar novas instruções. No caos que se instalou enquanto eles saíam, roubei esse carro e voltei para cá.

— Lydia acha que vai para os Estados Unidos.

— Bom, receio que Lydia sofrerá um choque, porque Karl se rendeu aos soviéticos semanas atrás — contou Jürgen, enquanto pendurava o chapéu imundo no cabideiro. Cautelosamente, o retirei de lá e o coloquei perto da mala no chão.

— Isso precisa de uma limpeza — acenei com a mão para todo o seu corpo. — Você *inteiro* precisa de uma limpeza. — Mas então parei e dei um grito sufocado. — Você disse que Karl se rendeu aos soviéticos?

— Ele tentou me convencer a ir com ele. Quando recusei, ele reuniu um grupo de outros cientistas, incluindo Aldo, e fugiu como um rato em um navio afundando. Pelo amor de Deus, Karl é um oficial da SS e um criminoso de guerra, assim como eu. Por que alguém nos perdoaria? Ele

provavelmente está em alguma prisão soviética horrível agora, exatamente o lugar que ele merece — Jürgen suspirou e fez um aceno negativo com a cabeça. — Mesmo que tenham lhe oferecido refúgio por algum motivo inexplicável, de que serve a liberdade para Karl? Ele teve que abandonar a esposa e os filhos para obtê-la.

Passei meu olhar pelo corpo de Jürgen e absorvi tudo: o arranhão em seu braço que indicava um possível encontro com um arbusto espinhento, a lama em sua bochecha, as roupas amassadas e fedorentas.

— Não foi fácil chegar em casa — afirmou seguindo meu olhar. — Não vai demorar muito para que Berlim caia. Estou feliz por ter vindo, as coisas vão piorar antes de melhorar. Ficarei com você e tentarei manter a todos nós em segurança até que tudo isso acabe. Então, vou me render a quem quer que tome a cidade.

Jürgen já estava começando a subir a escada para ir ao banheiro. Pigarreei e ele olhou para mim com ansiedade.

— Georg foi enviado a Kassel com sua unidade da Juventude Hitlerista — soltei. O choque percorreu suas feições, seguido por um horror inconfundível. — Eu tentei. Juro que tentei convencê-lo a ficar. Não é possível falar de maneira sensata com ele.

NAQUELA NOITE, POR MAIS ATERRORIZADA QUE EU ESTIVESSE, POR MAIS INCERTO que o futuro fosse, tive uma bênção inesperada pela qual agradecer. Apesar de tudo o que havia de errado em nosso passado e em nosso mundo, pelo menos Jürgen e eu estávamos juntos em nossa ansiedade e em nosso desespero.

EU ESTAVA DOBRANDO AS ROUPAS LIMPAS NO DIA SEGUINTE QUANDO OUVI UMA batida na porta. Joguei a camiseta de Gisela de volta no cesto e me apressei para atender, mas Jürgen chegou primeiro.

— ... então eu decidi vir para casa. — Ouvi-o dizer em um tom gentil. — Mas entre. Vamos fazer um chá e eu vou contar...

— Só me diga onde ele está — pediu Lydia, secamente. Depois de uma breve pausa, ela perguntou em um tom aflito: — Ele está morto, Jürgen? Eu prefiro saber.

— Ele se rendeu aos soviéticos — respondeu Jürgen com a voz pesada. Eu chegara ao saguão naquele momento e preendi a respiração enquanto olhava para a porta. O que ela estava fazendo lá? Será que tinha notícias dos meninos?

— Ele não faria isso — rechaçou Lydia, negando com a cabeça. Seu olhar parecia desconcertado. — Não.

— Tenho certeza de que ele tentou ligar para você antes. As linhas de telefone...

— Os soviéticos devem tê-lo capturado. Isso faria mais sentido.

— Não — reforçou Jürgen, com a voz gentil outra vez, mas firme. — Ele foi um dos primeiros a sair e seguiu para o norte. Ele queria encontrar os soviéticos enquanto avançavam.

— Mas... mas ele disse que nós... Nós deveríamos defender o Reich até o fim — ela sussurrou, franzindo as sobancelhas. Seu semblante mudou, tornando-se feroz. — Não. Karl preferiria a morte à desonra de abandonar seu país, abandonar sua *família*. Você está mentindo.

A luz do sol refletia no para-brisa atrás de Lydia, então dei um passo à frente, tentando ver além dela. Seu carro estava estacionado atrás do caminhão do exército que Jürgen roubara em Mittelwerk e Hans estava sentado no banco de trás.

— Hans está aqui? — disparei, correndo para a porta. — Onde está Georg?

Ao chegar mais perto, pude ver Hans direito. Uma sensação de pavor me percorreu quando percebi que ele estava balançando suavemente para a frente e para trás. Ele olhou para cima e encontrou meus olhos, e mesmo

àquela distância, eu podia ver que os dele estavam vermelhos, seu rosto com manchas. Ele parecia muito mais jovem do que seus dezesseis anos. Ele era uma criança traumatizada e aterrorizada.

Não precisei que ele dissesse nada e não precisei ouvir nada. No minuto em que vi o rosto de Hans, soube que havia perdido meu filho.

Lydia de repente começou a chorar, lançando um olhar angustiado e em pânico para Jürgen e eu, depois de volta para seu filho no carro. Jürgen saiu correndo da casa pelo caminho de pedras. Ele abriu a porta do carro e agarrou Hans pelos ombros, puxando o menino para a calçada.

— Onde está Georg, Hans? Onde está o meu filho?

— Ele se foi... — lamentou Hans.

Jürgen gritava com Hans. Hans chorava. Lydia estava em prantos. E, do outro lado da rua, Dietger segurava um pincel com tinta branca pingando. Ele estava pintando slogans de propaganda na parede de uma casa.

Protejam suas casas! Cada cidadão deve defender a cidade da escória vermelha...

Virei-me para ver que, ao nosso lado, no edifício que Adele chamara de lar por toda a sua vida, seus inquilinos estavam parados nas janelas, observando também, e nas portas rua acima e abaixo as pessoas estavam saindo para ver o que estava acontecendo. Nossa dor era um espetáculo para a vizinhança.

— Ele está mentindo — disse Lydia atrás de mim. Virei-me para ela para tentar compreender suas palavras.

— Hans está mentindo? — perguntei, esperançosa.

— Jürgen está mentindo! — ela gritou desesperada, puxando os cabelos. — Karl não me abandonaria!

— Karl achou que tinha uma chance de salvar o próprio pescoço e a aproveitou. Sei que não é o que você quer ouvir, mas é a verdade! — Eu não podia lidar com o colapso dela, tinha o meu próprio para cuidar. Caminhei lentamente até o meio-fio, aproximando-me de Hans e Jürgen.

— Não tínhamos armas suficientes. A SS nos deu granadas e disse para entrarmos debaixo dos tanques e as segurarmos enquanto elas explodiam. Mas Georg e eu não queríamos morrer. Ele não queria morrer, sr. Rhodes... — Hans balbuciava agora. Voltou a chorar e a falar de modo acelerado, tremendo e tomando fôlego apenas quando precisava. Jürgen ainda o segurava pelos ombros, mas agora eu podia ver que, se ele o soltasse, Hans desabaria no chão. Ele olhou para além de nós, na direção de Lydia, e entre pesados soluços ele falou: — Mamãe, eu não consigo fazer isso. Me ajude, mamãe, por favor.

Hans verbalizara as palavras, mas foi a voz de Georg que ouvi. Imaginei que, enquanto ele dava seus últimos suspiros, assustado e sozinho, ele tinha me chamado daquela maneira. Meus joelhos cederam e eu alcancei o ombro de Jürgen para me apoiar. Hans procurou a porta do carro e se jogou no banco de trás.

— Ele foi baleado defendendo o país dele — esclareceu Lydia. Ela passou por nós, se apoiou no carro para murmurar algo para Hans, e então se virou para me encarar uma última vez. — Georg morreu pelo Reich, a serviço do Führer. Ele é um herói e você deveria estar orgulhosa.

— Um herói? — disparei. E ri amargamente. — Ele era uma *criança*, Lydia! Uma criança alquebrada que sofreu lavagem cerebral. — Lydia deu um grito sufocado, cobrindo a boca com a mão. — Hitler nunca foi digno de nossa lealdade e com certeza absoluta não mereceu o sacrifício da vida do meu filho.

Lydia olhou fixamente para mim, então se virou para entrar no carro. Seu olhar era incisivo quando ela me encarou pela última vez e disse:

— Os meninos estavam seguros, tinham se escondido. Georg tentou fugir e os americanos atiraram nele pelas costas. A verdade é que, se Georg não tivesse sido um covarde, ele teria sobrevivido, assim como Hans.

Com isso, Lydia entrou no carro e seu motorista os levou embora.

ENQUANTO A CIDADE DESMORONAVA AO NOSSO REDOR, EU NÃO CONSEGUIA pensar em nada além de Georg. Vários dias se passaram e eu fiquei na cama. Jürgen garantiu o apoio emocional de que as meninas precisavam, lacrou as janelas e levou o resto da comida para o porão do edifício de Adele.

— Sofie — pediu Jürgen com carinho. Eu estava sentada na cama de Georg, enrolada no cobertor de Mayim. As pontas do cobertor estavam encharcadas de lágrimas e olhei para ele com a visão turva. — Venha comigo.

Deixei que ele me conduzisse até o escritório. Ele me posicionou, com cobertor e tudo, em uma das poltronas na frente de sua mesa. Observei quando ele se agachou desajeitadamente atrás da estante e pressionou o ombro na lateral, tentando empurrá-la para a frente. Um abridor de cartas e uma pinça estavam no chão ao lado dele.

— Que diabos você está fazendo? — eu estava confusa.

Jürgen deu um grunhido e um derradeiro empurrão, e a prateleira deslizou um pouco para a frente. Ele caiu de quatro, então pegou o abridor de cartas e o deslizou entre duas tábuas do chão. Ele ergueu uma delas, então pegou a pinça.

— Logo depois de nos casarmos, eu estava neste escritório quando deixei cair uma página do rascunho inicial da minha dissertação. Foi um acaso. Ela flutuou da minha mão e depois escorregou entre essas tábuas do chão. Eu a recuperei dessa exata maneira — ele murmurou, agitando o abridor de cartas e a pinça. — Pensei que se eu *realmente* tivesse que esconder alguma coisa, este seria o local perfeito.

Ele emitiu um súbito som de triunfo, então com muito cuidado puxou um pequeno envelope do vão. Soprou a poeira, limpou-o delicadamente na camisa, depois o

estendeu para mim com as duas mãos, como se fosse feito de vidro.

— O que é isso?

— Abra, meu amor — ele disse, em um tom suave.

— Rasguei o selo com cuidado e meu coração começou a bater forte quando vi a imagem em preto e branco que estava lá. Éramos eu e Mayim, abraçadas, malas aos nossos pés, sorrindo para minha babá na manhã em que viajamos para a escola de bons costumes.

— Meu Deus — engasguei, olhando para ele através de lágrimas. Esqueci como os olhos dela eram brilhantes e como seu sorriso estava enorme naquele dia. Éramos duas crianças esperançosas com o mundo aos nossos pés, alegremente alheias à crueldade que faria parte da jornada à nossa frente.

— Ela estava aqui e era importante — Jürgen disse calmamente. — O mesmo com Georg. Eles se foram, mas *você* ainda está aqui. As meninas ainda estão aqui. Espero que essa foto possa ajudá-la a se manter forte no futuro, não importa como ele seja.

Eu sempre amara Jürgen Rhodes, mas nunca como naquele momento, o mais sombrio de minha vida, quando ele soube como trazer de volta para ela um pouco de luz.

SOFIE

Huntsville, Alabama 1950

ENQUANTO ESPERAVA POR NOTÍCIAS, TENTEI AGRADECER PELO FATO DE AQUELA cela ser grande e bem iluminada, por haver um colchão e um cobertor na cama e, ainda que visível para todos, por haver um banheiro bem ali. Concentrar-me nas diferenças entre aquela cela e a última em que estive ajudou no início, mas não por muito tempo. No momento em que a fechadura foi trancada, eu me convenci de que ficaria presa por semanas, com fome e sede e me sentindo aterrorizada, sem sequer uma notícia sobre meu marido ou meus filhos.

Mas, então, o detetive Tucker apareceu na porta. Ele evitou meu olhar, voltando o dele para o chão. Senti um nó na garganta.

— Jürgen... — sussurrei.

— Não — ele se apressou em dizer. — Não tivemos notícias. Mas a senhora está livre para ir para casa — ele fez um gesto, indicando que eu deveria acompanhá-lo no corredor, e corri para segui-lo.

Quando nos aproximamos da saída, perguntei, hesitante:

— Mas por que vocês estão me soltando? — parecia perigoso perguntar, como se fazê-lo pudesse me levar de volta à cela.

— Temos um novo suspeito.

— Henry Davis — falei sombriamente. Ele negou com a cabeça.

— Não, senhora. Lizzie Miller. — Fiquei tão chocada que tropecei. Tucker agarrou meu braço, com um olhar de compaixão. — Sinto muito pelos problemas causados nesta manhã. Imagino que já tenha sido difícil o suficiente sem essa... confusão infeliz.

Olhei para a sala de entrevistas quando passamos por ela e, pelo pequeno painel de vidro na parte superior da porta, vi Lizzie Miller, embora de início eu mal a tivesse reconhecido. Ela vestia uma camisa masculina velha e grande demais para ela, tão grande que ela tinha arregaçado as mangas para expor as mãos. Seu cabelo estava preso em um rabo de cavalo apertado e ela não estava usando maquiagem, revelando uma pele cheia de sardas e cílios tão finos que eram quase invisíveis. Sua expressão permanecia cuidadosamente vaga enquanto ela olhava para a parede. Parei, tentando ignorar o impulso de confrontá-la.

Ela não tinha puxado aquele gatilho. Isso não significava que fosse inocente.

— Posso falar com ela?

— Nós realmente não precisamos de mais problemas — disse Tucker, hesitante.

— Por favor.

Ele suspirou ao assentir com a cabeça e abrir a porta. Sentei-me de frente para Lizzie, como se fosse a responsável pelo interrogatório.

— O que você quer? — ela reagiu, na defensiva como sempre, mas mal pude ouvi-la. Enquanto a encarava, fiquei surpresa ao ver algo em seus olhos que nunca notara antes.

Familiaridade.

Eu também fizera escolhas erradas no desespero de proteger minha família e fora forçada a aprender da forma mais difícil que erro nenhum impede uma pessoa de alcançar a salvação.

LIZZIE

Huntsville, Alabama 1950

A DELEGACIA ESTAVA MOVIMENTADA E, POR UM MOMENTO, ACHEI QUE OS DETETIVES podiam ter se esquecido de que eu estava ali. Então, a porta se abriu e me deparei com Sofie Rhodes. Ela parecia ainda pior do que eu: olhos vermelhos, rosto pálido. Quando ela se aproximou, o robe que vestia se moveu, e eu vi o sangue seco e escuro em seu pijama.

Afastei o olhar, subitamente envergonhada. Eu só a tinha visto como inimiga até então. Agora, eu não tinha como fingir que não sabia que um dia havia sido uma jovem cheia de esperanças, com o mundo aos seus pés.

— Somos iguais. Você e eu — ela disse, de repente.

— Não temos nada em comum.

— Nós somos o tipo de mulher que faz o que precisa ser feito... — Ela baixou a voz e seu olhar suavizou ao acrescentar: — ... especialmente quando se trata da nossa família.

Meus ombros afundaram. Ela imediatamente reconheceu meu plano de proteger Henry, assim como eu sabia que Calvin o faria. Isso importava? A polícia poderia acusar o meu irmão por um crime que *eu* havia confessado?

— Espero que seu marido esteja bem — sussurrei. Ela fez um aceno com a cabeça para indicar que me ouvira, mas seu olhar estava distante.

— Dizíamos para nós mesmos que estávamos apenas protegendo a nossa família. No final, perdemos nosso filho e

nossa filha mesmo assim. E tão difícil quanto viver com isso é viver sabendo que perdemos a nós mesmos no processo. É tarde demais para corrigirmos as coisas na Alemanha, e é por isso que é tão importante para Jürgen e eu construirmos algo bom *aqui*. — Ela me fitou com olhos tristes e inquisitivos. — Só temos uma única vida, sra. Miller. No mínimo, temos que vivê-la com integridade, fiéis a nós mesmos e a nossos valores, quaisquer que sejam as consequências.

Ela fechou a porta ao sair, deixando-me sozinha novamente. O tique-taque do ponteiro dos segundos no relógio parecia mais alto do que nunca. Olhei fixamente para ele até meus olhos se encherem de lágrimas.

Só temos uma única vida, sra. Miller.

Mas não era verdade. Eu tinha vivido muitas vidas. Havia me tornado uma pessoa totalmente nova só para sobreviver em El Paso. Havia feito isso novamente por Calvin e aperfeiçoado essa nova personagem, desesperada para *fazê-lo* feliz da única maneira que eu parecia ser capaz. Mudei de novo para as esposas de El Paso, só para me encaixar.

E, aparentemente, eu estava disposta a fazer tudo isso mais uma vez por Henry; fingir que eu era o tipo de mulher que atiraria em um homem em seu próprio quintal, para salvar meu irmão de si mesmo.

Por que eu me responsabilizara pela confusão dele, sem pensar nem por um momento sequer em meu próprio bem-estar? Tinha até me preocupado mais em salvar Sofie Rhodes, uma mulher que eu supostamente detestava, do que em me proteger.

Em todos aqueles anos desde que eu e Henry havíamos deixado a fazenda, eu me remodelara e me reinventara para agradar outras pessoas por tantas vezes que tinha perdido completamente o contato com a mulher que eu era de verdade. Eu estava vivendo para outras pessoas, a cada hora de cada dia, por mais da metade da minha vida.

Quando tudo explodiu, eu não pensei duas vezes em destruir a minha vida porque não a valorizava. A única vida que eu amei um dia tinha sido aquela que perdi.

Refletindo naquela sala de interrogatório, minha perspectiva ia mudando e se torcendo até parecer que suas camadas finalmente se revelavam. Eu nunca quis ser uma dona de casa suburbana, sempre entediada, tolerando fofocas mesquinhas e implorando às minhas amigas por uma chance de cuidar dos seus jardins. Aquela vida era boa para outras pessoas, mas eu sempre soube o que queria para mim, e nunca foi aquilo.

Eu queria ajudar o meu irmão, mas se continuasse tentando protegê-lo de seus próprios erros só o prejudicaria a longo prazo. Ele precisava enfrentar as consequências desta vez. Eu lutaria por ele e o defenderia. Faria o que fosse preciso para encontrar o tratamento certo para ele.

Mas eu não poderia deixá-lo esconder-se da verdade.

Eu finalmente via na minha própria vida quanto dano aquilo podia causar.

Calvin entrou na sala alguns minutos depois. Puxou uma cadeira, sentou-se à minha frente e me encarou.

— Lizzie — ele sussurrou. — O que diabos está acontecendo?

— Cal — falei com a voz tranquila e fechando os olhos. — Sinto muito. Fiz um estrago enorme.

CALVIN ARRANJOU UM ADVOGADO PARA MIM E, COM A AJUDA DELE, CONTEI À polícia o que realmente tinha acontecido. Então, esperamos na delegacia até que chegasse a notícia de que Henry havia sido detido sem incidentes em Nashville. Eles me disseram que ele estava abalado, mas aceitou de boa vontade quando o levaram. Mais ou menos ao mesmo tempo, Tucker nos informou de que Jürgen Rhodes sobrevivera à cirurgia.

— Ele ainda está muito mal — Calvin disse em um tom baixo. — O médico me falou que ainda é cedo para saber o que vai acontecer, mas é um começo.

Henry fora levado para uma penitenciária em Birmingham para passar a noite e uma audiência seria realizada pela manhã. Calvin e eu acordaríamos cedo e iríamos ao tribunal para oferecer o nosso apoio. A expectativa do advogado era de que, a curto prazo, Henry seria preso e, a longo prazo, julgado. Eu só esperava que Henry me perdoasse, não por contar a verdade à polícia, mas por não conseguir ajuda para ele antes.

Segui Calvin para dentro de nossa casa, tão exausta que mal conseguia me manter em pé. Ele foi fazer um café para nós e eu me aconcheguei na poltrona da sala de estar, olhando ao redor da linda casa que havíamos construído. Cal entregou uma xícara para mim e se sentou ao meu lado em sua própria poltrona.

— Lizzie — seu tom era de incerteza. — O que diabos está acontecendo com você?

— Naquela noite, quando entrei no seu quarto, você pensou que eu... — Minha voz falhou e ele me deu um olhar impaciente.

— Eu estava meio adormecido, querida. E sonhando um pouco também. E isso não tem nada a ver com o que aconteceu hoje...

— Não tem nada a ver com o que aconteceu com Henry — reconheci. — Mas tem tudo a ver com a minha reação. Eu me desesperei hoje, e minha primeira reação foi me sacrificar.

— É porque você tem um bom coração...

— Não sou nobre, Calvin! — exclamei. — Eu estou *infeliz*. — Ele respirou fundo e eu fechei os olhos, momentaneamente incapaz de enfrentar a dor em sua expressão. Mas eu tinha que ser corajosa e tinha que ser forte. Para o nosso bem. Forcei meus olhos a se abrirem e disse baixinho:

— Estou infeliz, Cal. E eu acho que você pode estar infeliz também. Eu gostaria que as coisas entre nós pudessem ser

diferentes, mas não são, nunca serão. Não é justo ou saudável para nós vivermos assim.

— Mas temos uma boa vida juntos, não temos? — ele sussurrou.

Respirei fundo e, pela primeira vez em quinze anos, contei a verdade.

— É uma boa vida — assenti calmamente. — Mas não é a *minha* vida. E é para ela que preciso encontrar um caminho de volta.

Birmingham, Alabama 1951

OITO MESES APÓS MEU MARIDO SER BALEADO, HENRY DAVIS FOI DECLARADO inocente por motivo de insanidade na acusação de tentativa de homicídio.

Ficamos em Birmingham para o julgamento, mas deixamos as crianças em casa com Claudia. Ela vinha se mostrando uma dádiva de Deus desde o acidente de Jürgen, especialmente depois que cortei os laços com Avril Walters e precisava desesperadamente de ajuda. Apesar de seu receio, Claudia era gentil demais para se negar a ajudar uma vizinha em crise, e acabamos ficando muito próximas naqueles delicados primeiros dias em que os médicos me diziam para me preparar para o pior. Quando saí da prisão, Jürgen já tinha sido operado e perdera o baço. Os primeiros dias foram aterrorizantes. As semanas seguintes, frustrantes. Porém, um dia, ele voltou para casa.

E então eu tive a chance de contar para Claudia toda a história terrível do nosso passado na Alemanha, e isso fez toda a diferença. Gisela tinha uma nova amiga em Mila, Felix e Luis se tornaram melhores amigos também. Era surpreendente a diferença que esses laços trouxeram para meus filhos, principalmente Gisela, que decidiu que os Estados Unidos talvez não fossem um lugar tão ruim assim.

Jürgen e eu depusemos como testemunhas no julgamento. Meu depoimento durou apenas uma tarde, tempo suficiente para confirmar o padrão de assédio de

Henry Davis e o roubo de minhas fotografias. Já o de Jürgen foi muito mais abrangente, e ele ficou naquele banco de testemunhas por dias. Eu já ouvira tudo aquilo antes, Jürgen e eu discutimos o que acontecera tantas vezes que eu sabia o lado dele da história de cor. Mesmo assim, chorei enquanto ele falava sobre a sensação de estar deitado na grama do lado de fora de nossa casa, imaginando se ia morrer em meus braços.

Os médicos que prestaram depoimento estavam todos de acordo: Henry Davis sofria de neurose de guerra, mas essa não era essa a causa de seus delírios. Ele sofrera graves danos cerebrais em decorrência de uma rodada intensiva de terapia de choque de insulina, à qual ele só aceitara submeter-se por estar desesperado para trazer alguma normalidade de volta à sua vida.

— Mas como podemos saber se Henry Davis já não era assim antes daquela terapia? — quis saber o promotor. Foi quando Lizzie Miller sentou-se no banco. Ela estava quase irreconhecível. Vestia calças e sapatos sem salto. Seu cabelo estava mais comprido e preso em um rabo de cavalo grosseiro, suas sardas e cílios finos totalmente à mostra. Ela sorria carinhosamente para o irmão entre as respostas, como se o encorajasse com os olhos. A dona de casa bem-educada desaparecera, mas em seu lugar estava uma guerreira.

Ela testemunhou em defesa de Henry Davis. Falou ao tribunal sobre as conversas que tivera com ele sobre suas experiências em Buchenwald, a perda de seu melhor amigo, seu desespero ao aceitar qualquer tratamento que pudesse ajudá-lo a se sentir bem novamente após a guerra. Ela falou sobre seu irmão com tanto carinho e bondade que até Jürgen parecia estar com o coração partido por ele quando ela terminou. Quando olhei para o júri, vi que alguns dos jurados tinham lágrimas nos olhos.

Eu sabia qual seria o veredito muito antes de o julgamento terminar. Preocupava-me com a possibilidade de

Henry Davis sair impune pelo que fizera à minha família. Porém, agora eu entendia que ele ficaria preso em uma espécie de prisão pelo resto de sua vida, independentemente da sentença.

● PROMOTOR CONCLUIU O CASO DE HENRY NO FINAL DA SESSÃO DE UMA quinta-feira e, na sexta-feira de manhã, o júri retornou e Jürgen e eu subimos os degraus de pedra do tribunal pela última vez. O julgamento chamou a atenção da mídia nacional, mas, felizmente, nem um sussurro da história real de Jürgen havia chegado à imprensa.

Tomamos nossos assentos na fileira da frente do tribunal, atrás do promotor. No lado oposto do corredor, Calvin e Lizzie sentavam-se atrás de Henry. Calvin ofereceu a Jürgen um aceno triste e amigável. Ele havia se desculpado e o apoiado durante todo o suplício, inclusive durante os meses em que Jürgen teve de trabalhar apenas por meio período para recuperar suas forças. Ao lado de Calvin, Lizzie encontrou meu olhar e assentiu com a cabeça educadamente. Retribuí o gesto.

Eu sabia que Calvin e Lizzie haviam se separado, mas ficou evidente durante todo o julgamento que eles ainda eram próximos. Eu me perguntava se ela e eu teríamos sido amigas se tivéssemos nos conhecido em circunstâncias diferentes. Apesar de tudo, relutantemente passei a admirar sua força e sua lealdade ao irmão, mesmo em sua tentativa desajeitada de protegê-lo do que ele fizera. Eu tinha a sensação de que, se aquela guerra nunca tivesse acontecido, e eu tivesse acabado de conhecer Lizzie Miller em um salão, em um jantar ou em um piquenique, teríamos nos dado bem imediatamente.

Eu estava ao lado de Jürgen quando o porta-voz dos jurados informou que Henry Davis fora considerado inocente da acusação de tentativa de homicídio por motivo de insanidade. Ninguém comemorou, não houve alívio, nem mesmo de Henry e Lizzie. Ela estendeu a mão e apertou o

ombro dele, mantendo-a ali enquanto o juiz anunciava que Henry seria internado em uma unidade residencial para tratamento por tempo indeterminado, para a proteção da comunidade.

— Você ficou desapontado com o veredito? — perguntei a Jürgen mais tarde.

— Não. É o certo. Aquele homem precisa de ajuda, não da prisão. E é como o encerramento de um capítulo. Estou pronto para deixar tudo isso para trás e começar o próximo caminho de nossas vidas.

51

LIZZIE

Condado de Dallam, Texas 1951

ERA UMA LINDA TARDE E EU ESTAVA VIAJANDO PELAS ALTAS PLANÍCIES DO TEXAS. Chovera na tarde anterior: uma gloriosa polegada de água que caíra ao longo de horas. O sol brilhava e não havia uma nuvem no céu, mas a terra ainda estava molhada. Senti o cheiro da umidade do solo, e era o melhor perfume da natureza.

Na última vez que eu havia dirigido por essas estradas, as cercas estavam enterradas na poeira e todas as plantas à vista estavam mortas e murchas. Mas, hoje, o trigo viçoso ondulava com a brisa e as árvores recém-plantadas para protegê-lo do vento se erguiam em direção ao céu ao redor dos campos. A vida retornara, e era gloriosa.

Virei o carro para sair da estrada principal e pegar a vicinal. Uma rota que não fazia há muitos anos, mas que meu coração fizera um milhão de vezes. Minha respiração ficou presa na garganta quando a fazenda apareceu. O portão fora substituído por outro de estilo mais novo e, além dele, à distância, vi um novo moinho de vento e o velho carvalho, espalhando-se com nova vida e galhos espessos.

Após o julgamento, consegui transferir Henry para uma instituição em Amarillo. Os médicos de lá ainda não estavam prontos para recomendar sua liberação, mas eu esperava que acontecesse um dia. Aquele novo hospital tinha uma abordagem mais humana de qualquer maneira, tratando Henry com psicoterapia e baixas doses de

sedativos apenas quando ele não conseguia dormir. Meu irmão não era o mesmo homem que fora um dia; o dano cerebral provavelmente não seria curado e a neurose de guerra faria parte de sua vida por um longo tempo. Sua memória de curto prazo era terrível, e ele ainda estampava aquele olhar vidrado e confuso no rosto de vez em quando, geralmente quando eu falava rápido demais ou despejava muita informação sobre ele de uma só vez. Os delírios e a paranoia se foram, mas era possível que também voltassem um dia.

Eu o aceitaria de um jeito ou de outro, e encararíamos tudo aquilo juntos.

E, como Calvin me disse uma vez, todo mundo precisa de um motivo para sair da cama de manhã. Foi por isso que, depois que o julgamento terminou, peguei minha caneta e escrevi uma carta para Betsy Nagle. Henry também passara a escrever para ela, então ela já sabia de sua luta e do julgamento. Eu só queria perguntar se ela sabia o que acontecera com a antiga fazenda dos meus pais.

Lá atrás, em 1935, o juiz Nagle vendera aquele pedaço de terra por uma merreca para um homem que havia deixado o lugar em ruínas por alguns anos. No entanto, os tempos de desespero acabaram passando e a consciência do juiz não cedeu. Nos anos 1940, suas finanças se estabilizaram novamente, ele comprou a fazenda de volta e abrigou alguns agricultores de temporada nela.

Desde então, vários estranhos haviam passado por aquelas terras, fazendo dinheiro para a família Nagle em suas plantações. Mas, por um acaso, os Nagle estavam no momento procurando por novos inquilinos. Betsy me falou a respeito e seu pai disse que eu deveria assinar um contrato de aluguel.

Eu tinha feito o coração de Calvin Miller em pedaços, mas, como eu sempre soube, ele era um bom homem, o melhor dos homens. Ele não tinha a obrigação de me dar um único centavo de seu dinheiro quando pus um fim ao nosso

casamento, mas ele generosamente me deu dinheiro suficiente para me sustentar por alguns anos enquanto eu “me ajustasse”.

Dirigi até Oakden para me encontrar com o juiz Nagle, no mesmo dia em que recebi a carta, apenas para ele me dizer que decidira não me alugar a fazenda, afinal.

— Vou vendê-la para você em vez disso — ele anunciou.

— É muita generosidade sua, juiz Nagle — respondi, relutante. — Mas não tenho como pagar.

— Você não me perguntou quanto quero por ela ainda.

Então, supus que a maneira como havíamos perdido a nossa fazenda para ele também assombrara o juiz Nagle ao longo dos anos, porque tudo o que ele queria para devolvê-la para mim era o dinheiro que Henry emprestara originalmente em 1933. Eu tinha o suficiente para cobrir tal custo, mais algum dinheiro para me manter até que fosse produtiva novamente.

Quando passei pelo portão, pude ver que minha fazenda precisava de muito amor e cuidado, mas, tudo bem, eu nunca tive medo de trabalho duro. As hortas precisariam ser reconstruídas, mas o galinheiro ainda estava onde sempre estivera, pronto para receber novasinquilinas. Fiquei aliviada ao ver fios elétricos direcionados para a casa e um novo banheiro adicionado na parte de trás. Não haveria mais saídas noturnas para a casinha à meia-noite no inverno nem corridas para acender os lampiões, porque aquela casa finalmente teria luz elétrica, exatamente como mamãe sonhara.

Estacionei o carro e saí para dedicar minha atenção ao carvalho e às pequenas cruces de madeira que se projetavam do chão abaixo dele, marcando o espaço onde meus pais haviam sido enterrados. Ao lado dele, o banco que eu sempre temi estava em péssimo estado. O banco de Elsie precisava de um pouco de cuidado e eu não era boa em marcenaria. Teria que esperar até que Henry voltasse para casa.

Caminhei em direção àquela árvore, um milhão de imagens passando pela minha mente: a aparência que a fazenda tinha e a aparência que teria novamente, agora que finalmente era nossa, minha, e de Henry também, porque ele sempre teria um lar comigo. Eu o imaginei naquele celeiro novo, mexendo no motor de um trator. Imaginei fileiras e mais fileiras de legumes, e galinhas perambulando pelo jardim, e vacas no campo onde ficava aquele grande e velho lago, o resto da fazenda com plantações de trigo, semeado e cultivado com amor por mim e meu irmão.

Esta aqui, minha alma gritou. Esta é a vida que você deve viver.

Quando cheguei ao carvalho, estava exausta, muito feliz e tão incrivelmente aliviada por estar em casa que mal pude dar mais um passo. Caí de joelhos e pressionei minhas mãos trêmulas na terra acima do local de descanso dos meus pais.

— Estou em casa, mamãe e papai — sussurrei, apertando a palma das mãos na terra úmida e fria. — Estou finalmente em casa. E vou trazer Henry para casa também.

Senti como se fosse o final de uma longa jornada.

Senti como se fosse o começo da vida que eu deveria ter vivido esse tempo todo.

SOFIE

Huntsville, Alabama 1951

ALGUMAS SEMANAS SE PASSARAM DESDE O FIM DO JULGAMENTO E A VIDA ESTAVA voltando ao nosso novo normal. A reticência de Felix em relação a Jürgen era coisa do passado e ele insistiu para o pai levá-lo à sua nova escola naquele dia. Gisela e Mila gostavam de caminhar juntas para o colégio agora, e isso fez com que eu estivesse em casa quando o carteiro passou.

Corri até a caixa de correio, como fazia todos os dias. Escrevera para Laura muitas vezes nos dez meses desde que havíamos chegado aos Estados Unidos, mas nunca tive notícias dela, nem mesmo quando escrevi para dizer que Jürgen fora baleado ou quando a avisei de que ele finalmente se recuperara. Eu ainda esperava e rezava para que ela respondesse, mas o ritual de checar aquela caixa de correio toda hora estava começando a se assemelhar ao ato de cutucar uma casca de ferida: tudo que isso faz é retardar a cura.

E, mais uma vez, a caixa de correio estava vazia. Meu coração desabou e eu me virei para entrar novamente, mas, para minha surpresa, o carro de Jürgen parou na entrada ao meu lado.

— O que aconteceu? — gritei, alarmada. Ele se atrapalhou com a maçaneta da porta, praguejou, e finalmente a abriu e saiu tropeçando do carro.

— Sofie — meu marido estava claramente chocado. Ele segurava um envelope e, quando o estendeu para mim, vi que estava tremendo.

— É de Laura? — Jürgen fez que não com a cabeça. Antes mesmo que eu pudesse mostrar minha decepção, ele balançou a carta e riu entre lágrimas. Deu a volta no carro correndo e veio para o meu lado, pressionando o envelope em minhas mãos.

— Meu amor. *Leia.*

A carta estava endereçada a Jürgen, em Redstone Arsenal, mas não foi por isso que meus joelhos amoleceram.

Eu conhecia aquela caligrafia. Eu a vira na escola, quando trocávamos bilhetes na sala de aula. Eu a vira quando ela ensinou Georg a escrever seu nome. Eu a vira em uma carta que li na cozinha de Martha enquanto o mundo ao nosso redor parecia o inferno.

Virei o envelope devagar e lá estava escrito com a mesma caligrafia:

De Mayim Elsas (nascida Nussbaum)

Eu sofrera por ela, mas a esperança podia ser uma coisa perigosa. Se eu acreditasse por um segundo que essa carta realmente era da minha Mayim e depois descobrisse que não era, passaria por todo o luto de novo.

— É impossível — dei um grito sufocado, olhando para Jürgen. — Deve ser algum engano.

— Sofie, leia — ele repetiu, gentilmente pegando em meu cotovelo para me tranquilizar e me ajudar a sentar no degrau da varanda. Agradei por ele ter feito isso, já que meus joelhos quase cediam.

Queridos Jürgen e Sofie,

Achava que vocês haviam falecido, e imagino que tenham imaginado o mesmo sobre mim. Mas vocês estão vivos! E eu estou viva, bem e morando em

Washington , DC. Por favor, me liguem assim que receberem esta carta!

*Com amor sempre,
Mayim*

— A que distância estamos de Washington, DC? — perguntei.

Os cantos dos olhos de Jürgen se enrugaram quando ele sorriu e apontou para o número de telefone embaixo da assinatura dela.

— É longe pra ir de carro. Mas nada longe por telefone.

Ela atendeu no primeiro toque e a imaginei sentada ao lado do telefone esperando desde que postara a carta.

— Alô?

Sua voz suave, esperançosa, ansiosa e *linda*. Murmurei o nome dela.

— Mayim...

— Sofie...

— Como?

Ela ria e chorava. Algo sobre minhas botas de neve e dinheiro e um *marido e filhos* e um jornal. Com o som dos soluços dela e dos meus, não consegui entender metade das palavras. Mas quem se importava com detalhes? Eu estava falando com um *milagre* da vida real. Demorou algum tempo para nos acalmarmos o suficiente para conversar direito entre nossos soluços.

— Passei dois anos preciosos com minha família depois que escapei da Alemanha, e depois dois anos no Gueto de Cracóvia com eles também — ela começou, com o tom feliz de sua voz desaparecendo quando ela continuou: — Fiquei dois anos em Auschwitz e sobrevivi, embora não saiba dizer como. Todos morreram: meu avô, minha mãe e a esposa e o filho de Moshe logo no primeiro dia da seleção; e, então, Moshe, algumas semanas depois. Aquilo era o inferno na Terra, Sofie, e há coisas que eu não posso nem me permitir

pensar agora, mas mais tarde, quando nos encontrarmos pessoalmente, eu vou contar...

— Não precisa — respondi. — Porém, se quiser, é claro que ouvirei.

— E, *finalmente*, quando parecia que ia terminar e os soviéticos estavam chegando, aqueles monstros nazistas nos impuseram a marcha da morte. Por todo esse tempo, eu me agarrei às suas botas de neve. Havia noites em que eu dormia no chão, morrendo de frio, medo e cansaço, mas pelo menos meus pés estavam quentes e eu sempre pensava em você. Todas as noites eu pensava em você. Então, fomos libertados e fui levada para um campo da Cruz Vermelha, onde eu conheci Ben e escrevi para você.

Nesta parte, dei um grito sufocado.

— Não recebi nenhuma carta sua! — Eu tinha tanta certeza de que ela me escreveria se tivesse sobrevivido que, quando os anos se passaram sem nenhuma notícia dela, me forcei a aceitar que ela tinha morrido.

— Laura respondeu — ela disse em um tom pesado. — Ela me disse que você e Jürgen tinham sido assassinados por deslealdade. Ela me pediu para não entrar em contato com ela de novo. Então, pensei que vocês haviam morrido. Lamentei sua morte.

— Georg morreu perto do fim da guerra. Ele foi baleado enquanto lutava com sua unidade da Juventude Hitlerista. Com Hans. — Jürgen segurava minha mão e passou toda a chamada me passando lenços. Ao ouvir a menção ao nome do nosso primogênito, ele apertou minha mão. Olhei para ele através das lágrimas ao reconhecer a verdade sobre a minha filha. — Depois que a guerra chegou ao fim, Laura passou por um momento difícil. Ela sentiu muito a morte de Georg e era incapaz de abandonar a ideologia nazista. Ela e Hans buscaram apoio um no outro. No começo, pensei que seria uma coisa boa, porque sabia que Hans estava inconsolável também. Porém, embora eu tentasse trazer Laura de volta para o mundo real, Lydia e Hans estavam

determinados a mantê-la no mundo antigo. Corta o meu coração saber que ela encontrou sua carta e mentiu para você, mas não me surpreende.

— Sinto muito, Sofie. Sinto muitíssimo. Onde ela está agora? Com você no Alabama?

— Com o tempo, o relacionamento dela com Hans mudou. Quando eu disse que nos mudaríamos para os Estados Unidos para ficar com Jürgen, ela fugiu para a casa de Lydia. Tentei buscá-la e trazê-la de volta para casa, mas a governanta nem me deixou vê-la. Pouco antes de irmos embora, Lydia deixou um bilhete em nossa porta para informar que Laura e Hans haviam se casado e não queriam mais notícias minhas. — Enquanto eu falava, finalmente me dei conta de que as cartas que eu vinha escrevendo para Laura desde que havia saído da Alemanha nunca chegaram até ela *de verdade*, mesmo que Lydia as entregasse para ela, mesmo que Laura as lesse. — A guerra chegou ao fim tarde demais para ela — eu disse, finalmente aceitando a verdade.

Mayim me contou sobre como conheceu seu marido, Benjamin, no campo da Cruz Vermelha. Ele trabalhava para as Nações Unidas, eles se apaixonaram rapidamente e se casaram apenas alguns meses depois. Foram morar em Washington, DC, e tiveram duas filhas, Sidonie e Celina.

— Tenho tudo o que sonhei — contou. — Uma bela casa, um marido maravilhoso e bonito, e minhas duas lindas meninas. Minha vida é um milagre, Sofie, e todos os dias eu acordo e agradeço a Deus por isso. Então, em um dia da semana passada, Ben chegou em casa do trabalho, quase tremendo de surpresa porque reconheceu o nome de Jürgen no jornal em um artigo sobre o que acontecera em Huntsville. — Ela riu. — Ben sabe tudo sobre você, eu juro que contei todas as histórias para ele pelo menos duas vezes. E aqui estamos.

— E aqui estamos — sussurrei, rindo em meio às lágrimas.

Tem que haver um depois, eu tinha dito para Jürgen no ano anterior, quando chegara a Huntsville. Ao ouvir Mayim falar com tanta gratidão e esperança enquanto me contava sobre as bênçãos em sua nova vida, finalmente aceitei a verdade que vinha surgindo gradualmente desde que Jürgen fora baleado.

O *depois* não seria um único momento após o qual todos os traumas e a culpa desapareceriam e tudo ficaria bem. Ainda haveria arrependimentos, vergonha, pesadelos e ansiedade no meio da noite, mas o *depois* significava acordar toda manhã e enfrentar um dia de cada vez. Significava compreender aqueles que desconfiavam de mim e da minha família e dar à nossa comunidade tempo para aprender que somos mais do que erros do nosso passado. O *depois* seria lamentar verdadeiramente por Georg e Laura, mas também significaria longas viagens de carro para ver Mayim e conhecer Ben e suas filhas. Significaria nunca esquecer a sensação maravilhosa que senti por ela ter sobrevivido.

O *depois* significava viver a segunda chance que Jürgen e eu ganháramos com uma gratidão constante, criando nossos filhos com amor, em contraponto ao imenso ódio que havíamos presenciado.

Era assim que seguíamos em frente. E eu finalmente estava pronta para começar.

NOTA DA AUTORA

AS IDEIAS PARA UMA HISTÓRIA GERALMENTE APARECEM QUANDO MENOS ESPERAMOS, e com este livro não foi diferente. Em julho de 2019, minha amiga Teresa convidou minha família para um passeio com a sua em uma tarde de sábado até Parkes, uma pequena cidade a cerca de noventa minutos de carro de nossas casas no centro de Nova Gales do Sul.

Parkes é famosa por muitas coisas: uma rivalidade feroz com a cidade vizinha de Forbes, um festival anual em homenagem a Elvis Presley e um telescópio de sessenta metros que se projeta da paisagem esparsa e plana para o norte. O radiotelescópio CSIRO de Parkes, conhecido pelos australianos como “o Prato”, ajudou a transmitir o pouso da *Apollo 11* na Lua em 1969. O observatório de Parkes estava organizando um festival em comemoração ao 50º aniversário desse acontecimento. Enquanto eu perambulava pelos objetos em exposição com Teresa e nossos respectivos filhos, deparei-me com uma exibição sobre a história do programa espacial dos Estados Unidos. Mencionava que, no início dos anos 1950, cientistas alemães trabalharam com seus pares americanos para desenvolver os foguetes que acabaram levando a humanidade para a Lua.

Fiquei imediatamente surpresa com a improbabilidade daquele acordo. Apenas alguns anos antes, aqueles homens estavam em lados opostos de uma guerra terrível, mas trabalharam juntos e realizaram uma das conquistas tecnológicas mais impressionantes da humanidade. Comecei a pesquisar assim que cheguei em casa naquela noite e acabei mergulhando nos meandros da Operação Paperclip.

Aprendi que a Operação Paperclip tinha sido um programa para levar os cientistas alemães mais importantes para o outro lado do Atlântico a fim de trabalharem para o governo dos Estados Unidos. Foi uma tarefa imensa, que envolveu mais de mil e seiscentos cientistas e engenheiros alemães de várias áreas, incluindo química, física, arquitetura, medicina e, claro, ciência de foguetes. A maioria desses cientistas alemães acabou vivendo em liberdade e no conforto dos Estados Unidos, com seus passados reescritos para que pudessem servir ao governo americano. Muitos haviam sido cúmplices de crimes de guerra. Outros, cúmplices pelo silêncio.

Assim como Jürgen e Sofie, muitos desses homens alemães argumentaram que só fizeram o que achavam que tinham que fazer para manter suas famílias em segurança. Essa justificativa se sustenta diante do sofrimento incomensurável e da morte? Há um ponto em que somos moralmente obrigados a nos posicionar, a despeito do custo?

Ao escrever este livro, quis mostrar Jürgen e Sofie presos em uma situação inconcebivelmente difícil durante os anos do nazismo, como a enfrentada por muitos alemães. Mesmo assim, dadas as escolhas que fizeram pelo caminho, ainda não tenho certeza se meus personagens merecem o final feliz que encontram. O “apagamento” do passado de Jürgen ao chegar aos Estados Unidos é historicamente preciso, mas é justo? Apenas espero que os leitores reflitam sobre isso também.

Nada sobre a Operação Paperclip foi simples, incluindo aspectos políticos, éticos e logísticos. Foi fascinante, frustrante e desolador explorar algumas dessas questões enquanto escrevia este livro. Muito obrigada por fazer essa jornada comigo.

Os entusiastas de História podem ver a carreira de Jürgen como superficialmente semelhante à de Wernher von Braun, embora a construção da personalidade de Jürgen, sua

família e sua reação aos acontecimentos de sua carreira sejam produto da minha imaginação. Já os aspectos da sobrevivência e fuga de Mayim foram inspirados nas experiências de Gerda Weissmann Klein, incluindo as botas de esqui que salvaram sua vida. No caso da sra. Klein, o pai dela insistiu que ela os usasse quando ela foi capturada. Você pode encontrar mais informações sobre Gerda Weissmann Klein, sua vida e seu incrível trabalho humanitário em citizenshipcounts.org/our-founder [em inglês].

Por fim, a personagem de tia Adele foi inspirada na falecida avó do meu marido, Vera Harabajic, que todos amávamos e conhecíamos como “Baba”. Baba foi uma das mulheres mais fortes que já conheci, uma matriarca de honestidade brutal e amor infinito. Espero ter honrado sua memória ao compartilhar um pouco de seu espírito neste livro.

AGRADECIMENTOS

○ BRIGADA À MINHA AGENTE, AMY TANNENBAUM. SUA ORIENTAÇÃO E SEUS conselhos são sempre inestimáveis, mas desta vez eu realmente não poderia ter finalizado o livro sem sua ajuda e seu apoio. Agradeço também a toda a equipe da agência Jane Rotrosen.

A Susan Swinwood e sua equipe dos sonhos na Graydon House e HarperCollins: eu amo trabalhar com vocês e sou muito grata pela oportunidade de colocar minhas histórias em mãos tão competentes e habilidosas.

Agradeço também à minha editora australiana, Rebecca Saunders, e a todos na Hachette Australia. É por causa de seu árduo trabalho que meus livros estão disponíveis nas prateleiras do meu país, e isso significa mais do que eu sou capaz de explicar.

Obrigada aos livreiros e bibliotecários que colocam meus livros nas mãos dos leitores. E aos blogueiros, *bookstagrammers*, críticos e a qualquer um que tenha recomendado meus livros a alguém ao longo dos anos. Obrigada por acreditarem no meu trabalho e divulgá-lo.

Obrigada ao meu marido e meus filhos. Se conseguimos passar pelo período de ensino remoto enquanto eu escrevia este livro, podemos fazer qualquer coisa. E obrigada à minha irmã Mindy, especialmente por lidar por mim com comerciantes suspeitos para que eu pudesse escrever.

E, por fim, obrigada por nos convidarem para ir a Parkes naquele dia, Teresa e Scott. Aposto que vocês não perceberam que tinham dado início a uma obsessão de dois anos!

Embora todos os erros sejam de minha responsabilidade, agradeço aos seguintes autores por suas obras, muito úteis

na pesquisa para este livro.

- *Jews Don't Count* [Os judeus não contam], de David Baddiel, foi um recurso excelente para entender as contradições absurdas que sustentam o antissemitismo tanto atualmente como ao longo da história. Algumas delas inspiraram os pensamentos de Sofie sobre a crescente aceitação da ideologia do Partido Nazista na Alemanha durante os anos 1930, em especial na cena do jantar do capítulo 17. Obrigada à minha amiga Kim Kelly pela recomendação.
- No [capítulo 12](#), Lizzie reflete sobre os livros que pegara emprestado na biblioteca, tentando entender a neurose de guerra de Henry. Ela menciona que aprendeu que seu trauma retorna não como memória, mas como reação. Esse conceito foi inspirado pelo livro *O corpo guarda as marcas: Cérebro, mente e corpo na cura do trauma*, de Bessel van der Kolk, publicado em 2014. Esse conceito proporciona um entendimento tão valioso do comportamento de Henry que fez Lizzie refletir sobre ele para ajudar os leitores a entender melhor as ações dele.
- *Operation Paperclip: The Secret Intelligence Program That Brought Nazi Scientists to America* [Operação Paperclip: o programa secreto de inteligência que trouxe cientistas nazistas para os Estados Unidos], de Annie Jacobsen.
- *Our Germans: Project Paperclip and the National Security State* [Nossos alemães: A Operação Paperclip e o Estado de segurança nacional], de Brian E. Crim.
- *Von Braun: Dreamer of Space, Engineer of War* [Von Braun: sonhador do espaço, engenheiro de guerra], de Michael J. Neufeld.
- *German Rocketeers in the Heart of Dixie: Making Sense of the Nazi Past During the Civil Rights Era* [Cientistas de foguetes alemães no coração de Dixie: decifrando o

passado nazista durante a era dos direitos civis], de Monique Laney.

- *Huntsville Air and Space* [Ar e espaço em Huntsville], de T. Gary Wicks.
- *Remembering Huntsville* [Recordando Huntsville], de Jacquelyn Procter Reeves.
- *Soldiers from the War Returning: The Greatest Generation's Troubled Homecoming from World War ii* [A volta dos soldados da guerra: o difícil retorno da geração grandiosa depois da Segunda Guerra Mundial], de Thomas Childers.
- *The Great Depression: America in the 1930s* [A Grande Depressão: os Estados Unidos nos anos 1930], de T. H. Watkins.
- *Crash: The Great Depression and the Fall and Rise of America* [Crash: a Grande Depressão e a queda e ascensão dos Estados Unidos], de Marc Favreau.
- *The Hungry Years: A Narrative History of the Great Depression in America* [Os anos de fome: uma história narrativa da Grande Depressão nos Estados Unidos], de T. H. Watkins.
- *The Fireside Conversations: America Responds to fdr during the Great Depression* [As conversas ao pé do fogo: os Estados Unidos reagem a FDR durante a Grande Depressão], de Lawrence Levine e Cornelia Levine.
- *The Farmer's Wife 1930s Sampler Quilt: Inspiring Letters from Farm Women of the Great Depression and 99 Quilt Blocks That Honor Them* [Amostras de colchas da *The Farmer's Wife* de 1930: cartas inspiradoras de esposas de fazendeiros na Grande Depressão e 99 blocos de colchas para honrá-las], de Laurie Aaron Hird.
- *Between Dignity and Despair: Jewish Life in Nazi Germany* [Entre a dignidade e o desespero: a vida dos judeus na Alemanha nazista], de Marion A. Kaplan.

- *Hitler's True Believers: How Ordinary People Became Nazis* [Os verdadeiros adeptos de Hitler: como pessoas comuns se tornaram nazistas], de Robert Gellately.
- *The ss: Hitler's Instrument of Terror* [SS: o instrumento de terror de Hitler], de Gordon Williamson.
- *The Nazi Voter: The Social Foundations of Fascism in Germany, 1919-1933* [O eleitor nazista: as bases sociais do fascismo na Alemanha, 1919-1933], de Thomas Childers.
- *The Gestapo: A History of Hitler's Secret Police, 1933-45* [Gestapo: uma história da polícia secreta de Hitler, 1933-1945], de Rupert Butler.
- *Hitler Youth: The Hitlerjugend in War and Peace 1933-45* [Juventude Hitlerista: a *Hitlerjugend* na guerra e na paz, 1933-45], de Brenda Ralph Lewis.
- *The Death of Democracy: Hitler's Rise to Power and the Downfall of the Weimar Republic* [A morte da democracia: a ascensão de Hitler ao poder e a queda da República de Weimar], de Benjamin Carter Hett.
- *Por dentro do Terceiro Reich — Memórias*, de Albert Speer.

Também considero o documentário *Final Account* [Relato final], de Luke Holland, inestimável.